

A decorative border surrounds the entire cover, featuring various pastries and sweets. At the top, there are several cupcakes with different frosting colors (pink, white, blue), a round cake with pink toppings, and a small pie. The sides of the border are adorned with more cupcakes and swirls. At the bottom, there is a silhouette of a baker holding a tray with a cake, and a coastal scene with houses and sailboats.

Jenny
COLGAN

Venha conhecer e se encantar com...

A padaria
dos finais
felizes

"Deliciosamente doce
e reconfortante."

SOPHIE KINSELLA



*A padaria
dos finais
felizes*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Jenny
COLGAN

A padaria
dos finais
felizes



Título original: *Little Beach Street Bakery*
Copyright © 2014 por Jenny Colgan
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thaís Paiva e Stephanie Fernandes

preparo de originais: Renata Dib

revisão: Agatha Machado e Cristhiane Ruiz

diagramação: Natali Nabekura

capa: Kate Forrester

adaptação de capa: Renata Vidal

foto da autora: © Charlie Hopkinson

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C659p

Colgan, Jenny

A padaria dos finais felizes [recurso eletrônico]/ Jenny Colgan; tradução de Thaís Paiva, Stephanie Fernandes. São Paulo: Arqueiro, 2019.

recurso digital

Tradução de: Little beach street bakery

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0009-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Paiva, Thaís. II. Fernandes, Stephanie. III. Título.

19-57548

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Anna-Marie Fourie,
minha querida primeira leitora
e amiga de longuíssima data,
que sabe como é esperar
alguém voltar para casa, do mar.*

*Quem me dera ser um pescador
No balanço do mar
Longe da terra firme
Das amarguras do continente
E lançar a minha doce linha
Com amor e devoção
Sem teto algum acima
Além do céu estrelado
O luar lá no alto
E você em meus braços
Uhul!*
The Waterboys, “Fisherman’s Blues”

*Avante, avante, navegantes valentes
A nau iça a vela ao alvorecer
Venha vento, frente fria ou, por fatalidade,
uma funesta tempestade*

“SIR PATRICK SPENS”, BALADA ESCOCESA, SÉC. XIV

Sumário

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Epílogo](#)

[Receitas](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)



Capítulo um

Anos depois, com a idade avançada e bem distante daquele tempo passado, seria difícil para Polly explicar que era daquele jeito que viviam naquela época. Que em alguns dias era possível fazer a travessia para o continente de carro, mas que em outros precisavam ir de barco. Volta e meia, passavam muito tempo ilhados, e ninguém sabia quando ou como conseguiriam resolver a situação; as tábuas de marés previam apenas o nível da água, e não as condições climáticas.

– E não era horrível? – perguntaria Judith. – Saber que você tinha ficado ilhada?

E Polly se lembraria do reflexo do sol na água, durante a maré alta. A luz ia mudando; o mar ficava cor-de-rosa, lilás, violeta sob a luz do crepúsculo, que incidia do oeste, e dava para saber que mais um dia iria passar sem que se pudesse ir a lugar algum.

– Na verdade, não – responderia ela. – Era adorável! Era só se acomodar e relaxar. Eram apenas você e os demais moradores de Mount. Nós nos certificávamos de que tudo estava protegido das cheias, e se ainda tivéssemos luz, era ótimo. Se não, ora, dava para lidar com isso também. Era possível ver o brilho das velas em todas as janelinhas. Era aconchegante.

– Parece coisa de cem anos atrás.

Polly sorriu.

– Pois é. Mas não faz tanto tempo assim, sabia? Parece que foi ontem. Quando você planta seu coração em um cantinho, esse lugar sempre te acompanha. Mas é claro que esse sentimento surgiu muito tempo depois. A princípio, foi *mesmo* horrível.



2014

Polly folheou a papelada que haviam lhe entregado em uma pasta cintilante com a foto de um farol na capa. Era uma foto bonita, reparou. Ela estava se esforçando muito para focar no lado bom.

E os dois homens na sala até que eram simpáticos. Mais simpáticos do que precisavam ser; tão simpáticos que a deixavam desconfortável. Ela se sentia triste, mais do que nervosa ou aflita.

Estavam todos sentados nos fundos de um pequeno escritório de duas salas, imitando uma estação de trem. O espaço era motivo de muito orgulho para ela e Chris. Era compacto e charmoso, tinha até uma lareira antiga que não funcionava, onde costumava ficar a sala de espera.

Naquele momento, as duas repartições estavam uma bagunça: pastas fora do lugar, computadores no chão, papéis espalhados por toda parte. Os simpáticos administradores judiciais estavam revirando tudo, com muita calma. Chris estava sentado em um canto, de cara fechada, feito um garotinho de 5 anos sem o brinquedo favorito. Polly estava atribulada, tentando ser útil, e volta e meia ele lhe lançava um olhar sarcástico, que ela sabia que queria dizer “Por que está colaborando com essas pessoas que querem nos destruir?”, e, ainda que entendesse o ponto de vista de Chris, não conseguia se conter.

Mais tarde, Polly se deu conta de que o banco recrutava pessoas assim de propósito: para encorajar uma postura cooperativa, evitar confrontos, acabar com brigas. E ficou triste, tanto por ela e Chris quanto pelos homens simpáticos, cujo trabalho era testemunhar a miséria alheia. Não era culpa deles. Chris achava que era, claro.

– Então... – começou o mais velho, que usava turbante e tinha óculos pequenos pendurados na ponta do nariz. – Segundo o protocolo, a declaração de falência vem antes do circuito judicial. O processo pode ser conduzido por um dos diretores apenas.

Polly estremeceu ao som da palavra “falência”. Soava tão definitiva, tão séria. Algo que acontecia com artistas e celebridades pop bobocas. Não com trabalhadores sérios, como eles.

Chris deu uma risadinha sarcástica.

– Pode cuidar disso – falou para Polly. – Você que gosta de uma movimentação.

O homem olhou para Chris com compaixão.

– Entendemos que é muito difícil.

– Entendem, é? – perguntou Chris. – Vocês por acaso já faliram?

Polly voltou a contemplar o lindo farol da foto, porém não teve mais o mesmo efeito. Tentou pensar em outra coisa. Pegou-se admirando os belos desenhos do portfólio de Chris que os dois haviam pendurado na parede quando, bastante otimistas, montaram o escritório de design, sete anos antes. Tinham começado bem, com alguns clientes do emprego anterior de Chris. Polly gerenciava tudo de forma incansável, conseguindo novos clientes, fazendo networking, fechando contratos com diversas empresas em Plymouth – cidade onde moravam – e até em Exeter e Truro.

Compraram um apartamento em um prédio novo, perto da orla, bem minimalista e moderno, e frequentavam os bares e restaurantes certos para serem vistos e fazerem negócios. Deu certo... por um tempo. Eles se sentiam como estrelas em ascensão, adoravam dizer que administravam a própria empresa. Então veio a crise bancária de 2008 e novos sistemas tecnológicos passaram a facilitar, cada vez mais, a manipulação de imagens, a arte autoral. Com os cortes das empresas em terceirizações, propaganda e freelancers, sobrecarregando cada vez mais as equipes internas, o design gráfico, conforme Chris assinalava, estava indo ladeira abaixo. Já era. Profissionais da área eram cada vez menos requisitados.

Polly trabalhou de forma incessante. Nunca deixou de fazer propaganda, oferecer pacotes e descontos; fez de tudo para continuar angariando clientes para o talentoso sócio. Chris, no entanto, tinha desistido. Culpava o mundo por fazer pouco caso de sua arte incrível e de suas fontes tipográficas feitas à mão. Andava cada vez mais rabugento e taciturno, comportamento que Polly tentava combater com otimismo. Mas estava sendo muito difícil se manter positiva.

Embora Polly nunca fosse admitir nem para si própria, o fato de aquele dia ter enfim chegado – depois de tanto insistir para Chris fechar o negócio e procurar um emprego, e ainda por cima ser acusada de conspirar contra ele e trair sua confiança – trazia certo alívio. Sim, era um momento desagradável, péssimo, constrangedor, ainda que várias pessoas com quem costumavam frequentar os bares da moda no centro de Plymouth estivessem passando pelo mesmo – ou conhecessem alguém em situação semelhante. A mãe de Polly não entendia nada, via tudo como uma espécie de condenação. Precisariam vender a

casa, recomeçar do zero. Mas a presença do Sr. Gardner e do Sr. Bassi, os simpáticos administradores judiciais, pelo menos parecia indicar que alguma atitude fora tomada. Os últimos dois anos tinham sido infelizes e devastadores, tanto na vida íntima quanto na profissional. O relacionamento deles estava em suspenso, a bem da verdade; pareciam mais duas pessoas que dividiam um apartamento a contragosto. Polly se sentia exaurida.

Ela olhou para Chris. Havia duas novas marcas de expressão no rosto dele. Fazia tempo que não olhava para ele de verdade. Nos últimos tempos, quando Chris chegava em casa depois do trabalho – Polly sempre saía primeiro e ele permanecia lá, revisando os poucos trabalhos uma, duas, três vezes, como se o perfeccionismo pudesse alterar o inevitável –, ela sentia que o simples ato de levantar o rosto e olhar para ele carregava um tom acusatório, então mantinha a cabeça baixa.

O mais estranho é que se fosse apenas a vida pessoal deles ruindo, todos ao redor estariam cheios de compaixão, apoio, conselhos e garantias. Mas como se tratava de um negócio em derrocada, ninguém dizia nada. Todos mantinham distância, não ousavam se intrometer, nem mesmo a intrépida Kerensa, a melhor amiga de Polly.

Talvez agissem assim porque o medo – da penúria, de perder a vida pela qual tanto batalhavam – era profundo demais, forte demais, e temiam que a situação fosse contagiosa. Ou porque não reparavam muito nisso. Talvez o casal tivesse sido bem-sucedido em manter a fachada todo esse tempo: com sorrisos; jantares pagos com cartão de crédito, prendendo a respiração até a transação ser aprovada; presentes artesanais (por sorte, Polly era ótima na cozinha e fazia pães deliciosos); recusando-se a vender o Mazda preto extravagante, embora agora precisassem fazer isso, claro. Polly não se importava com o carro. Mas se importava com Chris. Ou pelo menos tinha se importado um dia. Já fazia cerca de um ano que não o reconhecia mais. O homem gentil e engraçado que ficava tímido e sem graça nos primeiros encontros e que tinha amadurecido a ponto de abrir a própria empresa de consultoria em design. Polly o apoiou do começo ao fim, provou que eram um time. Largou tudo para trabalhar com ele, investiu as economias no negócio (embora não houvesse muita coisa depois da hipoteca), batalhou por inúmeras entregas personalizadas, encantou alguns clientes, correu atrás de outros e se esgotou de todas as formas possíveis.

Isso só piorou as coisas, como é de se imaginar. Quando Chris enfim chegou em casa naquela noite fatídica – uma noite congelante de primavera, embora parecesse mais um inverno interminável – e se sentou, Polly o encarou e ele

anunciou, em tom sombrio:

– Acabou.

Os jornais locais estavam fechando as portas, então não precisavam mais de anunciantes, logo, não precisavam mais de arte ou design... e as empresas não precisavam mais de folhetos, ou produziam por conta própria, na internet, e imprimiam em casa. Todo mundo era designer agora, ou fotógrafo, e tudo o mais que Chris já dominara com tanto cuidado e atenção aos detalhes. Na verdade, não era um problema decorrente da recessão, embora isso não tivesse ajudado. O fato era que o mundo tinha mudado. Não seria muito diferente se Chris estivesse vendendo pagers ou fitas cassete.

Não transavam havia meses. Quando Polly acordava de manhã bem cedo, ele já estava desperto, do lado dela, desesperado, fazendo contas ou apenas se permitindo ser consumido pela infelicidade e ansiedade. Polly tentou procurar as palavras certas para ajudá-lo, mas nada parecia funcionar.

– Não, isso não vai dar certo – vociferava ele ante todas as sugestões de Polly, de papelaria para casamentos a anuários escolares. Ou então dizia: – É inútil.

Jogava cada vez mais baldes de água fria nela, até que trabalhar juntos beirou o insuportável. E como Chris não gostava de nenhuma ideia dela, e quase não entrava mais dinheiro, Polly tinha cada vez menos o que fazer. Ficava quieta quando ele saía de manhã cedo, antes dela, para correr. “É o único escape do meu estresse”, justificava Chris. Ela mordida a língua para se conter e não jogar na cara dele que, toda vez que sugeria algo, fosse uma caminhada, um passeio pelo calçadão, um piquenique ou qualquer outra atividade gratuita, Chris reagia na defensiva, resmungava que era uma ideia inútil e afirmava ter mais o que fazer.

Polly tentou encorajá-lo a se consultar com um psicólogo, mas tinha sido uma perda de tempo também. Chris simplesmente não admitia que havia algo errado – com ele, com os dois, com qualquer coisa. Era só um percalço, logo passaria. Até que, um dia, ele a flagrou procurando por vagas de emprego na internet e essa foi a gota d’água. A briga que tiveram aquela noite foi explosiva, e trouxe tudo à tona: o tanto de dinheiro que pegara emprestado, a situação da empresa, que era muito pior do que confessara antes a ela. Polly o encarou boquiaberta.

Uma semana depois – uma semana silenciosa, agonizante –, Chris deu o braço a torcer. Sentou-se ao lado dela e a olhou nos olhos.

– Acabou.

Agora, ali estavam eles, em meio aos destroços da empresa, com os adoráveis Sr. Gardner e Sr. Bassi, e em meio aos sonhos e planos felizes que tinham traçado

na época em que achavam que podiam tudo... Os documentos que viu Chris assinar enquanto abriam uma garrafa de champanhe e inauguravam a escrivania daquele escritório aconchegante, maravilhados com o próprio anúncio nas Páginas Amarelas... Tudo se foi, e o mundo pouco se importava com o tanto que tinham trabalhado, almejado o sucesso ou qualquer um daqueles clichês de *reality show* que na verdade pareciam completamente irrelevantes tendo em vista a situação. Tinha acabado. Nenhuma foto de farol no mundo poderia mudar isso.



Capítulo dois

– Estas são as coisas que eu tenho – falou Polly.

Caminhava pela cidade sob a brisa fresca da primavera. Estava desesperada, tentando pensar positivo. Tinha marcado um encontro com a melhor amiga e não queria estar aos prantos quando a encontrasse.

– Estou bem de saúde. Bom, tirando o tornozelo, que torci dançando no bar. E foi merecido. Estou com a cabeça boa. Perdi dinheiro em um negócio, mas há quem perca muito mais o tempo todo. Nunca presenciei um desastre natural. Meus familiares estão bem. São irritantes, mas estão bem. Meu relacionamento... tem gente que passa por coisa pior. Muito pior. Pelo menos não estamos precisando nos divorciar...

– O que está fazendo? – perguntou Kerensa.

Equilibrada no salto alto, a amiga andava tão rápido quanto Polly, de All Star. Tinham combinado de se encontrar no fim do expediente na saída do escritório de Kerensa, que trabalhava com consultoria gerencial.

– Seus lábios estão se movendo. Você enlouqueceu de vez? Porque, sabe... – prosseguiu Kerensa.

– O quê?

– Pode ser uma estratégia. Recorrer a uma aposentadoria por invalidez.

– Kerensa! – exclamou Polly. – Você é terrível! E não, não enlouqueci. Para a sua informação, só estava listando alguns motivos para ser grata. Tinha parado em “Não preciso me divorciar”.

Kerensa fez uma cara que provavelmente expressaria ceticismo, se não tivesse tanto Botox. Às vezes, era difícil dizer o que a amiga estava sentindo, embora ela costumasse se explicar em alto e bom som logo em seguida.

– Meu Deus, está falando sério? O que mais você colocou na lista? Dois braços, duas pernas?

– Pensei que a gente fosse se encontrar para você me animar.

Kerensa levantou a sacola da loja de vinho. As garrafas tilintaram.

– E é isso que vamos fazer. Mas me conta, o que mais você listou? Tirando o fato de estar sem teto, sem emprego e tal.

Estavam diante da casa geminada de Kerensa, de arquitetura aristocrática, com uma porta de entrada vermelha, uma aldrava de bronze e um pé de laranja de cada lado.

– Na verdade, não sei se quero ficar bebendo na sua casa – falou Polly, embora talvez quisesse.

Ela era diferente de Kerensa, que sempre enfrentava a vida de frente. Inclusive, lamentava não ter seguido o exemplo da amiga nos últimos anos, enquanto a empresa afundava e Chris se distanciava. Polly só ousou pedir conselhos profissionais para ela uma vez, quando beberam um pouco além da conta em uma festa de Natal, anos antes. Kerensa disse que achava o negócio arriscado e implorou à amiga que nunca mais a consultasse. Polly se convenceu de que todo negócio era arriscado e nunca mais tocou no assunto.

– Nem vem! Já estamos aqui e não quero comer essa Pringles sozinha! – exclamou Kerensa, animada, tirando da bolsa as chaves presas a um chaveiro Tiffany.

– Você nunca come Pringles – resmungou Polly. – Você só serve e diz: “Ah, eu me esbaldei no meu almoço imaginário, por favor, coma essa batata, senão vai vencer.” Aliás, Pringles não vence.

– Escuta. Se ficar aqui comigo, pode fazer o que bem entender com as batatas, desde que não vire a embalagem feito uma ratazana faminta. – Antes que Polly pudesse dizer qualquer coisa, Kerensa ergueu os braços e acrescentou: – Dorme aqui essa noite, vai!

– Tá bom.



Polly não teve coragem nem de abrir os olhos enquanto contava a história toda, mas, pronto, era isto: o Sr. Gardner e o Sr. Bassi tinham estipulado que o banco tomaria o apartamento deles. Quando contou para a mãe, ela reagiu como se os dois estivessem vendendo um filho. Era por isso que evitava contar as coisas para

a mãe, a não ser que fosse estritamente necessário.

– Enfim... Estou tentando enxergar o lado bom disso tudo.

– De estar sem teto?

– Cala a boca! Preciso achar um lugar para mim, só isso.

Kerensa tentou franzir o cenho, então olhou para as migalhas de Pringles que Polly tinha deixado cair no sofá de design assinado.

– Só para você?

Polly mordeu o lábio.

– Não estamos terminando. É que... Não sei se seria bom, para a gente, morar apertadinho em um cubículo... – Respirou fundo e tomou um golão de vinho. – Chris disse que vai passar um tempo com a mãe. Só até... até as coisas se acertarem entre a gente, sabe? Até a poeira assentar.

Ela estava se esforçando muito para fingir que tudo aquilo era fruto de um processo decisório lógico e tranquilo, e não birras e discussões tempestuosas.

– Digo, vai ser bom para o relacionamento... Novos ares... – acrescentou Polly.

Kerensa assentiu, solidária.

– Até vendermos o apartamento... não tenho nada – continuou ela. – Se conseguirmos um valor um pouquinho acima do esperado, poderíamos quitar as dívidas, mas...

– Mas não está contando com isso, está?

– Do jeito que estou com sorte, provavelmente vou conseguir um pouco do dinheiro de volta, vou buscar no banco e vai cair um raio e incendiar minha carteira. Depois, vai cair um piano na minha cabeça e me derrubar em um bueiro.

Kerensa deu um tapinha na mão da amiga.

– Como o Chris está lidando com tudo?

Polly deu de ombros.

– Da forma lá dele. Os administradores judiciais até que foram simpáticos, acredita? Apesar dos pesares.

– Que trabalho horrível!

– É um trabalho como outro qualquer – comentou Polly. – Estou bastante impressionada com eles no momento.

– Está procurando emprego?

– Estou, sim – respondeu Polly. – Mas sou qualificada demais e velha demais para todas as vagas da face da Terra. Além disso, parece que ninguém mais quer pagar salário para iniciantes. E eu também preciso de um teto.

– Você sabe que pode morar aqui comigo – Kerensa apressou-se em dizer.

Polly examinou a casa imaculada, impecável, da amiga. Kerensa tinha um leque de pretendentes – graças ao corpo escultural, às roupas caras e à postura arrogante –, mas nunca chegou a cogitar morar com um deles. Era como um gato de raça, pensou Polly com tristeza, ao passo que Polly parecia mais um cachorro grande, mansinho e desengonçado. Um Springer Spaniel, talvez. Polly tinha um longo cabelo ruivo e traços delicados.

– Prefiro dormir em uma lixeira a arriscar a nossa amizade dividindo apartamento de novo.

– Era tão divertido quando morávamos juntas!

– Não era, não! – rebateu Polly. – Todo fim de semana você saía com aqueles playboys que tinham lanchas e nunca lavava nada!

– Primeiro, eu sempre te chamava para sair com a gente.

– E eu nunca ia porque eles eram uns playboys malas!

Kerensa deu de ombros.

– E segundo, eu nunca lavava a louça porque nunca comia nada. Era você quem deixava rastros de farinha e fermento pela casa toda.

A paixão de Polly por pães seguia firme e forte. Já Kerensa achava que carboidratos eram um veneno e acreditava ser alérgica a glúten. Era de se admirar que fossem amigas tão próximas.

– Mesmo assim, nem pensar! – decretou Polly, com uma expressão triste. – Mas acho que jamais conseguiria morar em uma república com uma galera de 20 e poucos anos e ainda fingir me enturmar.

Polly tinha feito 32 anos no começo do ano. Por um instante, chegou até a imaginar que um dos poucos pontos positivos de ir à falência era ter uma boa desculpa para não comprar mais presentes de casamento e chá de bebê para todos os conhecidos.

Kerensa abriu um sorriso.

– Claro que conseguiria! Você poderia ir para as baladas!

– Socorro.

– Passar noites em claro discutindo o sentido da vida, fumando um...

– Sem chance!

– Acampar em festivais de música.

– Sério... – disse Polly. – Já estou desesperada o bastante, não precisa jogar sal na ferida. Pitadas e pitadas de sal. Hum. Sal.

Kerensa passou a embalagem de Pringles para a amiga com uma pose blasé ensaiada.

- Bom, eu já falei, pode ficar aqui, se quiser.
- Dormindo no seu sofá de um bilhão de dólares nesse apartamento de um quarto só por período indeterminado? Não, muito obrigada. É uma oferta gentil da sua parte, mas vou procurar na internet um lugar só para mim. Vai ser... legal.



Kerensa e Polly estavam debruçadas em silêncio sobre o laptop. Polly descia a barra de rolagem da lista de anúncios de apartamentos, filtrada de acordo com o orçamento estipulado pelo banco. Não era um cenário muito animador. Os aluguéis estavam nas alturas. Era desolador.

– Nossa, que cubículo! – comentou Kerensa, mais de uma vez. – Esse não tem janela. Por que alguém postaria a foto de uma parede manchada? Imagina como deve ser a outra parede! Conheço essa rua de quando eu saía com um motorista de ambulância. É cheia de vendinha de bebida barata. É onde as pessoas vão encher a cara.

– Não tem nada – disse Polly, em pânico. Não fazia ideia de que a hipoteca deles valia tão pouco e os aluguéis estavam tão exorbitantes. – É impossível achar algo que preste!

– Que tal dividir um apartamento com alguém?

– Esses apartamentos com dois quartos são caríssimos, e você ainda tem que pagar pela TV a cabo do outro. E imagina se for um tipo esquisitão que vive trancado puxando peso!

Quanto mais descia a barra de rolagem, mais preocupada ficava. Não sabia muito bem quais eram os seus limites, mas quanto mais olhava os apartamentos, mais se dava conta de que precisava morar sozinha. Por mais que estivesse tentando manter as aparências diante de Kerensa, Chris e a mãe, algo terrível tinha acontecido, e não seria resolvido assim tão fácil. Levaria tempo. A perspectiva de choramingar em silêncio no quarto, cercada de jovens festeiros, era no mínimo desesperadora. Uma tragédia anunciada. Polly precisava dar um passo para trás, retomar o controle da situação. Vestir-se como se fosse dez anos mais nova e discutir *boy bands* estava fora de cogitação. Morar com a mãe também. A mãe a amava e faria tudo por ela, mas, sem sombra de dúvida, ficaria bufando nas suas costas, fazendo perguntas indelicadas sobre Chris e falando dos netos dos outros e... Não. A relação das duas era tranquila, mas Polly duvidava que conseguiria tolerar isso.

Certo. Mas e agora?



Capítulo três

Na manhã seguinte, Kerensa estava de saída pouco depois das seis, pronta para fazer um treino funcional no parque, ainda que fosse março e a chuva estivesse fustigando as janelas. Ela convidou a amiga, mas Polly se limitou a resmungar e se virar para o outro lado no sofá. Estava com uma leve ressaca e um gosto de Pringles na boca.

Depois que Kerensa saiu, Polly passou um café e tentou arrumar o máximo que pôde o espacinho imaculado da amiga. Não deu muito certo: a mochila dela ocupava espaço demais, atulhando a sala, e não sabia como Kerensa ajeitava as almofadas do sofá para que ficassem certinhas, em pé, coisa que Polly simplesmente não conseguia fazer. Ainda por cima, ao pegar o café, derrubou um pouco em um tapete caro e soltou um palavrão. Não. Isso não daria certo.

Voltou a ligar o laptop. O site de vagas de emprego podia esperar mais um pouco. No momento, precisava de um lugar para morar.

Com mais calma, examinou todas as opções de imóveis para aluguel em Plymouth que cabiam em seu orçamento. Todos, sem exceção, eram medonhos ou ficavam em áreas onde não se sentiria segura sem carro. Fuçou página atrás de página até esgotar as possibilidades. Então era isso. Não lhe restava mais nada. Não havia um apartamento sequer que estivesse disposta a conhecer. Morar então...

Muitos amigos de Polly, além de Kerensa, tinham lhe oferecido um quarto vago ou um sofá, mas ela não aguentaria a enxurrada de “Você está bem?” e os cochichos preocupados. Sem contar que quase todos eram casados e estavam no estágio dos filhos. Imaginou que algumas das amigas talvez até gostassem da ideia de tê-la por perto para ajudar com as crianças de vez em quando, mas não

suportava a ideia de viver andando na ponta dos pés para não se tornar um fardo, um misto de tia solteirona e diarista não remunerada.

Em tempos idos, quando tinha 20 e poucos anos, se via casada com Chris àquela altura, bem resolvida. Ele estaria ganhando bem, teriam um filho... mas ali estava ela.

Aff, Polly tinha que parar de pensar assim. Ou se afogava em autocomiseração ou seguia em frente. Por impulso, ampliou a busca para todo o Reino Unido. Por que não se mudar para o País de Gales? Havia tantos lugares onde morar! Lugares interessantes. Ou as Terras Altas da Escócia. A zona rural da Irlanda do Norte. Os planaltos de Peak District. Ela mal sabia em que região ficava Peak District, mas pelo menos havia vários lugares onde poderia morar com pouco dinheiro, nenhum contato, nenhuma amiga oferecendo Pringles e nenhum emprego... Hum, melhor não.

Filtrou a busca de novo, com foco no sudoeste da Inglaterra, e foi então que o viu.

Era um nome que não passava pela sua cabeça havia anos. Provavelmente tinha visitado em um passeio da escola; todo mundo ia lá, quando criança. Mount Polbearne. Polly ficou surpresa ao saber que pessoas ainda moravam na ilha.

Analisou a imagem da miniatura. Não era lá grande coisa, mas se destacava dentre as milhares de fotos que tinham passado pela rolagem, porque era da área externa. Mostrava uma janela pequenina na sobreloja de um prédio com telhado de duas águas, a tinta da esquadria descascando e as telhas gastas, de aspecto antigo. “Localização atípica”, dizia a descrição, o que em geral significava “opção inconcebível”. Clicou na foto mesmo assim, enquanto tomava um golão de café frio.

Mount Polbearne, quem diria? Era uma ilha de maré, disso ela se lembrava. Tinham ido para lá de ônibus, pela ponte de paralelepípedos que ligava a ilha ao continente, repleta de placas tenebrosas, ora alertando os motoristas sobre os perigos de fazer a travessia com a água subindo, ora informando sobre o possível trajeto de barco, em caso de maré alta. As crianças ficaram em polvorosa quando as ondas começaram a quebrar nas pedras, depois entraram em pânico, certas de que morreriam afogadas. A ponte era ladeada de esqueletos de velhas árvores que costumavam viver em terra firme, mas já não viviam mais, e havia um castelo em ruínas no topo da ilha, junto a uma loja de suvenires onde ela e Kerensa compraram pirulitos gigantes sabor morango. Mas com certeza ninguém *morava* lá de fato. Metade do tempo, não dava nem para sair daquele lugar. Não havia

linhas regulares de ônibus, nada.

O site tinha outra foto. O prediozinho parecia praticamente abandonado. O telhado estava envergado, e dava para ver que as janelas, escancaradas, estavam encardidas. No andar de baixo, havia uma loja deserta que mais parecia um desfiladeiro. Estava claro que a proximidade do mar não fazia muito bem ao estabelecimento. Polly também se perguntou se uma ponte submersa ainda era tão interessante para turistas quanto costumava ser antigamente. Agora eles só queriam saber de praias para surfistas, parques temáticos e restaurantes chiques de frutos do mar. A Cornualha tinha mudado bastante.

Um detalhe chamou a atenção dela, no entanto: o imóvel tinha dois cômodos e um banheiro pequeno. Não era uma quitinete, não era para dividir com alguém; era um apartamento comum. Dentro do seu orçamento. Além do mais, o cômodo principal era bem amplo: cerca de seis por oito metros. A sala deles em Plymouth não era grande assim; era pequena e estreita, com espelhos iluminados nas laterais para dar uma ilusão de espaço. Por um instante, tentou imaginar quão alto era o pé-direito do apartamento sob aqueles beirais. E se o andar de baixo estava deserto, significava que não haveria mais ninguém no prédio – exceto pelos ratos. Hum. Então, a última foto chamou a atenção ainda mais. Era a vista das janelas da frente, tirada de dentro do apartamento.

Para além da janela, havia... o nada. Uma vista indevassável só para o vazio, ou, como percebeu em uma avaliação mais atenta, para o mar. No dia da foto, o mar e o céu estavam no mesmo tom de cinza, mesclados entre si. Formavam uma chapa enorme, sem gravuras. Polly encarou a foto por um bom tempo, fascinada. Ilustrava bem como se sentia: oca, vazia. Mas também era uma imagem estranhamente tranquilizadora. Como se fosse normal existir tanto cinza no mundo; cinza era a regra. Quando olhava pela janela de seu apartamento moderno, via multidões de pessoas como ela e Chris, entrando e saindo de Audis e BMWs e cozinhando em *woks*. A única diferença era que as pessoas não tinham fracassado e pareciam ainda conversar entre si. Olhar pela janela, por si só, era estressante. Agora aquilo... aquilo era muito diferente.

Polly procurou Mount Polbearne no Google Earth e ficou surpresa com a confirmação de que havia mesmo ruas por lá, um punhado de vielas de paralelepípedos que começavam nas ruínas de uma igreja no topo de uma colina e desembocavam em um singelo cais, perpendicular à ponte, onde alguns barcos pesqueiros estavam ancorados. Era óbvio que a cidade ainda não tinha passado por um processo de gentrificação, diferente de boa parte da Cornualha. Naquela região provinciana, longe das rodovias, a ilha tinha escapado à atenção do

mundo. Mas ficava a apenas oitenta quilômetros de Plymouth, então dava para ir e voltar sempre que necessário...

Com a mão um pouco trêmula, clicou em “Contatar agente imobiliário”.



Capítulo quatro

– Acho que o caminho agora – começou Kerensa, vestindo um terninho cafona, de botões dourados, que nela ficava chique – é casar com um ricoço. E isso não tem a menor chance de acontecer nesse fim de mundo, eu garanto.

– Obrigada pela dica, como sempre – rebateu Polly.

Ela estava de preto. Não costumava usar essa cor; não combinava com o cabelo ruivo, puxado para o dourado, e a pele clara, e parecia deixá-la mais baixa. Era como se, sem emprego, ou sem a cara-metade, ou sem o tilintar da chave do carro, tivesse se esquecido de levar uma vida normal.

– Você tem que ficar perto de uma cidade grande – comentou Kerensa. – Usar umas roupas estilosas. Ficar com alguém.

– É isso que está tentando fazer?

– Fala sério! – disse Kerensa, e revirou os olhos.

Polly deu uma olhadinha pela janela, antes que a amiga começasse a cantar músicas da Beyoncé.

Era um sábado cinzento, de céu encoberto, e tinham penado para chegar ao destino, na confusão do GPS e as estradinhas batidas para onde o sistema as jogava. Por fim, decidiram que, se seguissem pela beira do mar, chegariam lá em algum momento, e assim foi.

Havia um estacionamento próximo à ponte, no continente, e uma tábua diária de marés, que nenhuma das duas tinha conferido antes de sair de casa, então ficaram fazendo hora no estacionamento, estudando a ilha a distância. Kerensa se pronunciou:

– Parece... que venta bastante lá.

Era verdade: a vila de Mount Polbearne parecia em ruínas, castigada pelo

vento. As ondas do mar eram bem altas e assustadoras. Parecia improvável que o lugar fosse acessível em vinte minutos, como prometia a placa. Lembrava um retrato do passado, como se encarassem um lugar esquecido, os escombros de um castelo que pairava sobre ruas quase invisíveis.

– É meio romântico – disse Polly, tentando enxergar um lado bom.

– Fico me perguntando se existem empresas de demolição por lá – comentou Kerensa. – E se os habitantes se casam com os próprios primos.

– Não é tão longe assim da cidade grande – defendeu Polly.

Kerensa olhou no relógio.

– Bom, depende do ponto de vista, não é? E se eu sofrer um acidente grave depois de virar um martíni e você não conseguir me salvar a tempo por causa da maré alta? Você nem tem carro! Dá uma olhada em volta!

Era um lugar deserto. Não havia nada além das vias estreitas que davam no pequeno estacionamento. Kerensa prosseguiu:

– Não vejo nenhum ônibus por aqui. Como vai para Plymouth? De cavalo? Carroça?

O coração de Polly afundou no peito. Contudo, no dia anterior, ela tinha dado uma saída, sob as ordens de Kerensa, a fim de conferir dois possíveis apartamentos para dividir, mais perto da cidade. Ambos estavam em estado deplorável, ocupados por jovens de 20 e poucos anos, com pias transbordando de louça e frigideiras, recadinhos afixados às estantes, cheiro de cobertas sem lavar e bicicletas velhas nos corredores. Polly só chorou depois que Kerensa foi se deitar.

– Seria uma medida temporária – explicou, esperançosa. – Até vendermos o apartamento.

– Você se refere ao apartamento que é exatamente igual a outros quinze mil apartamentos em Plymouth, de frente para o mar, com preços exorbitantes e construídos nos últimos dez anos?

Polly franziu a sobancelha. Chris acreditava ser um homem com tino para bons investimentos. Ela se lembrava da empolgação dele. “Tem academia no subsolo, Ly!” (Que Chris usou uma vez só.) “Tem leitor de digitais para controlar a entrada!” (Sempre quebrado.) O que não havia – um jardim, espaço para crianças – nunca era comentado.

– Vamos só dar uma olhadinha – pediu ela.

A água baixou bem rápido, revelando a ponte como se fosse um caminho mágico. Atravessaram com cuidado e pararam do outro lado do estacionamento, que estava vazio naquele dia – ainda era baixa temporada, inferiu Polly, e estava friozinho –, exceto por um Vauxhall Astra prata, de onde surgiu um jovem rapaz,

vestindo um terno barato e uma gravata vermelha chamativa. Embora tivesse acabado de sair de um carro, parecia sem fôlego.

– Ei! Psiu! – chamou ele, em um tom surpreendentemente jocoso. – São vocês as nossas garotas da cidade grande?

Kerensa segurou o riso.

– Ele está se referindo a Plymouth? – perguntou.

Embora a amiga tivesse nascido e crescido em Plymouth, gostava de fingir que se sentia mais em casa em Londres, Paris ou Nova York.

– Shiu! – fez Polly.

– Deve ser mesmo bem pequeno aqui se você acha que Plymouth é uma Las Vegas – comentou Kerensa, prendendo o salto alto entre dois paralelepípedos assim que saiu do carro.

O homem robusto chegou mais perto. Na verdade, era quase um garoto. Polly ficou impressionada com a idade dele. Significava que *ela* não era tão jovem assim, mas era, sim, disse a si mesma. Com certeza era. Ele estava com um sorriso amarelo, e Polly imaginou que, se o garoto tivesse nascido em uma época diferente, sacaria um lenço do bolso para enxugar a testa.

– Lance Hardington – apresentou-se ele, oferecendo um aperto de mão feroz, olhando fundo nos olhos das duas.

Decerto tinha passado por um treinamento. Kerensa abafou o riso. O rapaz não fazia jus ao nome pomposo.

– Prazer em conhecê-lo, Lance – ronronou ela, deixando o garoto mais vermelho ainda.

– Não começa! – Polly repreendeu a amiga, em tom grave, enquanto andavam atrás dele; o rapaz se deslocava bem rápido.

– Ah, só estou me divertindo um pouco – disse Kerensa.

– Você vai assustá-lo.

– Essa é a minha definição de diversão.

Lance se virou e franziu o cenho como quem diz: “Vamos, tratem de acelerar o passo, tempo é dinheiro, e vocês claramente *têm* muito de um e pouco de outro.” Ele olhou a hora no iPhone para pressioná-las, mas Polly estudou o local sem pressa. A ilha até que parecia agradável, bem diferente da barulheira e do trânsito de Plymouth. Estavam em um dique do lado da ponte, no entorno da cidade, que se estendia pela baía à esquerda deles, de frente para o mar. Lá no alto, o castelo – destroços de um castelo, na verdade, cujos muros estavam ruindo, cobertos de buracos e musgo – contemplava um amontoado de casas de ardósia cônica e arenito, degradadas pelas intempéries climáticas, com quase

todas as janelas descascando. Havia poucos carros. Polly inferiu, com razão, que os habitantes preferiam deixá-los no continente, para atravessar a ponte a pé.

As vielas estreitas serpenteavam a colina do topo até o singelo cais à esquerda, onde os mastros de barcos pesqueiros balançavam e tilintavam ao vento, e as ondas avançavam sobre as pedras de uma velha mureta. Na orla, havia um quiosque de peixe e batata frita, uma loja de suvenires toda enlameada e uma pousada antiga, que ainda tinha um pote de água para cavalos do lado de fora e uma espécie de estábulo com pátio. Estava terminantemente fechada. Na extremidade do píer, Polly avistou um farol alto, listrado em preto e branco, com a tinta descascando. Não parecia muito bem cuidado.

– A cidade ainda está emergindo – comentou Lance.

Kerensa olhou ao redor, desconfiada.

– E por que ainda não emergiu? – rebateu ela. – Todas as outras cidades parecem já ter feito isso.

– Um degrau de cada vez – replicou Lance, rápido no gatilho.

– Mas aqui chove com frequência há uns cinco anos já – observou Kerensa. – Do jeito que está, vai alagar antes de vocês passarem para o próximo degrau.

– A maior vantagem de Mount Polbearne – prosseguiu Lance, sutilmente mudando de tática – é que é um lugar intocado. Bem tranquilo, sem trânsito. É pura paz e tranquilidade.

Kerensa segurou o riso de novo.

– Você mora aqui?

Lance não se deixava abalar por nada.

– Não, mas eu ADORARIA.

– Pura paz e tranquilidade – repetiu Polly, julgando ser exatamente o que ela precisava.

Lance começou a caminhar pelo cais e as duas foram atrás dele, obedientes. Havia poças de água entre as pedras, cheias de lixo: iscas artificiais coloridas, redes e restos de miúdos de peixe, provavelmente jogados ali há muito tempo. Kerensa fez cara feia.

– Fica comigo – sibilou ela. – Para sempre. Em uma cidade com cafeterias e Zara.

– Nos últimos tempos, eu me vi obrigada a mudar o meu conceito de “para sempre” – disse Polly.

Por fim, Lance parou diante do último prédio de uma ala de imóveis decadentes. O sorriso amarelo dele ficou ainda mais amarelo quando deu um passo para trás, a fim de apresentar a sobreloja. As duas mulheres examinaram o

lugar, e Polly lutou contra seu primeiro impulso, que era se virar e sair correndo.

– Acho que houve algum engano – comentou Kerensa.

– Não – disse Lance, com uma expressão repentina de culpa. – É isso mesmo.

– Esse imóvel devia ser condenado, e não alugado.

De repente a razão pela qual o apartamento tinha uma metragem barata ficou bem clara. O prédio era pequeno e estreito, feito de pedras encardidas. O piso térreo tinha uma grande janela arqueada, rachada em diversos pontos, e tão imunda que era difícil de acreditar. Através dela, era possível discernir as formas turvas de utensílios de cozinha industriais, intocados havia anos.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Kerensa. – Um incêndio?

– Ah, não! – disse Lance, com sinceridade. – É só... – A voz dele foi baixando conforme tentava evitar a palavra “negligência”.

Lance correu para a lateral do prédio, cujo telhado estava ridiculamente torto. Havia uma portinha de madeira, e era preciso baixar a cabeça para passar. Ele pegou uma chave grande de bronze e a destrancou. As dobradiças rangiam alto, um som doloroso.

– Há muitas pessoas querendo ver o apartamento? – quis saber Kerensa.

O salto dela fazia toc-toc-toc contra o pavimento. Lance a ignorou.

Lá dentro, não havia nada além de breu e um cheiro vago de bolor. Lance usou o celular como lanterna até encontrar uma cordinha pendente e puxá-la. Uma lâmpada antiga de baixa voltagem, coberta de pó, piscou ruidosamente até ganhar vida, revelando uma escadaria bamba de madeira.

– Tem certeza que esse imóvel atende às exigências de segurança e saúde para os locatários? – continuou Kerensa, desfilando como se estivessem numa cobertura em Sandbanks.

Lance murmurou qualquer coisa inaudível e as conduziu até o andar de cima. Polly subiu logo atrás, perto demais da anca bem fornida. O coração dela afundou no peito. A ideia era impraticável; o local nem parecia seguro.

Abriram a segunda porta, no topo da escada. Polly cruzou os dedos, na torcida por um “tcharam!” quando entrassem na sala.

Todos ficaram em silêncio.

Bom. Era espaçoso. Pelo menos isso. Estavam nos fundos de um apartamento amplo, com teto inclinado, cujas fendas deixavam passar feixes de luz externa. O piso era composto por tábuas de madeira mal envernizadas. No fundo, o teto era alto, com vigas expostas. Encostada na parede de tijolinhos, encontrava-se uma mesa com duas cadeiras diferentes, que não combinavam. Parecia minúscula em proporção ao fogão a lenha, ao lado, coberto de fuligem. No extremo oposto, um

corredorzinho seguia pela esquerda. Evidentemente, dava no quarto e no banheiro, que ficavam em uma extensão de tijolinhos nos fundos. O cômodo principal era uma cozinha americana com armários esparsos de melamina e um item estranho: um forno enorme, de ferro. Lance notou que Polly estava examinando o utensílio.

– Não conseguiram tirá-lo daqui – explicou ele. – Só Deus sabe como subiram com essa coisa. Digo, essa peça charmosa, de época.

Na parte da frente da sala, onde o teto pendia sobre as janelas, havia um sofá maltrapilho horrendo, todo rachado. Polly se aproximou com cuidado; todas as tábuas do assoalho rangiam.

– Esse lugar está afundando no mar – comentou Kerensa, nervosa. – Há muitos ratos por aqui?

– Não – disse Lance, cabisbaixo.

Obviamente, a meta da imobiliária era se livrar do apartamento. De repente, ouviram um guincho agudo. Os três deram um salto para trás. Polly olhou para cima. Através de uma fresta, onde faltava uma telha, avistou uma gaivota enorme aos berros. O barulho era ensurdecedor.

– Certo, só ratos com asas – rebateu Kerensa.

Polly não ouviu o que a amiga falou; caminhava até as janelas. Agachou-se um pouco e notou a tinta despedaçada das esquadrias, que ainda por cima estavam trincadas. Ela iria congelar. Era mais frio lá dentro do que do lado de fora.

Tentou espiar através do vidro encardido, coberto de sal encrostado. O apartamento ficava acima dos mastros dos barcos, e era possível enxergar além do muro do cais, além das boias e da fileira de gaivotas tagarelas. Puro mar. A nuvem no céu tinha uma frestinha, por onde a luz do sol abriu caminho de repente, até refletir na crista branca de uma onda distante, que reluzia e dançava. Quando deu por si, estava com um indício de sorriso nos lábios.

– Polly! POLLY!

Ela se virou, ciente de que não estava escutando a amiga.

– Vamos, vou levar você pra casa. A gente para em algum lugar no caminho para beber uma taça de vinho branco. Não que Polbearne não seja repleta de restaurantes chiques... O quiosque, por exemplo.

As bochechas redondas de Lance começaram a perder a rigidez.

– Por que a proprietária não faz uma reforma? – indagou Kerensa. – Ninguém vai alugar desse jeito.

– Foi o que eu disse – respondeu Lance, com pesar. – Ninguém quis comprar

também. É uma pedra no sapato da imobiliária.

– Que maravilha! É uma casa toda esburacada, de uma doida varrida, cheia de ratos no porão – afirmou Kerensa. – MUITO obrigada por dispor o seu tempo. Vamos, Polly!

Polly deu uma última olhada no mar, melancólica.

– Quer saber? Não posso ser muito seletiva.

– Você só pode estar de brincadeira – contestou Kerensa. – Sua família me processaria se você morresse aqui.

– Vou falar pra eles não fazerem isso.

Virou-se para encarar a amiga. Kerensa a fitou de volta, apreensiva. Polly podia ser calma por fora, mas, por dentro, lá no fundo, tinha uma veia durona. A mesma veia que a fizera lutar pelo seu negócio e pelo seu relacionamento, mesmo quando era evidente que tudo estava perdido.

– Preciso morar em algum lugar.

– Polly. Querida. Esse é um buraco no fim do mundo.

– Pode até ser, mas é exatamente onde quero estar agora.

– Excelente! – celebrou Lance, corando de novo. – Digo, desculpem-me por...

Quer dizer, acho que...

Polly acabou com o sofrimento dele.

– Quero um contrato de curto prazo – disse.

Lance ergueu as mãos ao alto, querendo dizer que poderia dar um jeito.

– E o teto... – prosseguiu ela.

– O que é que tem?

– Não quero a luz do sol passando pelo telhado. É o mínimo.

– Hum.

– E se... – Polly parou para pensar um pouco. – Que tal...

Então, ofereceu a metade do valor anunciado. Lance parecia um menino de 5 anos apertado para ir ao banheiro.

– Olha, acho que não vai... Digo, preciso conversar com a imobiliária... É que as negociações...

Kerensa lançou um olhar furioso a Polly.

– Você não pode estar falando sério!

Polly pensou na busca desanimadora que tinha feito em Plymouth, nos apartamentos para dividir que visitara, bem menos salubres que aquele.

– Não me resta opção.

– *Isto* aqui não é uma opção! É um desastre!

– Só vou alugar, não vou depositar todas as minhas economias aqui. É

temporário... Logo chega o verão.

– Pois é! Logo chega o verão – repetiu Lance.

– O verão provavelmente vai passar reto pelo Reino Unido este ano – afirmou Kerensa. – Esse lugar é uma armadilha mortal!

Polly fez um movimento com a boca que Kerensa conhecia muito bem: significava que não daria o braço a torcer.

– Que tal um almoço para discutirmos isso? – sugeriu a amiga, desesperada.

Enquanto os três estavam ali parados, a gaivota descarregou um lote substancioso de cocô pelo buraco do telhado. Kerensa fez cara feia.

– Onde você recomenda almoçar por essas bandas?

Lance ajeitou a gola da camisa, um tanto nervoso.

– Hã... Plymouth.



Capítulo cinco

Tiveram que esperar trinta e cinco minutos para a maré baixar o suficiente a fim de atravessarem a ponte de volta. Polly passou o tempo todo assoviando para evitar Kerensa, que tinha listado mais noventa e cinco motivos pelos quais a amiga não podia se mudar para Polbearne. Curiosamente, eles pareciam tê-la deixado ainda mais decidida.

– Pode parar! – ordenou Kerensa, depois de ressaltar que não havia táxis na ilha.

– Parar com o quê? – quis saber Polly, com um olhar inocente.

– Nem pense em tomar essa decisão! É loucura.

– Ainda não estou decidida.

– Está, sim! Posso ver seus lábios se contraindo. Pela primeira vez em um ano, você parece feliz, ainda que seja uma PÉSSIMA ideia.

Polly abriu um sorrisinho, pensando em tudo que tinha acontecido.

– Pelo menos dessa vez é *minha* péssima ideia.



Kerensa estava trabalhando – todos os amigos de Polly também – no dia da mudança. Ela sabia que eles teriam ajudado, mas estava se sentindo um pouco rebelde, e assim queria que fosse.

Não queria se sentir mal diante deles por se ver obrigada a abrir mão de sua vida: o sistema de aquecimento central e a TV de tela plana, a casa financiada, a trajetória de sucesso na carreira, o namorado lindo e em forma, etc. Sentia-se

como se tivesse a palavra “FRACASSO” estampada na testa, e achava que as caixas que estava enviando para o depósito mereciam o título “TODAS AS MINHAS EXPECTATIVAS E OS MEUS SONHOS, ENCAIXOTADOS E GUARDADOS PARA SEMPRE”. Definitivamente, não estava a fim de discutir essas coisas na estrada, dentro de um furgão.

A maioria de seus pertences ficaria em um depósito: as roupas boas (que poderiam mofar na ilha), os livros (que empenariam, e ela não teria onde guardar), as joias (que poderiam cair nos vãos do assoalho), e as fotos e recordações (que a deprimiam demais e acabavam com sua vontade de apreciar coisas bonitas). Estava levando apenas as peças de roupa impermeáveis, a cama e, embora fosse um terrível fragmento de sua arrogância, o sofá caríssimo deles, bem Pinterest, em tons de cinza-claro. Decerto estragara na nova casa, mas Polly tinha escolhido o sofá – bom, tinham escolhido juntos, mas mais por conta dela. Era um xodó, um conforto, um luxo. A ideia de sentar no sofá marrom que já estava na casa, todo roto e úmido, era inconcebível. Não imaginava uma única forma de levar o sofá velho embora e subir com o novo, mas pensaria num jeito até chegar a Mount Polbearne.

Chris tinha dado uma passada no apartamento enquanto ela estava encaixotando as coisas. O simpático Sr. Bassi também, para se certificar de que Polly não estava levando nada que o banco talvez pudesse revender, e até ele a deixou ficar com o sofá.

– Tirar essa tralha toda daqui vai ajudar – disse Chris. – Assim, o apartamento fica mais bonitinho, minimalista, perfeito para a venda. Fico contente por você levar o sofá, por mais que a gente devesse ter dividido tudo.

Polly tinha acabado de fechar as duas últimas caixas, com os itens mais valiosos: a cafeteira e a batedeira profissional. Ela adorava fazer pão e, nos últimos anos, tinha se aprimorado, enquanto Chris fugia nos fins de semana. Então ele voltava para casa e reclamava dos carboidratos, por isso Polly acabava comendo a maioria de seus experimentos sozinha. De qualquer forma, aquelas coisas eram dela, e o Sr. Bassi teve a gentileza de deixá-la ficar com elas. Polly não se importava em deixar para trás os pôsteres enquadrados do Muhammad Ali, ou as caixas de som ridiculamente caras que Chris quis cobrar dela, meio a meio, apesar do preço exorbitante, da potência exagerada para o apartamentinho deles e das palestras longas e sacais que ele dava sobre a miríade de qualidades do sistema toda vez que recebiam uma nova visita.

– Precisa de ajuda para levar as coisas até o furgão?

Polly assentiu, triste e cansada demais até para pensar em ser sarcástica.

Enquanto carregavam o sofá até o elevador, em silêncio, Polly e Chris se lembraram do exato momento, dois anos antes, em que os homens da transportadora chegaram com o móvel. Na época, Chris debochou da alegria dela – afinal, era só um sofá – e perguntou aos homens se teriam escolhido aquela cor tão sem graça, e um deles disse que não, que tinha um sofá de couro branco em casa, ao que Chris respondeu: “Viu, isso que é moderno.”

Assim que ajeitaram o sofá no furgão que Polly tinha alugado, trocaram olhares, sem saber o que dizer. O comprometimento dela com uma atitude positiva e ensolarada de repente caiu por terra. Estava a caminho de um destino totalmente desconhecido, sozinha, a contragosto de todo mundo que conhecia, deixando para trás a única vida que sabia viver havia sete anos. Estava sentindo o peso da mudança.

– Obrigada. – Foi tudo que conseguiu dizer, por mais que tivesse tentado pensar em algo menos trivial, menos inútil, sobre o que tinham vivido juntos.

– Ly...

– Diga.

– Eu só queria pedir... Bom, você sabe.

– Não sei, não – retrucou ela, com o coração acelerado.

Polly não fazia ideia de como Chris estava se sentindo diante da tristeza do que acontecera aos dois, e de todas as suas esperanças e seus sonhos. Ele não se abria. Tinha ficado tão recluso que a preocupava.

Chris a encarou com os olhos azuis estreitos que Polly um dia achou atraentes. Ela se segurou para não chorar.

– Bom, é isso.

Polly se aproximou dele.

– Isso o que, querido?

– Ly, não me faça...

– Desabafa. Talvez você se sinta melhor.

Ela manteve a postura. Houve um longo silêncio, até que, por fim:

– Desculpa. Por tudo. Sei que não foi culpa sua.

– Obrigada. Desculpa também. Sinto muito por não termos conseguido fazer dar certo. Acho que nenhum de nós poderia ter se esforçado mais.

– Não mesmo – concordou Chris, enfim olhando-a nos olhos. – Fizemos o possível.

Então, despediram-se do jeito mais esquisito possível: com um aperto de mãos.



Polly deixou para trás as ruas amontoadas de Plymouth e botou o pé na estrada. O sol refletia no retrovisor, e ela tentava canalizar a sensação de que estava se mudando para o futuro.

– Vai ficar tudo bem, sofá – disse, olhando para trás. – Meu Deus! Virei a louca que conversa com o sofá.



Já tinha passado da hora do almoço quando enfim chegou à ilha. Dessa vez, esperou uma hora para a ponte abrir. Polly precisava se organizar com as tabelas, urgente. Isso era bastante inconveniente.

Enquanto esperava, deu uma mordida no sanduíche que tinha comprado em um posto de gasolina no caminho. Estava nojento. Se tinha uma coisa que Polly levava a sério, era pão, e aquele não chegava nem perto do ideal. Enquanto comia, ficou olhando pela janela para Mount Polbearne. Avistou pontos de luz aconchegantes aqui e acolá, refletidos na água. Àquela distância, não dava para ver que a cidadezinha estava dilapidada.

A ponte finalmente foi liberada. Com muito cuidado, na certeza de que qualquer derrapada a levaria a um túmulo submerso, ela conduziu o furgão até o outro lado do mar, virou à esquerda depois do estacionamento e seguiu direto até sua nova porta de entrada: a portinha lateral do prédio. Uma vantagem de se mudar para uma ilhota deserta no meio do nada era poder estacionar em qualquer lugar: não havia parquímetros, nem mesmo faixas nas ruas. Polly chacoalhou o enorme molho de chaves que Lance lhe dera quando assinaram o contrato (um pouco acima do desconto que tinha pedido, coisa de cinco pratas; afinal, precisava ceder um pouco, pelo bem do orgulho dele) e saiu do furgão. Tinha alugado o veículo por alguns dias, tempo suficiente para encontrar alguém para subir com a cama. Por ora, levaria lá para cima apenas o necessário, o que incluía a cafeteira. Mesmo assim, subir com tudo não era uma tarefa muito simples.

A porta lateral dava na loja do andar de baixo, um estabelecimento comercial de frente para a praia. Polly ficou um pouco assustada. Quem poderia dizer que

criaturas maléficas estavam à espreita por lá? Ela se sacudiu para recobrar a razão. Era só uma padaria, notou, reconhecendo o contorno de um forno. O espaço decerto tinha falido quando ficou claro que, no ranking de belas cidades litorâneas do sudeste da Inglaterra que as pessoas queriam visitar enquanto comiam um bom enroladinho de salsicha, Mount Polbearne ficou mais ou menos na posição 5.000. Além do mais, os turistas tinham receio de pegar uma cheia e nunca mais sair de lá.

A ilha já não parecia ter muita vida antes, mesmo com a presença estimulante de Kerensa. Agora, então, com a brisa úmida de um dia frio de primavera, sem ninguém por perto, parecia deserta. Polly esperava que a vista lhe trouxesse paz e conforto, mas o mar estava cinza e bravio, e não lhe deu outra sensação que não um calafrio. Com um suspiro, largou as malas (e a cafeteira) no degrau de pedra ao pé da entrada – uma porta desbotada de madeira, que já tinha sido verde um dia – e revirou a bolsa atrás da chave pesada. A porta abriu com tudo, rangendo, e imediatamente bateu de volta, por causa da ventania. Os livros que tinha empilhado no degrau começaram a esvoaçar. Ela empurrou a cafeteira para escorar a porta e mantê-la aberta, então voltou para o furgão a fim de pegar a mala e uma coleção de sacos pretos. Com 32 anos, sentiu que não tinha mais idade para ficar carregando sacos pretos de lixo. Já devia ter um conjunto de malas combinando. Não precisava ser Louis Vuitton ou algo do tipo, mas... Bom. Podia ao menos ser melhor que a mala de rodinhas dela, projetada para trombar com tudo e todos no corredor de um avião, sobretudo tornozelos alheios. Também tinha uma mochila esportiva que herdara de Chris. Não era muita coisa para uma reviravolta na vida, refletiu.

De resto, trazia consigo um monte de tralha e tranqueira encaixotada, muito mais coisa do que esperava. Estava começando a tirar tudo do furgão quando ouviu um barulhão atrás dela. Virou-se para ver o que era, quase derrubando uma caixa, e reparou que a pilha de livros que tinha ajeitado ao lado da porta fora acometida por uma rajada de vento e estava levantando voo, tamanha a força da brisa.

– NÃÃÃÃO! – gritou Polly.

A maioria dos livros tinha ficado no depósito, mas ela selecionou alguns para levar na mudança, uns poucos títulos bem específicos. Quando ficava triste, buscava conforto em leituras acolhedoras, e tinha decidido que a atual situação pedia uma overdose delas. Então pegou os livros da infância, as edições empoeiradas dos anos 1980 que tinha lido até cansar, deixando as capas por um fio. Dentro de cada sobrecapa, havia uma impressão cuidadosa do nome e do

endereço dela: “Polly Waterford, 11 anos, avenida Elder, nº 11, Plymouth, Inglaterra, Europa, planeta Terra, sistema solar, a galáxia, o universo”.

Lá se foi *Anne de Green Gables*. E *O que Katy fez na escola*. *Veterinário em apuros*, de James Herriot, saracoteava nos paralelepípedos, junto com *A rebelião das trevas*, de Susan Cooper, *Papai pernilongo*, de Jean Webster, e *Os sonhos de Marianne*, de Catherine Storr...

– Nããããão!

Polly deixou cair a caixa que estava carregando e saiu em disparada atrás dos livros. Não suportaria perdê-los.

Os livros dançavam no vento, como se quisessem provocá-la, e voaram direto para a mureta do cais. No desespero, Polly deu o bote e conseguiu pegar a edição de *Mulherzinhas*, mas *Alice no País das Maravilhas* rodopiou por cima do muro e sumiu na imensidão acinzentada por trás dele.

– Ah! – Polly estava mais arrasada do que nunca. – Ah, não.

Por sorte, os outros livros pousaram antes de alcançar o mar. Ela se agarrou a eles e sentou nas pedras frias da rua, sem se importar com mais nada. Sentindo que estava no limite, depois de muito testar esse limite, desatou a chorar.

O livro tinha sido presente do pai. Era um dos favoritos dele na infância, e fez questão de ler com a filha e explicar os trechos que a menina não entendia. Embora fosse uma edição antiga baratinha, fácil de encontrar, ela nunca poderia ser substituída, porque era a dele. O pai morreu de ataque cardíaco quando Polly tinha 20 anos, e ela ficou furiosa, com ele e com o mundo, que a tratou como um adulto que não precisava de tanto apoio quanto uma criança.

Polly sentiu o nariz escorrer. Limpou com o próprio casaco, de tão chateada e indiferente que estava. Não havia ninguém a quilômetros e quilômetros de distância – ninguém que se importava em um raio de pelo menos sessenta e cinco –, então ela não se incomodou com quem poderia vê-la nem com a própria aparência. Estava sozinha, desolada, congelando e um pouco molhada, e tinha perdido o livro do pai. Como alguém a escutaria com aquela ventania toda, de qualquer forma?

Por fim, a lamúria foi interrompida por um ruído que mal se fazia ouvir por entre as ondas e as condições climáticas. Curiosamente, soava como uma tosse. Polly parou para prestar atenção. Engoliu em seco. A tosse voltou.

Ela se endireitou e olhou para trás. Para seu espanto, apoiados no muro, à esquerda, havia cinco homens. Todos usavam chapéu de pescador e uma jardineira amarelo-gema.

– Hã, dá licença... – começou o primeiro, com o sotaque carregado da

Cornualha, tão denso quanto nata.

Estavam arrastando os pés, trocando olhares, sem graça. Polly se levantou de sobressalto.

– Pois não? – falou, como se não tivesse acabado de ser flagrada aos prantos no meio da rua, abrindo o berreiro como uma criancinha de 2 anos.

– Hum. Isto é seu?

O primeiro homem, de barba marrom, bochechas vermelhas e rugas em torno dos olhos azuis, segurava a cópia de *Alice no País das Maravilhas*. Ele notou as mãos dela, que ainda seguravam firme os demais livros.

Polly respondeu com um meneio brusco.

– Sim... sim, muito obrigada.

Ele deu um passo à frente para entregar o livro a ela. Polly estendeu os braços e, na hora, percebeu que estava com a manga cheia de catarro. Ficou com tanta vergonha que derrubou o resto dos livros no chão.

Todos se agacharam para pegar.

– Você é uma leitora voraz, hein? – comentou o pescador.

– Hã, mais ou menos – respondeu Polly. Estava com as bochechas vermelho-escarlate. – Onde foi que...

– Ele caiu bem no meio do nosso barco, acredita? – disse o homem.

Polly se virou para ver a fileira de barcos pesqueiros que tilintavam no ancoradouro. Tinham cores vivas, verde e vermelho, e redes empilhadas nas proas. Eram bem rústicos. O mais próximo se chamava *Trochilus*.

– A gente achou que estavam caindo livros do céu, não foi, rapazes? Como um novo tipo de biblioteca.

Os demais deram uma risadinha.

– É... – Polly tentou se recompor para não parecer tão esquisita e chorona. Tinha acabado de empilhar o restante dos livros. – Este livro é muito bom.

O homem estreitou os olhos para ver de que se tratava.

– Costumo ler mais... bem, gosto de livros de guerra.

– Alguma guerra específica? Ou guerras em geral? – perguntou Polly, com genuíno interesse.

Ele era bem alto, mas tinha um semblante gentil.

– Olha, eu diria que... qualquer guerra dá conta do recado.

– Pode pegar emprestado – disse Polly, de repente. À luz da extraordinária ressurreição, o item que momentos antes parecia tão precioso agora era algo para ser compartilhado. – Espero que goste. Não tem guerra. Mas tem um pouco de xadrez – acrescentou, tímida.

O pescador encarou o livro.

– Ah, vou ler, então. Minhas noites são bem longas – falou, e apontou para o barco com um meneio.

– Não sabia que barcos pesqueiros saíam à noite – confessou Polly.

Os outros homens, ainda à espreita, riram mais uma vez.

– Vou te contar um segredo – disse o primeiro homem, sério. – A gente gosta de pegar os peixes quando eles estão dormindo.

– É mesmo? – indagou Polly, esquecendo-se de ficar triste por um instante.

Ele sorriu.

– Você costuma andar pela cidade atirando livros ao léu? – perguntou ele.

– Não, não – respondeu Polly, vermelha de novo. – Não. Acabei de me mudar para cá.

– Por que alguém se mudaria *para cá*? – indagou o mais jovem, um rapaz de bochechas coradas, radiantes.

O homem alto – que devia ser o capitão – o reprimiu.

– Então seja bem-vinda a Mount Polbearne – disse. Os olhos do homem acompanharam os dela em direção ao furgão e a pilha de caixas. – Não me diga que... Você não vai se mudar para o velho apartamento da senhora Manse, vai?

– Hã, aquele ali na esquina? – perguntou Polly.

– O próprio! – exclamou o capitão, fitando o prédio.

– Aquele lugar é assombrado – comentou o jovem rapaz de bochechas rosadas.

– Quietos! – disse o capitão. – Não seja ridículo.

– Não acredito nessas coisas – rebateu Polly, séria.

– Que sorte! – afirmou o capitão. – Para você, digo. Fantasmas nunca aparecem para quem finge não acreditar neles. Prazer, eu sou o Tarnie.

– Polly – falou ela, tentando secar o rosto a todo custo.

– Bom, obrigado pelo livro – agradeceu Tarnie. Ele olhou para o furgão estacionado do outro lado da rua, a ponta do sofá visível para fora do portamalas. – Podemos oferecer algo em troca?

– Não, não. Está tudo certo – Polly apressou-se em dizer.

– Pretende carregar aquele sofá sozinha?

– Ah, tem isso... Nossa! Não tinha pensado muito... Não tinha...

– Vamos lá, rapazes!

Com bastante disposição, eles tiraram o móvel do furgão e, com muito suor e sofrimento, deram conta de carregar o sofá e a cama até a sobreloja.

Tarnie soltou um assovio baixo ao examinar o apartamento.

– Você vai morar aqui? – indagou.

Parecia pior que antes, se é que isso era possível. Estava coberto de poeira, as vigas rangiam e havia uns ladrilhos soltos aqui e ali.

– É temporário – respondeu Polly, sem se estender muito. Não queria explicar sua vida inteira.

– Não tenho dúvidas! – exclamou um dos homens, que Tarnie apresentou como Jayden, e todos riram de novo.

Polly olhou ao redor.

– Eu... Acho que... Bem, com um pouco de trabalho...

– E uma escavadora.

– Chega, Jayden – ralhou Tarnie, e o rapaz ficou em silêncio na hora.

Polly olhou em volta.

– Adoraria oferecer uma xícara de chá para vocês... – falou, e os olhos dos homens brilharam. – Mas nem sei se a água está ligada.

– E os rapazes aqui têm um punhado de cascos para lavar – afirmou Tarnie, o que causou um resmungo coletivo. – Vamos lá!

– Hã, posso usar o seu banheiro? – perguntou um deles.

– Claro – disse Polly.

– Ei! É melhor não começar com isso – aconselhou Tarnie. Diante da expressão confusa de Polly, acrescentou: – Se você deixar, daqui a pouco todos vão querer usar.

– Não ligo.

– É que não temos banheiro, entende?

Polly pestanejou e Tarnie ficou um pouco sem graça.

– Hum... Então... Nos vemos por aí – falou ele, erguendo o livro.

– Obrigada. Muito obrigada mesmo... Por devolver o livro e me ajudar e...

– Não por isso – respondeu Tarnie, com as bochechas um pouco enrubescidas. – Não suporto ver uma dama em perigo. – Um dos jovens pescadores soltou um “uuuuuh”, e o capitão se virou para eles com um olhar feroz. – Certo, cambada! PARA FORA!



Depois que eles foram embora, Polly subiu com as malas restantes. Tirou os lençóis e os usou para cobrir o sofá, então averiguou a enorme caixa de produtos de limpeza industrial que Kerensa lhe dera de presente de bota-fora.

– Experimenta trabalhar com isso por quarenta minutos! – disse a amiga, fazendo estardalhaço. – Então você vai perceber quão terrível sua vida está agora. E depois vai voltar para casa correndo!

Polly abriu um sorriso e testou uma torneira. Tudo certo, ufa. O aquecedor até fez um barulho tranquilizador quando ela ligou a água quente. De repente, se deu conta de que, depois da longa viagem de carro e da choradeira, estava morrendo de fome. Primeiro, pensaria em alguma coisa para comer, depois mandaria ver na faxina. Estender os panos e esfregar o chão seria como abrir a canga na praia. Só que pior, de muitas e muitas formas.



O céu ainda estava fechado, então Polly vestiu seu casaco mais grosso e colocou um chapéu. Estava desesperada por uma xícara de café, ainda que a ajuda dos pescadores a tivesse acalmado um pouco.

Pegou a via de paralelepípedos que subia em curvas e dava na suposta rua principal. Passou por uma pequena banca de jornal, que também vendia redinhas, baldinhos e pás, tudo empoeirado, às traças; um bar com uma rede de pesca dependurada e mesinhas do lado de fora; um açougue, uma mercearia e uma loja de ferramentas. À beira do cais, havia um furgão com uma placa que indicava que vendia peixes frescos, mas estava fechado. E havia ainda uma lojinha minimalista que parecia ter de tudo – foi até lá a fim de pegar um pouco de leite para o café e uma sopa para mais tarde. Ao lado, ficava uma padaria com bolos espalhafatosos na vitrine. Mal dava para saber do que eram. Um bolo de casamento estava coberto de pó, e Polly imaginou que devia ser de mentira.

Entusiasmada com os primeiros moradores que tinha conhecido, resolveu entrar. Afinal, se era o lugar onde ia comprar pão...

Polly era muito exigente quando se tratava de pão. Era a paixão dela. E não era só uma fase ou o passatempo da moda; era uma paixão verdadeira, que a acompanhava desde a infância e perdurava na vida adulta. A entradinha com pães era o que mais gostava nos restaurantes. Torrado ou natural, Polly adorava de tudo quanto era formato: *bagels*, queijo-quente feito com torrada, *pain d'épices*, pão trançado italiano. Amava pão de fermentação natural, ainda que a unidade, modesta, custasse 6 libras; e amava pão branco, sobretudo encharcado de molho em um sanduíche de bacon.

Começou a fazer o próprio pão na faculdade, atividade que virou hobby

definitivo quando se mudou para o apartamento com Chris. Costumava passar os sábados sovando e esticando a massa, que então deixava descansar. Até que um dia, cerca de um ano atrás, por questões de saúde, Chris decidiu que não comeria mais pão; era alérgico a glúten. Tendo em vista que ele comia pão havia trinta e quatro anos sem efeitos colaterais, a alergia parecia improvável, mas Polly acabou deixando o passatempo de lado.

Afinal, o que poderia comer agora para saciar a fome? Algum prato local... Qual seria a especialidade?, ela se perguntou.

– Olá! – exclamou, animada.

Costumava ter uma forte afinidade com padeiros. Admirava o comprometimento deles com as manhãs, logo cedo, o forte aroma do fermento quentinho, a responsabilidade de alimentar os esfomeados. Sempre lhe parecera uma profissão nobre. Certa vez, quando passaram as férias na França, ela quase enlouqueceu Chris com a vontade de visitar as *boulangeries*, ao passo que ele queria conhecer as vinícolas. Desejava entender a fundo as diferenças entre os tipos de grãos e as especialidades locais.

Atrás do balcão, Polly viu uma mulher que se parecia com os próprios produtos. Se estivesse se sentindo menos forasteira, teria achado a figura divertida. Ela se assemelhava a um pãozinho. Era completamente redonda e usava um avental todo enfarinhado. O rosto dela era roliço também, com dobras de pele transbordando da touca e bochechas massudas, pendentes. O cabelo – grisalho – estava amarrado em um coque, por cima. Era mesmo idêntica a um brioche. Polly se sentia inclinada a gostar dela.

– O que você quer? – disse a mulher, curta e grossa, parecendo entediada e lançando olhares frequentes ao relógio.

– Um minuto – respondeu Polly. – Sou nova por aqui. O que você tem?

A mulher revirou os olhos e simplesmente apontou para a parede, onde ficava o menu, escrito à mão, um garrancho com erros de grafia: pão de forma, fatia de pão de forma, empanada, queijo-quente, pão com presunto, misto-quente, torrada com queijo, presunto e abacaxi – “Hum, exótico”, pensou Polly –, bolos recheados, bolos amanteigados, bolos galeses e *scones*. Parecia que só havia um tipo de pão. E, parando para pensar, não estava sentindo cheiro de pão fresquinho no ar, só uma aura de amido passado, que podia muito bem vir da própria mulher.

– Uma torrada, por favor – pediu Polly.

O sanduíche do posto de gasolina parecia ser coisa de eras atrás. Ela olhou em volta. Não havia lugar para sentar e comer e, além de algumas latinhas

empoeiradas de Fanta, tampouco havia o que beber. A mulher resmungou como se fosse uma tarefa de outro mundo, então ladrrou:

– Queijo, misto ou misto com abacaxi?

– A terceira opção, por favor – disse Polly.

Ela se perguntou se por acaso tinha feito algo ofensivo. Mas pelo menos os sanduíches eram baratos. A mulher bufou e lhe deu as costas.

– Preciso esquentar a torradeira.

Polly espiou o utensílio, coberto de fuligem. Parecia imundo. Estava começando a se arrepender da empreitada. Os pescadores amigáveis tinham feito com que se sentisse otimista com a casa nova, mas já estava ficando desanimada de novo.

Examinou a padaria um pouco sem jeito. Uma limpeza faria bem aos armários também. A mulher deslocou todo o seu volume até um deles, pegou um sanduíche pronto, de aspecto úmido, e jogou na torradeira. Polly logo mudou de ideia quanto à urgência de sua fome.

– Sabe, acabei de me mudar para cá – arriscou dizer. Estava se esforçando para ser simpática. Uma postura positiva, era disso que precisava. – A cidade parece ótima! Eu morava em Plymouth antes.

A mulher lançou a Polly um olhar rude.

– Entendi. Então você veio para cá para fazer os preços dos imóveis dispararem e afastar os locais?

– Não! – exclamou Polly, estupefata. – Haha, não! Não é nada disso. É que... Tirei um tempo para mim. – Ao usar essa frase, quase todo mundo entendia o recado e não a questionava muito. – Depois vou começar a procurar trabalho.

A mulher cheirou e examinou a torradeira.

– Pois não vai encontrar. Não tem nada para forasteiro fazer aqui. Não somos uma dessas cidades bonitinhas, sabe? Focamos na gente.

Polly ficou surpresa com a fala, mas apenas pegou o sanduíche, pagou e se despediu. Foi só quando já estava prestes a botar o pé para fora que a mulher voltou a falar:

– Você pelo menos dá conta do aluguel?

Polly se virou, surpresa.

– Sou a senhora Manse – anunciou a mulher, resabiada. – A dona do apartamento.



Polly caminhou até a extremidade do píer com o sanduíche nas mãos, longe da casa nova e dos barcos, mais perto da ponte. Ainda ventava, mas o muro dava um bom abrigo. Não havia quase ninguém por perto. À direita, avistou um barco pesqueiro que partia ruidosamente, com uma fumaça densa e preta saindo da chaminezinha e uma jardineira amarela visível na proa. Ela deu uma mordida no sanduíche. Estava duro, horrível. O pão era tenebroso, o queijo parecia plástico e o abacaxi com certeza era enlatado. Mas, de certa forma, até que era reconfortante também.

A Sra. Manse não disse mais nada depois, porém nem precisava, refletiu Polly, com pesar. A advertência já tinha sido o bastante.

Encarou o mar e ajeitou o casaco nos ombros para se manter quente. Precisava de um plano. Certo, pensamento positivo. Seria complicado aceitar um emprego que exigisse que chegasse ao continente todo dia no mesmo horário, por conta das marés. Sim, todo mundo tinha avisado, e Polly escolheu ignorar a todos. Mas com certeza daria um jeito.

Em retrospecto, ela se deu conta de que se imaginava trabalhando na região. Era boa em contabilidade, tinha experiência em marketing, então talvez um advogado local a contratasse, pelo menos até Polly se ajeitar e colocar a vida nos trilhos. Mas agora que tinha visto a cidade, a possibilidade parecia menos provável. Parecia bem improvável, na verdade.

Bem, ela precisava ser realista. Talvez tivesse se deixado levar pela ideia romântica de morar em uma ilha de maré. Mas tudo bem, o contrato do aluguel era de curto prazo. Polly logo arranjaría um trabalho na cidade e se mudaria de volta. Sem dúvidas. Até lá, aproveitaria a paz e o silêncio para se recuperar do tombo. Esse era o plano, não era? Desacelerar, relaxar. Respirar fundo, sentir a brisa do mar. Entrar em pânico não ajudaria em nada.

Polly terminou o almoço e ofereceu os restos às gaivotas, que bombardearam o pão oleoso.

Bom. Iria encarar um dia de cada vez. Já tinha tentado planejar a vida com anos de antecedência, e olha no que deu. Todos os planos de negócio e as metas de vida tinham caído por terra. Não dá para saber o que nos espera atrás de cada porta. Mas ela sabia muito bem o que a esperava atrás da porta da casa nova: uma bagunça terrível que precisava de faxina, urgente.



Polly não conseguiu conter o sorriso quando viu que Kerensa tinha encaixotado luvas ridículas para ela, com pelo sintético no pulso, além de uma garrafa, lá no fundo, de gim-tônica pronto, com o recadinho “Beba-me”. Polly mergulhou de cabeça na faxina, a começar pelos horríveis utensílios da cozinha. Limpou todos com minúcia, praguejando. A mulher não podia ao menos ter laminado tudo?

Os azulejos brancos do banheiro estavam tão encardidos que teve que enfrentá-los com os mais potentes removedores de manchas. Ficou até com a consciência pesada. Pelo menos tinha uma banheira. Um dos apartamentos que pesquisou tinha uma cama dentro do box. Na vida após a falência, qualquer coisinha era uma bênção.

O banheiro era apertadinho, com o varal de roupas no teto. E, depois de três rodadas de esfregação, o piso de linóleo encardido revelou um padrão perfeitamente apresentável, em preto e branco, e o vidro fosco da janela basculante deixou entrar um vestígio da luz vespertina. O quarto era pequeno, mas calmo e tranquilo. Passou um pano na janela mais uma vez, tirou a tela de proteção e rogou contra a proprietária ao perceber que não tinha uma máquina de lavar roupa, como já era de se esperar.

Não que seus pais fossem ricos... Na verdade, não poderia voltar para a casa da mãe nem se quisesse, porque ela vivia com um orçamento apertado em um apartamento de um quarto só, em um conjunto habitacional de Rochester. A questão é que Polly nunca tinha morado em uma casa sem máquina de lavar, nem na época da faculdade.

Não vou chorar, disse a si mesma, enquanto se perguntava se o Sr. Bassi e o Sr. Gardner já teriam se entendido com a máquina de lavar inteligente da Bosch. Vou empilhar a roupa suja e ir atrás de uma lavanderia, como muitas pessoas fazem o tempo todo. Todo dia. Vou fingir que sou uma das personagens da novela *EastEnders*. Vai ser ótimo. EXCELENTE.

Prosseguiu pela sala. Já se sentia mais aquecida devido ao esforço, o que era bom, e quando se debruçou para fora do prédio em um ângulo de inclinação muito perigoso a fim de limpar as janelas da frente, cobertas de sal, avistou as nuvens vagarosas ao fundo, com a chuva caindo numa extensão longínqua do oceano, sobre um pedacinho particular. Ficou observando a nova vista e se perguntou: Será que é um mar agitado? Ou será calminho?

Botou a chaleira no fogo e pôs a água fervente em sua xícara preferida de Palavras Cruzadas. Tinha custado sete libras. De repente, parecia uma quantia exorbitante para gastar com uma xícara. Como não tinha reparado nisso antes? A vida dela tinha mudado tanto assim? Não passaria fome, porque toda semana

recebia dos administradores judiciais uma quantia modesta – e bota modesta nisso, não era muito maior que os programas de assistência do governo. E quem sabe ainda receberia um dinheirinho pela venda do apartamento, depois de pagar todo mundo. Talvez. Provavelmente não valia a pena contar com isso. Nos últimos meses, Chris não tinha sequer permitido que ela visse as finanças. Foi um choque perceber quão ruim as coisas estavam. Polly deveria ter insistido. Ah, deveria ter feito tantas coisas!

Arrastou uma poltrona antiquada que tinha no quarto, de estofado azul-turquesa. Estava velha e capenga, mas não era tão feia quanto os poucos móveis da casa. Ajeitou-a entre as janelas da frente, que estavam abertas para deixar o apartamento secar. Então, sentou e colocou as pernas para cima, apoiadas no beiral. Daquele ângulo, não conseguia ver nada além de mar e céu. Sentiu que estava praticamente voando. Bebericou o café, respirando a brisa do mar e observando as ondas, tentando casar a respiração com o vaivém delas, inspira e expira. Em pouco tempo, estava em um sono profundo, a noite mais calma que teve em meses.



Capítulo seis

Polly descobriu que era bem mais fácil simular uma atitude positiva às cinco da tarde do que logo cedo pela manhã. Ela acordou e tentou relaxar um pouco para pegar de volta no sono e assim refrear a enxurrada de pensamentos, mas não conseguiu.

Fazia frio dentro do apartamento. Além do fogão a lenha, que não tinha ideia de como usar, havia um forno preto que parecia muito perigoso. Ligou o forno e, sem pensar muito, resolveu dar uma olhada no medidor de gás, cujo ponteiro girava na velocidade da luz. Então, colocou um moletom por cima do pijama, arrependida por não ter trazido um robe – onde estava com a cabeça? –, e se enfiou debaixo do edredom fininho, perfeito para um apartamento pequeno e moderno, com um sistema de aquecimento central, mas inadequado para aquele momento, quando o vento soprava pelos buracos remanescentes do telhado e ela ouvia as ondas retumbando sobre os seixos ali embaixo. Lembrou do edredom branco e fofinho que costumavam deixar para as visitas e, indo além, lembrou das noites em que ela e Chris dormiam separados por conta da inquietação dele na cama, e Polly ficava com o edredom.

Os barulhos estranhos davam nos nervos. A certa altura, pegou no sono e sonhou que estava caindo em um buraco cercado de água. A água subia e ela era puxada para baixo. De repente, escutou um baque e um grito.

Completamente desorientada, sentou-se na cama com o coração saltando do peito. Onde estava? O que era aquilo? Por onde andava Chris? Meu DEUS, havia um invasor ali. Com certeza a cidade toda já estava sabendo da mulher solitária que tinha se mudado para lá, para uma casa que não era nem um pouco segura. Será que era uma corja de bandidos? Uma cidadezinha macabra onde

sacrificavam pessoas? Será que...

Aos poucos, recobrou a razão e checkou o celular. Soltou um palavrão quando viu a hora: 2h30, o ápice da madrugada. O apartamento estava um gelo e um breu: havia poucos postes de luz na rua do cais, distantes entre si, e, para além deles, era tudo uma escuridão completa. De repente, uma luz ofuscante inundou o quarto pela fresta sob a porta, e ela quase soltou um berro. Então percebeu que era apenas o feixe do farol atravessando as janelas da frente do apartamento. Tremendo de frio, se enrolou no edredom. Ainda não tinha uma luminária de cabeceira. Teria que atravessar o quarto no escuro, tateando o caminho. Ou esperar o feixe de luz do farol passar de novo. Esforçou-se para escutar melhor, mas não ouviu nada. Devia ter sido um sonho ruim. Um pesadelo, nada de mais, algo a ver com o farol...

Desta vez, quando ouviu o berro, ele parecia soar ainda mais próximo.

“AI, MEU DEUS! AI, MEU DEUS! AI, MEU DEUS!”, Polly disse a si mesma, lutando contra a vontade de enfiar a cabeça debaixo do edredom. O coração dela parecia querer saltar do peito. Achou que uma gangue de locais sedentos por sangue, erguendo forquilhas, dificilmente gritaria para ela, mas a conclusão não ajudou muito. O que o pescador tinha dito sobre fantasmas mesmo?

– O... Olá... – chamou ela, timidamente, em meio à escuridão.

O novo barulho parecia um choro de lamentação.

Ai, Deus. Talvez tivesse acontecido um acidente lá fora. Talvez alguém – uma criança? – tivesse sido lançado para fora de um carro. Polly agarrou o celular, esperou por uma nova varredura da luz do farol e atravessou o quarto correndo para ligar o interruptor. Com a luz acesa, se sentiu um pouco mais calma, mas só até o próximo ganido chegar a seus ouvidos.

– Tá bom, tá bom, já vou! – exclamou, vestindo mais um casaco.

Por que não trouxe uma lanterna? Quanto mais pensava, mais certeza tinha de que o barulho vinha do andar de baixo. Da loja escura e empoeirada do andar de baixo. Perguntou-se onde ficava a passagem para a loja e então se lembrou de uma porta que dava para a escadaria. Mas devia estar trancada... Talvez devesse ligar logo para a polícia de uma vez por todas. Sim, ela faria isso.

O brado era tão solitário e desolador que Polly se preparou psicologicamente para descer as escadas e dar uma olhada na loja. Lance tinha lhe dado um molho cheio de chaves – quando ela perguntou por que precisava de tantas, ele deu de ombros e disse que não sabia, que era só um estagiário – e Polly testou uma por uma.

A segunda chave funcionou. Ela empurrou a velha porta empenada com

força, que abriu com tudo. Deixou a porta balançar na sala adiante, segurando a respiração. Percebeu que estava tremendo.

– Olá?

Nenhuma resposta, mas havia uma movimentação.

– Alguém aí?

Virou-se para a direita. Era possível ver uma luz de fora pela vidraça da porta de entrada, que estava quebrada. Conforme sua visão se ajustava à noite, ocorreu-lhe que talvez fosse um gato ou um cachorro – ou um troll ou um zumbi, acrescentou seu subconsciente. Ela o mandou ficar quieto.

– Tem alguém aí?

Torceu para não ser nada que pudesse mordê-la. Por outro lado, não podia esperar pela polícia. Provavelmente não havia delegacias por perto, e podia ser um animal agonizante. Polly respirou fundo e entrou na loja.

Sentiu o cheiro embolorado, empoeirado e pesado do espaço negligenciado, e discerniu algumas figuras grandes, que julgou serem balcões, além de uns fogões enormes em um canto. Estava ouvindo um som curioso de fungadas e já não havia mais berros.

– Está tudo bem – disse, espiando por entre as figuras, morrendo de medo do que poderia encontrar. – Sou só eu.

Essa era a coisa mais inútil a se dizer, dadas as circunstâncias. Se fosse uma aranha mutante gigante, junto com um monte de aranhas bebês, por exemplo, Polly pisaria em todas, então de nada adiantava dizer “Sou só eu”.

Por fim, perto da parede da frente, logo atrás de uma cristaleira, sentiu as fungadas mais perto. Segurando a respiração, ela se agachou.

– Nossa! – gritou. – Caramba!

Lá no fundo, no canto, havia um passarinho de plumagem branca e preta, com um bico amarelo e laranja enorme. Um papagaio-do-mar. Quando Polly se ajoelhou para chegar mais perto, o bichinho soltou um grasnido desesperado. Era um barulho e tanto para uma criatura tão minúscula.

– O que aconteceu com você? – Dava para ver que o pássaro estava tremendo. Ela tentou esticar os braços da maneira menos ameaçadora possível. – Pronto, pronto.

Com a luz da rua, viu que a asa dele estava toda contorcida. Parecia quebrada. Ela se perguntou o que teria acontecido e concluiu que ele devia ter batido na janela sem querer, no escuro, em pleno voo, quebrando o vidro frágil. Era bem capaz que tivesse batido a cabeça também, pobrezinho.

– Vem cá, vem!

O pássaro tentou bater as asas e sair voando, mas logo grasnou de dor e parou. Polly continuou fazendo sons tranquilizantes e pegou a criaturinha no colo com delicadeza. Por um instante, ficou com receio de causar um ataque cardíaco no pássaro; dava para sentir o coração dele batendo muito rápido.

– Tá tudo bem – repetiu. – Sabe, eu estava muito mais assustada do que você.
– Observou a criaturinha. – Certo... Talvez menos, mas estava quase tão assustada quanto você.

Olhou para a janela. O conserto precisaria esperar. Polly tamparia com uma cartolina no dia seguinte, ou então conversaria com os corretores. De repente, se sentiu aliviada por não ter chamado a polícia. Explicar que a confusão não passava de um pássaro acidentado talvez não caísse bem.

– Bom, não sei nada sobre papagaios-do-mar, na verdade. Eu nem sabia que você podia voar. Mas acho melhor ir lá para cima comigo.



Em comparação com a sinistra loja deserta, o andar de cima, com as luzes acesas e o sofá e a cama familiares, já era quase como um lar. Ela colocou a chaleira no fogo por força do hábito, sem sono nenhum, e prendeu um lençol sobre a janela da frente a fim de bloquear a luz do farol. Em seguida, embrulhou o papagaio-do-mar em uma toalha – as penas eram densas e macias, devia ser um bebê – e pesquisou no celular: “Como consertar a asa quebrada de um pássaro”. O Google sugeria gaze, mas como ela só tinha a fita adesiva da mudança, teria que ser isso mesmo. O pássaro desistiu de tentar se desvencilhar e, em vez disso, passou a encará-la com os olhos pretos e profundos.

Com a fita, Polly colou a asa junto ao corpo dele e então recortou buracos em uma de suas caixas de papelão para a passagem do ar.

– Caminha – disse. – Uma caminha para você.

O site sugeria ração para gatos, que ela também não tinha, mas havia uma lata de atum emergencial na caixa de suprimentos. Colocou um pratinho com um pouco de atum e um pires com água na frente do pássaro, que tentou se balançar para inspecioná-los e acabou tombando.

Polly o levantou com cuidado. Ele examinou os pratinhos e a olhou de relance, com medo, ao que ela respondeu:

– Pode comer, está tudo bem.

Então ele resolveu bicar o peixe. Polly percebeu que estava sorrindo enquanto

via o pássaro comer, em parte por conta do alívio, pensando em todas as coisas horríveis que podiam ter dado origem aos ruídos aquela noite, mas que não aconteceram.

– Certo – falou, quando o pássaro parecia ter se cansado da comida. – Acho que seremos colegas de quarto esta noite.

Ela o levaria ao veterinário no dia seguinte. Deve ter um lugar especializado nesse tipo de bicho. Mas, por ora, tentaria mantê-lo na caixa. Ajeitou a toalha embaixo dele e disse:

– Você vai dormir com um paninho, tá vendo? E nada de ficar pulando no meu sofá!

Polly colocou a tampa na caixa. Esperava que ele fosse resmungar, mas isso não aconteceu; talvez o espaço fosse um pouco como um ninho. Em vez disso, o bicho bateu um pouco a asa boa, até que ficou quieto.

Ela voltou para a cama, com o edredom dobrado ao meio e as demais toalhas empilhadas em cima. Para sua surpresa, caiu no sono imediatamente, e não moveu um músculo até as gaivotas começarem a grasnar com o retorno dos barcos pesqueiros, em uma manhã ensolarada de abril.



Capítulo sete

– A parte boa – disse Polly na manhã seguinte, enquanto o pássaro bicava os restos de atum – é que não vou ficar muito apegada a você. Nem vou começar a pensar em nomes e coisas do tipo.

O papagaio-do-mar tentou se mover, mas caiu de novo. Ela o ajudou a se levantar.

– Não importa quão divertido você ache que seja.

O papagaio-do-mar grasnou um pouco.

– Eu sei. Quando você estiver melhor, vou libertá-lo e você vai poder voar e encontrar sua mãe e o seu pai, tá bom? Dou a minha palavra. – Ela suspirou. – Preciso lhe dizer uma coisa, papagaio. Conversar com um pássaro é bem melhor do que conversar com um sofá.

Enquanto sorvia o café, ela observava os homens que descarregavam os peixes no cais. Um bando de gente circulava em torno das caixas, examinando e cutucando a carga. Um homem tinha ajeitado uma bancada e estava limpando e vendendo os peixes que vinham direto dos barcos. Polly o observava, fascinada. Ele era tão rápido que era quase impossível acompanhar seus dedos; cortava e limpava o peixe como um relâmpago. Havia uma série de furgões estacionados na rua, adesivados com os nomes dos restaurantes de frutos do mar mais famosos na Cornualha. Então era assim que funcionava. Polly provavelmente devia ir até lá e comprar um pouco; era bastante improvável que encontrasse peixes tão frescos quanto aqueles. Talvez o pequeno papagaio-do-mar também quisesse um pouco...

Os homens que saíam dos barcos pareciam cansados. As noites para eles deviam ser longas. Ela nunca tinha parado para pensar na vida de um pescador.

Também estava cansada. Começou a desempacotar as caixas de comida que havia trazido. Tinha esvaziado os armários da despensa do apartamento em Plymouth. Em sua outra vida, não faria questão de trazer consigo um pote de sal quase vazio e dois tabletes de fermento.



O forno estava todo preto, coberto de sujeira – Polly suspirou e designou a si mesma mais duas horas de trabalho pesado –, e era um modelo antigo, que só funcionava com palitos longos de fósforos e uma mão firme. Demorava para acender. Ainda por cima, o gás apitava com força, deixando o papagaio-do-mar assustado. Ele estava aprendendo a andar, apesar da asa machucada, tamborilando o assoalho com as garras. Polly olhou o relógio.

– Quer saber? Vou assar um pão. Depois, vou levar você no veterinário.

O papagaio-do-mar virou a cabeça de lado e olhou para ela.

– Desculpa. Não quis dizer “veterinário”.

Polly ajeitou a chaleira para esquentar a água do fermento, então arrastou a mesa que ficava do lado da lareira até a cozinha americana, para ter ao menos a ilusão de uma bancada de trabalho. Polvilhou um pouco de farinha na superfície limpinha. O papagaio-do-mar ficou agitado e tentou, em vão, pular para ver o que ela estava fazendo.

– Sem chance! Você está imundo e não quero suas pegadas na farinha.

O bicho chiou um pouco, então ela ficou com pena e o ergueu, aí encheu a pia com água e sabão o bastante para cobrir as patinhas dele. O papagaio adorou o banho. Ficou chutando as bolhas e fazendo barulhinhos alegres. Polly ligou o rádio, e ele pareceu gostar disso também.

– Isso, fica aí brincando – disse ela, com a massa de pão nas mãos.

Estava grudenta, bom sinal – quanto mais grudenta a massa, mais leve o pão ficaria. Mas estava grudenta demais para a sova, então polvilhou um pouco de farinha na mesa. Em seguida, começou a sovar. Empurrava e socava a massa, repuxava e dobrava de volta.

Conforme fazia isso, percebeu que algo estranho estava acontecendo. Primeiro, uma música que ela adorava começou a tocar no rádio: “Get Lucky”. Caiu como uma luva. Polly estava mesmo precisando de sorte, então colocou o volume no máximo. A letra era meio brega, mas não se importava nem um pouco; sentia-se bem toda vez que a ouvia. Depois, através das janelas recém-

lavadas, pôde ver o sol da primavera refletido nas ondas. Um singelo veleiro destemido, com a vela branca oscilando, estava deixando o cais. Dava para ouvir o papagaio-do-mar à esquerda brincando com a água, todo contente.

De repente, Polly sentiu algo. Conforme tacava, empurrava e sovava a massa, era como se a energia ruim estivesse deixando seu corpo. Nem tinha percebido quão encurvados estavam seus ombros, quanta tensão tinha presa nos nós na nuca. Seus ombros já deviam estar na altura das orelhas.

Ela se deu conta de que havia meses que ninguém colocava a mão em sua nuca para dizer: “Relaxa, você anda tão estressada.” Tinha passado tanto tempo cuidando de Chris, tentando manter as aparências diante de todos, formando uma barreira contra a compaixão de Kerensa e dos outros amigos, que todas as preocupações tinham se alojado dentro dela.

Alongou os braços com vontade enquanto acompanhava o veleiro branco que balançava no mar e, pela primeira vez, se perguntou há quanto tempo não focava em outra coisa que não a tela de um computador.

Desatar os nós dos músculos parecia estar desencadeando uma libertação geral. Sentiu uma lágrima pingar na ponta do nariz; uma gota salgada caiu bem no meio da massa.

Mas não eram as lágrimas frustradas do dia anterior, no cais. Não era aquele choro enraivecido, contra o mundo e suas injustiças terríveis. Eram lágrimas catárticas. Irrefreáveis, mas longe de serem desconcertantes. Ela se permitiu chorar. Também, nem se quisesse teria como enxugar as lágrimas, com as mãos cheias de massa. Pela primeira vez, tentou viver o momento – em vez de se arrepender de como tudo tinha terminado, ou entrar em pânico com o futuro, ou pensar no que poderia ter feito diferente, ou dito a Chris, ou calculado ou planejado. Polly ficou escutando o rádio, que agora tocava outra música pop que ela adorava, e o aguaceiro do pássaro, e sentiu a massa tomar forma sob seus dedos, enquanto o sol iluminava o mar já deserto.



Não estava tão quente lá fora quanto sugeria a luz do sol: uma forte ventania marítima soprava pela cidadezinha. Polly deixou a massa descansar em um cantinho ensolarado, limpou-se e saiu de casa com o papagaio-do-mar, que estava um pouco amuado debaixo do braço dela, a caminho do veterinário. Por sorte, a moça da venda onde tinha comprado o leite e a sopa era muito mais

educada que a mulher da padaria, e indicou um pequeno centro veterinário que, aparentemente, compartilhava as instalações com um consultório médico. Polly teve um pânico momentâneo quando chegou lá, pensando em quanto custaria; tinha ouvido falar que veterinários eram careiros. Mas não tinha opção.

O veterinário era um pouco carrancudo e estava ocupado. Mas ele parou o que estava fazendo no computador e levantou o rosto quando ela chegou com a caixa.

– É... Oi – disse Polly. – Ele se acidentou.

O veterinário, que atendia por Patrick e secretamente detestava gatos, levantou o rosto e colocou os óculos quando ela disse isso. Então olhou para a mulher que tinha trazido a caixa. Parecia cansada, mas era bonita. Tinha um cabelo ruivo dourado e sedoso, na altura dos ombros. Os olhos dela eram surpreendentemente verdes; e os lábios, na ocasião, estavam rachados de nervoso, mas parecia haver um sorriso bonito por trás.

– Você está aqui de passagem? – indagou ele.

– Não. Sim. Não – respondeu ela.

– Quer dizer que não tem certeza?

– Não. Sim. Digo... – Polly estava agitada. Estava enlouquecendo, disse a si mesma. Não tivera muito contato humano nos últimos dias. – Quero dizer, estou alugando um apartamento na região. Temporariamente.

Patrick franziu o cenho.

– Por que você faria isso?

Polly se sentiu ofendida. Ela com certeza não iria dizer: “É tudo que posso bancar, muito obrigada.”

– O que há de errado com a cidade? – perguntou.

– Nada não. – Patrick suspirou. – É que a maioria das pessoas que vem ao litoral prefere as praias de Rock ou St. Ives.

– Bom, eu não sou a maioria.

– Sim, estou vendo – disse Patrick, espiando a caixa. – É uma ave oceânica, sabia?

– Não me diga! É mesmo? Pensei que fosse um tatu.

Patrick sorriu, apesar dos pesares.

– É só que... Ave oceânica é o que não falta por aqui.

– Bom, não faltam gatos também, mas aposto que você não deixa de tratá-los por isso – rebateu Polly, magoadá.

– Verdade – respondeu ele, amargo, e tirou o pássaro da caixa. – Vem cá, garoto.

A rispidez dele foi compensada pelo carinho com o pássaro. O bicho se debateu um pouco, mas acabou deixando o veterinário pegá-lo. Patrick deu uma olhada no curativo.

- Seu trabalho não foi de todo mau – comentou ele, erguendo o rosto.
- Obrigada. Ainda bem que fiz aquele curso noturno de resgate de aves.

Patrick olhou para ela e perguntou:

- Sabe quantos papagaios-do-mar vivem no santuário ao norte?
- Não faço ideia. Faltei nessa aula.
- Cerca de um milhão e quatrocentos mil.
- Acontece que me afeiçoei a esse – insistiu Polly.

Patrick ficou sério de novo.

– Você sabe que não vai poder ficar com ele, não sabe? – Examinou debaixo das penas. – É. É *ele*.

Polly sorriu.

– Disso eu sabia – afirmou, fazendo carinho na cabecinha do pássaro. – Mas por que não posso adotá-lo? É uma espécie protegida ou algo do tipo?

– Não, só não faria bem a ele. O papagaio-do-mar precisa voar, se reproduzir e crescer. É um ninhego ainda.

– O quê?

– Um ninhego. Um filhote.

– Ah! Essa é uma das palavras mais fofas que já ouvi na vida.

– Fofa ou não, ele precisa voltar para o bando. Deve estar sentindo falta dos outros fradinhos.

– De quem?

– Fradinhos. É assim que muita gente se refere a eles, por conta da plumagem, que lembra as vestes de um frade.

– Um ninhego de fradinhos – repetiu Polly. – Que coisa mais linda! Parece nome de álbum de banda esquisita independente, do gênero que meu ex costumava comprar.

Ela abriu um sorrisinho irônico. “Arrá”, pensou Patrick. Um ex. Isso explicava muita coisa.

– Eles também são conhecidos como palhaços do oceano, por conta da plumagem. Mas não gosto tanto desse nome.

O pequeno frade abriu o bico laranja e piou. Patrick abriu uma gaveta, pegou um pouco de ração para peixe e colocou no chão para o papagaio bicar.

Polly suspirou.

– Então preciso me desapegar dele – disse, com pesar.

– Não precisa ter pressa. Ele ainda tem que se recuperar. Por enquanto não consegue voar. Acha que pode cuidar do papagaio até ele melhorar?

– Sim! – respondeu Polly, muito animada. – Sim, acho que sim. Quanto tempo vai levar?

– Duas ou três semanas – informou Patrick. – Ele parece bem contente. Pássaros tendem a morrer de susto, mais do que por qualquer outro motivo.

– Acho que esse aí é bem tranquilo – observou Polly.

– Certo. Só não se apegue demais, hein! Quando ele estiver pronto para sair voando, você vai precisar deixá-lo.

– Essa é a história da minha vida. Vou dar o meu melhor.

– Não dê um nome a ele.

– Tá bom. – Polly se levantou para ir embora. – Quanto eu te devo?

Patrick respondeu com um aceno.

– Eu não fiz nada. Você que é a enfermeira. Não se preocupe.

– Sério? Muito obrigada mesmo.

Patrick ficou surpreso com a veemência da gratidão da mulher. As roupas dela não eram supercaras, mas também não eram baratinhas.

– Mas que isso não se torne um hábito. Se aparecer aqui de novo com uma gaivota, vai se ver comigo.

– Pode deixar – disse Polly, ainda contente. – Melhor não arranjar uma coleira para ele, então.

– Nem pensar! – exclamou Patrick, com um sorriso de canto de boca, enquanto a conduzia até a saída do consultório.

Havia dois gatos na sala de espera chiando um para o outro, feito cobras prontas para dar o bote.

– O papagaio provavelmente vai começar a voar por livre e espontânea vontade, mas se ele ainda estiver pelas bandas daqui a três semanas, traga-o aqui de novo – acrescentou.

– Combinado.

Polly enfim sorriu de verdade, e Patrick viu que tinha razão. Ela tinha mesmo um sorriso adorável. Ele se perguntou o que o teria feito se esvair.



Polly ainda estava se sentindo mais animada que de costume, caminhando pela rua principal com o pássaro dentro da caixa. Pegou o caminho até o cais de novo

e passou pelas embarcações. O barco de Tarnie, o *Trochilus*, estava ancorado. Ela o observava quando topou com o próprio dono.

– Ora, ora! – disse Tarnie.

Naquele exato momento, Polly tropeçou em um paralelepípedo e quase caiu nos braços dele. A barba chegou a roçar em seu cocuruto.

– Você parece mais animada – observou o capitão.

Polly estremeceu ao se lembrar do último encontro.

– Não precisava de muito para parecer mais animada – admitiu ela.

– O livro que você me emprestou é um tanto esquisito – comentou ele, com seu sotaque peculiar.

Polly gostava do sotaque.

– Ah, você começou a ler!

– Não tenho muito o que fazer em alto-mar. Até que, de repente, tenho MUITO o que fazer.

– O que está achando?

– Acho que quem quer que tenha escrito o livro estava se envolvendo com coisas que não devia.

Polly sorriu.

– Interessante. Acho que ele só era esquisitinho mesmo.

– Esquisitinho é pouco. E quem é este, posso saber?

Polly olhou dentro da caixa. O pássaro a encarava com expectativa, como se esperasse para ser apresentado.

– Claro. É que estou... Err... Cuidando de um papagaio-do-mar.

Tarnie franziu o cenho.

– Isso por acaso é algum desafio que alguém lançou por você ser nova na cidade? Não hesite em me contar se alguém tratá-la mal.

– Não, não é isso – respondeu Polly, e lhe contou a história toda.

– Bom, nunca tinha ouvido falar de alguém com uma ave oceânica de estimação. Só sei que são muito saborosos, os papagaios-do-mar.

– Não! Não fala uma coisa dessas! Vou precisar cobrir os ouvidos dele e não sei bem onde ficam.

– Acho que esse veio da Islândia – disse Tarnie. – Não entende inglês.

– Ah, tá! Mas, enfim, não coma papagaios-do-mar!

– Você come patos, não come?

– Decreto o fim desta conversa.

Tarnie coçou o queixo do pássaro.

– Olha só! Todo dengoso! Você já deu um nome a ele?

- Não – respondeu Polly. – O veterinário falou para eu não fazer isso.
- Você não pode ficar chamando o bicho de “pássaro” ou “papagaio-do-mar”.

Que tal Pete?

– O papagaio Pete? Não sei, não. Pete me faz pensar em alguém que não tira os olhos do jornal. Que tal Bolinha?

– BOLINHA? Não acredito que você faria uma coisa dessas com ele! Todos os outros pássaros vão caçar dele.

– Ou achar legal – defendeu Polly. – Ter um nome de verdade, em vez de virar o Papagaio-do-mar número nove milhões e setenta e dois.

– Que tal Feijão? – sugeriu Tarnie. – Feijão Fradinho, entendeu?

– Entendi, mas achei ofensivo.

Tarnie sorriu, tirou uma pedrinha do bolso, virou-se rapidamente e lançou-a no mar.

– Não acho que ele deva ter um nome fofo – refletiu Polly. – Já deve ser estranho o bastante ser um papagaio-do-mar com nome. Quero pensar em algo que o faça se sentir seguro. – O pássaro balançou dentro da caixa. – Tipo Neil.

– Neil?

– É. Um nome forte, honesto. O frade Neil.

Neil balançou a asa boa.

– Viu? Acho que ele gostou.

– Você é mais maluca que a garota do livro – comentou Tarnie.

– Isso é inveja do Neil.

– Se é o que você diz... Leve-o até o cais, quando puder. Vou dar um pouco de arenque para ele.

– Combinado!



De volta ao apartamento, a massa tinha crescido e dobrado de tamanho. Polly sovou mais um pouco e se sentou por quarenta minutos – chegou a dar uma cochilada –, então acordou e ligou o forno tenebroso, que fez uma barulheira danada. Pôs a massa grudenta em uma panela velha e queimada que encontrou numa gaveta debaixo do forno. Tinha uma pátina suspeita, de décadas de uso, mas ela não tinha outra opção. Com sorte, não seria tóxica. Untou a panela com azeite, para o pão não grudar, e cruzou os dedos. Então, respirou fundo e voltou a se dedicar à limpeza do banheiro. A primeira faxina não dera conta de tudo; ela

finalmente tinha descoberto o padrão do linóleo, mas havia ignorado a extremidade do cômodo longo e estreito, oculta pelos tapetes.

Será que existia algo pior que tapetes no banheiro? Tapetes em um banheiro com azulejos soltos que deixavam a água da chuva entrar de tempos em tempos; banheiros que serviam de casa para locatários de passagem, solteirões, moradores de quitinetes, sem muito interesse na casa. Olhou por baixo dos azulejos baratos. As tábuas originais do assoalho ainda estavam lá. O tamanho do banheiro não era de todo mau, e ainda tinha uma janela basculante que dava para a cidade. Polly imaginou um revestimento azul-claro, uma banheira vitoriana em uma plataforma elevada, para relaxar e observar os barcos em pleno banho, talvez algumas prateleiras... Então despertou dos devaneios bobos para se concentrar no trabalho em questão, que envolvia: a) limpar a casa a ponto de não correr risco de pegar alguma doença repugnante; b) recompor-se e encontrar um trabalho digno; c) superar... ou melhor, lidar com as coisas. Botar a vida nos trilhos. Parar de constranger os amigos com choradeiras toda vez que tomava duas taças de vinho. Encontrar paz interior.

HAHAHA. Polly suspendeu um tapete vagabundo, desses de escritório, com manchas marrons misteriosas, forrado com um jornal úmido de 1994, e soltou um suspiro.

Pelo menos vinha um cheiro bom da cozinha, que se sobrepunha aos odores menos agradáveis que estava desvendando. Ela não tirou as luvas de borracha por um segundo sequer. Esvaziou balde atrás de balde de água suja sobre o ralo, até o banheiro ficar, se não brilhante, pelo menos distante dos documentários perturbadores da BBC sobre conjuntos habitacionais precários, prestes a serem demolidos.

Por fim, levantou-se e se alongou. Finalmente conseguiu ver o próprio reflexo no espelho – estava corada. Abriu a torneira para Neil e, ao checar as asas dele, concluiu que era um papagaio-do-mar bem limpinho, sem muitos parasitas como pulgas e tal. Tentou sorrir para si mesma. Fazia tempo que não sorria de verdade. Dois sulcos permanentes pareciam ter se instalado entre suas sobrancelhas sem ela perceber, como se estivesse sempre preocupada. Talvez estivesse mesmo. Sorriu de novo – ok, parecia meio doida agora – e depois se dirigiu à sala de sua casinha esquisita.

Dentro do forno, o pão – um pão de cottage, com o topo reduzido – estava lindo. Tinha crescido bem e estava douradinho. O cheiro era divino. Tirou o pão do forno com a única luva improvisada que tinha em mãos, um pano de prato velho e pegajoso – já tinha passado da hora de começar a pilha da lavanderia.

Virou o pão de ponta-cabeça e deu um tapinha de leve na base. Parecia crocante e fresquinho.

Polly se sentiu mais animada de repente, por ver que tinha feito duas coisas naquela manhã. Três, se contasse o curativo de Neil. E tinha dado tudo certo: o banheiro estava limpo, e o pão, pronto. Talvez não parecesse nada de mais para outras pessoas, mas era um grande passo para ela.

Quando o pão esfriou o suficiente, cortou fatias grossas e passou um pouco de manteiga e uma geleia que tinha trazido de Plymouth. Colocou Neil de volta na caixa e, embora ele parecesse não se importar nem um pouco, pensou se não seria legal deixá-lo ficar no seu ombro, como um papagaio de pirata. Mas logo descartou a ideia por ser: a) ridícula, b) complicada, c) ruim para Neil e d) confusa, considerando que Polly era o nome de uma pirata de uma coleção famosa de livros infantis. Então saiu para dar uma volta no cais.

Os pescadores remendavam redes sob a luz amena da tarde e a cercaram com saudações animadas, o que a agradou bastante.

– O que é isso?

– Ah, fiz um pão.

– Você mesma fez? – indagou Jayden.

– Não, encontrei no apartamento – retrucou Polly. – Claro que fui eu que fiz. Quer um pedaço?

Tarnie sorriu para ela.

– Aceita um chá?

Em questão de minutos, havia xícaras de água quente diante dela, azuis e brancas, lascadas, e uma jarra com um chá absurdamente forte. O capitão serviu leite e dois cubos de açúcar para Polly sem consultá-la. Todos atacaram o pão e a geleia, e Tarnie cumpriu a promessa de arranjar um pouco de areneque para Neil, então todos estavam contentes.

– Está incrível – elogiou um dos rapazes.

Alguém de boca cheia concordou.

– Nunca tinha comido pão caseiro antes – comentou Kendall, o garoto mais novo, de bochechas rosadas, que mal tinha barba.

– É mesmo? – indagou Polly. – Gostou?

Ele deu de ombros.

– Eu gosto de tudo, na verdade.

– Não dê ouvidos a ele – disse Tarnie. – Está maravilhoso. Muito bom. Sabe o que iria bem junto?

– Você podia pegar um pouco de mel com aquele doidinho lá e colocar no

pão – sugeriu Jayden.

– Era exatamente o que eu estava pensando – concordou Tarnie.

– O mel de quem?

– Da única pessoa que se mudou para a região nos últimos anos – explicou Tarnie. – Enquanto todo mundo daqui está tentando sair desse inferno. Desculpe o linguajar.

– Não tem problema.

Ela estava muito satisfeita com o resultado do pão. Tinha ficado muito melhor do que a tentativa anterior, em Plymouth. Com um sabor mais denso, mais rico. Perguntou-se, ansiosa, se teria algo a ver com o velho forno queimado e as velhas panelas queimadas. Hum. E o fato de ter chorado na massa. Polly ficou com as bochechas coradas.

– Ora, ora, você está ficando vermelha – observou Tarnie.

– Não estou, não. Quem é o cara do mel, afinal?

– Um esquisitão – respondeu Jayden.

– Um americano – corrigiu Tarnie. – Não é a mesma coisa que ser esquisito. Quer dizer... É um pouco, mas não é culpa dele.

– O americano veio para cá só para fazer mel? – perguntou Polly.

– Acho que ele não estava muito bem informado – disse Tarnie. – Não sei se ele sabia no que estava se metendo. Faz nove meses que só chove. Ele fica no continente.

– Nossa! – exclamou Polly. – Ele parece...

– Lelé da cuca – completou Jayden. – Isso está muito bom. Posso pegar mais?

– Posso pegar mais também? – perguntou Kendall, afoito, com geleia espalhada na boca, feito uma criancinha.

– Rapazes! Acalmem-se! – ordenou Tarnie.

Ele espanou as migalhas da roupa. Não estava de chapéu; vestia uma camisa listrada e uma bermuda jeans, de lavagem desbotada, e tinha feito a barba.

– Ih! – exclamou Jayden, de repente, e pegou uma segunda fatia de pão com geleia do prato e escondeu atrás das costas.

– O que foi? – indagou Polly, e se virou.

Os pescadores pareciam tensos. Um ou dois chegaram a se esconder no barco. Era a mulher da padaria e, claro, a nova senhoria de Polly. Fora da padaria, era curioso como parecia ainda maior. No entanto, o balanço do corpo não a refreava, de forma alguma, e ela se aproximava deles. Uma gaivota começou a grasnar e caçar farelos, intensificando a atmosfera sinistra.

Tarnie passou a mão pelo cabelo volumoso enquanto a mulher chegava mais

perto.

– Hã... Boa tarde, minha cara Sra. Manse.

A mulher bufou alto e em bom som.

– Boa tarde, Cornelius.

Polly ergueu as sobrancelhas e Tarnie lançou-lhe um olhar de presa indefesa.

A Sra. Manse não fez questão de cumprimentar os demais.

– O que estão comendo?

– É... Só...

Polly olhou para o prato. Metade do pão ainda estava lá.

– Onde arranjou isso?

– Estamos tomando um chá da tarde, nada de mais, Gillian. Sei que você vai entender.

O semblante de Gillian Manse ficou sombrio. Ela endireitou a postura.

– Vou lhe dizer o que não entendo. Enquanto todos nós, polbearnenses dignos, fazemos o possível para ganhar a vida e proteger a economia local, motivo de orgulho nosso, não entendo por que você arranjaría pão com uma desconhecida engraçadinha.

– Era só...

– Quero dizer, sou a única padeira desta cidade. E sei que não comprou isso de mim.

– Escuta, Gillian...

– Eu que fiz – confessou Polly, se sentindo ridícula por estar tremendo.

Quem essa mulher pavorosa pensava que era? Polly podia fazer o que bem entendesse.

– Você fez O QUÊ?

Parecia até que Polly tinha confessado cuspir no pão.

– Eu... Eu fiz o pão.

– Você. Fez. O. Pão. – Gillian parecia ofendidíssima. – E o que há de errado com o *meu* pão?

– Não há nada de errado com o seu pão – respondeu Tarnie, gesticulando, tentando acalmar os ânimos. – É só que a Polly...

– A Polly! – exclamou Gillian.

– A Polly fez um lanchinho pra gente. Sabe, ela é nova na cidade.

– Mas é claro que ela é *nova* – sibilou Gillian. – Ela está ocupando a minha casa. Sei que é nova aqui. – A mulher se aproximou de Polly, que enrijeceu. – As pessoas desta cidade compram pão comigo – informou a Sra. Manse em tom ameaçador.

Polly estava decidida a não se deixar intimidar.

– Mas não sou da cidade.

– Pior ainda! Mais um motivo para você não mexer com o negócio dos outros e parar de tentar arruiná-los.

Em geral, Polly não se deixava intimidar com facilidade, mas a frase a deixou mexida.

– Eu nunca ousaria arruinar o negócio de alguém – rebateu em voz baixa.

A Sra. Manse lançou um olhar fulminante a ela, pouco se lixando para as explicações.

– Não, mas é claro que não.

Polly mordeu o lábio.

– Já vou indo – prosseguiu a Sra. Manse, mas não sem antes servir a todos uma nova dose de olhar ameaçador.

A mulher começou a manobrar o corpo volumoso para retornar por onde tinha vindo, então parou e examinou a caixa de Polly, que estremeceu.

– O que é isso? – indagou Gillian, de olho em Neil, que a encarou de volta prontamente.

– Ah, sim. Minha próxima vítima vai ser o açougueiro – murmurou Polly.

Tarnie não conteve o riso. A Sra. Manse ergueu a sobrancelha.

– É uma pena quando pessoas novas chegam à cidade e não se encaixam – sibilou. – Mas elas costumam ir embora rapidinho.



Assim que a mulher se foi, os outros pescadores ressurgiram. Polly precisou se sentar.

– Não se preocupe com a Gillian – disse Tarnie, desconfortável. – É o jeitinho dela.

– De se comportar como o DEMÔNIO? – indagou Polly. – Eu não chamaria isso de “jeitinho”. “Ah, então, lembra do Harold Shipman? Ele matou todas aquelas pessoas, mas era só o ‘jeitinho’ dele.”

– Sim, bem, ela mora aqui há muitos anos.

– E deve ser o motivo para a cidade estar afundando. Céus! E ainda é a proprietária do meu apartamento. Ela vai me expulsar de lá por fazer pão.

– Gillian tem medo de mudanças, só isso.

– Mas eu fui até a padaria dela.

– A padaria já foi melhor...
– É horrível.
– É tudo que ela tem – disse Tarnie. – É difícil manter um sustento por aqui, sabe?

Pela cara dele, dava para ver que eram palavras sinceras.

– Então por que ela está se esforçando para afastar os clientes? – rebateu Polly. – Nunca mais volto naquele lugar.

– Nem eu – afirmou Jayden. – Polly, você pode fazer pão pra gente todo dia?

– Diz que sim, por favor – suplicou Kendall.

– Ah, o seu chefe não deixa, pelo jeito – observou Polly, encarando Tarnie. – Não quero chatear a Sra. Manse, embora ela já pareça bem chateada. – Ao reparar que Tarnie não estava muito contente, decidiu que era sua deixa. – Neil e eu temos que voltar. Cornelius.

Os outros rapazes deram risada.

– É... – Tarnie parecia constrangido. – É complicado.

– Não é nada complicado – contestou Polly. – Ela está agindo como uma mafiosa, demarcando território. Aposto que essa atitude justificaria uma quebra de contrato da minha parte.

– Não, não faça isso – pediu Tarnie.

Por um instante, um silêncio constrangedor pairou entre eles.

– Certo, entendi. Já estou de saída – disse Polly. Ela olhou para o prato. – Quando acabarem o pão, venho buscar o prato.

Assim que ela se afastou, Tarnie de repente se lembrou de uma coisa e correu atrás dela. Polly se virou de volta. Ele estava segurando um pacotinho embrulhado em jornal.

– É um bacalhau – explicou ele. – Já limpei para você. É só fritar com um pouco de manteiga e limão e ficará ótimo. – Ao notar o pio de alegria de Neil, acrescentou: – Não é para você, rapaz. É para a sua dona.

Polly pegou o pacote frio e aceitou o tratado de paz.

– Obrigada. Boa noite.

Tarnie viu o aglomerado de nuvens pretas que brotaram enquanto os dois conversavam, obliterando a luz solar amena da tarde como um valentão de peito estufado.

– Acho que esta noite não vai ser nada boa – comentou Tarnie.

Embora ainda tivesse o laptop – um trambolho ultrapassado que os administradores judiciais recusaram – e alguns DVDs para assistir, Polly percebeu que bastava comer um peixinho à beira da janela para se sentir

contente. O bacalhau ficou mesmo divino com limão, sal e pimenta, frito no último filete de sua garrafa de azeite. De acompanhamento, pela primeira vez em anos, fez uma salada com folhas orgânicas, em vez da alface cara do supermercado, que vinha em um saco plástico. Durante a refeição, a chuva tamborilava nos paralelepípedos e muros do cais, e o vento fazia a casa chacoalhar e ranger. Avistou os barcos pesqueiros, minúsculos no meio do mar agitado, zanzando pelo oceano, um atrás do outro. As luzes das embarcações iam ficando cada vez mais fracas conforme subiam e desciam as ondas. Em pouco tempo, já não conseguia mais identificar o *Trochilus*, que costurara seu caminho pelo mar e adentrava o frio da noite inclemente. Ficou arrepiada ao pensar nos homens ao mar naquele barquinho sob o céu gigante, onde pipocavam estrelas que, por sua vez, eram logo encobertas pelas nuvens apressadas e os ventos uivantes.

Depois do jantar, por pura pirraça, sovou mais uma leva de pães e deixou a massa descansar do lado da caixa de Neil. Então deitou na cama e caiu no sono logo em seguida.



Polly não sabia dizer por que tinha acordado desta vez.

Provavelmente era Neil, fazendo barulho na caixa. Sentou-se e se endireitou. O lençol que tinha pendurado na janela voava, ora deixando passar a luz, ora deixando o quarto na escuridão completa mais uma vez. As ondas quebravam no muro do cais. Ventava bastante lá fora, mas não estava chovendo. Por instinto, resolveu ir até a janela. Afastou o lençol, ainda meio sonolenta.

Do lado de fora, era só escuridão. A água salgada tinha respingado na janela, e o gosto do sal estava no ar, já que Polly tinha deixado a janela um pouco aberta. Debruçou-se para tentar ver alguma coisa lá fora, além de seu reflexo sonolento.

De repente, quando o feixe de luz do farol passou pelo quarto, ela viu: uma figura, uma sombra, parada no cais, encarando o oceano. Sem se mexer, sem fazer nada, só ali parada.

Polly deu um pulo, espantada, ofuscada pela luz, que já tinha sumido. Não conseguiu reajustar o foco a tempo, e tudo ficou escuro. Quem poderia estar ali àquela hora, imóvel na escuridão? Arrepiada com o vento noturno e a figura inerte, esperou os noventa segundos intermináveis até o farol completar o ciclo. Mas, dessa vez, quando passou a luz, já não havia mais nada, mais ninguém ali. O

cais estava deserto, a doca estava vazia – a pesca ainda devia estar em curso –, e a ponte, invisível. Mount Polbearne era uma ilha de novo, e estava, aos poucos, sendo reivindicada pelo mar. Polly balançou a cabeça. Provavelmente tinha sido uma ilusão de ótica. Aninhou-se de volta na cama quentinha, contente.

Na manhã seguinte, a história toda tinha se dissipado em sua mente, feito um sonho.



Capítulo oito

O dia seguinte estava frio, ainda que ensolarado, e o apartamento inteiro estava gelado. Polly checou o curativo de Neil – ele saltitava para perto dela agora, todo faceiro, e ela coçava a cabecinha dele – enquanto esquentava os restos de pão do dia anterior numa torradeira que provavelmente não tinha sido lavada desde o casamento da Princesa Diana.

Contudo, isso não afetava a qualidade do pão. Tinha um rico toque de nozes, uma crocância perfeitamente balanceada e um sabor doce e saudável, que ficava perfeito com um pouquinho de manteiga derretida no topo. Neil largou o atum na mesma hora e se aproximou aos pulinhos, para ver o que Polly estava comendo. Ela pôs algumas migalhas na mão para ele comer.

– Nossa, está melhor que o peixe? – perguntou, sorridente.

Então se levantou para esquentar mais algumas fatias e lembrou que precisava limpar a torradeira. Depois do café da manhã, tomou um banho e sentou sozinha na janela. Aquilo era uma novidade por si só. Ela nunca tinha ficado sozinha de verdade, entre as repúblicas da época da faculdade, o apartamento compartilhado com Kerensa e a vida com Chris. O silêncio – exceto pelas gaivotas que a cercavam – era suave e incrível. Polly se deu conta de que não tinha carregado o celular, não tinha sequer pensado nisso. Talvez devesse carregá-lo. Mas, depois de alguns meses driblando credores, atendendo chamadas para Chris, com as quais ele simplesmente não conseguia lidar “naquele momento, porque, Ly, não está VENDENDO que estou ocupado, pelo amor de Deus?”, e sentindo, o tempo todo, que estava fugindo de uma matilha de lobos famintos, o alívio por tudo aquilo chegar ao fim, ainda que ela estivesse de mãos abanando, era uma bênção, um consolo.

Claro, ela não conseguiria ficar ali para sempre. Com as economias parcas e o aluguel para pagar, se furasse um dos sapatos estaria ferrada. Precisava de um emprego. Um emprego de verdade, propício. Precisava de uma conexão com a internet e um computador, além de um currículo atualizado e algum tipo de veículo, concluiu.

Na imaginação de Polly, haveria algum pequeno negócio por perto precisando desesperadamente de um administrador, com um horário flexível, considerando as marés, ou que ao menos oferecesse um salário bom o bastante para ela poder se mudar de volta para o continente. As cidades mais jeitosas da costa da Cornualha e de Devon tinham atraído *startups* de tecnologia, cujos funcionários programavam a noite toda e surfavam durante o dia. Mas, naquela baía ao sul do país, não havia surfe, originalidade ou cafés bacanas para essas pessoas curtirem. Isso significava que Polly acabaria fazendo o percurso de ida e volta entre a ilha e Plymouth, o que, por sua vez, significava que precisaria de um carro, embora não soubesse ao certo onde poderia arranjar um, já que não podia pegar um empréstimo nem usar o cartão de crédito. Outra alternativa seria pegar ônibus todo dia, que levaria noventa minutos até passar por todas as vilas locais – e nem sempre daria para calcular o horário certinho, por conta das marés. Kerensa estava certa. Polly tinha sido muito cabeça-dura.

Por outro lado, pensou, enquanto coçava Neil e esperava o pão assar – o aroma fabuloso da massa tomava o antigo prédio e fazia os esparsos passantes lá embaixo pararem para apreciá-lo –, precisava mesmo de uma pausa. Para se recompor, em vez de mergulhar de cabeça em uma nova vida logo em seguida. A ironia em tentar se forçar a relaxar a fez sorrir.

Bom. Uma coisa de cada vez. Hoje era dia de dar uma volta e conhecer os arredores.

– Você não pode vir – disse a Neil, com calma, enquanto o colocava no chão.
– Vai ser ridículo se eu ficar carregando você por aí.

Neil fez cara de coitado, deu um pulinho e se empoleirou nas mãos dela.

– NOSSA! – exclamou Polly, impressionada. – Olha só para você! Quem diria? – Estava claro que ele queria que ela coçasse suas penas de novo, e Polly atendeu o pedido, contente. – Você está melhorando, amiguinho.

Com isso, Neil fez um cocô branco no chão.

– Meu Deus! Também não sei se posso deixá-lo aqui.

Limpou o chão e observou Neil com atenção. O papagaio a encarava com um olhar de cão sem dono, e quando ela foi usar o banheiro ele a seguiu até a porta.

– Você é um passarinho de colo mesmo, hein! – comentou, exasperada. –

Escuta, eu sei que você é pequeno e se perdeu e quer a sua mãe, mas não sou a sua mãe, tá bom? – Polly se agachou. – Só estou de passagem. Logo vou deixar Polbearne e você vai voar para longe e nunca mais pensar em mim com essa sua cabecinha de papagaio-do-mar, combinado?

Neil virou a cabeça de lado.

– Ai, ai, ai. Tá bom! Mas só dessa vez!

Polly arrancou um monte de papel-toalha do rolo, forrou a mochila e ajeitou a ave lá dentro.

– Só não conta para ninguém que você está aqui – ordenou. – Já tem uma pessoa na cidade que parece me odiar sem motivo. Não quero ficar conhecida como a louca do papagaio-do-mar.

Neil respondeu com um pio.

Polly tirou o pão do forno, acrescentou mais uns filetes de azeite e cristais de sal, sem exagerar, para dar um sabor de *focaccia*. Perguntou-se onde poderia comprar alecrim na cidadezinha, então descartou a ideia por: a) ser ridícula e b) estar acima do orçamento. Embrulhou o pão em um pano para mantê-lo aquecido e colocou-o dentro de uma sacola plástica para que Neil não o bicasse, então fez um sanduíche de reserva com o pão do dia anterior, para comer em caso de emergência. Também pegou um pouco da água que tinha deixado na geladeira e duas maçãs que comprara na véspera.



A ponte estava aberta naquela manhã reluzente, e a maré estava baixa. Enquanto atravessava, Polly tentou imaginar como as pessoas da cidade – que, outrora, fazia parte do continente – se sentiram quando o mar aos poucos clamou para si a passagem para o continente, fazendo com que construíssem uma estrada cada vez mais alta, até desistirem de vez.

À medida que se embrenhava pelo campo e se distanciava do mar, percebeu que fazia muito tempo que não caminhava só pelo prazer da caminhada. Costumava andar pelas ruas do comércio de Plymouth em tempos mais fartos, e chegou a frequentar uma academia, mas não era muito dada a simples caminhadas.

No entanto, ali, com o almoço na mochila (e um papagaio-do-mar tagarela), passeando pelas ruas do campo, debaixo da sombra, sem um plano específico em mente, sentiu que uma caminhada não era de todo mau. Nada mau. Estava com

aquela sensação estranha nos ombros de novo, e reconheceu o que era: uma ausência. Uma ausência de peso, de tensão. “Deviam divulgar caminhadas como uma alternativa a massagens”, pensou.

O sol se esgueirava por entre as nuvens, enquanto Polly atravessava os campos de rapé e os gramados. Volta e meia esbarrava com uma vaca amigável ou um trator feioso. Em um cantinho ensolarado, para sua surpresa, avistou uma pequena plantação de alecrim. Pegou um ramo na mesma hora. Embora muito provavelmente estivesse coberto de fuligem de diesel, daria para o gasto. Esticou as costas e as pernas e respirou fundo para sentir o cheiro do campo – os campos bonitos, pelo menos; alguns eram horríveis. Então passou por um vilarejo e tentou se conter para não sair cantarolando.

Pensou em Chris e se perguntou o que ele estaria fazendo. Devia estar na casa da mãe, de cara fechada, rabugento; ele a visitava com frequência, o menino de ouro que não tinha dado muito certo na vida. Achou que Chris teria gostado dali. Mas então pensou duas vezes: teria mesmo? Ela mal o conhecia agora. Tudo que sugeriu nos últimos dois anos ele descartou sem pestanejar. A ideia de uma caminhada fresquinha e saudável teria sido recebida com desdém, afinal a única coisa que Chris queria fazer quando não estava obcecado com o trabalho era correr e beber, bem rápido e com um único objetivo em mente: ficar o mais bêbado possível e bater na tecla da autocomiseração repetidas vezes, para que, então, ela o assegurasse de que tudo ficaria bem. Então, caía no sono, onde quer que estivesse, e acordava mais mal-humorado ainda no dia seguinte. E Kerensa não era do tipo que fazia caminhadas em cidadezinhas. Longe disso. Para falar a verdade, a própria Polly jamais teria considerado a ideia.

Mas agora, com o sol aquecendo as costas dela, respirou fundo e tentou focar no futuro, em vez de no passado. Sim, o futuro era um cenário assustador, mas que cenário não era?

Nesse estado de espírito um pouco contraditório – e sentindo falta do velho iPod, já que se cansara de cantarolar em pensamento –, estava prestes a se sentar para comer quando viu a placa:

MEL SILVESTRE À VENDA

Uma fileira de margaridas rodeava a placa. Ahhh, deve ser do americano esquisitão que os pescadores comentaram. Talvez devesse entrar e se apresentar como a outra forasteira, recém-chegada. Com certeza não recebiam muita gente de fora por ali, e um aliado poderia vir a calhar na próxima vez que Gillian Manse mostrasse os dentes para ela. Ocorreu-lhe que a Sra. Manse decerto tinha

uma chave do apartamento, e só de pensar nisso ficou toda arrepiada. Portanto... reforços.

Em geral, a ideia de ir até a casa de alguém para um alô repentino era algo que evitava a todo custo: já tinha passado tempo suficiente fazendo networking para os negócios, embora odiasse fazê-lo. Mas em Plymouth conhecia muitas pessoas, o que dificultou bastante a vida quando foi embora. Ali, por outro lado, ninguém fazia ideia da situação dela, ninguém tinha interesse. E o americano talvez precisasse de alguém para cuidar do marketing do mel.

Olhou para a placa de novo. Bom, parecia pouco provável que precisasse. Ainda assim...

Começou a andar pelo caminho esburacado. As árvores se juntavam na copa e era curioso como deixavam o percurso escuro e silencioso. Sentiu os sapatos se prenderem ao chão enlameado.

– Não estou gostando muito disso – comentou, depois de passar vinte minutos caminhando sem conseguir discernir nada além de árvores e plantações por toda parte.

Mas também não queria fazer todo o caminho de volta pela lama. Resolveu parar um pouco. Estava morrendo de sede e calor, sem saber se deveria mesmo prosseguir, quando avistou um fiapo de fumaça a distância. Seria ali? Polly correu até lá.

– Se ele não estiver em casa, vou ficar muito irritada – desabafou com Neil. – Eu nem QUERO mel tanto assim.

Contudo, estava intrigada. Queria tentar assar um pão com mel, e suspeitava que quanto mais ingredientes locais e orgânicos usasse, melhor ficaria.

Do nada, as árvores abriram caminho e Polly ficou de queixo caído. Estava no meio de uma clareira, em frente a um chalezinho com telhado de sapê que parecia ter saído de um conto de fadas. A fumaça vinha da chaminé de pedra. As paredes eram de ardósia, assim como o caminho que cruzava o jardim encantador da propriedade e dava no portãozinho da frente, de madeira branca. As janelas eram pequenas e gradeadas, e um emaranhado de botões de rosas escalava as paredes.

– Nossa! – exclamou Polly, sem pensar. Era tão charmoso. – Espero que não tenha nenhuma bruxa lá dentro – sussurrou para Neil. – Eu tenho CERTEZA de que não vai ter nada disso... Olá? – perguntou, hesitante.

Não havia sinal de movimentação, mas com a fumaça... Polly concluiu que não podia ser um homem; decerto era uma senhora de cabelo grisalho, vestido longo e um apetite delirante por ossos de crianças. Ela disse a si mesma para

deixar de bobeira e tocar a campainha.

Não havia campainha, mas a porta tinha uma aldrava em forma de abelha, então pelo menos sabia que estava no lugar certo. Bateu à porta com a abelha, ecoando um barulho retumbante por entre o murmúrio tranquilo da clareira, e deu um passo para trás, a fim de não assustar quem quer que aparecesse à porta.

Mas ninguém apareceu.

– Olá? – repetiu Polly, dessa vez mais alto. – Ô DE CASA!

Ela não queria dar meia-volta. A bem da verdade, ao virar a garrafa de água, percebeu que estava com bastante fome. Mais meia hora de trilha e tédio seria demais da conta; talvez houvesse um atalho por entre as árvores.

– Ô DE CASA!

O caminho de ardósia continuava pela lateral direita do chalé, então ela o seguiu, dando a volta na propriedade.

Lá, deparou com uma vista e tanto. O jardim, um gramado amplo e comprido, coberto de flores silvestres, de aromas fortes, se estendia pelos fundos do chalé até a base de uma colina, onde corria um riacho direto da floresta. Às duas margens, viu algumas figuras que, à primeira vista, pareciam foguetes pontiagudos. Ao examinar mais de perto, percebeu que eram enxames. Havia um zunido no ar, e Polly instintivamente deu um passo para trás, e mais outro, conforme os enxames se moviam, até que percebeu que uma das figuras era na verdade uma pessoa com traje espacial – ou melhor, um traje de apicultor. Precisava parar de ser tão medrosa.

Estava prestes a sair dali – já tinha esgotado a cota de aventuras do dia – quando a figura se endireitou e acenou para ela. Então tinha sido vista. Polly suspirou e acenou de volta a contragosto. Estava nervosa. Que bobagem! Ficar nervosa ao conhecer alguém era normal, e além do mais não era ela quem estava enfurnada no campo conversando com insetos, era? Só queria comprar um pote de mel. Não era uma tarefa demorada, tampouco imprevisível.

O homem – só podia ser um homem, por causa da altura e das pernas longas – cruzou o riacho com um pulo ensaiado e se aproximou dela a passos largos.

– Fshrshah – disse ele, estendendo a mão coberta por uma enorme luva branca.

– Hum – fez Polly. – Você não costuma tirar o chapéu?

O chapelão branco cobria todo o rosto dele, exceto pelos olhos, que ficavam escondidos atrás de uma rede de proteção grossa. Parecia um cruzamento entre um astronauta e uma noiva bem recatada.

O homem espanou a própria roupa, checkou os braços – instintivamente,

Polly verificou os próprios braços também – e tirou o chapéu.

– Oi. Desculpa – disse ele, devagar. – Nem me dei conta de que estava com o traje. Às vezes, esqueço. Não costumo receber muitas visitas.

Então, com um ar melancólico, encarou a mão que estava com a luva, pensando se deveria estendê-la de novo.

Polly ergueu o rosto e olhou para ele. Estava surpresa. Esperava um senhor aposentado, em torno dos 60 anos, que tinha decidido largar a correria do mundo corporativo depois de ler um artigo em uma revista de avião e que logo tinha se arrependido.

O homem diante dela era o oposto disso: jovem, alto, em boa forma, com longas madeixas loiras penteadas para trás e olhos azuis. Era desconcertante, até.

– Que tal tentarmos de novo? – sugeriu Polly, estendendo a mão, toda formal. – Oi, sou a Polly.

– Huck.

– Como é?

– Huck.

– Ah, esse é o seu nome.

Polly sentiu que tinha ficado vermelha. Achou que o homem estivesse tossindo.

– Bem, minha mãe me chama de Huckle.

– HUCKLE?

Ele falava embolado, com um sotaque arrastado. Polly já sabia que ele era americano, mas agora via que obviamente era do sul. Queria ouvi-lo falar mais.

– O que eu gosto mesmo – ele carregava as vogais, “mêesmo” – na Inglaterra é o povo educado e acolhedor.

– Desculpa – disse Polly, levando a mão à boca. – Só fiquei um pouco surpresa. Nunca tinha escutado esse nome antes.

– Com todo o respeito, madame, mas é você quem tem nome de papagaio.

– Ah, eu gosto de ser chamada de madame. Faz com que eu me sinta como a rainha.

Huckle abriu um sorriso vagaroso. Tinha dentes perfeitos. Polly se perguntou se os Estados Unidos tinham algum tipo de fábrica de dentes para quando os americanos faziam 13 anos, assim como a turma da mãe dela na época da escola parecia ter uma fábrica de tirar amígdalas: todo mundo as tinha tirado ao mesmo tempo.

– Pois então, madame, em que posso ajudar?

– Gostaria de um pouco de mel, claro – respondeu Polly. – Mas, antes, posso

tomar um copo de água? Estou morrendo de calor.

O sol estava a pino, bem mais quente do que ela esperava. Em situações normais, teria apreciado o calor – o inverno tinha sido rigoroso –, mas agora estava ciente das bochechas vermelhas e da nuca pingando de suor.

– Ah, é claro. Água? Tenho chá gelado, se preferir.

– Nem sei o que é isso. Mas posso provar. É um chá normal que você deixa na geladeira? Já tentei fazer algo do tipo, mas não deu muito certo. – Polly se deu conta de que estava tagarelando. Ela com certeza tinha passado muito tempo sem conversar com outro ser humano.

– Sei. Sente-se aí.

Ele apontou para uma mesa de ferro forjado com um conjunto de cadeiras bem no meio de uma nuvem de margaridas. As cadeiras tinham almofadas listradas; era um ambiente bem acolhedor. Polly afundou numa delas, agradecida, e Huckle entrou no chalé.

Polly olhou ao redor. De fato, era o jardim mais lindo que já tinha visto. Chegava a ser ridículo. A corrente de ar parecia amenizar o calor do sol em seu rosto, e depois de duas noites maldormidas, após meses de preocupação e uma longa caminhada, sentiu as pálpebras pesarem por um instante. Um instantinho...

– Ei!

Polly deu um salto. Mal sabia onde estava. Deparou com um homem loiro e alto a seu lado e piscou algumas vezes. Ele tinha tirado o uniforme de apicultor e estava vestindo uma calça Levi's perfeitamente normal e uma camisa xadrez.

– Meu Deus, por acaso eu caí no sono?

– Espero que sim. Porque ou você caiu no sono ou ficou em um breve estado de coma.

Polly esfregou os olhos, na esperança de que não tivesse cochilado de boca aberta e babado na mesa dele.

– Por quanto tempo eu...

– Já é terça-feira – disse Huckle, e Polly demorou um pouco para entender a ironia. – Toma.

Estendeu o copo a ela. Pedras de gelo tilintavam no topo, com folhas frescas de hortelã. Polly tomou um gole bem longo.

– Nossa, que delícia! Então isso que é chá gelado?

– Isso mesmo. Não é tão bom quanto o que temos lá no meu país, mas...

Ele se sentou em uma cadeira para fazer companhia a ela. Polly lembrou que estava faminta. Pensou nisso por um momento, então tomou uma decisão.

– Hum... Quer dividir meu almoço comigo?

– O que, agora que já dormimos juntos? – respondeu Huckle, com a fala arrastada.

– Ha ha.

Não esperava que americanos fossem sarcásticos; todos que já tinha conhecido tendiam a descrever exatamente o que estavam fazendo e por quê. Ela se agachou a fim de pegar a mochila. Quando abriu o zíper, Neil botou a cabeça para fora e resmungou.

– Oi, pequeno. Desculpa, não devia ter deixado você aí.

Neil a ignorou e começou a bicar a sacolinha do almoço.

– Isso não é para você – disse Polly. – Por isso coloquei numa sacola plástica.

– Ela ergueu o rosto. Huckle a observava, curioso. – Que foi? Isso é estranho?

– Hã, devo responder que não, certo?

– Sim. Desculpa. É meio estranho mesmo, admito.

– É um fradinho mágico? Ele fala?

– Não, é só um pássaro comum.

– Ah, que pena.

– Gosto dele pelo que é – rebateu Polly, séria.

Huckle sorriu de novo.

– Você sempre carrega um pássaro na bolsa? Isso é alguma moda?

– Não, não. – Polly pegou Neil no colo e mostrou a asa enfaixada. – Ele está em processo de recuperação.

– Dentro de uma mochila?

– Ele gosta de andar acompanhado.

Huckle assentiu e olhou ao redor.

– Então, cá estou eu, fazendo hora, sem almoço nenhum.

Polly franziu o cenho e desembulhou a marmita.

– Você está ciente de que esse é um sanduíche inglês, não americano, certo?

Ela tinha visitado Nova York uma vez, com Chris. Muito tempo atrás. Ficaram impressionados com a qualidade e a quantidade de comida.

– Quer dizer que vai caber na minha boca?

– Você tem uma boca grande, convenhamos – observou Polly. – Desculpa, isso soou estranho. Enfim. Aqui está.

Polly jogou o embrulho para ele. Huckle foi se sentar em um dos enormes degraus da porta e devolveu a sacolinha a ela.

– Olha, eu diria que esse sanduíche não fica tão atrás das proporções americanas – comentou, e deu uma mordida.

Polly fez o mesmo. Era surpreendentemente agradável sentar em um belo jardim para beber chá gelado e comer um sanduíche na companhia de um gigante esquisito. Se o objetivo dela era mesmo experimentar coisas novas, então o dia estava sendo um sucesso.

– Uau! – exclamou ele, logo em seguida. – Que delícia! Onde arranjou esse pão? O único que já consegui encontrar por aqui é intragável, tem gosto de plástico.

– Eu que fiz – informou Polly, orgulhosa. – Aliás, tenho algo melhor ainda para oferecer. Prova essa *focaccia*, é de hoje, está fresquinha. – Desembrulhou o outro pacote e deu algumas migalhas para Neil. – Espera aí! – Vasculhou os bolsos à procura do ramo de alecrim. – Você tem uma tesoura?

– Essa é a pior venda de mel que já fiz – brincou Huckle, abrindo um sorriso enquanto falava, e então se levantou.

Voltou com uma tesoura de picotar em zigue-zague. Polly cortou as pontinhas da erva e jogou em cima do pão salgado. Tinha um cheiro sensacional e um sabor ainda melhor. Huckle devorou a metade dele em exatos dois segundos.

– Você tem muito talento mesmo – comentou, olhando, desejoso, para a metade dela.

– Pode ficar com o meu pedaço, desde que dê um pouquinho para o Neil.

– Estou falando sério. Você trabalha com isso?

Polly deu uma risadinha.

– Não, não trabalho. – Ela mudou de assunto. – E você e o seu mel?

– Ah, sim. Deixa eu pegar um pouco para você. É uma pena que não combine com *focaccia*.

– Acho que posso fazer uma boa combinação com o mel – disse Polly, torcendo para que a frase não soasse como um flerte.

– Tenho certeza disso – respondeu Huckle, no mesmo tom bobinho de voz, o que significava que ela claramente tinha falhado.

Ele pegou um pote em um celeiro conjugado ao chalé e uma colher de madeira pequenina com uma bobina na ponta. O pote era muito bonito, pintado à mão, e tinha o desenho de um chalé, com a marca Mel do Huckle impressa na lateral.

– Quer provar? – ofereceu, estendendo a bobina a ela.

Polly não sabia ao certo o que fazer, então ele fez uma demonstração. Deu uma chacoalhada na bobina para remover o excesso e conseguir tirar o mel do pote sem acidentes.

– Este é o mel de flor de maçã. Eu planto diferentes tipos de flor para fazer diferentes tipos de mel. Faço alguns experimentos, troco as colmeias de lugar.

Polly lambeu a bobina. O mel era absolutamente sensacional. Tinha um sabor denso, forte, que ela nunca tinha provado antes. Não era tão doce quanto o mel comercial, porém era mais suave, mais gostoso.

– Nossa! Incrível!

– Não é? – Pela cara, ele parecia animado. – Espera aí. Vou pegar um pouco do mel de flor de laranjeira.

Era igualmente saboroso: leve e frutado, bem dourado.

– Agora me ajuda a entender uma coisa – começou Polly. – Esse sotaque é de verdade ou você montou um cavalo e resolveu se fazer de caubói? – Ela tentou imitá-lo. – “Escuta, moça, eu trabalho aqui com as abêia pra fazê esse méél.”

Huckle riu.

– Não. Não é bem assim. Você é das redondezas?

– Não sou, não. Sou de Plymouth.

– Aqui do lado! Não dá nem setenta quilômetros. Confie em mim, lá de onde eu venho, isso não é nada.

– De onde eu venho, é outro mundo – disse Polly.

– Com certeza. Bom, enfim... Esse chalé pertencia ao antigo apicultor da região. Fazem mel aqui, de uma forma ou de outra, há duzentos anos. O apicultor sabia que flores cultivar e onde deixar as coisas. Mas a propriedade estava em péssimo estado quando cheguei.

– E o que o trouxe aqui? – quis saber Polly.

Huckle olhou as horas.

– Madame, é uma longa história.

Polly esperou Hucke começar a contar, até perceber que ele não tinha a menor intenção de fazê-lo. Então ficou corada e se pôs de pé. Tinha invadido a casa dele, dormido no jardim e ainda estava enrolando.

– Desculpa. Não quis me intrometer.

– Sem problemas – falou ele, e também se levantou. – Foi um prazer conhecer você. E o Neil.

Neil fez cocô em algumas margaridas e tentou comer as demais.

– Desculpa – disse Polly. – Ele ainda é bebê.

Huckle sorriu.

– Curioso, me fez sentir saudade do meu cachorro.

– Arrá! Você tem mesmo cara de quem tem um cachorro.

– Como assim? Solto muito pelo?

– Não, é só que... – Polly queria perguntar o que tinha acontecido com o cachorro dele, mas Huckle já tinha indicado que não pretendia estender a conversa, e ela não queria ser bisbilhoteira. – É melhor eu ir.

Ele a acompanhou até o portão com três potes de mel, pelos quais se recusou a cobrar, desde que Polly promettesse fazer pão para ele.

– Se um dia você estiver em Mount Polbearne, minha casa fica no cais, em cima da velha padaria – disse ela, tímida.

– Por Deus! – Ele parecia assustado. – Achei que tinham condenado aquele lugar.

– Não. Eu é que fui condenada a morar lá.

Tentou fazer soar como uma piada, mas, com a voz falha, não deu muito certo. Huckle a encarou por um instante.

– Bom, eu diria que uma padaria é o lugar certo para você. Agora, aquele apartamento... Não dá.

– Nem me diga. Pior que a proprietária já me olhou feio outro dia.

– Cuidado, hein! Mau-olhado é um perigo!

– É mesmo!



Polly ficou pensando no forasteiro no caminho todo para casa. Não era à toa que os pescadores o achavam esquisito. Huckle era *mesmo* esquisito. Quem morava no meio do nada daquele jeito? Como ele bancava a própria comida, fazendo doação de potes de mel? E por que foi tão hospitaleiro e depois quis que Polly fosse embora logo quando perguntou sobre a vida dele? Um pensamento assustador passou por sua cabeça. Talvez tivesse achado que ela estava dando em cima dele. Afinal, não era muito mais velho que ela. Será? Não era possível!

Polly sentiu o rosto ficar mais vermelho do que costumava ficar com queimadura de sol. Sim, Huckle era bem apresentável, mas só a ideia de... Além do mais, fazia anos que não se via obrigada a flertar com ninguém, exceto por um oficial de justiça, a fim de fazê-lo sair do celular. Tinha passado tanto tempo com Chris, e os dois nem tinham terminado oficialmente, ela se lembrou. Precisava deixar isso claro para o americano na primeira oportunidade. Tentou pensar em um jeito de dar o recado sem piorar a situação, mas não conseguiu. Caminhou de volta para casa, aproveitando para colher mais alecrim e dar um pulo no mercadinho simpático que vendia de tudo, para pegar mais farinha de

pão. A atendente, um tipo alegre, parecia um pouco preocupada com o retorno de Polly, fazendo a mesma compra.

– Esse é o último pacote de farinha para pão. Estou sem estoque. – A mulher fez uma pausa. – Você... Você faz muito pão?

Por dentro, Polly revirou os olhos.

– Por quê? É perigoso?

A mulher tentou abrir um sorriso, mas não deu muito certo.

– É que temos uma padaria local...

– Ouvi dizer – respondeu Polly, e com um tom de rebeldia, complementou: – Não gosto do pão de lá, é horrível.

A mulher olhou ao redor, como se os tentáculos malévolos de Gillian Manse pudessem estar por toda parte.

– Ah... É que eu não quero chatear ninguém.

– Você vai *me* chatear se parar de estocar farinha de pão – retrucou Polly.

A mulher abriu um sorriso gentil.

– São ossos do ofício. Eu não... Não deveria encomendar farinha, mas é para os turistas... Não que a gente receba muitos turistas essa época do ano... Digo, ninguém daqui ousaria fazer pão.

Polly não queria criar inimizades. Tinha acabado de chegar e não conhecia ninguém.

– E se a gente tapar o buraco da gôndola com outro tipo de farinha? – sugeriu. – Assim não dá para ver que você vendeu.

– Que... – A mulher titubeava. – Que tipo de pão você faz?

Polly abriu a mochila sem dar atenção a Neil; tinha um restinho de *focaccia*, ainda úmida, embalada no pano, um pedaço que Huckle não tinha surrupiado.

– Toma – disse, entregando-o à mulher, que não tirava os olhos da porta, assustada, enquanto provava um naco.

– Nossa! Que delícia! O sabor está incrível. Meu Deus, que saudade de pão!

Polly olhou em volta. É claro que o mercadinho não vendia uma boa farinha escocesa nem salgados de café da manhã.

– Ninguém... Ninguém... Ninguém mexe com Gillian Manse nesta cidade – informou a mulher, ainda temerosa. – Não vale a pena.

– Por que todo mundo tem tanto medo dela?

A expressão da atendente ficou soturna, e ela se ocupou de ajeitar as pastilhas de hortelã à venda no caixa.

– Aliás, eu me chamo Muriel – falou, de canto de boca.

– Prazer em conhecê-la, Muriel. Sou a Polly.

Muriel se virou de volta para ficar de frente para ela.

– Ah, sabe... Gillian passou por maus bocados. E é difícil manter um negócio por essas bandas, ainda mais no inverno. – A mulher parecia ser da mesma idade que Polly, mas tinha uma expressão muito cansada. – Gillian quer manter todo mundo aqui unido. O único problema é que...

– O pão dela é horrível.

– A maioria das pessoas se acostuma. Mas... – Muriel olhou para o pano de Polly com um ar de tristeza.

– É o seguinte – começou Polly. – Se você arranjar farinha de pão para eu comprar, pago um extra a você por fora e ainda forneço uns pães.

Então, conferiu as imagens de segurança na televisão da parede, por mais ridículo que fosse. Muriel olhou para a porta de novo. As duas logo assumiram um ar conspiratório.

– Combinado – falou Muriel baixinho. Ela olhou no relógio. – Essa é uma boa hora. Depois do almoço e antes do horário de saída da escola.

– Entendido. Que tal um pão por semana?

Muriel empurrou a farinha de pão na direção dela.

– Toma. Essa é por conta da casa.

– Talvez eu precise de drogas mais pesadas – alertou Polly. – Farinha tipo 00.

– Uma coisa de cada vez – rebateu Muriel em voz baixa.

Polly embrulhou a farinha com um saco plástico, amarrou bem e enfiou na mochila, do lado de Neil, que chiava. Então se lembrou de pegar mais leite e saiu em silêncio, de volta às ruas de paralelepípedos.



Capítulo nove

Era para ter acabado ali, Polly diria a si mesma tempos depois. Sem a menor sombra de dúvida, era para ter acabado ali. Concluídas as doze semanas em Mount Polbearne, era para ela ter devolvido as chaves, dito adeus aos barcos pesqueiros e retornado a Plymouth com algumas histórias para contar, uma porção de receitas novas de pão e o descanso em dia – há anos não dormia tão bem. Era para ter acabado ali se Polly não estivesse em uma situação financeira tão complicada.

Antes de se mudar, tinha se inscrito em uma agência de trabalhos temporários em Plymouth, mas toda vez que ligava para lá, recebia uma resposta desanimadora. Diziam que seria melhor se Polly desse pelo menos uma passadinha na agência. Mas ela já tinha feito isso. A agência estava apinhada de estudantes e ex-estudantes glamourosos, e todos eram excelentes em computação, ao passo que ela só dava conta de uma planilha simples. Sabia que não tinha a menor chance. Deixou bem claro que aceitaria qualquer coisa, mas a mulher tentou explicar os termos de contratos de trabalho intermitente, o que significava que teria que estar sempre a postos, tivesse trabalho ou não, e Polly acabou desistindo. Não. Ela era uma profissional. Logo arranjaría um trabalho sério.

Ou não. Agora, passadas algumas semanas, estava ciente de que, desde a época que tinha procurado emprego pela última vez, o sistema todo tinha mudado. E estava horrorizada. Tudo era on-line, para começo de conversa, não existiam mais currículos impressos nem selos. A etiqueta tinha mudado também. Todas as empresas para as quais tinha se candidatado ficaram em total silêncio; nada de cartas, nem mesmo um e-mail confirmando se haviam recebido a

inscrição. Tentou telefonar para uma delas, mas caiu na caixa postal, que estava lotada, ainda por cima, não permitindo que Polly deixasse um recado.

No início, imaginou que fosse puro azar – tinha atualizado o currículo, estava bom, bem profissional, ela tinha feito bastante coisa. Ultimamente, as coisas não tinham corrido muito bem, mas Polly trabalhara duro. Kerensa bem que tinha avisado.

– Não coloca que você geria a própria empresa. Vão achar que você não quer trabalhar para eles, que vai ser rebelde.

– Não seria nada mau – disse Polly. – Gosto da ideia de ser rebelde. Sempre fui muito certinha, esse é o meu problema.

– Sei – murmurou Kerensa, mais preocupada com a vida profissional de Polly do que com a moradia ou a vida amorosa da amiga. O mercado era brutal.

– Se quiser que eu dê uma olhada no seu currículo, disponha. Também tiraria uns dois anos da sua idade.

– Você acha que eu deveria mentir no meu currículo? Na cara dura?

– Veja bem... – começou Kerensa. – Todo mundo mente. Se você não mentir, vai mostrar que é ingênua, que não entende o mercado de trabalho, a vida como ela é. As pessoas se ajustam às mentiras, já partem desse princípio, então se não mentir, vão editar a sua sinceridade, e isso é terrível. Da mesma forma que o médico já presume que a gente está mentindo sobre o tanto que bebe.

Polly olhou feio para a amiga.

– Só estou falando a verdade sobre o mundo lá fora – acrescentou Kerensa.

– Não quero viver nesse mundo – resmungou Polly. – Quero ficar no aconchego do meu lar, gerindo meu próprio negócio, sonhando com uma vida rica para mim e para o Chris, e quem sabe um dia apresentar *O Aprendiz*.

– Você não é de sonhar com esse tipo de coisa – observou Kerensa.

– É... Não – retrucou Polly, com rispidez.

Na verdade, nos últimos tempos, ela não sonhava com nada.



Não se importar estava se provando uma tarefa cada vez mais árdua. Porque o pouco dinheiro que ela tinha mal dava para segurar as pontas. É claro que estava assando um pão. Dava para sentir o cheiro do cais. Em segredo, Tarnie tinha perguntado se Polly poderia fazer sanduíches para eles toda semana, caso todos os barcos pesqueiros contribuíssem com um pouco de dinheiro. Eles não

gostavam da massa de Gillian, e aparentemente não sabiam fazer pão em casa. Ela fazia pão para Muriel também, claro, e certa noite um homem à espreita se aproximou de Polly assim que ela saiu de casa e perguntou:

– Psiu! Você que é a moça dos pães?

Isso foi debaixo de um poste. Ela foi surpreendida por ele e deu um pulo para trás.

– Hum. E se eu for? – disse, desconfiada.

– Flagrei a Muriel com uns pães. Eu me chamo Jim Baker, gerencio o correio daqui.

– Ah!

Ocorreu a ela que poderia encomendar novas assadeiras. O homem talvez pudesse ajudar.

E foi assim que começou o próprio negócio, completamente ilícito. Toda noite fazia grandes levas de pão com combinações diferentes: pão branco para os rapazes, que não se aventuravam muito; umas sementes de papoula aqui e acolá; pão com mel e passas, que, torrado com um pouco de manteiga local, ficava divino. De manhã, corria para entregar tudo e recebia pequenos montantes em troca; pequenos montantes que faziam toda a diferença para ela. E a preocupação com a procura de emprego ou com o que estava por vir foi abrandando.



Quatro semanas depois, o sol começou a nascer mais cedo, dia após dia. Polly terminou de ler toda a sua biblioteca e sabia que não podia mais adiar o inevitável. Doía só de pensar, mas seria cruel da parte dela ficar com ele. Era hora de tirar o curativo de Neil.

O papagaio já fazia parte da vida dela, saltitando pela casa, bicando as migalhas de pão, tomando banho na pia. Polly sabia que não era para se apegar demais, mas não podia evitar achar que o pássaro estava feliz. Ele grasnava de alegria toda vez que ela aparecia, permitia que Polly fizesse carinho nas penas e sentava no joelho dela, todo faceiro, quando ela abria o laptop para assistir a um filme. Polly estava adiando o retorno ao veterinário, mas não podia fazer isso para sempre. Neil era um bebê. Precisava se reencontrar com o bando, por mais difícil que fosse.

Polly tentou tirar a fita por conta própria, mas ele guinchou alto e saltou para longe, e ela ficou insegura para cuidar disso sozinha. Então marcou outra

consulta com Patrick, que já a vira caminhando pela cidade carregando uma mochila com movimentos suspeitos. Ele também já tinha escutado os boatos sobre as proezas dela na cozinha e tinha sentido um cheiro delicioso pelo cais, mas, assim como todos os demais moradores da cidade, não queria arriscar e tratar do assunto abertamente.

O coração dele afundou no peito quando os dois entraram no consultório. Neil estava contente, empoleirado no ombro de Polly.

– Mas isso não é exatamente o que eu lhe disse para não fazer? – indagou Patrick, áspero, passando a mão na careca, como sempre fazia quando ficava irritado.

– É... Mais ou menos – respondeu Polly.

Ela não deu nenhum sinal de sorriso; estava muito triste.

– Aposto que você deu um nome para ele.

– Hum...

Patrick estendeu a mão para o pássaro. Neil virou a cabeça de lado e saltitou para perto da orelha de Polly.

– Vem cá, rapaz – disse Patrick. – Vem aqui comigo.

No fim das contas, Polly segurou Neil enquanto Patrick tirava o curativo com cuidado. Primeiro, Neil ficou sem saber o que fazer. Bicou as penas com força, como se as visse pela primeira vez. Em seguida, experimentou mover a asa para cima e para baixo. Patrick apalpou os ossinhos minúsculos dele.

– Parece que ele se recuperou bem. Bom trabalho! Dá para ver que está saudável também, com um brilho nos olhos e as penas lustrosas.

Polly se encheu de orgulho.

– Agora tudo que precisa fazer é jogá-lo pela janela – acrescentou Patrick, mas se arrependeu das palavras logo em seguida.

– Eu me recuso a jogá-lo pela janela!

Polly não suportava a ideia de abandonar Neil no frio e na chuva. O tempo tinha mudado de novo, e ela já havia aprendido que, qualquer que fosse a temperatura prevista para o continente, tinha que subtrair cinco graus para Mount Polbearne.

– Foi para isso que ele nasceu – explicou Patrick. – Papagaios-do-mar são animais de bando. Ele precisa se reunir com o grupo dele, é assim que funcionam. Seria uma crueldade separá-los. É como manter um tigre em um zoológico.

Polly assentiu.

– Sei. Entendo.

Patrick suavizou o tom.

– Olha, e se a gente fizer uma tentativa da minha janela? A sala fica no térreo. Se ele não conseguir voar, não vai ser uma queda brusca.

Era verdade: por conta da inclinação da rua, poucas pedras separavam a janela do consultório de Patrick dos paralelepípedos do chão. Alguns transeuntes pararam para assistir ao espetáculo do homem e a mulher com o pequeno pássaro.

– Muito bem! Vamos lá, pequeno – disse Patrick, com gentileza, porém firme.

– Não consigo nem olhar – afirmou Polly, cobrindo os olhos.

Neil se ajeitou no antigo beiral de pedra e olhou ao redor, com cautela. Bicou as penas mais uma vez, e Polly se perguntou se ele estava com coceira. Um feixe de luz repentino iluminou a rua de paralelepípedos do lado de fora. Neil saltitou até a beirada e olhou para baixo, então virou a cabeça para Polly, como se buscasse aprovação.

– Pode ir – disse ela. – Tranquilo, garoto.

Neil ficou saltitando, nervoso. Patrick deu um empurrãozinho nele, ainda no beiral, e Polly estremeceu.

– Vamos lá – repetiu Patrick.

Fez-se uma longa pausa até que, enfim, Patrick empurrou Neil da janela com delicadeza. Polly ficou sem ar. O pássaro pairou no ar por um instante, prestes a despencar, tal e qual um desenho animado. Estava pronta para comprar uma briga com o veterinário, quando viu Neil retomar a tração e bater as asas furiosamente, balançando de um lado para outro até pousar tranquilo.

– Uhul! – Os dois comemoraram.

O papagaio-do-mar olhava em volta, sem acreditar no que tinha feito. Patrick e Polly deram uma salva de palmas, então Polly baixou os braços, melancólica.

– Bom, parece que chegou a hora mesmo.

– Sabia que existe um santuário de papagaios-do-mar na costa norte?

– Sabia. Então é isso – comentou, arrasada.

Patrick olhou nos olhos dela.

– Você está fazendo a coisa a certa.

– Eu sei.

Polly olhou para Neil, que estava tentando subir de volta pela parede, em vão. Esticou o braço e ele pulou na mão dela. Ficou esvoaçando, contente, para mostrar a Polly o que tinha aprendido a fazer.

– Eu sei. Eu sei que você é esperto – afirmou ela, com um sorriso triste no rosto. – Obrigada, doutor.

Polly pegou a mochila.

– Na verdade... – começou Patrick, coçando a cabeça – Ouvi dizer...

– Hum.

– Ouvi dizer que... – Ele olhou ao redor. – Ouvi dizer que você faz pão.

– Pelo amor de Deus! Estou virando uma traficante de carboidratos.

Patrick pareceu desanimado de repente.

– Eu sei, é que...

– Você adora pão. Bom, para a sua felicidade...

Polly enfiou a mão na mochila e tirou um Tupperware. Andar preparada não fazia mal a ninguém.

– Mel e linhaça. Recomendo esquentar na torradeira e comer com manteiga. Também fica ótimo com ovo cozido.

Patrick cheirou o pão.

– Nossa! Isso é sensacional! Obrigado.



No fim das contas, foi Huckle quem os denunciou. Como perceberam depois, tinha literalmente deixado uma trilha de farelo até a porta dela. Era sábado, de manhã cedo. Polly tinha acabado de checar os e-mails – nada de novo na caixa de entrada – e dar uma olhada em todos os sites de vagas de emprego. Estava ficando desesperada. As únicas duas vagas que chamaram sua atenção e batiam com suas competências eram estágios não remunerados. Sem poder bancar uma mudança de volta para Plymouth, sem dinheiro para um carro a fim de dirigir até lá, que raios Polly deveria fazer com a vida dela?

Estava olhando para o mar quando ouviu um ruído de pedrinhas na janela frontal. Franziu a testa – às vezes a água do mar respingava na janela durante as tempestades, mas nunca numa manhã tranquila. Então debruçou-se no beiral. Huckle estava na calçada, com um sorriso de orelha a orelha e o cabelo loiro reluzindo contra a luz do sol. Ele parecia estranho e grande demais para o cais pequenino, um alienígena transplantado de um país enorme para um minúsculo. Mas isso não parecia incomodá-lo.

– Oi! – cumprimentou ele. – Sabe que dia é hoje?

Polly prendeu o cabelo – não tinha nem penteado naquela manhã – e esfregou os olhos.

– Dia de Huckle?

Ele sorriu de novo, mostrando todos os dentes.

– Todo dia é dia de Huckle. Mas mais do que isso... É sábado!

– Sim...

Bem que ela gostaria de ter fins de semana. É incrível pensar que, antigamente, toda segunda de manhã reclamava de levantar cedo e sair para trabalhar. Agora daria tudo para ter aquela rotina de volta. Ah, as ironias da vida!

Huckle revelou dois potes de mel, que estava escondendo atrás das costas.

– Sábado de manhã, você tem *bagels*. Todo mundo sabe disso.

– Você trouxe os *bagels*?

– NÃO! – berrou Huckle. – Essa é a sua parte.

– Você trouxe café?

– Não!

– O jornal de hoje?

– Não!

– Ovos frescos?

Ele balançou a cabeça.

– Eu trouxe mel!

Polly sorriu.

– Tá bom. Acho que isso terá que servir.



Bagels eram complicados, Polly sabia muito bem disso. Colocou a água para ferver na panela. No mesmo instante, Neil, que vinha praticando as habilidades recém-descobertas (Polly ainda não achava que ele estava pronto para ir ao santuário), deu um salto e sobrevoou a mesa, a bancada, a beirada da panela, até que pousou triunfante na superfície feito um pato de borracha.

– DESCE daí! – ordenou Polly, exasperada.

Neil fazia isso toda vez que ela colocava a água no fogo. Polly não só lamentava o desperdício de água, como tinha receio de escaldá-lo qualquer dia.

– Eu achava que esse papo de você e o papagaio-do-mar morarem juntos não era nada sério – comentou Huckle.

Ele tinha acabado de voltar da lojinha de Muriel, para onde tinha sido despachado a fim de buscar café fresco, o jornal do dia, uma cebola e um pouco de *cream cheese*. Huckle aproveitou e deu uma passada no furgão do peixeiro, e voltou com salmão defumado e dois limões, e Polly o recebeu com um sorriso no

rosto.

– Bem melhor!

– Quase todo mundo gosta do meu mel.

– Eu gosto do seu mel – afirmou Polly. – Gosto muito. Mas nenhum homem vive só de mel. Nenhuma garota também. Nem mesmo um papagaio-do-mar. Toma, sova essa metade.

Os dois dedicaram-se a socar e girar a massa. Polly não pôde deixar de reparar no antebraço musculoso de Huckle, com pelos quase invisíveis sobre a pele bronzeada.

– Então... – disse ela. – Abelhas...

– Sim, abelhas.

– Você é um *abelheiro*?

– Apicultor.

– Claro, eu já sabia disso.

Polly empurrou a massa com força com a palma da mão, até ficar bem enroladinha. Era um movimento agradável.

– Não sova demais – instruiu a Huck, que parecia prestes a esmagar a massa com as mãozonas enormes. – Senão fica borrachudo.

– Eu gosto de pão borrachudo.

– Você que sabe. Come a sua metade, então, que eu como a minha.

– Sim, madame.

– Você não respondeu a minha pergunta sobre as abelhas.

– Sim. Não.

Polly olhou para ele de esguelha.

– Você é foragido da Justiça?

– O quê? Eu? Não. Não exatamente.

– Quando você diz “não exatamente”, me faz pensar que com certeza é um foragido. Você é como o cara da música do Johnny Cash que baleou um homem em Reno só para vê-lo morrer? Você soa como alguém que talvez fizesse isso. Meu Deus, vou virar uma daquelas americanas soturnas que escrevem cartas para prisioneiros condenados à morte!

Huckle abriu o sorriso vagaroso de sempre.

– Não matei ninguém, não. Não sou um procurado. Eu me mudei por razões pessoais.

Os dois sovaram em silêncio.

– Também me mudei para cá por razões pessoais – confessou Polly. – Minha vida foi por água abaixo.

Ele ergueu a sobrancelha educadamente, mas não a pressionou.

– Imagino que seja por isso que todo mundo se muda para cá – acrescentou ela, jogando a isca, mas tudo que conseguiu foi fazê-lo levantar a sobrancelha de novo. – Nossa, isso soou um pouco rude. É uma região muito agradável e tudo o mais...

– Eu acho muito agradável mesmo. E lindíssima.

– Como é a sua terra?

– Plana. É tudo muito plano e extenso, e quase não se vê viva-álma. É exuberante também, como uma selva. Tem um monte de plantas que podem comer você.

– De onde você é, da floresta tropical?

– De Savannah, Geórgia.

– Como é viver lá?

– É lindo – respondeu, sem pestanejar. – Uma beleza diferente. Das antigas. Tem várias plantações pequenas.

– Em plenos Estados Unidos? Pensei que fosse um país todo modernizado.

– Em grande parte, é. Atlanta é assim. Mas parece que se esqueceram de Savannah. É um lugar bem tranquilo.

– E faz muito calor?

– O verão é um forno.

– Como deveria ser – completou Polly. – Aqui só chove o tempo inteiro.

– Mas quando abre o sol, você realmente dá valor – disse Huckle, em um tom que indicava que não falaria mais nada. Então sorriu. – Certo. O que faço com isso agora?

A massa já estava bem sovada. Polly a deixou descansar em um local iluminado e protegido de Neil. Eles passaram um café na cafeteira, que, ultimamente, andava negligenciada, e abriram as janelas para deixar entrar a luz do sol.

– Sabe, olhando de fora, este apartamento parece que vai te matar – comentou Huckle, enquanto observava os tufo de poeira voarem sobre o assoalho limpo. – Mas aqui dentro até que não é nada mau.

– Eu sei – disse Polly. – Se eu tivesse dinheiro, cuidaria melhor dele. Compraria umas cortinas, para começo de conversa. O farol acaba comigo toda vez, mesmo com uma porta no caminho. É como se eu morasse no filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*.

– Nunca tinha pensado nisso.

– E passaria um verniz no piso.

Huckle considerou a questão.

– Posso fazer isso para você, se quiser. O problema é que não sei nem se o piso aguentaria o peso do verniz. Já viu como está envergado?

– Se eu já vi? Não sei se percebeu, mas eu moro aqui. O piso enverga sob meus próprios pés. Eu quase sempre caio da cama.

Ele sorriu, e de repente Polly sentiu um frio na barriga por Huckle pensar nela na cama. Mas ele não parecia estar flertando, era apenas educado (e um pouco faminto). De nada adiantaria pensar dessa maneira, de qualquer forma, pois só tinham trocado algumas mensagens rápidas, e além do mais, sentia que não tinha desistido de Chris por completo. Ainda assim. Ela e Huckle eram os únicos forasteiros na cidade. Era natural que gravitassem em torno um do outro.

Os dois se levantaram para cortar e moldar a massa.

– Isso é difícil – murmurou Huckle, tentando fechar os anéis.

– Espere até a gente colocar para ferver.

Ela resolveu tampar a panela dessa vez, e brigava com Neil toda vez que ele chegava perto.

O fogo era a parte mais complicada da receita, e ficava ainda mais difícil com a falta de utensílios adequados. Polly chegou a queimar o pulso de leve, tentando pescar um *bagel* obstinado da panela. Sem pensar duas vezes, Huckle pegou a mão de Polly e colocou na água corrente por muito mais tempo do que ela própria deixaria.

– Tem que tomar cuidado para a ferida não infeccionar. Mesmo pequenas queimaduras. Você acha que já passou, mas sempre pode piorar. Sem brincadeira.

– Você já levou picada das suas abelhas? – perguntou Polly, curiosa.

– Sim, claro! – respondeu, como se não fosse nada de mais.

– Não dói?

Ele sorriu e tentou parecer impassível. Então admitiu:

– Com certeza. Ferrãozinho dos infernos!

– E você não se acostuma?

– Não. Preciso tomar cuidado. Se me picarem muito, posso ficar alérgico ao veneno e elas podem me matar.

– Uma abelha pode matar?

– Acontece o tempo todo.

Huckle deixou que ela tirasse o pulso de baixo da torneira, advertiu-a por não ter um kit de primeiros socorros e mostrou uma caneta amarela que carregava no bolso.

– Chama-se EpiPen – explicou. – Caso alguém leve uma picada e tenha uma reação alérgica, é só aplicar.

– E se for você?

– Pois é. Eu teria que aplicar em mim mesmo. Penso muito nisso.

Os dois encararam a caneta.

– Nem pensar – retrucou Huckle.

– No quê? – indagou Polly, com um sorrisinho de canto.

– Em me dar uma injeção só pela diversão.

– Eu não estava pensando nisso.

– Aposto que estava.

– Talvez um pouquinho. Talvez tenha pensado em exigir um resgate.

– É só ver uma EpiPen que já quer cometer um crime. Isso é bem preocupante.

Estavam sorrindo um para o outro quando Polly colocou os *bagels* no forno. Dez minutos depois, alguém bateu à porta.



– Sabe, estávamos de passagem por aqui – comentou Tarnie.

Jayden arrastava o pé ao lado dele, encabulado.

– Estavam nada! – rebateu Polly. – Vocês trabalham aqui do lado.

Tarnie sorriu.

– Aceita um peixe?

– Olha, vocês estão com MUITA SORTE por anteciparem algo assim. Acabei de assar vinte e quatro *bagels*, uns dois a mais do que consigo comer.

Huckle desceu para ver que comoção era aquela. Tendo em vista que era sábado, dez da manhã, e ele estava descalço e vestia uma camisa de linho toda amassada e uma velha calça de sarja, de repente Polly se sentiu obrigada a dar uma explicação.

– O Huck veio trazer mel há mais ou menos uma hora. Para fazer *bagels*.

No mesmo instante, ele completou a história:

– Eu só estava de passagem.

Ela se sentiu um pouco ofendida com a urgência dele em esclarecer que tinham apenas se esbarrado e nada mais. Além do mais, ficou com a sensação de que, por tentarem se explicar com tanta minúcia, acabaram passando a impressão de que estavam de fato aprontando alguma coisa. E por que deveria se

importar com a opinião de Tarnie?

– O que é um *bagel*? Posso usar o seu banheiro? O que é um *bagel*? – indagou Jayden, o jovem pescador.

– Jayden! – censurou Tarnie. – Sinceramente, parece que sou o professor da escola.

– Pode usar o banheiro – disse Polly. – E vocês podem experimentar os *bagels*.

Eles levaram os *bagels* até o cais, doze de cebola e doze de canela, além de mel, salmão defumado e *cream cheese*, limonada, facas e uma jarra de café. Todos os pescadores se aproximaram. Pareciam um pouco confusos a princípio, mas comeram com vontade, espalhando farelos por toda parte. Os *bagels* estavam perfeitos, crocantes por fora e macios por dentro. Era muito fácil notar a diferença entre os círculos perfeitos de Polly e as formas amorfas de Huckle, que mais pareciam obras infantis de massinha. O gosto, contudo, era o mesmo. Tudo estava uma delícia. Um banquete e tanto para uma manhã ventosa de primavera.

Jayden olhou para as janelas de Polly.

– Você já viu o fantasma? – perguntou ele, curioso.

– O QUÊ?! – exclamou Polly, agitada. De repente, lembrou-se da figura sombria que tinha visto no cais. – Não seja bobo.

Aquilo não foi nada, disse a si mesma. Só uma ilusão de ótica. Ainda assim, sentiu o pulso acelerar.

– Longe de mim falar bobagem – teimou Jayden. – O cais é mal-assombrado. Todo mundo sabe disso.

– Jayden! Cala a boca! – advertiu Tarnie.

– Mas é verdade – retrucou ele, cabisbaixo.

– Não acredito em fantasmas – afirmou Polly, demonstrando muito mais segurança do que de fato sentia. Não era Jayden quem dormia ali sozinho. – Que tipo de fantasma inexistente?

– É o espírito de uma moça – explicou Jayden. – Ela se arrasta pelos muros do cais, à espera do amor da sua vida. Mas ele nunca volta. Afinal, foi devorado pelos peixes no fundo do mar. O homem saiu para pescar um dia e nunca mais voltou. E a jovem fica à espera dele, chamando-o assim: “Buuuuuuu”!

– O nome dele era Bu? – indagou Polly.

– É bobagem – disse Tarnie. – Não dê ouvidos a ele, Polly. Jayden é um idiota.

Era fácil rir daquela história toda à luz do dia, cercada de pessoas, sobretudo com a imitação de fantasma que Jayden fez, com os olhos vinhos e a língua para

fora.

– A mulher se matou – contou ele. – Se jogou na água. Mas o espírito dela ainda paira por aí...

– Mas e então, como vai o negócio da pesca? – Huckle perguntou para Tarnie, mudando de assunto ao perceber que Polly estava perturbada.

Tarnie o encarou, desconfiado.

– Vai bem, obrigado – respondeu, curto e grosso.

– Está horrível – confessou Jayden, deixando de lado a personificação do fantasma. Quando Tarnie o fuzilou com o olhar, acrescentou: – Que foi? Só estou falando a verdade. Quando tem peixe, temos uma cota para cumprir, e quando não tem, passamos fome. E faz frio, e é úmido e péssimo. É uma pena que eu não tenha passado na qualificação do ensino médio.

– Você não passou no exame, Jayden? – perguntou Polly com delicadeza. Reparou que o rapaz parecia nem ter barba ainda. – E não pensa em tentar de novo?

Jayden parecia confuso.

– Mas eu posso?

– Claro que pode. Você não prestou atenção na escola?

– Acho que a resposta é óbvia – implicou Tarnie.

Jayden parecia desanimado.

– Nunca é tarde, sabe – incentivou Polly.

– Não sei se nasci para usar terno e gravata – murmurou Jayden.

– Ah, eu gosto do que faço – disse Archie, o segundo braço direito de Tarnie. Era gordinho, de pele clara, com bochechas coradas de sol. – Gosto de navegar pelo mar quando o sol está se pondo. Gosto de ver os pássaros na água quando chegamos perto das zonas de pesca. Gosto da cor do céu...

Um dos homens emulou sons de beijos.

– Ei! – exclamou Polly. – Pode parar com isso ou não vai mais ganhar *bagel*.

Os homens ficaram quietos na hora. Archie estava vermelho, as bochechas pegando fogo, e resolveu parar de falar.

– E quanto a você? – Polly perguntou para Tarnie.

Tarnie se virou e encarou o mar. A luz do sol primaveril dançava sobre as ondas.

– Bom... Era o que o meu pai fazia. E o pai dele. E por aí vai. Minha mãe costumava dizer que tenho água salgada nas veias. – Seu sotaque ficou mais pesado, e o olhar se perdia no horizonte. – Archie tem razão. Às vezes, à deriva, quando é só você e o mar e nada mais, e tudo que dá para ver de madrugada são

as estrelas no céu, longe do farol, e você se deixa levar pelo ritmo de algo muito maior... É, é bom.

Polly o encarou por um instante.

– Uau! – disse Huckle. – Parece legal mesmo. Posso ir com vocês uma noite?

Os homens olharam para ele e deram risada, mas Tarnie deu de ombros.

– Você é que sabe.

– Só não pode vomitar! – implicou Jayden. – Não vomite nos peixes! A coisa fica feia quando alguém passa mal.

Huckle assentiu.

– Imagino. Eu velejava um pouco quando era criança.

Os pescadores trocaram olhares. Já tinham escutado essa antes.

– Então como começou a trabalhar com mel? – perguntou Jayden.

Huckle deu de ombros.

– Bem, eu detestava o meu antigo trabalho...

– Você trabalhava com o quê? Geleia? – indagou Polly.

Ficou um pouco sentida por ele começar a se abrir com os pescadores quando tinha ficado todo desconfiado com ela.

– Hã, não. Eu era... um executivo.

– Era o quê? – perguntou Jayden, confuso.

– Executivo. É um trabalho para quem passou no exame do ensino médio – comentou Kendall. – Talvez nem assim.

– Não sei que exame é esse – comentou Huckle. – Mas eu trabalhava em um escritório, sim.

– Dentro de um escritório? – indagou Jayden. – O dia inteiro? Você já ficou encharcado no trabalho alguma vez?

– Nunca.

– Eita-ferro! – exclamou Jayden. – Parece muito bom.

– Mas não era. – Huckle esfregou os olhos. – Enfim. O mundo dá voltas.

Ele se calou de novo. Polly o observava de perto.

– Mais dinheiro – comentou Jayden, ainda fascinado. – Em um local fechado. Isso parece incrível.

– Vou pesquisar cursos noturnos para você – disse Polly.

– Então... – prosseguiu Huckle. – Pensei em tentar algo novo.

– Mel? – Jayden se antecipou.

– Não. A vida de caubói! – ironizou Huckle. – Sim, trabalhar com mel.

– Agora fiquei confuso. Porque você soa um pouco como um caubói – avaliou Jayden.

Huckle abriu o sorriso vagaroso de sempre.

– Não sou um caubói.

– Aposto que se colocasse um chapéu, ficaria igualzinho a um – observou Jayden. – Talvez eu devesse ser um caubói.

– Talvez você devesse parar de falar, por dois minutos que seja! – reclamou Tarnie, e Jayden tornou a ficar em silêncio.

– E como consegue ganhar a vida fazendo mel agora? – quis saber Polly.

Ele fazia a troca de estilos de vida parecer tão fácil. Somente ela, entre todos ali, sabia que isso era tudo, menos fácil, e se perguntou se seria capaz de largar um trabalho estável sem pensar duas vezes. Não, não sem um chacoalhão sísmico.

– Digo, dá algum dinheiro? – acrescentou ela.

Huckle a fitou, e algo nos olhos dele parecia indicar que entendia a situação precária de Polly.

– Hã... É que, na verdade... – Todos o encaravam, na expectativa. – É que... O mel foi mais uma mudança de estilo de vida, entende?

Jayden claramente não estava entendendo. Até que caiu a ficha.

– Quer dizer que não precisa trabalhar? – perguntou, de olhos arregalados. – Você é rico?

Huckle ficou corado e desviou o olhar.

– Rapaz, não é bem assim... – respondeu, mas não complementou a sentença. Estava sem graça.

– Você tem um helicóptero? – indagou Jayden.

Huckle riu.

– Não!

– Droga! – exclamou Polly. – Eu devia ter seguido os seus passos antes de largar a carreira. Ficar rica devia estar na minha lista de afazeres. – Naquele instante, todos se viraram para ela. Polly também ficou corada e mudou logo de assunto. – Enfim! – prosseguiu, limpando os farelos. – Alguém sabe que ônibus vai até o santuário dos papagaios-do-mar?

– Por quê? – perguntou Tarnie, mas soube a resposta assim que viu a expressão dela. – Ah, não. O Neil!

Neil estava ao lado de Polly, em cima da mureta do cais, bicando um pedaço de *bagel* como quem não quer nada. O bicho ergueu a cabeça quando ouviu o próprio nome.

– Aparentemente, estou sendo cruel com ele e desrespeitando seus direitos animais.

– Verdade seja dita, ele está ficando gordinho – observou Tarnie.

– Meu papagaio-do-mar não está gordo! – retrucou Polly, irritada. – E Neil ainda é novinho. Não fala assim. Pode afetar a autoestima dele.

– Bom, talvez fizesse bem a ele. Assim percebe que está gordinho e faz algo a respeito. Não adianta ignorar o óbvio.

Polly mostrou a língua para Tarnie.

– É um lindo papagaio-do-mar.

– Não tem linha de ônibus para lá – disse Jayden. – Tem que pegar um ônibus executivo. Fui uma vez só, em um passeio da escola. É tudo que lembro daquele ano.

– Foi legal? – perguntou Polly. – É um lugar bacana?

– Eu vomitei no ônibus.

– Boa! – Huckle riu e logo acrescentou: – Quer dizer, sinto muito pelo seu papagaio-do-mar.

Polly fez carinho nas asas de Neil.

– Está tudo bem – disse ela, com a voz trêmula. – Ultimamente estou ficando boa em desapegar.

Todos ficaram em silêncio, até que Huckle deu um pulinho.

– Posso levá-la até lá – sugeriu.

Tarnie ergueu o rosto, como se estivesse com a mesma ideia na cabeça.

– Você tem carro? – perguntou Polly.

– Não exatamente.

Naquele segundo, uma sombra pairou sobre o grupinho, e Neil se aproximou mais ainda de Polly, a fim de se proteger. Ela ergueu o rosto, ainda abalada, e deparou com a figura corpulenta de Gillian Manse.

– Ah, pelo amor de Deus – sussurrou Polly.

– O que é isso? – indagou Gillian, com uma voz que ecoava pelos muros do cais. – Está organizando piqueniques agora, é? Acho que isso não está no contrato.

O chão estava coberto de farelo. Havia gaivotas enfileiradas em cima do muro, à espera de uma chance para dar o bote assim que todos saíssem dali. Havia *bagels* mordidos em guardanapos de papel.

– Que porcaria é essa? – quis saber Gillian Manse.

– É um *bagel*.

– O quê?

– Um clássico da panificação, conhecido no mundo todo – respondeu Polly, de repente furiosa. – Do tipo que qualquer padeiro conhece.

Huckle lançou-lhe um olhar preocupado.

– Bom, não quero isso na minha cidade – retrucou Gillian. – Não há nada de errado com uma empanada.

– Não há anda de errado com uma *boa* empanada – rebateu Polly. – E não há nada de errado com pessoas que fazem pão quando bem entendem. É um país livre, então VÊ SE LARGA DO MEU PÉ.

Huckle deu um tapinha no braço dela.

– Está tudo bem, fique calma.

Polly se virou para ele.

– Ela se acha a valentona – sussurrou.

A expressão de Gillian era severa.

– Só não quero que ninguém arruíne o meu negócio!

– Você é que está arruinando seu próprio negócio, com aquele pão horrível!

Tarnie se levantou.

– Senhoritas, por favor...

– Não me venha com “senhoritas” – retrucou Polly, mais exasperada que nunca. – Essa bruxa quer mandar em mim na minha própria casa.

– Se depender de mim, não vai ser sua casa por muito mais tempo.

– E o que ISSO quer dizer? – berrou Polly.

– Acalmem-se – pediu Tarnie, tentando apaziguar a situação.

– Exatamente o que eu disse. A casa é minha. Posso despejá-la quando eu bem entender.

– Por fazer um sanduíche?

– A decisão é minha.

A mulher estava roxa, em chamas, tomada pela fúria. O aspecto era assustador. De repente, Polly perdeu toda a vontade de brigar. Só queria dar o fora e esquecer tudo.

Gillian se agachou, pegou o último pedaço de *bagel* e jogou no mar. No mesmo instante, um bando de gaivotas mergulhou de cabeça na água. A mulher deu as costas e saiu andando.

Polly se deu conta de que estava tremendo.

– Gillian é a mulher mais diabólica, mais terrível... Ela vai me despejar.

– Não vai, não – disse Tarnie. – Ela precisa do dinheiro do aluguel. É só uma mulher de idade, tentando levar a vida.

– Ela é uma bruxa horrível tentando me expulsar daqui! Não acredito que está do lado dela!

Tarnie parecia desconfortável.

– Eu sei, mas...

– Deve ser por causa dela que este lugar está morrendo, do jeito que fica amaldiçoando qualquer um que venha morar aqui!

Os pescadores agradeceram a comida com murmúrios encabulados e se retiraram.

– Legal! Agora *eu* é que pareço doida – falou Polly, irritada. – Era só o que me faltava.

Huckle sorriu e foi embora também, deixando-a ainda mais solitária, sentada na mureta. Ela estava com vergonha; sabia que tinha perdido as estribeiras, que de nada adiantava descontar sua frustração com uma senhora. Parecia que, toda vez que Polly começava a abrir caminho e se impor, tudo ruía de novo.



Capítulo dez

Polly não conseguia dormir. Virava de um lado para outro e chorava um pouquinho de vez em quando. Não era capaz de acreditar que as coisas tinham ido de mal – muito mal – a pior. Só queria conhecer algumas pessoas e se sentir melhor – e assar pães definitivamente fazia com que se sentisse melhor. Mas encontrar tamanha maldade e resistência... Teria que se mudar de volta para Plymouth. De qualquer forma, logo estaria sem teto; sem sombra de dúvida, aquela mulher malvada e terrível logo trataria de despejá-la. Além do mais, de repente lhe ocorreu que era bem provável perder o depósito caução. Sentiu um arrepio na espinha, parecia estar em queda livre. Não tinha economias; para onde iria? Imagina, ser sustentada por programas de assistência do governo, em um dos conjuntos habitacionais de Plymouth, com cercas de arame farpado, elevadores pestilentos, cachorros enormes e usuários de drogas nos corredores!

Ou viver espremida com a mãe em Rochester, no casebre superaquecido onde crescera. A mãe tinha muito orgulho da filha formada, trabalhadora, que vivia com um homem bacana, de classe média e carreira promissora, os dois donos do próprio negócio, proprietários de um daqueles novos apartamentos executivos de frente para o mar... Seria uma vergonha para a mãe, que adorava se gabar da filha para os amigos. Seria uma vergonha para Polly. Céus.

Algumas ansiedades pioravam muito à noite e ficavam mais manejáveis com a luz da manhã, ou até desapareciam com a primeira xícara de café do dia, como um sonho ruim, ou eram racionalizadas com os afazeres do dia, quando o cérebro ficava sem muito espaço para remoer os erros e as oportunidades perdidas, os arrependimentos e as preocupações com o futuro. Polly pressentiu que seus problemas não seriam resolvidos tão cedo. Se não tivesse feito aquele

tanto de pão para provocar Gillian Manse e, verdade seja dita, se exhibir... Se não tivesse respondido, a mulher teria deixado todos em paz e Polly não estaria prestes a ficar desabrigada. Céus.

Embora o quarto sem aquecimento estivesse congelante, saiu de baixo do edredom com calma, levantou e disparou até a sala, para perto da chaleira. Uma bebida quente ajudaria. Decidiu acender a luz e ler um livro, ou fazer qualquer atividade que tirasse essas coisas de sua cabeça e impedisse seu cérebro de pifar. Ligou o aquecedor da água. Levaria duas horas para esquentar a água do banho, mas tudo bem, poderia tomar um banho de manhã se conseguisse dormir mais um pouco. De certo modo, sabia que não cairia no sono de novo. Teria que lidar com isso. Não tinha nada para fazer no dia seguinte mesmo. Ou no dia depois. Ou no dia depois. Se quisesse dormir até tarde, nada a impediria. Até mesmo Neil já estava no quinto sono, apagado na caixinha dele. Polly estava sozinha.

Ainda enrolada no edredom, esgueirou-se até a janela para olhar a vista. Não tinha muito o que ver, mas só de saber que os barcos pesqueiros estavam à deriva, não se sentia mais tão sozinha. Sabia que lá fora, em algum lugar, Tarnie, Jayden, Archie e os outros estavam acordados, talvez bebendo chá também, em meio às escamas prateadas e barbatanas trêmulas dos cardumes, ou remendando redes, ou tirando o gelo do congelador para manter a carga fresca para as feiras matutinas da costa, de Mount Polbearne até Penzance.

Com tudo isso na cabeça, tinha se esquecido da história boba de Jayden sobre a mulher fantasma, até de fato se dirigir à janela. Quando o feixe de luz do farol passou pela casa, teve um pico de adrenalina, mas estava tão exausta e deprimida com tudo, que lhe faltou energia para ficar com medo do sobrenatural. A vida dela já era assustadora o bastante.

Os olhos de Polly se ajustaram à escuridão do cais: as pedras, a luz da lua refletida na água – a noite estava excepcionalmente iluminada –, uns poucos carros estacionados, os postes apagados... Até que Polly viu. Inclinou o pescoço e espiou mais de perto. Sentia que o coração explodiria a qualquer momento. Lá estava ela. A figura, na mesma posição, parada ao pé do muro, imóvel, observando o mar feito estátua.

Polly perdeu o fôlego. Olhou de volta para o quarto, depressa, para se certificar de que seus pertences ainda estavam ali, não perdidos em um passado longínquo. A visão de Polly foi ofuscada de novo, e ela piscou uma ou duas vezes para se acostumar com a noite. Então se virou e abriu a janela. Era uma madrugada ruidosa, mas Polly não se deixou abalar; o medo e a ansiedade a deixavam imprudente. Debruçou-se na janela a fim de tentar ver a figura.

– EI! – gritou. – EI!

A figura se virou de repente, em choque. No mesmo instante, o feixe de luz do farol varreu a cena de novo, e Polly viu, horrorizada, a mulher escorregar e cair, com a saia voando ao vento e o cabelo longo escorrendo logo atrás.



Polly não teve tempo para pensar. Pegou um casaco e colocou por cima do pijama, enfiou os pés em um par de botas e saiu correndo, fazendo um estardalhaço na escada. Não era uma aparição, muito menos um sonho. Havia alguém ali, na ventania, em plena madrugada fria.

Na rua, momentaneamente desorientada, desejou ter trazido uma lanterna. A lua estava quase cheia, mas as figuras escuras tinham ganhado novas dimensões, e Polly não sabia bem em que altura do píer precisava ir. Por fim, passou por uma brecha sem tábua, olhou para baixo e ficou sem ar.

Ali embaixo, estirado na água rasa, estava o corpo robusto de ninguém mais, ninguém menos que a Sra. Manse. Sem o destemido coque, dava para ver que tinha cabelo longo, e os contornos redondos estavam escondidos por trás da camisola fluida e do roupão que vestia. Polly se ajoelhou ao lado dela. A mulher estava respirando, mas quando o feixe de luz do farol passou ali, Polly reparou que a Sra. Manse estava com um corte na cabeça, sangrando. Precisava tirá-la da água congelante.

– Gillian – sibilou. – Gillian! Meu Deus, eu sinto MUITO.

A mulher não se mexia. Polly suspirou. Onde estavam os cinco pescadores fortões quando precisava deles? Examinou os prédios da rua. Os demais apartamentos estavam vazios. Ela precisava do celular. Mas se voltasse para casa a fim de buscá-lo talvez fosse tarde demais... Não. Teria que agir por conta própria.

Agachou-se e pegou a mulher pelos braços, levantando-a com todas as suas forças. O mar continuava tentando puxar o corpo, como se quisesse clamá-lo. A cada puxada, Polly praguejava e tentava ganhar um pouco mais de tração. Por fim, bem devagar, conseguiu tirá-la da boca das ondas – ambas já encharcadas – e carregá-la até a arrebentação. Pediu socorro algumas vezes, mas logo desistiu, por ser um desperdício de fôlego e energia; ela precisava prosseguir com o resgate sozinha.

A maré começava a subir. As ondas respingaram no rosto de Polly quando

ela se agachou para verificar se Gillian ainda respirava. O cabelo longo da mulher agora estava enfeitado com camadas de alga. Gillian se desprende dos braços de Polly, que seguiu praguejando. A mulher não acordou, e Polly começou a entrar em pânico, com receio de que seus esforços fossem por água abaixo. O feixe de luz passou de novo, e ela se perguntou se alguém seria capaz de vê-las do alto do farol. Então lembrou que ninguém ficava de fato lá dentro; ultimamente, todos os faróis eram automatizados. Isso não ajudava em nada. Por Deus, deveria ter alguém lá dentro para acionar o alarme em casos como esse.

A luz, por alguma razão, deu mais energia a Polly, o bastante para carregar Gillian até a areia. Evitou pensar na quantidade de hematomas que iria surgir. Dali em diante, ficou bem mais fácil, sem as ondas batendo nela e a água gelada no tornozelo.

Por fim, chegou ao topo do cais e se debruçou para recuperar o fôlego. Ela se perguntou o que fazer. Por que diabos não tinha o número de nenhum pescador? De qualquer forma, lembrou que eles não estariam por perto; estavam a milhas e milhas de distância de qualquer torre de telefone ou qualquer sinal de civilização, no meio do mar da Irlanda.

Olhou ao redor e examinou a cidade deserta mais uma vez. Então, tirou o casaco para cobrir a mulher empapada. Precisava de ajuda, e rápido, e se explicar para qualquer um dos moradores desconfiados de Mount Polbearne tomaria muito tempo.

Correu de volta para casa e subiu as escadas num pulo. Botou a chaleira no fogo, pegou algumas cobertas e ligou para a polícia no celular. Enquanto fazia tudo isso, reparou no pote de mel que tinha deixado em cima de um dos utensílios de cozinha. O telefone de Huckle aparecia impresso no rótulo.

Resolveu ligar para ele primeiro, antes de qualquer coisa. Huckle saberia o que fazer. Polly se deu conta de que sua suposição não tinha embasamento algum, mas não dispunha de muito tempo. Pôs a água quente em uma xícara, jogou as cobertas por cima do ombro e correu de volta lá para baixo o mais rápido que pôde, equilibrando tudo nas mãos e ligando para Huckle ao mesmo tempo.

A ligação chamou tantas vezes que Polly concluiu que talvez o telefone de Huckle estivesse desligado, mas então ouviu a fala mansa familiar, mais vagarosa e sonolenta que nunca.

- Hum. Alô?
- Huckle?
- Sim?

– Huckle, sou eu... A Polly.
– Ah... Certo. Desculpa. Pensei que alguém tinha se confundido com o fuso horário de novo.
– Huckle, preciso de você...
– Ah, você sabe que eu não estou exatamente...
– Cala a boca! Preciso que venha até Polbearne. A senhora Manse caiu na água!
– Ela o quê?
– A velha senhora. Caiu na água. – Polly tentava tirar o roupão encharcado da mulher e não estava muito disposta a prolongar a conversa. – Huckle. Vem logo! Estou no cais.

Ela deu uma olhada na ponte. A passagem ainda estava livre.

– Certo. Tá bom.

Polly desligou e checkou o estado da Sra. Manse. Estava respirando e começava a despertar. De repente, percebeu que não queria que a mulher acordasse e encontrasse Polly ali, tirando as roupas dela. Ligou para a polícia. Eles foram bem solícitos e disseram que levariam cerca de meia hora; aconselharam-na a tirar as roupas de Gillian e enrolá-la em cobertores, e, se a mulher conseguisse se sentar, Polly deveria lhe dar algo quente para beber – mas não álcool.

Era mais fácil falar do que fazer. Toda vez que conseguia pôr um cobertor em Gillian, ela se sacudia para tirá-lo de cima. Era óbvio que a mulher estava confusa: resmungava para si mesma e tentava se levantar. Polly estava tendo a maior dificuldade para segurá-la.

De repente, um estrondo gutural cortou a cidadezinha. Polly teve um sobressalto. Era um barulho monstruoso que ecoava pelas antigas paredes de ardósia e os pavimentos de pedra. Segurando a Sra. Manse pelos ombros com firmeza, Polly espiou escuridão adentro, tentando entender o que diabo era aquela comoção toda.

Virando a esquina com um rugido fenomenal surgiu algo que parecia ter saído direto dos anos 1940: uma motocicleta clássica de cor vinho escura, motor pequeno e rodas raiadas em preto. Tinha também um side-car no mesmo tom bordô.

– Mas que diabo? – falou Polly.

Montada no veículo vinha a enorme figura de Huckle, e a engenhoca avançava a uma velocidade incrível, seu bramido monumental ecoando pela cidade inteira. Por fim, as luzes começaram a se acender nos quartos das pessoas.

“Ah, nossa, muito obrigada por vir ver o que estava acontecendo quando era eu que estava gritando a plenos pulmões aqui”, pensou ela.

De maneira dramática, como um esquiador freando, Huckle parou diante dela, derrapando de lado. O enorme farol da moto ofuscava a visão de Polly, e ela ergueu a mão para proteger os olhos.

– Ai! – exclamou.

Huckle saiu do veículo e tirou o capacete preto vintage, sacudindo os cabelos loiros um pouco longos demais.

– O que é isso? – perguntou Polly.

A Sra. Manse ainda tentava se soltar.

– É um jet ski – respondeu Huckle, irônico. – Sério, eu venho até aqui e essa é a pergunta que você me faz? – Voltou a atenção para a senhora, agachando-se ao lado dela na rampa. – Agora, vejamos, o que tá pegando? – indagou, com calma e gentileza.

Pegou a Sra. Manse nos braços e, por milagre, a forma volumosa pareceu menor e mais leve. Polly a soltou, aliviada, e esfregou os braços para restabelecer a circulação. Na mesma hora, a Sra. Manse se acalmou e chamou alguns nomes. Polly não reconheceu nenhum.

– Tem algo para ela beber? – questionou Huckle. – Talvez seja bom. A ambulância está vindo?

– A ambulância está vindo, e sim! – respondeu Polly, sentindo-se orgulhosa, e entregou-lhe a caneca de água quente.

A Sra. Manse provou um pouco e então cuspiu fora.

– Parece que ela já está melhorando – observou Huckle. – O que aconteceu, Pol? Vocês duas brigaram outra vez?

– Você não pode estar falando sério! – disse Polly. – Acha mesmo que eu empurrei uma senhorinha no mar?

– Sei lá, eu não te conheço muito bem. – Quando Polly o encarou, ele acrescentou: – Está bem, está bem. – Olhou para a Sra. Manse. – Então o que aconteceu?

Polly suspirou.

– Ah, meu Deus, eu também vou ter que explicar tudo aos paramédicos, não é? E provavelmente à polícia...

– Polícia? – perguntou Huckle, o cenho franzido.

– Eu a vi lá parada... na verdade, nem sabia quem era porque estava longe demais. Eu gritei para ela... só queria saber quem era. E acho que acabei assustando a senhora Manse. Ela escorregou e caiu. – Polly engoliu em seco. –

Acha que eles podem acabar me indiciando por homicídio?

– Não, mas eu vou processá-la – respondeu Gillian, com a voz rouca.

– Ah, graças a Deus! – exclamou Polly. – Graças a Deus. Senhora Manse, me desculpe, DE VERDADE. Mas o que estava fazendo lá fora no meio de uma noite dessas?



Polly tentou se explicar quando a ambulância chegou e um carrinho de polícia atravessava o piso acidentado da ponte com cuidado, dirigido por um policial sonolento de bigode. A Sra. Manse estava na parte de trás da ambulância, enrolada em cobertores térmicos prateados que nem um peru, e reclamava que não se podia nem dar uma caminhada noturna sem ser agredida. Por sorte, o policial não parecia inclinado a levar aquilo muito a sério.

A própria Polly tinha suas dúvidas.

– Ela não estava caminhando! Estava parada bem ali! E eu já a vi ali outras vezes – sibilou ela para Huckle.

– É um corte bem feio – comentou o paramédico. – Acho que a senhora ainda está um pouco atordoada, e torço para que não fique doente por causa da água gelada. Acho melhor levarmos a senhora para passar um tempinho no hospital.

– Não posso – respondeu Gillian, com dignidade. – Preciso abrir a padaria.

Todos ficaram em silêncio.

– Bom, posso afirmar com certeza que isso não vai acontecer tão cedo – falou o paramédico, em tom animado.

– Mas eu tenho que fazer isso. É o meu trabalho.

– E o *nosso* trabalho é fazer a senhora melhorar, então se eu fosse a senhora, aproveitaria para relaxar.

– Mas eles precisam da padaria.

– E a senhora deveria agradecer a essa moça aqui por ter sido tão rápida em tirá-la da água e por ter tido a presença de espírito de cuidar da senhora sem entrar em pânico. Na sua idade e na sua condição, a senhora não deveria ficar zanzando pelo cais escorregadio – disse o paramédico. – Podia ter sido muito pior.

Gillian Manse olhou para Polly. Naquele momento, não parecia irritada, apenas confusa e derrotada.

– Tá – disse ela, mas não parecia nada agradecida.



Não tinha por que voltar para a cama. Polly e Huckle tomaram café puro e ficaram sentados no cais, vendo o sol nascer e conversando sobre o ocorrido. O frio foi se dissipando aos poucos, conforme as estrelas se apagavam, ao mesmo tempo em que raios em tons de rosa começavam a despontar no horizonte a leste. A escuridão ia recuando e a conversa amigável corria solta. Por volta das cinco e meia da manhã, o céu era um misto de amarelo, cor-de-rosa e azul, prenunciando o nascer de um lindo dia. Respirar o ar fresco do mar fazia com que os eventos estranhos da noite logo ficassem para trás. Ficaram observando um pontinho preto que surgiu no horizonte, seguido por outros pontinhos pretos: eram os homens do mercado de peixe com seus furgões. As gaivotas se animaram.

– Vou esperar para conversar com Tarnie – afirmou Polly. – Ele mora aqui desde sempre. Se alguém sabe o que está passando pela cabeça dela, esse alguém é ele.

– Boa – falou Huckle, balançando as pernas na beira do cais. – Além do mais, precisamos pensar no café da manhã.

– Todos terão que pensar no café da manhã – observou Polly. – Não tenho pão suficiente para alimentar a cidade inteira! O que as pessoas vão comer?

– Vai sair no jornal – falou Huckle. – A cidade sem pão. O estado sem carboidratos.

Os dois se entreolharam.

– Não – falou Polly. – Além do mais, a senhora Manse ia ficar uma fera. Ela nunca concordaria.

– Achei que a mulher só estava interessada em salvar o comércio dela – comentou ele, esticando as pernas compridas.

– É, isso e acabar com a minha raça – rebateu Polly. – Não se esqueça dessa parte.

– Acho que não era nada pessoal – respondeu Huckle, se alongando e bocejando.

Polly sentiu um desejo repentino e ridículo de correr os dedos pelos cabelos espessos dele. “Só pode ser a falta de sono”, pensou. Mas havia em Huckle um quê tão másculo: o tamanho, os músculos definidos, o corpo volumoso tão

próximo que chegava a emanar calor. Ela baixou o olhar.

– Eu sei. Mas é que, juntando isso com tudo o que me aconteceu nos últimos tempos... *pareceu* pessoal – disse ela.

– Talvez você tenha vivido uma vida muito protegida até hoje – murmurou Huckle, fitando-a.

Por causa do vento, o cabelo ruivo com tons dourados de Polly estava um tanto embolado, criando um visual dramático. Tinha a pele pálida, o que só enfatizava as sardas bonitinhas presentes no nariz.

– Não foi protegida o bastante – queixou-se Polly. – Enfim. Eu nunca poderia ter uma padaria. Faço pão por diversão, não para ganhar dinheiro.

– E o que faz para ganhar dinheiro? – perguntou Huckle, sério.

Polly apenas o olhou, sem dizer nada, depois se levantou para ir cumprimentar os barcos que estavam chegando.



O semblante de Tarnie era de preocupação ao ouvir a notícia, e a fofoca já começava a correr entre os peixeiros.

– Isso é ruim, bem ruim – disse ele, com desânimo nos olhos azuis.

– Mas o que... o que ela estava fazendo? – perguntou Polly.

– Quem tem padaria tem que acordar muito cedo – falou Jayden.

Estava alegre porque a pescaria tinha sido boa. Os peixes prateados refletiam o sol matinal nas escamas ainda luzidias. Até a hora do almoço, eles estariam nos pratos de Rock e St. Ives e Truro.

– Hum – falou Tarnie. – Estava pensando aqui... seria bom se alguém fosse até a padaria para garantir que as coisas não desandem.

– Ela tem amigos que possam fazer isso? – indagou Polly.

Um tanto desconfortável, Tarnie respondeu:

– Ah, bem, sabe, ela sempre teve um gênio bem forte, a Gillian Manse.

Isso fez com que Polly se sentisse terrível na mesma hora. Ela agira muito mal por ter ficado tão furiosa com uma senhorinha que não tinha família nem amigos. Fora muito desrespeitoso de sua parte pensar que poderia chegar ali, do nada, e ameaçar o sustento daquela mulher. De repente, Polly se sentiu um lixo. Culpada, quis fazer o que fosse necessário para consertar as coisas. Nada daquilo fora pessoal – Huckle estava coberto de razão –, mas ela havia caído na armadilha de descarregar as próprias agruras e decepções em outra pessoa.

– Hã, será que eu posso ajudar? – quis saber Polly, ansiosa para ser útil. – Estou me sentindo tão mal com tudo o que aconteceu.

Tarnie a fitou, pensativo.

– Na verdade, acho que pode, sim – respondeu ele. – Você deve saber... o que poderia agradar uma senhora que está numa cama de hospital, eu acho. Eu nunca saberia.

Polly sorriu. Era óbvio que Tarnie não tinha uma namorada ou esposa. Nunca imaginara que pescadores teriam dificuldade em encontrar uma namorada – na verdade, o assunto nunca nem lhe ocorrera antes na vida –, mas pensando bem, o fato de viverem naquela localidade tão remota, o horário de trabalho tão antissocial...

– Por que você não cheira a peixe? – perguntou ela, de repente.

Tarnie ficou confuso com a mudança abrupta de assunto.

– Hein?

– Hã, desculpe, eu me distraí com outra coisa. Mas sim, é claro, eu posso fazer isso.

– Ótimo. Seria de grande ajuda – disse ele. – Posso encontrá-la lá na padaria por volta das dez e depois eu vou ao hospital.

– Mas quando você vai dormir? – perguntou Polly.

Tarnie deu de ombros.

– Ah, eu não preciso de muitas horas de sono. E, pelo jeito, você também não.

– Aham – concordou Polly, então sorriu.

Tarnie estava voltando para o barco quando, de repente, deu meia-volta.

– Sabonete de amêndoas – gritou, acenando para ela.

Polly acenou de volta.



A padaria parecia um tanto largada e empoeirada, embora fizesse poucas horas que a proprietária estivera lá. Precisava de uma boa faxina; um cheiro bolorento permeava o ar. Polly teve a impressão de que os ingredientes estavam fora da refrigeração havia mais tempo do que o recomendado.

– Acho que o melhor seria jogar tudo fora – comentou ela.

– Olha, eu não faria isso. Se ela tiver alta hoje à noite e voltar, vai te dar uma tremenda bronca – falou Tarnie.

O apartamento no andar de cima estava imaculadamente limpo, muito mais arrumado e bem cuidado do que a loja. Era cheio de quinquilharias como estatuetas de argila e cavalos de cristal. O carpete tinha uma estampa chamativa em espiral e as sanefas estavam limpas. No outro canto da sala havia uma grande e obsoleta televisão, perto da qual havia uma revista *Radio Times* cheia de marcações. Polly se sentiu culpada, como se estivesse invadindo a propriedade.

– Não gosto nada de ter que estar aqui fazendo isso – afirmou.

– Aham – concordou Tarnie. – Bem, acho melhor você ir ao quarto dela buscar... as coisas de que uma mulher precisa.

Polly lançou-lhe um olhar austero, mas Tarnie estava falando sério.

O quarto era pequeno, e, na cama, o colchão ainda guardava o formato do corpo de Gillian. A mulher também devia ter problemas para dormir, pensou Polly ao olhar para a mesa de cabeceira e encontrar, ao lado do despertador antigo, uma variedade de remédios. Bom, isso já era um começo. Polly pegou todos os vidros de remédio e olhou à volta, procurando uma bolsa. Abriu o guarda-roupa embutido e encontrou uma mala velha. Não era ideal, mas melhor do que nada. Pegou pijamas limpos e então, engolindo em seco, abriu a gaveta de roupas íntimas.

O objeto estava casualmente ali, em cima de pilhas de calçolas beges e sutiãs imensos. Polly não conseguia entender por que estaria escondido daquela forma, já que não era um alvo tentador para ladrões. Então, de repente, entendeu o motivo óbvio daquela localização: a Sra. Manse não gostava de ficar vendo aquilo o tempo todo. Sem pensar, Polly pegou o objeto. Era um porta-retratos com uma fotografia em tons amarelados e desbotados que a datavam como sendo do fim dos anos 1970, começo dos anos 1980. Na foto havia um homem de cabelos escuros, rosto sombreado por estar contra o sol, ao lado de um menino de camiseta listrada e bermuda que eram um pouco pequenos demais para ele, um cinto de couro de cobra, sandálias e meias. Estava sorrindo para a câmera, mostrando todos os dentes. Ambos exibiam os peixes que haviam pescado. Polly ficou encarando a foto. Só percebeu que Tarnie havia entrado no quarto quando ele deu um suspiro.

Sobressaltada, ela se virou.

– Eu não estava bisbilhotando – apressou-se a dizer. – A foto estava bem aqui, não tinha como não ver.

– Tudo bem, eu sei. – Tarnie olhou o quarto ao redor. – O simples fato de estar aqui já é estranho.

– Sim – concordou Polly. Voltou a olhar a fotografia, e o rosto de Tarnie

assumiu uma expressão pesarosa. – Quem são eles? – perguntou, com delicadeza.

Tarnie levantou o braço e coçou a nuca, desconfortável.

– Bem, esse aí é o Alf Manse – respondeu, apontando para o homem. – Marido da Gillian. Era um bom homem. Muito bom. – Quando ambos olharam para o menino, Tarnie emitia um ruído baixinho. – Jimmy. Eu e ele... bem, éramos muito amigos. Mesma turma na escola... tinha uma escola aqui. Mas fechou, é claro. Fazíamos tudo juntos. Um botava pilha no outro. Éramos dois tratantes, isso sim. Não víamos muita graça em ir para a escola. Ambos sabíamos que terminaríamos no mar.

Polly olhou o rosto sério e bonito de Tarnie. Os olhos azul-escuros estavam fixos em algum lugar muito, muito longe.

– É. Nós dois éramos inseparáveis. E ela era bem legal, a senhora Manse... naquela época – acrescentou.

O homem se calou. Após um longo tempo, Polly perguntou:

– E o que aconteceu?

Tarnie olhou para baixo.

– As pessoas não entendem... com todo o respeito – respondeu ele.

– Não, imagine.

– As pessoas não entendem como o mar é perigoso. A gente sempre ouve nos noticiários “A tempestade passou ao largo, está tudo bem”, quando isso quer dizer que a tempestade foi é pro mar, mas com isso ninguém se importa. – Esfregou a nuca outra vez. – E todos dizem: “Ah, pesca predatória, ah, tadinhos dos peixes, ah, esses pescadores cruéis.” Isso quando só estamos fazendo o que sempre fizemos, um trabalho que é difícil, paga muito mal e... é perigoso. É muito perigoso, Polly.

Polly mordeu o lábio.

– Eu nunca tinha parado para pensar.

– Exato, as pessoas não pensam. Só reclamam do preço do peixe com batata frita... Naquele dia, estávamos todos no mar. O Jimmy estava no *Calina* com o pai... Naquele época, o meu velho já não pescava mais. E a tempestade veio do nada. Não tinha dado nada na previsão do tempo, só o que tivemos foi um aviso com quinze minutos de antecedência que veio pelo fax. Ondas do tamanho de prédios de três andares, quebrando em cima dos barcos como uma montanha de água caindo na sua cabeça. E não deu tempo... não deu tempo. Toda vez que a gente conseguia se aprumar e tentava sair, vinha outra onda... água para todo lado. Os pulmões se enchem de água mesmo de pé; a água te empurra ao seu bel-prazer.

Polly apenas o observava. Era como se as lembranças estivessem passando diante dos olhos dele. Tarnie prosseguiu:

– Voltamos mancando para casa... todo mundo perdeu mastros, redes, tudo arrancado como se uma mão imensa tivesse nos atacado a boreste, agarrando tudo, puxando para baixo. – Virou-se para Polly com angústia no olhar. – Não é como se não cuidássemos uns dos outros lá fora. Mas você precisa entender a nossa situação quando está escuro como o breu e as ondas chegam a quase dez metros. Não dá para ver um palmo na frente do nariz. Não dá para ver nada. É possível se afogar sem nem pôr os pés na água, entende? – A voz dele estava embargada. – Quando enfim voltamos para casa, mal conseguíamos calcular nossos próprios danos. Estávamos todos traumatizados.

– Mas é claro – falou Polly.

– Nós nem... nem reparamos que o *Calina* não voltou conosco. Não a princípio. – Engoliu em seco.

– Ah, meu Deus! Meu Deus, que terrível.

Tarnie coçava a nuca furiosamente.

– Foi há muito tempo – comentou, olhando outra vez para a foto.

– Alguém... alguém achou...

– Nada – respondeu Tarnie. – Nem um único graveto veio parar no litoral. Sabe, isso é bem incomum. Normalmente... normalmente o mar traz os mortos de volta para casa. Mas não daquela vez.

– Quantos anos você tinha?

– Dezenove.

– Ah, meu Deus! Isso é terrível. – De repente, algo lhe ocorreu. – Ah, meu Deus! A senhora Manse é o fantasma do Jayden. É por isso que ela estava lá. – Polly foi tomada pelo horror da situação e precisou se sentar. – Eu a vi, sabe... Eu a vi antes. Ela não estava dando um passeio no cais. Jayden disse que outras pessoas também a viram.

– Do que está falando?

– A senhora Manse... ela é o fantasma, Tarn. Ela vai para o cais e fica com o olhar perdido no mar... Eu não sabia o que ela estava fazendo.

Tarnie olhou para a mulher, confuso. Polly agarrava o porta-retratos com força.

– Acho que a senhora Manse está procurando o marido e o filho. Acho que ainda está esperando que os dois voltem para casa – acrescentou ela.

O pesar tomou o rosto do homem e ele assentiu, pensativo.

– Gillian demorou muito tempo para aceitar – contou, devagar. – Mandava a

guarda-costeira ir procurá-los com tanta frequência que eles tiveram que pedir que parasse. Ela só repetia: “Os dois estão lá fora em algum lugar.” E as pessoas se compadeciam tanto dela. Sempre foi difícil botar comida na mesa e, de repente, ficou ainda mais difícil. Gillian ganhou um dinheirinho do sindicato, que usou para comprar as padarias, ainda nos tempos em que Mount Polbearne tinha demanda para duas; os padeiros viram que a coisa não ia bem e se mudaram da ilha, como todo mundo. A comida nunca foi muito boa, mas é tudo o que ela tem, é tudo o que lhe restou.

– Estou me sentindo péssima – confessou Polly.

Lembrou-se dos pensamentos cruéis que tivera, das palavras terríveis que dissera a uma pessoa que havia passado por uma situação tão difícil que Polly nem conseguia imaginar.

– A essa altura... a essa altura, seria de se pensar que ela já teria aceitado – comentou Tarnie, balançando a cabeça. – Já faz quase vinte anos.

– Ela só tinha um filho?

– Sim. Só o Jim. Ele era o menino dos olhos dela.

– Ela ainda não desistiu. Continua à espera deles.

Tarnie observou o espaço pequeno e confinado ao seu redor, e voltou a olhar para a foto que a mulher não conseguia nem mesmo deixar exposta.

– Isso, sim, é que é terrível – falou ele, baixinho.

Em silêncio, os dois arrumaram o restante das coisas que Polly achou que Gillian poderia precisar, e Tarnie as levou para o hospital, junto com uma caixa grande de chocolates que compraram na venda de Muriel. Quando acenou para ele, despedindo-se, Polly se sentia mais culpada do que nunca, e jurou que, dali em diante, seria mais compreensiva.



Capítulo onze

Desde que chegara à ilha, aquela era a primeira vez que Polly começava a fazer pão com a consciência tranquila. Tentando amenizar a culpa pelo ocorrido com Gillian Manse, pôs-se a fazer uma cestinha de quitutes para a mulher: rosquinhas açucaradas e brioches e *pain au chocolat*. Era trabalhoso e complicado. Polly estava adorando. No meio da tarde, levou Neil para a janela.

– Ok, então vamos lá – disse ela, com tristeza.

A água cintilava com os raios de sol que banhavam também o cais. Fazia um dia lindo.

– Vamos treinar esse voo?

Neil piou, contrariado. Ela o posicionou no parapeito da janela e ele pulou de volta para o chão, procurando migalhas.

– Não, chega de migalhas! – Polly se sentiu um pouco culpada pelo brioche que dera ao bicho. – Você está ficando rechonchudo. – Colocou-o no parapeito outra vez. – Não me faça ter que empurrá-lo. Já chega de gente caindo das coisas por hoje. Mas você precisa... precisa ir. Eu tenho que levá-lo de volta para... bom, não falemos disso. Mas você vai ter que ir. E precisa estar pronto.

De forma surpreendente, Neil a olhou com desconfiança e depois bateu um pouco as asas. A asa ferida parecia nova em folha; nem dava para reparar que havia se machucado.

– Isso aí! – exclamou Polly. – Muito bem! Por que não vai voar um pouquinho e pegar um peixe?

Neil parecia estar muito atento ao mar. Mexia a cabecinha junto com os barulhos guturais feitos pelas gaivotas, que se envolviam em uma ou outra briga. Os pés acompanhavam o movimento, de um lado para outro. Polly

largou as bancadas enfarinhadas e parou para olhar. Viu, no cais, os pescadores reunidos (sem Tarnie), fumando e batendo papo. Jayden acenou e, quando viu o que ela estava fazendo, estendeu as mãos em cuia para o pequeno pássaro.

– Ne-il! Ne-il! – cantaram todos, encorajando-o a seguir em frente.

Jayden balançava uma cabeça de peixe para ele. Polly sorriu.

– Viu? – disse ela. – Tudo bem. Pode ir. Vai lá!

Com bastante delicadeza, ela o cutucou para a frente. Bem devagar, Neil abriu as asas e, então, com toda a graça que um filhote de papagaio-do-mar seria capaz de reunir, lançou-se ao ar em um voo meio pesado.

Polly bateu palmas.

– Vai, Neil! Vai, meu garoto! Vai!

Com isso, ele ficou um pouco nervoso, bateu as asas um pouquinho mais rápido do que deveria e acabou adejando para a direita, mas o incentivo dos pescadores o ajudou a se concentrar. Neil voou, de forma meio desajeitada, direto para as mãos de Jayden, onde um saboroso pedaço de peixe o aguardava.

– VIVA! – comemoraram os pescadores.

– Viva! – ecoou Polly de dentro do apartamento, sorrindo. – Espera aí, deixa eu pegar a minha câmera.

Pegou o celular e, no instante em que Jayden apontou Neil na direção da janela dela e o soltava no ar, Polly tirou uma foto do pássaro em pleno voo, com os rapazes sorrindo atrás dele.

Depois disso, ele quis passar a tarde inteira voando para cima e para baixo a fim de ganhar pedacinhos de peixe e brioche. Polly pensou que, como treino para ser devolvido à liberdade, aquilo não era lá muito útil, mas se consolou com a ideia de que pelo menos estava funcionando bem como prática de voo.

Os brioches, o *pain au chocolat* e as rosquinhas ficaram perfeitos. Polly desceu as escadas com dois cestos, deixando-os aos cuidados de Tarnie com instruções específicas de dividir um com os rapazes e levar o outro para a Sra. Manse no hospital. Ele lhe contara que Gillian ia ficar em observação na clínica por alguns dias, em parte por conta do corte na cabeça, mas também por conta de seu estado mental. Polly ficou feliz ao ouvir isso, mas, ao mesmo tempo, ficou preocupada com a padaria. Se ninguém fosse lá limpar, com certeza daria rato. Ela falou com Muriel, no mercadinho.

– Eu ajudaria, mas meu turno aqui é de doze horas. Acho que eu não ia aguentar – explicou Muriel.

– Droga! – Todos à volta de Polly estavam trabalhando incansavelmente para segurar as pontas naquele lugarzinho minúsculo. – Acho que é melhor eu mesma

cuidar disso então.

Quando entrou na padaria no dia seguinte, o lugar estava tomado pelo cheiro horrível de mofo, e Polly tinha certeza de que o barulho que ouviu em um canto pertencia a um rato. Selecionou algumas broas que dava para salvar e as guardou para fazer pudim de pão, que daria para vender se congelasse – não era a melhor das ideias, mas pelo menos era alguma coisa –, depois pegou a caixa de produtos de limpeza de Kerensa, arregaçou as mangas e pôs mãos à obra.

Considerando a vida difícil que Gillian tivera, Polly não ficou surpresa ao constatar que fazia muito tempo que a padaria não recebia uma boa faxina. Havia muitos farelos entre os expositores de vidro de 1950 (bem bonitos, até), sujeira no teto, teias de aranha na despensa que já não continha nenhuma farinha. Polly tinha mesmo se perguntado como alguém era capaz de manter uma padaria sozinha, mas Muriel explicara que Gillian contratava um ajudante durante o verão; além disso, já não fazia a própria massa de pão havia muito tempo, pois achava mais barato e mais conveniente comprar tudo de uma empresa terceirizada. Infelizmente, a especialidade da empresa era farinha barata e adulterada e produtos repugnantes com longas datas de validade que podiam até custar menos, mas cujo sabor correspondia ao preço. Se havia uma coisa que Polly nunca conseguira digerir era pão ruim – pão era o alicerce da alimentação, um dos fundamentos da vida! Ela sempre sentira que um dia que começava com um pão ruim só poderia acabar sendo ruim também.

Então, quando os hábitos mudaram e o pão começou a ser visto como o vilão que deixaria todo mundo instantaneamente gordo e pouco saudável, isso só reforçou o argumento dela. Se todo mundo teria que comer menos pão, então era lógico que o pouco pão que seria ingerido tinha que ser da melhor qualidade possível. Quando se tratava de um sanduíche de bacon salgadinho, úmido e crocante, Polly se rendia, como todo mundo, aos encantos de um pão branco barato. Mas quando ele era o item principal de uma refeição, achava que aquele pão porcaria da empresa terceirizada era um tremendo desperdício do tempo de todos. Ainda mais quando o forno e todo o equipamento necessário já estavam lá, só esperando para serem usados. Fazer pão levava tempo, mas não era difícil, e o resultado sempre, sempre valia a pena.

Enquanto varria daqui e esfregava dali, Polly percebeu que, em vez de odiar aquele trabalho, estava tendo uma sensação quase catártica, assim como quando limpava o apartamentinho. Os raios de sol banhavam a loja, entrando pelas janelas recém-lavadas, e ela começou a se sentir um pouco mais útil. Uma ou duas pessoas chegaram a pôr a cabeça para dentro da padaria, a fim de ver se

tinha pão e de perguntar pela Sra. Manse. A fofoca já tinha corrido a cidade. Polly respondeu, da forma mais sincera possível, que a Sra. Manse tinha caído e estava em observação.

– Então você vai assumir este lugar? – perguntou Jayden, lá pela hora do almoço. – Não tem nem uma empanada aí, não?

– Nada – respondeu Polly. – Desculpe. A empanada dela é boa?

– Não – lamentou-se Jayden. – Mas você conhece o ditado: empanada, mesmo quando é ruim, é bom.

– Nunca tinha ouvido esse ditado – comentou Polly.

– Por que não vem trabalhar aqui? – sugeriu Jayden. – Você sabe fazer pão. Então...

– Porque, até onde eu sei, é ilegal invadir o comércio de alguém e começar a trabalhar lá sem permissão.

– Ora, e o que está fazendo agora? – indagou Jayden.

Polly sorriu.

– Só estou ajudando.

– Bom, e por que não ajuda fazendo uma empanada pra mim?

– Falando assim, parece tão simples...



Naquela noite, quando Tarnie apareceu na porta da padaria, parecia cansado, mas genuinamente surpreso.

– Uau! – exclamou ele.

Polly sorriu. Ela também estava exausta – mal dormira naquela noite! –, mas não conseguia nem acreditar no progresso que fizera na limpeza da padaria. Chegou até mesmo a limpar os fornos, com gordura acumulada de tanto tempo de negligência, e agora estava tudo pronto para voltarem à vida.

– Eu não vejo esse lugar desse jeito... – A voz dele ficou meio distante. – Há anos.

– Como ela está? – quis saber Polly.

Tarnie deu de ombros.

– Em pé de guerra. Eles queriam fazer uma avaliação psicológica completa, mas ela mandou os médicos enfiarem a avaliação naquele lugar.

– Rá! Isso aí, Gillian. Pelo menos não podemos dizer que a mulher é seletiva com os insultos. Ela comeu o brioche?

– Sim. Disse que estava horrível, mas comeu tudo.

– Ora, isso, sim, é um bom sinal.

Tarnie admirou outra vez o espaço à sua volta.

– É uma pena que ela seja tão teimosa – falou ele. – Digo, você está precisando de emprego, não é?

– E muito – respondeu Polly, afoita.

– Parece muito óbvio pra mim – continuou Tarnie. – Você faz os pães, ela fica no balcão, as duas trabalham juntas.

Polly se retesou.

– Hum...

– O que foi? – Tarnie parecia confuso.

– Esqueceu que ela me odeia?

– E daí? É só um trabalho. O Jayden me odeia.

– O Jayden idolatra você – retorquiu Polly. – E ter que passar dez horas por dia nesse espacinho confinado junto com ela? Confie em mim, seria um desastre.

– Então o que você vai fazer?

– Posso ser pescadora?

Ele sorriu. No rosto bronzeado, os dentes brancos brilhavam.

– É preciso ter um dom inato para ser pescador.

– Isso é preconceito.

– Não, estou falando sério. Quem não pesca desde muito, muito jovem é sempre terrível no trabalho.

Polly olhou para os fornos.

– Talvez eu pudesse trabalhar aqui um pouquinho... só até ela voltar.

Tarnie deu de ombros de novo.

– Acha que consegue dar conta?

– Eu não sei – respondeu Polly, com total sinceridade. – O que você acha?

Tarnie sorriu.

– Sabe, eu acho que você é capaz de fazer qualquer coisa se tentar.

Ela sorriu de volta, e falou:

– Exceto pescar.

– Bom, é, exceto isso.



Polly dormiu até tarde no dia seguinte e foi acordada por um trovão ribombante,

seguido de uma buzina persistente.

– O que é isso? – perguntou, abrindo a janela.

Fazia um dia lindo, com nuvens fofas correndo pelo céu como se fossem crianças a caminho da praia.

Era Huckle e sua motocicleta ridícula. Ele tirou os óculos de proteção, prendendo-os no capacete.

– Olá! Tudo bem?

– Tudo – respondeu Polly, inspirando fundo a brisa marítima. – O que está fazendo aqui?

Huckle pareceu confuso.

– É hoje, lembra?

Polly balançou a cabeça. Não era como se a agenda dela estivesse repleta de compromissos sociais.

– Hã, não?

– Neil.

– O que tem ele?

– Nós vamos levá-lo para o santuário. Combinamos de fazer isso no sábado.

Polly se esquecera por completo. Na verdade, ficou estarrecida ao perceber que vinha se enganando, fingindo que isso não ia acontecer e ponto final.



O primeiro impulso de Polly foi dizer não. Não, não, não. Agora que Neil estava voando, gostava ainda mais de segui-la para todos os lados. Vivia em guerra com a chaleira e ficava ginguando ao redor do recipiente quando fervia. Embora Polly vivesse lhe dizendo para não se aproximar, Neil gostava de investir contra a chaleira quando esta apitava, bicando as laterais com agressividade. Um dia, ele chegou até mesmo a conseguir desligá-la, o que considerou um grande triunfo.

– Vamos, chispa – disse Polly, ligando o aparelho, para consternação de Neil.

Ela não estava acreditando que aquele assunto tinha ido para o segundo plano, mesmo com todas as outras coisas que vinham acontecendo. Mas não podia manter um papagaio-do-mar em casa como bicho de estimação. Era errado. Era cruel. Todos diziam isso.

Ainda assim, parecia que tudo tinha acontecido rápido demais. Polly acariciou as penas dele, distraída, e deu um pouquinho do brioche dormido para o bicho. Neil se esfregou na mão dela, como se soubesse.

– Ora, pelo amor de Deus – queixou-se Polly. – Está bem, vamos acabar logo com isso.



– Que bicho te mordeu? – perguntou Huckle quando Polly enfim surgiu à porta.

Ela desceu depois de tomar um banho rápido, vestir sua calça jeans desbotada preferida e calçar o All Star velho. Estava com um semblante bem triste.

– Não fique assim – prosseguiu Huckle. – Sabe, de onde eu venho, não era uma boa ideia se apegar muito aos animais.

– Isso foi numa fazenda? – perguntou Polly, ainda contrariada.

– Hã, é. Fazenda, isso.

Houve um breve silêncio. Polly olhava para o side-car.

– É pra eu entrar nessa coisa? Está falando sério?

– Não – respondeu Huckle. – É só me seguir. O Neil pode ir voando e você se pendura nas garrinhas dele.

Huckle entregou a ela um par de óculos de proteção e um capacete preto retrô, com uma abinha em cima como se fosse a parte da frente de um boné.

– De onde você tirou essas coisas, de um avião alemão da Segunda Guerra que caiu em algum lugar por aqui?

– Muito obrigada, Huckle – ironizou ele. – Por oferecer seu próprio tempo e sua energia para ajudar outra pessoa.

Respirando fundo, Polly enfiou o capacete por cima dos cachos e entrou no side-car. Era surpreendentemente confortável: a parte de dentro era toda acolchoada, e as pernas dela se esticaram bem para a frente, de modo que sentiu como se estivesse dentro de um luxuoso saco de dormir. Ela acomodou Neil, que estava com a cabeça para fora da caixa observando os arredores, e Huckle girou o acelerador, pôs no chão o pé calçado em uma grande bota preta, então a moto partiu.

Estar dentro do side-car era tão barulhento quanto estar do lado de fora; o estrondo assustava os pássaros nas árvores, que revoavam em disparada. Ela não esperava que o veículo fosse causar tanta comoção. Por todas as ruas em que passavam havia pessoas que apontavam, crianças que riam e senhores que sorriam para eles. Polly ficou se perguntando se era assim que os famosos se sentiam.

A ponte estava aberta, e os paralelepípedos refletiam a luz do sol. Depois de

atravessar, Huckle acelerou nas estradinhas rurais silenciosas. Passaram por grandes descampados cobertos de ulmárias e pastos pontilhados de vacas entediadas, de papo para o ar diante dos cochós; chegaram a ver um grupo de lindos pôneis galopando em uma colina. Quando começaram a atravessar a península, o guincho das gaivotas deu lugar ao sobrevoo perfeito dos gaviões lá no alto e ao chilrear dos tordos nas sebes. Coelhos atravessavam a estrada, bolinhas quicantes de pelo macio, e, apesar do vento que fustigava a motocicleta, Polly estava enrolada no cobertor que havia dentro do side-car e não sentia frio.

Ela teria amado o passeio, se não fosse o motivo da viagem – seus dedos agarraram a caixa de Neil só de pensar. De tempos em tempos, Huckle olhava para ela, como se quisesse saber se estava gostando, mas o barulho era tamanho que Polly só conseguia assentir para ele quando surgia alguma cena especialmente bela: entre as colinas, o vislumbre das ondas batendo em uma enseada banhada de sol ou uma antiga casa de fazenda típica da região da Cornualha com paredes de pedra e teto de ardósia que parecia, ao mesmo tempo, austera e acolhedora entre os campos verdejantes. Estar tão perto da estrada fazia com que Polly se sentisse parte dos campos pelos quais viajava. Eram poucos os carros por que passavam, mas os ciclistas e pedestres sempre pareciam felizes ao vê-los – alguns chegavam até mesmo a acenar. Ela ficou animada ao ver uma placa marrom do National Trust que dizia “Santuário de papagaios-do-mar”. Contudo, logo se entristeceu outra vez. “Não fique pensando nisso”, disse a si mesma. “Pense em outra coisa.” Olhou para as coxas compridas de Huckle, que exalava confiança na direção da moto. Ok, *outra* coisa.

Ali, no norte, o campo tinha um aspecto mais rochoso e selvagem, e o vento era mais frio. Esse lado da Cornualha dava para o Mar da Irlanda, com suas frentes frias e ondas altas. O ambiente perfeito para um pássaro de temperaturas baixas, disse a si mesma. “Pense em como Neil vai se divertir com os um milhão e quatrocentos mil novos amigos.”

Antes de sair, Polly pensara em fazer algo para marcar Neil de alguma maneira, para poder reconhecê-lo caso fosse visitá-lo um dia. Poderia até perguntar ao pessoal da reserva, mas talvez eles a achassem idiota. E até podia torcer para que o bicho se lembrasse dela, mas isso, sim, era idiota. Neil era um pássaro, ela era uma moça. Não tinha como dar certo. Pensar nisso fez com que Polly abrisse um sorriso triste enquanto percorria as curvas da estradinha – depois que se acostumou a estar tão perto do asfalto, a moto passou a ser um veículo bem suave.



Huckle havia ligado antes para avisar, e uma garota com corpo definido de uma jogadora de *netball* e um sotaque neozelandês muito forte já estava à espera deles.

– Então vamos dar uma olhada no nosso amiguinho – afirmou ela, tirando Neil da caixa com uma facilidade advinda da prática.

Assustado, Neil olhou para Polly.

– Tudo bem – disse Polly. – Tá tudo bem.

– Asa quebrada, foi? – A moça mexia nele com delicadeza e atenção, examinando todo o corpo. – Você fez um ótimo trabalho, viu?

– Hã... ok.

Horrorizada, Polly percebeu que estava tendo sérios problemas para manter a voz controlada.

– Vejo que você ganhou um pesinho aí – observou a garota, repreendendo Neil. – Vai ter que correr atrás do prejuízo, amiguinho, para conseguir comer sua cota de peixe junto com as outras aves.

Neil piou e tentou chegar mais perto de Polly, mas a jogadora de *netball* continuava segurando-o com firmeza.

– Eu posso...? Quer dizer, tem alguma maneira de marcá-lo? – perguntou Polly. – Só caso...

– Caso você queira voltar para visitar? – A menina coçou a cabeça. – Bom, eu não posso... Quer dizer, eles até põem anilhas como marcação, mas elas servem para monitorar a migração. Não sei se eu tenho alguma outra anilha aqui que não fosse correr o risco de confundir o monitoramento, sabe?

– Tudo bem – respondeu Polly. – Foi só uma ideia.

– Olha, você está fazendo a melhor coisa que poderia fazer por ele. Sabe disso, não sabe?

Polly assentiu, com o lábio trêmulo.

– Ele não é um bicho de estimação – prosseguiu a mulher. – A natureza dele é pertencer a um bando, acasalar e criar os filhotes, como todos os demais. E ele merece essa oportunidade, não acha?

– Sim – disse Polly, tentando se recompor. – Acho, sim.

– Isso aí. Está bem, então vamos lá soltar esse mocinho.



No topo da colina havia uma trilha (com placas com pequenos papagaios-do-mar) até um pequeno promontório de pedra que avançava para o mar. Polly exclamou, surpresa. Havia tantos, mas tantos pássaros que teria sido impossível contar. Pássaros para todos os lados: grandes, pequenos, bico laranja e bico preto. Pássaros piando, mergulhando, andando aos pulinhos ou só parados ali, encarando o oceano com expressões indecifráveis. Formavam um verdadeiro tapete preto e branco, uma imagem inacreditável.

– Ele será bem cuidado.

Polly pegou a caixa. Estava bem claro que Neil sentia que havia algo acontecendo; saltitava de forma frenética, virando a cabeça de um lado para outro enquanto observava os pássaros no céu.

– É como se ele soubesse – comentou Polly.

– Mas ele sabe – respondeu Huckle, passando o braço pelo ombro dela com delicadeza. Com a outra mão, tirou algo do bolso. – Toma. Será que podemos usar isso?

Era um pequeno lacre que ele usava para selar os potes de mel; era de plástico e prendia bem, mas era leve. O lacre dizia claramente “Mel do Huckle”.

– Eu não sei se... – prosseguiu ele.

– Ah, sim – disse a neozelandesa após inspecionar o lacre. – Esse serve bem. E com certeza não vai ter como confundir com as marcações ambientais. Brilhante.

Polly ergueu os olhos para ele.

– Obrigada.

– Não por isso.

Huckle pegou o lacre e o prendeu com muita delicadeza no pé esquerdo de Neil. Irritado, o pássaro começou a bicar o plástico na mesma hora.

– Ssh – falou Polly. – Não faça isso. Senão... – Ela pegou o pequeno pássaro e acariciou a cabecinha dele, como Neil tanto amava, pela última vez, e então tocou o nariz no bico dele. – Você foi o primeiro amigo que fiz aqui. Muito obrigada. – Olhou bem fundo naqueles olhos negros. – Agora vá. Pode ir, voe para a liberdade. Vá fazer amigos, vá construir ninhos.

Ela o pôs em uma pedra. Neil estava muito concentrado na algazarra dos milhares de pássaros que voavam à sua volta. Deu um passinho à frente, depois voltou e olhou para Polly de forma inquisitiva.

– Não – falou Polly, e sua voz voltou a falhar um pouco. – Está tudo bem. Pode ir.

Neil andou um pouquinho mais para a frente. Ela acariciou a cabeça dele uma última vez, depois levantou.

Com cuidado e uma boa dose de hesitação – ele estava perceptivelmente mais roliço do que os outros filhotes de papagaio-do-mar –, Neil saltou de uma pedra para outra. Na mesma hora, os outros pássaros se reuniram ao redor dele, curiosos. Uns bateram asas, outros crocitaram.

– Olha o bullying – ralhou Polly.

Neil virou-se para ela mais uma vez. Polly pegou o celular para tirar uma última foto, mas, quando preparou a câmera, percebeu que, para sua tristeza, não conseguia mais reconhecê-lo no emaranhado de centenas de pássaros.

– Ah, Huckle – lamentou Polly. – Cadê ele? Não consigo encontrá-lo.

– Calma – disse o homem. – Olha ali.

Um grupo de pássaros levantou voo e convergiu na direção de um rapaz de camisa polo, que distribuía peixes. De fato, no meio do grupo havia um papagaio-do-mar gorduchinho com um lacre no pé; estava tendo certa dificuldade, mas ia conseguindo se virar. Polly ficou acompanhando o voo de Neil sobre um rochedo, no meio da revoada de pássaros, até enfim perdê-lo de vista.

Huckle deu um aperto reconfortante no braço dela, e os dois voltaram pelo caminho por onde vieram. Polly estava chateada demais para falar.

– Sei que é muito bobo da minha parte – choramingou ela, enfim. – Ele é só um pássaro.

– Neil não é só um pássaro – afirmou Huckle, categórico. – É o melhor papagaio-do-mar que já conheci.

A fala deixou Polly muito perto de desabar, meio de rir e meio de chorar, de modo que achou mais seguro não responder nada.

– Se estiverem com fome, tem uma lanchonete aqui – contou a garota, alegre.

Contudo, logo descobriram que o lugar não apenas recendia a batata frita gelada e feriados infelizes, mas também estava apinhado de fotos de papagaios-do-mar, papagaios-do-mar de pelúcia e suvenires de papagaio-do-mar. Não era nada apetitoso, mas estava ficando tarde.

– Está com fome? – perguntou Polly a Huckle.

– Acho que eu comeria um papagaio-do-mar – brincou ele. – Desculpe, insensível demais?

– SIM – afirmou Polly. Virou-se, então, para a garota. – Muito obrigada por

tudo.

– Imagina.

– Aqui, fica com o meu celular e o meu e-mail...

A garota olhou para o pedaço de papel, confusa.

– Para o caso de ele não se dar bem... ou se algo acontecer... – prosseguiu Polly, mas sua voz morreu em um engasgo.

– Ah, hã, tá bom – respondeu a menina, de forma pouco convincente.

– Venha – falou Huckle. – Vamos embora.

A menina deu uma olhada intensa para ele e disse:

– Prazer te conhecer, viu?

Mesmo no estado em que se encontrava, Polly reconheceu o tom de flerte na voz dela. Huckle respondeu com seu sorriso largo de jovem fazendeiro americano e conduziu Polly de volta para a moto.



Polly decidiu esperar para chorar quando estivesse em segurança dentro do side-car, sem ninguém para ver ou ouvir, a não ser algumas crianças visitando o santuário que não conseguiam acreditar que alguém com a sorte de andar em um side-car pudesse ficar triste o bastante ao ponto de chorar.

Sabia que estava sendo ridícula e dramática demais, e não conseguia nem imaginar o que Huckle devia estar pensando dela, mas mesmo assim. Neil era apenas um filhotinho de pássaro, mas, por causa dele, Polly se sentira muito menos sozinha no momento mais solitário de sua vida. Tinha todo o direito de sentir falta dele. Ficou se perguntando se ter filhos era assim. E então se lembrou da mãe, que falava que Deus fazia os adolescentes serem horríveis para os pais ficarem felizes quando os filhos saíssem de casa, o que dizia muito.

Depois de um tempo, conseguiu conter a choradeira. Deu-se conta, então, de que não fazia ideia de onde estava. Não estavam refazendo o caminho óbvio de volta para casa. Em vez disso, pareciam estar descendo para o litoral norte, pois, entre uma colina e outra, o mar surgia no horizonte. Olhou para Huckle, intrigada, mas ele estava ocupado demais lendo as placas na estrada com uma expressão confusa no rosto. Então o pé dela tocou na caixa de papelão vazia de Neil e a mulher precisou fazer um grande esforço para não voltar a chorar.

Com um guincho vindo do freio e uma manobra que quase atirou Polly para fora do assento, a moto deu uma guinada repentina para a direita, seguindo por

uma estrada de terra.

– Desculpe.

Polly teve que ler os lábios de Huckle, abafado pelo ronco do motor. Logo percebeu por que ele quase perdeu a entrada: não havia nenhuma placa de indicação. Ficou se perguntando para onde ia.

A moto seguia chacoalhando pela estrada de terra. Polly esperava que fosse dar em uma fazenda, mas ela desceu ao largo de uma planície e depois subiu umas dunas de areia, onde havia uns jipes parados. Huckle encostou ao lado dos carros e desligou o motor. O silêncio deixado pelo ronco da moto era impressionante.

Polly saiu do side-car e se alongou.

– Onde estamos?

Olhou ao redor. Huckle a fitava, achando certa graça.

– Já parou de chorar? – perguntou ele.

– Hã, parei. Acho que sim.

– Sabe, tudo bem chorar.

– Eu sei – respondeu Polly, limpando o rímel escorrido do rosto.

Os dois foram até o topo da duna e olharam lá para baixo. Polly exclamou, surpresa. Era uma praia muito extensa, de areia dourada. Imensa, parecia que se estendia para sempre. Grandes ondas azuis açoitavam a praia, uma arrebentação que se estendia por quilômetros.

O local estava quase deserto, tirando uma única cabana de madeira e uma meia dúzia de surfistas na água. As figuras minúsculas com roupas de neoprene serviam como escala para que Polly estimasse o tamanho das ondas.

– Nossa, mas que lugar é esse? – perguntou ela.

Mesmo tão cedo na estação, as praias com ondas boas ficavam tomadas por surfistas se acotovelando, às vezes literalmente, e brigando. Mas ali...

– Pertence ao Reuben Finkle – explicou Huckle. – Ele foi tipo um menino prodígio do Vale do Silício, sabe? Ganhou uma grana preta vendendo equipamentos de defesa ultrassecretos e se aposentou aos 28 anos para passar os dias surfando.

– Impressionante! Peraí... Minha nossa, essa praia é dele?

– Essa praia é dele. A casa do Reuben é aquela lá na frente. É tudo muito secreto. Mas ele deixa uns amigos virem aqui de vez em quando para surfar.

– Não acredito!

– Eu o conheci em Wharton... Enfim...

Polly olhou ao redor. Era incrível. O sol tinha saído, fazendo cintilar a areia

fina. Parecia que era o primeiro dia de temperaturas altas do ano.

– Vamos – falou Huckle. – Você está com fome ou ainda está triste demais?

– Estou triste. Mas também estou com um pouco de fome.

Huckle tirou as botas e as deixou ao lado da moto. Polly fez o mesmo com o All Star, e então os dois enrolaram a bainha das calças jeans e desceram a duna. Polly caiu de bunda no chão e Huckle riu. Ela mostrou a língua para ele e foi quase como se tudo estivesse normal.

Quando chegaram à água, a areia molhada estava deliciosa; o mar ainda estava gelado, mas agradável para se nadar no raso, e foi o que Polly fez.

– Impressionante como tem gente que é tão rica assim – comentou ela.

Mais de perto, avistaram a casa de Reuben Finkle, um incrível disco de vidro moderno que parecia pertencer ao Tony Stark.

– É – falou Huckle, cauteloso. – Mas não é ótimo saber que ele trabalha para preservar um lugar tão lindo? Reuben também faz muito pela conservação dos oceanos.

– Ele parece um cara ótimo.

– Não, Reuben é um esquisitão – respondeu Huckle. – Mas ele faz muito pela conservação dos oceanos.



Após acenar para alguns amigos de Huckle que estavam pegando onda, chegaram à cabaninha de madeira branca que Polly vira lá do alto da duna. Na verdade, o lugar era um pequeno restaurante, e havia mesas e cadeiras espalhadas de maneira caótica. O lugar tinha também um bar completo e uma cozinha americana com equipamentos de dar inveja.

– Uau! – exclamou Polly. – Incrível. Por que as pessoas não vêm aqui em massa para acabar com esse lugar? Os jovens da área devem conhecer bem. A estrada é aberta.

– Conhecem, sim. O sonho deles é que, um dia, Reuben lhes dê permissão para virem até aqui também. Além disso, correm rumores de câmeras de segurança e guardas com metralhadoras.

Polly olhou para ele, desconfiada.

– Sério?

– Ah, são só rumores. Provavelmente.

Escolheram uma mesa e se sentaram. Estava um calor agradável, o vento não

estava excessivo e o sol abraçava o pescoço de Polly com sua presença terapêutica. Ela suspirou, sentindo o alívio se espalhar pelo corpo.

– É tão lindo aqui.

Nessa hora, saiu da cozinha um homem baixinho e troncudo com cabelo raspado e um rosto petulante coberto de sardas. Por cima do short, usava um avental branco.

– HUCK! E AÍ, MEU CAMARADA?

Huckle ergueu o punho e trocou com ele uma espécie de aperto de mão secreto, que falhou no último instante. O cozinheiro deu um soco bem forte no ombro dele.

– Ele tem um chef? – perguntou Polly, sem conseguir se conter.

– Quem tem um chef? – quis saber o homem baixinho.

– Desculpe – respondeu ela. – Eu só estava perguntando sobre o dono disso tudo aqui. Mas olá. Eu sou a Polly.

– E eu sou o dono disso tudo aqui – afirmou o homem, gesticulando com a mão. – E eu gosto de cozinhar. Mas também tenho um chef. Na verdade, tenho três. É. Pode crer. Reuben Finkle. Prazer te conhecer. Então você é amiga do Huckle, hein? Hein? Amiga dele. Uma amiga especial? Uma amiga bonita especial?

Ele deu uma piscadela ostensiva para Huckle e fez um leve movimento de quadril. Polly entendeu na mesma hora o que Huckle quisera dizer quando chamara Reuben de esquisitão.

– A Polly está tendo um dia difícil – explicou Huckle, com sua habitual maneira lenta e deliberada de falar. – Então achei que era uma boa ideia trazê-la aqui para experimentar a melhor comida de toda a Cornualha, para ver se ela se animava um pouco.

– Isso aí, isso aí. Quer um martíni? – Reuben olhou para ela e estalou os dedos. – Não. Não. Já sei de que você precisa. De uma margarita. Sim ou com certeza? Margaritas são ótimas para afastar as coisas ruins. Até o momento em que você acorda no meio do lixo. RÁ! – Ele deu uma risada grave.

– Hã... – Polly estava tendo um dia muito confuso. Huckle assentiu de leve para ela. – Hã, seria ótimo, obrigada.

– Vai uma *pilsen*, meu camarada? Uma cerveja clara para o garoto da fazenda de cabelos claros?

– Boa – falou Huckle. – Manda ver.

Reuben voltou com as bebidas e se sentou. Na verdade, até que era relaxante estar com ele, porque o cara falava sem parar sobre o tanto que surfava, sobre as

tantas mulheres que vinham curtir com ele – na concepção de Polly, curtir era bater um papo e se divertir, talvez uma festa, mas parecia que, para Reuben, era beber e beber até perder a consciência –, sobre como o verão ia ser incrível e sobre a oferta abissal que recusara de um figurão russo que quisera comprar aquelas terras e que ameaçara mandá-lo para a Sibéria, mas tudo bem porque Reuben sabia lutar kung fu e tinha afugentado o sujeito, e ela gostava de Star Wars?

Polly respondeu que gostava de Star Wars, sim – pelo menos, gostava de Harrison Ford na franquia, ao que Reuben pareceu um tanto contrariado e declarou que os filmes novos eram injustamente subestimados e que as pessoas deveriam revê-los, lançando-se então a uma análise completa dos filmes.

Como não precisava dizer nada, Polly podia apenas se desligar do falatório e aproveitar o som das ondas quebrando e o azul intenso do céu. Além disso, percebeu que a presença despojada de Huckle era reconfortante, a figura corpulenta sentada na cadeira de madeira gasta, os pés compridos de unhas bem cuidadas enterrados na areia. Os olhos dele refletiam a mesma cor do mar. Ela sabia que era por causa da (excelente) margarita, mas, de repente, sentiu vontade de pôr os próprios pés no colo dele. Baniu o pensamento no mesmo instante. Sentia que Huckle emanava uma mensagem bem forte e silenciosa que dizia: “Eu serei muito legal com você desde que não se aproxime demais e não me faça uma única pergunta sobre a minha vida pessoal.”

E tudo bem. Não era como se a vida dela andasse muito descomplicada. Pensou na garota do santuário dos papagaios-do-mar. Parecia que o que não faltava para Huckle eram mulheres interessadas. Sendo assim, Polly tinha quase certeza de que ficar sozinho era uma opção dele.

Em determinado momento, sem interromper o raciocínio e enquanto perguntava a Huckle de que cor ele deveria pintar seu novo helicóptero, Reuben se levantou de salto e começou a cozinhar. O cheiro de refogado de alho e cebola fez com que Polly percebesse como estava com fome, e aí a margarita já tinha subido direto à cabeça dela. Viu Reuben estudando uma adega. Depois de pensar um pouco, pegou um Chablis bem gelado.

A fim de espairar e se forçar a parar de olhar para Huckle, que aparentava certo sono em seus olhos azuis – com seu aspecto tão tranquilo, era difícil saber se ele estava caindo no sono ou não –, Polly se levantou e foi atrás de Reuben na cozinha.

– Você cozinha? – perguntou ela.

– Amo cozinhar. Sou um gênio na cozinha. Se eu não tivesse sido um

prodígio da computação, eu teria, tipo, umas nove estrelas Michelin. Duas a mais do que qualquer outro chef já conseguiu.

Polly sorriu.

– O que vai cozinhar agora?

– Eu cozinho o que a gente pega aqui na praia. Hoje temos uns lagostins que pesquei pela manhã. Já é o fim da estação, mas eles ainda estão bem bons, a água continua fria o bastante pra isso.

– Ela cozinha bem – gritou o sonolento Huckle, lá de sua cadeira.

Reuben olhou para Polly, avaliando-a.

– É mesmo? Aposto que não cozinha melhor do que eu.

– Não, com certeza, não. Mas não é bem que eu cozinhe. Na verdade, eu estou mais para padeira. – Ela corou ao perceber que era a primeira vez que dizia isso em voz alta. Devia ser uma combinação do álcool com a autoestima excepcional de Reuben. – Mas eu amei a sua cozinha.

Ele sorriu, satisfeito.

– Ah, sim. É tudo equipamento de ponta. Custou umas duzentas e cinquenta mil libras. Mande trazer tudo da Alemanha.

Polly aquiesceu, educada.

– O que acha de fazer alguma coisa pra gente comer com o almoço? – acrescentou ele.

– Hum. Não sei... acho que ia acabar quebrando algum utensílio da sua cozinha caríssima.

– Não seja boba – rebateu Reuben. – Se quebrar algum coisa, tipo, eu compro outra e pronto.

De repente, Polly avistou algo nos fundos da cozinha.

– Ah, meu Deus, isso é um forno a lenha?

– Pode crer. Já está aceso há cerca de uma hora, então já está no ponto. Não dá para ter uma cozinha ao ar livre sem um forno a lenha. Você gosta de pizza? Claro, né? Eu prefiro morrer a comer uma pizza ruim. Minha pizza é incrível.

– Acredito – respondeu Polly, sorrindo. Estava começando a se dar bem com Reuben. – Bom, eu poderia fazer *farinata*, que tal?

Ele abriu o forno e o calor pulsante e intenso logo emanou para fora. Então, endireitou-se e perguntou:

– Vai fazer o *quê*?

Ele franziu o cenho. Polly imaginou que Reubenzinho devia detestar com todas as forças quando alguém falava de uma coisa que ele não conhecia.

Polly sorriu.

– Bom. Tem farinha de grão-de-bico aí?

– Claro que tem – respondeu, meio emburrado, então pegou um rádio no cinto e falou: – Farinha de grão-de-bico. Agora.

– É tipo uma panqueca – explicou Polly. – Mas é gostoso, você vai gostar. Reuben olhou-a com certo ceticismo.

– Está bem. Peixe com panquecas. É o que tem pra hoje.

A farinha foi trazida por uma empregada de Reuben, que sorriu educadamente para Polly mas não disse nada quando ela agradeceu. Polly ficou se perguntando se a mulher sabia falar inglês.

– E aí? – começou Reuben, observando Polly separar os ingredientes. – Tá pegando o Huckle?

Ela quase derrubou os ovos, mas logo se recuperou.

– Por quê? – devolveu. – Você quer pegar?

Reuben soltou a gargalhada rouca outra vez.

– Ô, Huck! – gritou ele. – É uma espertinha essa garota, hein?

Polly preparou a massa com destreza, corrigindo a farinha e a água quando necessário, depois modelou-a até ficar o mais fina possível. Em seguida, untou com muito cuidado o forno e pôs a mistura para assar, virando a massa com habilidade após alguns minutos. Ficou muito satisfeita ao ver as bolhas queimadinhas na crosta do lado que assou primeiro. Depois de mais um minuto, tirou a *farinata* do forno, pôs em uma travessa, temperou com sal e pimenta, cortou em quatro e deu um pedaço para Reuben. Ele foi com tanta sede ao pote que nem chegou a soprar a *farinata*, queimando a boca.

– Ai. Merda. Forno idiota, quente demais.

– É um forno incrível – contestou Polly. – Estou com inveja.

Depois de um tempinho, Reuben tentou de novo. E então devorou tudo em segundos.

– Nossa – falou, de boca cheia –, isso está incrível.

– Eu sei. Bom, né?

Polly fez outra panqueca que deveria ser para Huckle, mas Reuben acabou devorando antes, então ela fez mais uma para o amigo. Logo vieram os surfistas, e todos gostaram tanto da *farinata* que Polly já estava na terceira leva quando Reuben enfim se lembrou de servir o peixe.

Os surfistas eram todos caras grandões e amigáveis, britânicos em sua maioria. A última pessoa a sair da água, contudo, era uma das mulheres mais estonteantes que Polly já vira na vida, com um lindo biquíni vermelho de bolinhas e longos cachos loiros. Ela parecia uma modelo recém-saída de uma

revista esportiva americana. Sua pele dourada estava um pouco bronzeada e não tinha um pingô de maquiagem; tinha olhos verdes de felino e lábios fartos. Quando ela saiu da água e atravessou a areia da praia, vestindo por cima do biquíni um lindo cafetã bordado, o corpo esguio e elegante fez até mesmo com que Huckle abrisse os olhos. Polly ficou se perguntando como seria ter aquele poder – será que a mulher percebia os olhos que a acompanhavam aonde quer que fosse? Será que estava completamente acostumada? Será que acordaria um dia, aos 50 anos, e se perguntaria quando o mundo havia mudado daquela forma?

A garota pegou uma cerveja na geladeira, tomou um longo gole como se estivesse em um comercial e então colou em Reuben como se fosse um gato. Era quase uma cabeça mais alta que ele.

– Oi, gato – disse ela, recebendo um grunhido qualquer como resposta. – Isso está com um cheiro incrível. Você devia ter caído com a gente hoje, o mar está uma loucura. Fabuloso.

– Tá, sei – retrucou Reuben, mal-humorado, sem nem oferecer a ela um pedaço da *farinata*.

A deusa voltou sua atenção por um instante para Polly, que teve a sensação desconfortável de estar sendo escaneada por uma máquina e de ser catalogada, na mesma hora, como não sendo uma ameaça. Ela sentiu até vontade de estender a mão para receber o carimbo.

– Olá – cumprimentou a garota, com um sorriso imenso que exibia dentes brancos e perfeitos. – Eu sou a Jaz.

– Hã, oi, Jaz. Eu sou a Polly.

Jaz percebeu que Polly estava fazendo mais *farinata* e franziu o cenho.

– Nossa, ele está te deixando usar a cozinha?

– Jaz, vai sentar lá, por favor? – falou Reuben. – A gente está meio ocupado aqui.

Jaz fez um bico fenomenal, mas voltou a se juntar aos outros surfistas, que a cercaram como se ela fosse uma rainha.

– Cara, sua namorada é MUITO GATA – comentou Polly, sem pensar.

Reuben estranhamente não disse nada.

O almoço foi lagostim no alho e limão frito com salada apimentada de rúcula. Todos comeram com vontade. O Chablis harmonizou perfeitamente com a comida e com o dia quente, embalando as provocações bobas que os surfistas trocavam entre si enquanto falavam de tubos, leques, dropar e outros termos que Polly não conhecia.

Ela percebeu que estava até se divertindo.

Depois do almoço, do café e de uma caixa enorme de doces americanos que Reuben ofereceu a todos, os surfistas voltaram para a água.

– Você sabe surfar? – perguntou Huckle.

– Sei – respondeu Polly. – Não está vendo o meu corpo perfeito e bronzeado de surfista?

Huckle deu de ombros, dizendo:

– É estranho crescer na Cornualha e não surfar.

– Bom, eu cresci em Devon.

Polly percebeu que a empregada estava de volta e ia limpando tudo à volta deles de forma discreta. “Imagina ter uma pessoa limpando a sua casa e você nem parecer enxergar a presença dela”, pensou.

– Obrigada – agradeceu Polly à moça.

A mulher ergueu os olhos rápido e logo voltou ao trabalho.

– Mas então – falou Reuben –, você tem que... você tem que surfar, cara.

– Parece difícil – comentou Polly.

– Não, não estou falando de surfar, surfar – desdenhou ele. – É tipo uma metáfora, claro.

– Não tinha entendido – respondeu Polly.

– Você tem que seguir a sua onda. Já ouviu essa expressão?

– É uma expressão dos Estados Unidos, por acaso?

Do outro lado da mesa, Polly notou que Huckle deu um sorrisinho ao ouvir essa resposta.

– Isso, assim como todas as melhores coisas – replicou Reuben, dando uma piscadela. – Isso aí! Você tem que seguir a sua onda. Não tem outra forma de viver. Precisa fazer o que ama. Primeiro descobre o que ama fazer, depois faz essa coisa com garra e dedicação e aí tudo vai ser ótimo e você vai poder surfar. Assim vai ser feliz. O que te deixa feliz?

Polly deu de ombros.

– Acho... bem, acho que é fazer pão. De vários tipos. Mas não sei se poderia fazer disso um trabalho. Não iria acabar com a diversão?

– Ganhar dinheiro para fazer o que ama acabaria com a diversão? – disse Ruben, espantado. – Nossa, claro que não. Muito pelo contrário, a coisa fica ainda mais divertida, sacou?

Polly olhou ao redor.

– Talvez – falou.

– Pra você é fácil falar. A sua onda é hackear sistemas de computadores,

salvar o governo americano de ter sua propriedade intelectual roubada pelos chineses e ganhar bilhões – rebateu Huckle. – Isso ajuda muito. A minha onda me rende umas duas pratas por vidro.

Reuben deu de ombros.

– Não importa. Você é mais feliz hoje do que quando estava preso em Savannah, não é?

De repente, foi como se alguém tivesse aberto a porta da geladeira. A atmosfera à volta deles esfriou na mesma hora. Huckle ficou imóvel, desviando o rosto para o mar. Reuben nem percebeu nada.

Houve um longo silêncio. Por fim, Jaz balançou as longas madeixas e entrou na conversa.

– Sim, eu segui a minha onda, e olha só onde vim parar.

Reuben lançou um olhar atravessado para ela.

Foi então que Polly comentou que já estava na hora de os dois irem embora. Huckle acatou a sugestão na mesma hora.



Na viagem para casa, o barulho impedia que conversassem, mas Polly tinha muito em que pensar. Era óbvio que Huckle estava se recuperando de alguma coisa. E Reuben era uma pessoa difícil, que falava o que dava na telha e era indiferente ao que as pessoas pensavam dele. Por outro lado, aquilo que dissera sobre fazer o que ela gostava... será que Polly conseguiria?

– Obrigada – agradeceu, quando Huckle a deixou em casa. – Seu amigo é uma figura e tanto.

Huckle levantou os óculos.

– Reuben gostou de você. Isso não acontece com muita frequência.

– Ele não foi muito legal com a namorada.

Huckle sorriu.

– Ah, mas ela não é namorada dele. Reuben vive rodeado de mulheres. Todas elas só se interessam pelo dinheiro dele.

– Ah! Isso é um pouco... Uau. Nem pensei nisso. É mesmo? O dinheiro dele? Mas ela é tão linda, poderia ficar com qualquer um...

– É melhor não julgar. O mundo é um lugar difícil. As pessoas fazem o que podem para ganhar a vida.

– Ora, eu sei bem disso – falou Polly.

– Nem todo mundo tem um dom como o seu.

Ela levou um instante para entender o elogio.

– SÉRIO? – perguntou, ruborizando.

Huckle deu de ombros.

– Dã. – Então ficou um pouco encabulado e virou-se para pegar alguma coisa na parte de trás da motocicleta. – Hã... Comprei isso aqui enquanto você enxugava as lágrimas lá no santuário – falou, e lhe entregou um pequeno papagaio-do-mar de pelúcia.

– Ah! – exclamou Polly. Enquanto aceitava o presente, sentiu as emoções aflorarem e ficou um pouco trêmula. Huckle não bebera vinho no almoço, mas ela bebera. – Nossa. Obrigada.

– Gostou mesmo? Eu não sabia se o presente ia melhorar ou piorar as coisas.

– Desde que eu não o chame de Neil 2 e o guarde na caixa de papelão... – comentou Polly. – Não, eu adorei! Obrigada.

Huckle ficou aliviado e encabulado ao mesmo tempo.

– Eu me diverti muito hoje – acrescentou Polly. – Tenho certeza de que Reuben não foi mal-educado de propósito.

– Ah, não, muito pelo contrário. Ser mal-educado é um dos passatempos dele. Mas eu já estou acostumado.

Ele deu um breve beijo na bochecha dela. Ligou a moto, provocando o rugido de sempre. Abraçada com o papagaio-do-mar de pelúcia, Polly ficou observando-o se afastar até desaparecer de vista na rua de paralelepípedos.



Capítulo doze

Polly nunca confessaria a ninguém o quanto sentiu saudade de Neil naquela noite. Era uma bobagem, afinal, ele era apenas um pássaro, não um cachorro nem nada. Mas tudo a acordou naquela noite: o menor rangido, o menor ruído dos mastros lá fora, o menor piado de gaivota. Às cinco da manhã, sem conseguir dormir bem, decretou que já bastava e desistiu da cama. Pôs-se a sovar um pão de gergelim, pensando que poderia mandar para Reuben como gesto de agradecimento. Resolveu também fazer *grissini*, porque durariam mais tempo.

Às sete da manhã, ouviu a frota voltando ao cais, acompanhada do vozerio eufórico que indicava que a pesca do dia tinha sido boa. Foi levar um café para Tarnie, junto com os *grissini* que, ao contrário do pão, não precisavam de pausa para crescer.

– Olá – cumprimentou Tarnie, sorrindo; parecia cansado, mas feliz. – Hoje o dia foi bom.

– Maravilha! – exclamou Polly, torcendo para que ele pudesse, enfim, tirar uns dias de folga para descansar.

– Cadê o Neil?

– Ah... – falou Polly, e explicou tudo.

– Puxa, fico triste de saber. Eu não achava que ele estava infeliz ou insatisfeito com você.

– É, eu também não – concordou ela, com tristeza. – Mas todos dizem que é o melhor para ele. Enfim.

– Bom, mudando de assunto, eu tenho uma notícia para te dar. Os médicos concordaram em dar alta à Gillian, sob a condição de que ela contrate alguém para ajudá-la na padaria e concorde em receber a visita de uma enfermeira de vez

em quando. Arranjei um emprego pra você!

– Você não pode estar falando sério! A senhora Manse concordou com isso?

– Mas é claro – retorquiu Tarnie, recusando-se a confessar quanta coerção fora necessária.

Polly pensou no conselho de Reuben de seguir a própria onda. Então pensou na quantidade de dinheiro que ainda lhe restava, no número de vagas de emprego para as quais se candidatara (trinta e oito) e no número de entrevistas que fizera (zero).

– Maravilha! – afirmou, decidindo ignorar as dúvidas e seguir seu instinto. Era um trabalho! Ela ia se sair bem! Que ficasse para depois a preocupação de ter que trabalhar para uma pessoa que não gostava dela. Mesmo que Gillian Manse a despedisse, pelo menos teria conseguido alguma coisa. – Quando eu começo?

– Hã, amanhã – respondeu Tarnie. – Hoje ela vai ter alta e amanhã já poderá te ensinar como as coisas funcionam.

Polly não queria que Gillian lhe ensinasse absolutamente nada, então, à tarde, decidiu ir à padaria a fim de ver se conseguia aprender a ligar os fornos sozinha. Ainda estavam tinindo de limpos, e ela olhou o ambiente ao redor, nervosa e animada ao mesmo tempo. Eram tantos fornos! Polly logo estaria encarregada de todos eles! Correu a mão pelas bancadas de madeira, perscrutou as grandes amassadeiras que sovavam a massa. Estava torcendo para que Gillian parasse de comprar massa fora. Era isso que fazia a padaria de mal a pior. Polly já passara mais tempo do que gostaria em um negócio fracassado. Não iria permitir que isso acontecesse de novo.

Enquanto inspecionava os fornos, alguém bateu à porta dos fundos. Era um homem forte e corpulento de uns 50 e poucos anos, com as bochechas coradas de quem passa muito tempo ao ar livre.

– É verdade? – perguntou ele, com um sotaque da região tão carregado que Polly mal entendeu o que o homem dizia. – É verdade, boneca?

– Hã – respondeu Polly. – Depende.

– É verdade que vão voltar a fazer pão aqui? É verdade que vai voltar a ter pão feito na casa?

Polly sorriu.

– Acho que vamos tentar, sim.

O homem estendeu a mão, se apresentando:

– Eu sou Ted Kernes. Nos bons e velhos tempos, eu fornecia farinha pra cá. Ela era uma padeira de mão cheia, a Gillian Manse.

– É mesmo? Desde que cheguei aqui, não achei nada muito bom.

– Oras, mas também, ela trocou por aquela mistura pronta, né? Perdeu o entusiasmo depois do... do ocorrido – contou Ted, tirando o chapéu. – Enfim. Vai querer a farinha, afinal?

– Acho que sim. Quando pode começar a trazer?

– Amanhã mesmo, bem cedinho, vou vir bater na sua porta. Como vai fazer com a fermentação?

– Não sei – disse Polly, voltando a ficar nervosa porque só estava acostumada a usar fermento seco.

– Bom, é só pôr em um pote na geladeira, deixar o fermento trabalhar em paz.

– Vou fazer isso. Caramba. – Olhou ao redor, ansiosa. – É muita coisa para aprender.

– Acho ótimo que esteja fazendo isso. Vai ser muito bom para Mount Polbearne. E para Gillian.

Polly sentiu um frio na barriga. Estava muito nervosa com a perspectiva de trabalhar com aquela mulher. Talvez não soubesse no que estava se metendo.

– Ah, vai dar tudo certo – acrescentou Ted, como se tivesse lido a mente dela.

– Gillian ladra muito mais do que morde. Mas quando morde, também, sai de baixo.

Polly abriu um sorriso, parecendo mais esperançosa.

– Esse é o espírito.



Conforme prometido, às cinco e meia da manhã do dia seguinte havia uma saca imensa de farinha na porta dos fundos da padaria, junto com quatro litros de leite e um pote de plástico com um bilhete que dizia: “Presentinho para você”. Polly abriu o pote, animada. Contudo, o cheiro forte de massa azeda fez com que torcesse o nariz.

– Nossa senhora! – exclamou, empurrando o fermento pungente para longe.

– Bom, se não consegue nem lidar com isso, não sei como vai durar aqui – comentou uma voz amargurada.

A figura enorme de Gillian Manse escancarou a porta dos fundos e ficou só olhando enquanto Polly trazia a saca imensa para dentro. Pesava uma tonelada. Polly ainda estava com um resquício de esperança de receber um agradecimento, ou um bom-dia, ou mesmo um pouco de embarço – afinal, ela tinha salvado a

vida da mulher –, mas parecia que isso não ia acontecer.

– Foi um presente do Ted – explicou. – Hã... bom dia.

– Oi – falou Gillian.

As duas se encararam.

– Como está se sentindo? – perguntou Polly.

– Estou ótima – respondeu Gillian. – Exatamente como falei para aqueles médicos de uma figa. Isso é ridículo. Nunca mais se atreva a fazer isso de novo.

– Está bem – concordou Polly, diligentemente.

– Bom, se vai entrar, entre logo – retrucou Gillian, abrindo caminho de má vontade.

– Você por acaso teria um café? – quis saber Polly. – Estou precisando.

– Por que não começa a trabalhar de verdade antes de fazer uma pausa?

Polly mordeu o lábio. “Lembre-se, você não tem emprego”, disse a si mesma. Esse era o preço que teria que pagar.



Durante o primeiro dia de trabalho, Polly fez de tudo para ficar na dela, mas não foi nada fácil. Todas as pessoas que entravam ficavam exultantes ao vê-la, sobretudo as que tinham provado do pão ilegal. Gillian, por outro lado, passou o dia inteiro vigiando Polly como um gavião, espiando por cima do ombro dela e rosnando ordens. Não deixava passar nenhum errinho, por menor que fosse, o que deixava Polly tão desconcertada que começou a cometer mais erros.

Todos perguntavam com muito respeito como ia a saúde de Gillian, mas a mulher respondia sempre com grosseria, então Polly sentia a necessidade de sorrir com simpatia para eles, numa tentativa de compensar a falta de educação da outra. Por outro lado, não ajudava em nada o fato de que todos estavam se desdobrando em elogios ao pão do dia. Tudo indicava que o trabalho seria tão difícil quanto Polly temera.

Por volta das três e meia da tarde, quando o pão acabou e as duas já estavam começando os procedimentos para fechar, alguém bateu com força na porta dos fundos. Polly olhou para Gillian, nervosa.

– Sabe quem poderia ser?

– Não – respondeu Gillian. – Vá lá atender.

Hesitante, Polly abriu a porta e deu de cara com um entregador muito corpulento, diante de um imenso caminhão de entregas. O veículo ocupava a

ruela inteira.

– Vamos logo – disse o homem, irritado. – Passei metade do dia esperando a porcaria da maré descer. Cadê a sua chaminé?

– O quê? Hã... – Polly não estava entendendo nada.

– Aqui é a padaria, né?

– Hã... É.

– Tenho uma entrega pra fazer aqui. Um forno a lenha. Tem que ter chaminé.

– Ele coçou o queixo.

– Não – sentenciou Gillian. – Não, não é para cá. Leve-o embora, por favor.

O homem deu de ombros.

– Não posso, não, senhora. Está aqui no pedido.

Gillian cruzou os braços.

– Bom, então pode ir despedindo esse pedido.

– Só um minuto – falou Polly. – Hã, posso ver a nota?

– Não vai fazer diferença alguma – retrucou Gillian. – Ele não vai tomar a minha chaminé.

Polly correu o dedo pela folha. Tudo parecia certo: Padaria Mount Polbearne. E então chegou ao fim. No pé da página tinha um recado. “Siga a sua onda”, dizia. Com a assinatura imensa e chamativa de Reuben Finkle.

– NÃO ACREDITO! – exclamou ela, arquejante, completamente estupefata.

– Ele comprou um forno pra mim!

– Quem comprou um forno pra você? – perguntou Gillian, irritada.

– Hã, um cara... amigo de um amigo meu.

– Não precisamos de forno nenhum. Não há nada de errado com os nossos.

– Sim, mas com este – explicou Polly, com um brilho no olhar –, nós podemos fazer *ciabatta*. *Flatbread*. *Bruschetta*. As coisas mais maravilhosas...

– Não quero saber desse lixo estrangeiro aqui – cortou Gillian, com raiva. – Posso pedir reembolso? Não quero essa tralha.

– Não! – exclamou Polly. – Não, será que não podemos...

– Sem reembolso, moça – respondeu o motorista, aparentando irritação.

Por um lado, Gillian estava certa: a lareira ali não era grande o suficiente, embora, se abrissem um espacinho... Não. Pela expressão de Gillian, Polly já sabia que não daria em nada. Mas, de repente, lembrou-se de que havia outro espaço...

– Podíamos botar na padaria à beira-mar – sugeriu Polly. – No térreo de casa. Lá tem espaço, não?

Gillian franziu o cenho. Não queria aquele forno, mas, por outro lado, nunca

recusaria nada que fosse de graça. Polly baixou os olhos para o chão. Não queria correr o risco de olhar para Gillian errado e irritá-la a ponto de a mulher decidir dizer não de propósito.

Depois de um longo tempo, durante o qual o motorista olhava ostensivamente para o relógio, Gillian respondeu:

– Tá. Está bem. Mas não quero ver esse troço na minha frente. E acho bom que isso não me custe nem um tostão.

– Não vai custar.

Polly entrou na boleia do caminhão junto com o motorista e o ajudante, e os três percorreram a curta distância até a casa da mulher. Gillian lhe entregara a chave, alheia ao fato de que Polly já tinha acesso à padaria.

Havia mais poeira do que nunca. Polly não tinha dinheiro nem para consertar o vidro que Neil quebrara no dia em que chegara. Os homens ficaram consternados ao olhar ao redor.

– Moça, tá de brincadeira? – disse o motorista. – Quero dizer, esse forno é bem caro.

Polly olhou para o forno, sorrindo. Embora a loja não fosse dela, sentia que o forno lhe pertencia.

– Eu sei – respondeu ela. – Isso é só o começo. Podem ir instalando, por favor. Vou fazer um chá. Ah, droga, esqueci de comprar leite de novo.



Capítulo treze

Polly estava torcendo para que, com o tempo, ela e Gillian aprendessem a deixar certas diferenças de lado e passassem a conviver melhor. Afinal, ninguém era obrigado a gostar das pessoas do trabalho.

Contudo, as coisas foram ficando mais difíceis. Parecia que Gillian estava determinada a contrariá-la nas menores sugestões, então Polly não fazia nenhuma. Quando passava por Polly, parecia fazer questão de trombar grosseiramente com ela, e só permitia que fizesse o pão branco mais básico de todos – o lado bom era que, com tanta prática, o pão de Polly ficava cada vez melhor, mais leve e saboroso. Fazia muito tempo desde a última vez em que a padaria estivera tão movimentada e tão limpa. Mas parecia que isso só deixava Gillian ainda mais amarga. Polly foi ficando cada vez mais quieta, mas, ao que tudo indicava, isso também irritava a mulher.

Polly também estava usando cada segundo de tempo livre para limpar a padaria embaixo de sua casa, em segredo, para que pudesse começar a brincar com o forno novo. (Mandara, inclusive, um cartão de agradecimento muito veemente para Reuben. Não sabia bem o endereço dele, mas tinha bastante certeza de que o cartão chegaria.) Aliando o cansaço ao fato de ter que acordar cedíssimo todos os dias, Polly se sentia exausta e humilhada. E o salário era... enfim, ela vivia torcendo para que o sapato não descolasse da sola, porque, se isso acontecesse, teria que consertar sozinha com silver tape.

Em um sábado nublado, estava voltando para casa, cabisbaixa, quando o celular tocou.

– ENTÃO – começou Kerensa –, estou indo praí. Imagino que, a essa altura do campeonato, você já esteja pronta para parar de ficar sentindo pena de si

mesma.

– O quê? – disse Polly, sem querer admitir que sentia que tinha trocado um problema profissional por outro.

– Estou indo praí. Vamos sair. Vamos curtir a vida noturna de Mount Polbearne!

– Hã... Não tem nada assim aqui.

– Tem que ter algum lugar aonde as pessoas vão.

E tinha: o pub grande perto do cais, com a porta de madeira escura. Era muito antigo e ainda tinha o pátio onde, nos idos tempos, os visitantes apeavam dos cavalos. Agora esse pátio era ocupado por mesas e, conforme ia ficando mais quente, o bar começava a encher nas noites de sexta e sábado. Polly vinha querendo criar coragem para tomar uma cerveja lá, mas ficava ansiosa. Imaginava que os pescadores frequentassem o lugar, mas não queria incomodá-los. Afinal, eles tinham as próprias vidas. Fazia semanas que não via Huckle. Percebeu, então, que estava desesperada por uma companhia que não estalasse a língua e se irritasse com ela por enfarinhar a bancada.

– Bem, tem um lugar que não é bem do tipo que você costuma ir...

– Caguei, meu amor. Eu só quero sair dessa pocilga.

– Teve outro encontro virtual frustrante?

– Só tem embuste, Pol. Não tem um único que preste. Todos os homens mais ou menos decentes já estão comprometidos.

– Ora, ora – comentou Polly, dando-se conta naquele instante. – Sabe o que tem de sobra em Polbearne?

– Mixólogos? – perguntou Kerensa, esperançosa.

– Não. Mas aqui está chovendo homem.

– Segura que eu já estou entrando no carro.



À noite, quando chegou, Kerensa estava com um vestido cor-de-rosa absurdamente curto, e havia colorido o cabelo de vermelho-vivo. Estava um tanto chocante. Polly ficou tão feliz ao vê-la que quase chorou.

– E Aí? – disse Kerensa. – A famosa nova vida! – Olhou ao redor. – Adorei o que você fez com o apartamento.

– Obrigada – falou Polly.

Ainda não tinha feito muita coisa, só dera uma boa escovada no chão e na

mesa de madeira despojada, além de pendurar nas paredes nuas um ou dois quadros bonitos que costumava escolher depois de passear alegremente pelas galerias de arte e que botava no cartão de crédito – rá! Mas o pouco que fizera, além, é claro, das lindas janelas e da vista extraordinária, já deixava o lugar muito mais aconchegante.

– Não acredito que faz tanto tempo desde a última vez que te vi – comentou Kerensa. – Como está a vida, divertida a valer?

– Ah, Kerensa – respondeu Polly, abrindo a garrafa de espumante bom que a amiga trouxera e mantendo bem no fundo da geladeira o rosé baratíssimo que ela mesma comprara. – Eu tenho me sentido tão, mas tão... – Era difícil dizer em voz alta. – Tão sozinha – completou, com o olhar perdido na paisagem lá fora.

Kerensa olhou para a amiga e encheu dois copos desparelhados.

– Eu também. E antes que você diga, sim, eu tenho um emprego incrível, e milhões de amigos, blá-blá-blá... mas sinto saudade da minha melhor amiga. E queria muito chegar em casa e encontrar alguém me esperando, mas os caras são todos uns cafajestes. E não daquele tipo charmoso de cafajeste de bom coração.

Na baía, o sol estava se pondo, criando uma paisagem lindíssima, com longos raios cor-de-rosa estendendo-se na direção das nuvens. Kerensa foi até a janela para ver melhor.

– Até que a vista é bem bonita, viu?

– Com certeza.

– E você arranhou um trabalho?

– Sim. É uma droga. Mas...

– Mas, pelo que disse, parece que é o trabalho perfeito para você.

– Você diz isso porque não conheceu a minha chefe.

– Ah, é uma chefe infernal?

– Não – respondeu Polly. – Uma chefe que veio do lugar para onde o inferno manda as pessoas que são chatas demais.

As duas brindaram.

– À não estarmos sozinhas – falou Kerensa, em voz baixa. – Nossa, que porcaria, esse é o brinde mais deprimente que já fizemos. Que tal: que nós duas continuemos sempre fabulosas?

– Bem melhor – afirmou Polly, muito feliz por estar com a melhor amiga.

No fim das contas, acabaram indo ao pub. Kerensa forçou Polly a vestir um top colorido, dizendo:

– Senão eu vou ficar parecendo a oferecida da cidade.

– Bem, para começar, você é mesmo. E outra, o que esperava desse lugar?

– Achei que ia ser tipo St. Ives – respondeu Kerensa, melancólica. – Pensei que ia encontrar o príncipe Harry por aqui.

Polly riu.

– Ah, Kerensa, como é bom ver você. Vamos lá.



Com a temperatura amena da noite, o velho pátio do pub estava todo aceso com lanternas nas mesas e pequenas velas em jarros de vidro espalhados ao redor, criando uma atmosfera alegre. Uma garçonete pegava os pedidos de todos e, em pouco tempo, Kerensa e Polly estavam mais uma vez dissecando as vidas uma da outra, fofocando e contando novidades como se nunca tivessem se separado.

– Tem tido notícia do Chris? – perguntou Polly, enfim encorajada pela terceira dose da noite.

Kerensa deu de ombros.

– De vez em quando. Parece que o pior já passou.

– Ele ainda está morando com a mãe?

– Aham.

– Sabe, Chris nunca entrou em contato comigo. Nem uma única vez, para saber como eu estava nem nada.

– Eu sei. Eu briguei com ele por causa disso.

– É mesmo? Quando você o viu?

– No aniversário de 40 anos do Michael e da Shanoosha... festa, inclusive, que você faltou.

Polly deu de ombros. Não queria admitir que não tinha dinheiro para comprar os presentes caros, que teria sido horrível estar entre todos os amigos de classe média com carreiras bem-sucedidas e suas hipotecas e seus Volkswagens e suas gestações e ter que falar sobre ser assistente de padaria ganhando um salário mínimo. Não teria conseguido suportar a pena e a compaixão deles.

– Não fui mesmo. Mas o Chris estava lá?

Kerensa estremeceu.

– Acho que ele ficou um pouco entusiasmado demais com o open bar.

– Foi open bar?

– Pura ostentação, isso, sim – comentou Kerensa. – Enfim. Chris estava um pouco...

– Como?

– Ele parecia cansado – respondeu Kerensa.
– Ah, Deus. O que ele disse?
– Perguntou como você estava. E quando eu disse que você tinha se mudado, que estava de apartamento e emprego novo, ele ficou...

Polly sentiu um nó na garganta. Já sabia o que a amiga ia dizer.

– Ele ficou com inveja?

Kerensa assentiu.

– Chris acha que está tudo bem com você. Que foi fácil para você seguir com a vida porque, na opinião dele, você não ligava tanto assim para a empresa, já que ele era o talento criativo, blá-blá-blá.

A injustiça da situação trouxe lágrimas aos olhos de Polly.

– Chris arruinou a minha vida, Kerensa. Minha vida ACABOU. Olha só pra mim! Só porque não estou morando com a minha mãe e me lamentando...

– Eu sei. Eu disse isso pro Chris. Falei que ele estava se lamuriando.

– E o que ele fez?

– Ficou irritado e tentou pegar a garçonete.

Polly torceu o nariz, compadecida.

– Minha nossa, coitado do Chris.

– Coitado nada – retorquiu Kerensa, de maneira fervorosa. – Ele tem que crescer e encarar a situação. Ele te tratou de forma pavorosa.

– Chris fez o melhor que pôde.

– Ele não chegou nem perto disso. Toda vez que aparecia o menor contratempo, o cara ficava todo ofendido. Isso não é forma de administrar o próprio negócio.

– Não mesmo – concordou Polly, pensativa. – Mas, falando sério, como ele se atreve? Sair por aí achando que eu estou muito bem e com uma vida fantástica. Pelo amor de Deus! A minha vida está uma bosta. Está um horror. É um fracasso total, um desastre, e eu odeio esse lugar e eu odeio TUDO AQUI.

Nessa hora, fez-se um silêncio inesperado na multidão. Polly percebeu que havia alguém atrás dela. Virou-se. Era Tarnie. Parecia muito constrangido.

– Hã, desculpe – disse ele. – Eu estava vindo dizer oi, mas parece que você está ocupada...

– Ah, Deus – falou Polly, arrasada. – Ah, DEUS, eu não estava me referindo a você. Você é a única coisa boa que me aconteceu aqui. Kerensa, este é o Tarnie.

– Oi-ê – cumprimentou Kerensa, arrastando a última letra de forma sugestiva.

Polly lançou um olhar de reprovação para a amiga. Depois, olhou para

Tarnie. Ele estava mesmo bem bonito com roupas casuais: estava com uma camiseta lisa, calça jeans amaciadas e All Star.

– E aí, tudo bem? – perguntou uma voz suave com sotaque americano, e Huckle e Reuben surgiram do outro lado do bar, ambos com *pints* de cerveja na mão.

– Eu odeio esse bar. Por que estamos aqui? Essa cerveja é horrível. Muito ruim mesmo. Eles deviam servir uma cerveja melhor. Eu vou comprar essa porcaria de bar – dizia Reuben, sem nem mesmo cumprimentar todo mundo.

– Polly estava falando agora mesmo sobre como odeia a vida dela – contou Tarnie, sério.

– Eu não... Cala a boca. – Polly ficou muito vermelha.

Kerensa deu meia-volta. Parecia uma criança em uma loja de doces.

– Olá para você também – disse ela.

– E você, também odeia a sua vida? – perguntou Tarnie.

– Se odiava, não odeio mais – respondeu Kerensa.

No fim, todos acabaram sentando juntos: seis ou sete pescadores, os rapazes americanos e mais alguns surfistas que chegaram depois. Jaz não estava entre eles, mas, em seu lugar, estava Felicia, uma menina ridiculamente bonita, meio europeia, meio asiática, com longos cabelos pretos que caíam até as costas. Tentava, sem muito sucesso, chamar a atenção de Reuben, e acabou espremida no banco ao lado de Jayden. A expressão do garoto era hilária. Ele estava paralisado, admirando a deusa ao seu lado, sem coragem de se mexer.

– Será que você pode parar de ficar me encarando? – pediu ela.

– Hã, é contra a lei? – perguntou Jayden, com a boca seca.

– Não – respondeu Felicia, jogando o cabelo pro lado.

– Nesse caso, não sei se vai dar. Vou tentar. Mas não sei se vai dar. Ah, Deus – falou Jayden.

Felicia se virou para o outro lado. Polly se perguntou se isso acontecia o tempo todo com a mulher, e era provável que sim.

– Conta pra ela aquela piada engraçada que você me contou – sussurrou Polly para o pescador.

– Não consigo – confessou ele, os olhos arregalados. – Estou vendo tudo turvo.

– As mulheres gostam de homens que as fazem sorrir.

Jayden tossiu.

– Hã, Felicia?

Felicia o agradeceu com uma esguelha de seu olhar felino.

- Hum.
- O que acontece com o lápis quando ele cai no chão?
- Não sei.
- Ele fica triste e decepcionado.
- Hein?

O rosto de Jayden ficou lívido.

– Ah, MERDA, contei errado. Quer dizer, ele fica triste e *desapontado*. Ah, deixa pra lá...

Felicia deu as costas para ele outra vez. Jayden pôs as mãos sob as pernas e ficou encarando fixamente a mesa, com as orelhas vermelhíssimas. Polly sorriu e se virou para Kerensa. Até agora, preferia Jaz, mas as duas mulheres eram bem impressionantes.

– Este lugar é mais glamoroso do que eu imaginava – comentou Kerensa. – Quem é aquele cara meio chato?

– Está falando de mim? – quis saber Reuben, que só podia ter ouvidos biônicos. – Está se referindo a mim? Eu não sou chato. Huckle, fala pra elas, eu não sou chato, eu sou legal.

– É claro que você não é chato – concordou Felicia, toda lânguida. – Que absurdo, amor.

Kerensa revirou os olhos.

– Aff, ele é muito, muito rico? – indagou, em voz alta.

– Sou – afirmou Reuben.

– Sabia – rebateu Kerensa, lançando um olhar triunfante na direção de Felicia.

A mulher se virou para o outro lado, o que fez com que desse de cara com Jayden outra vez. O rapaz corou de novo e começou a coçar a nuca. Polly se levantou e foi falar com Reuben.

– Muito obrigada pelo forno. É lindo demais. Gostou dos *grissini*?

– Teriam ficado melhores se eu tivesse feito. Mas não estavam nada maus. Precisavam de mais pimenta.

– Vou tentar me lembrar disso da próxima vez – falou Polly, sorrindo. – Foi mesmo muita gentileza da sua parte.

– Não foi nada – respondeu Reuben. – Já até esqueci. Pra mim, é como se tivesse custado cinco centavos.

– Bom, muito obrigada pelos seus cinco centavos.

– E essa sua amiga, quem é? – perguntou Reuben, como quem não queria nada. – Ela é muito mal-educada. Gosto de mulher assim.

– O nome dela é Kerensa. Quer que eu te apresente da forma apropriada?

– Não.

– Kerensa! – gritou Polly, chamando a amiga para perto. – Este é o Reuben. Foi ele que me deu aquele forno lindo.

– Eu tenho um helicóptero – gabou-se Reuben.

– Odeio helicópteros – rebateu Kerensa. – São péssimos.

Tarnie trouxe mais uma garrafa de vinho para a mesa e sidra para Jayden e os outros pescadores. Puxou uma cadeira e se sentou perto de Polly.

– E aí, como vão as coisas? – perguntou ele, meio sem jeito.

Não costumava ter dificuldade para conversar com Polly, mas estavam em um grupo grande e isso tornava as coisas mais complicadas.

– Para ser sincera, sou muito grata a você por ter arranjado um emprego para mim – respondeu Polly.

– Mas...

– Mas... – Polly balançou a cabeça. – Ai, cara, ela está me matando, Tarnie. Gillian não me deixa fazer nenhum pão decente, só um confeito com recheio de creme, uns donuts idiotas, empanadas e um pão pálido sem graça. E até isso ela já começou a falar que vai passar a comprar fora, porque aparentemente eu sou lenta demais. Gillian não quer mudar nada, muito menos melhorar.

Tarnie assentiu.

– Donut era o doce preferido do Jim – falou, enfim.

– Ah, céus. Eu sei que ela está sofrendo e tudo mais. Estou fazendo tudo o que posso para ajudá-la e ser útil etc., mas... parece que estou sendo eternamente punida por alguma coisa. – Bebeu um gole e deu um sorriso triste. – Sei que vai parecer loucura, mas eu meio que tinha essa ideia maluca... de que eu ajudaria a melhorar as coisas. Tipo, tendo alguém para dividir a carga de trabalho, Gillian não ficaria tão sobrecarregada, e aí talvez eu fosse descobrir a pessoa que ela é de verdade, por dentro. Uma besteira.

– Acho que essa é uma ótima fantasia – falou Tarnie, gentil. – Mas eu não sei... já faz tanto tempo que Gillian é essa pessoa amargurada que talvez tudo esteja meio... consolidado.

– Eu me compadeço da dor dela – insistiu Polly –, mas Gillian é muito, muito ruim comigo todo santo dia.

Huckle também puxou uma cadeira e veio se sentar perto deles. Não reparou o olhar atravessado que Tarnie lançou para ele; Polly, sim.

– Oi, pessoal – disse, em seu sotaque expansivo e descontraído. – Tudo joia?

– Eu só estava reclamando do meu trabalho – respondeu Polly. – O trabalho

que eu comecei não faz nem duas semanas. Não sou um ser humano muito impressionante.

Huckle franziu o cenho.

– Instalou o forno que o Reuben te deu?

– Ele não coube naquela padaria, então eu tive que instalá-lo na outra, a que fica embaixo do meu apartamento. Mas Gillian não quer nem saber dele, reclama que é coisa de estrangeiro. Ela só quer fazer empanadas e pão careca pálido.

Huckle franziu o cenho outra vez e perguntou:

– A alta temporada está chegando, não é?

– Hum, é.

– E ela é a dona do imóvel em que você mora, certo?

– Certo.

– Bom, não acho que ficaria muito mais caro se as duas dividissem o trabalho. Você trabalha perto do cais e faz pão no forno do Reuben, e ela fica sozinha na loja fazendo só bolos e empanadas. Aí vocês não precisam mais brigar por causa do que ela quer ou não quer fazer, e ela não precisa vender pão que não quer vender, assim a mulher economiza tempo e esforço, e vocês não competem porque serão, basicamente, a mesma empresa.

Por um instante, os três ficaram em silêncio.

– Sabe que isso até que pode funcionar? – comentou Polly. – O único porém é que, se *eu* der essa ideia para Gillian, ela vai dizer não na mesma hora. Ela sempre nega primeiro e pensa depois.

Polly estava se esforçando tanto para não olhar na direção de Tarnie que o canto de sua boca até estremeceu.

– Você quer que eu proponha mudar tudo OUTRA VEZ? – indagou ele, bebendo um gole da cerveja.

– Não vê? – falou Polly. – Eu sei que Gillian não me quer na loja dela.

– Hum – fez Tarnie.

– Mas sabe que o trabalho é demais para ela fazer sozinha.

– Hum.

– E ela tem espaço suficiente.

– Mas e se as pessoas forem na padaria errada para fazer o pedido?

– Estamos só a duas ruas de distância. Acho que não vai ter problema. Mas se eu fizesse o pão, ela não teria que administrar tanto estoque.

Tarnie odiava ter que admitir, mas a ideia até que não era ruim.

– E – acrescentou Huckle –, se você for mesmo tão boa quanto a gente acha que é, com certeza as pessoas virão por causa do seu pão. E do meu mel também.

– Quer que eu venda o seu mel?
– Em troca da ideia brilhante que eu acabei de te dar? Não, tem razão, seria completamente absurdo te pedir para vender o meu mel.

– Não, é CLARO que a gente venderia o seu mel – falou Polly, animada. – É uma ideia genial.

Tarnie olhou para as próprias mãos. Percebeu que estava com ciúme porque os dois estavam fazendo planos que não o incluíam.

– Aaah! – exclamou Polly. – Estou bem animada. Pena que Gillian com certeza vai dizer não e aí eu vou ter que voltar a trabalhar com ela e vai ser ainda pior do que antes porque agora eu já criei expectativas e quase senti o gostinho da liberdade.



As bebidas continuavam correndo soltas, e o bar não dava nenhum sinal de estar se aproximando da hora de fechar. À meia-noite, Polly estava um pouco bêbada, com a cabeça cheia de planos e ideias para a loja. Kerensa tinha passado a noite inteira discutindo com Reuben sobre política, feminismo, controle de armas, liberdade de rede e literalmente qualquer coisa sobre a qual duas pessoas pudessem discordar. Em determinado momento, Jayden se levantou. Ele estava bem alterado.

– E agora! – gritou ele para Andy.

Andy era dono e administrava sozinho o bar e o quiosque de peixe com fritas, o que tornava aquele ponto muito lucrativo. Ouviu-se um coro de “Ah, não!” vindo dos outros pescadores. Andy fez uma mesura e parou diante do aparelho de som.

– Se isso não impressionar as moças, nada mais vai – comentou Jayden.

– Hum... – fez Polly.

Kerensa já estava na pontinha da cadeira, animada. Felicia revirava os olhos.

– Não tem nada que *você* faça que vai impressionar as garotas! – gritou Kendall, e Jayden fez um gesto ofensivo para ele.

– Archie! Tarnie! Kendall!

Os homens resmungaram, desconfortáveis. Contudo, para surpresa de Polly, levantaram-se mesmo assim. O resto da freguesia do bar se reuniu à volta deles, sentindo que algo estava para acontecer.

Andy apertou um botão no aparelho de som e uma nota longa e triste de

gaita soou. Depois começou uma giga em tom menor que era, ao mesmo tempo, animada e melancólica. Era uma melodia selvagem que tocou em cheio o coração de Polly com sua estranheza e sua beleza. E então, pegando-a totalmente de surpresa, os homens começaram a dançar, com um acanhamento inicial que foi sumindo aos poucos conforme entravam no espírito da música, balançando e se inclinando, batendo os pés com força no chão de tábua corrida do bar. Era uma autêntica *hornpipe* de marinheiros; Polly nunca vira uma dança desse tipo na vida. A música ia aumentando de velocidade cada vez mais, fazendo com que os homens que giravam no compasso da melodia parecessem, ao mesmo tempo, jovens e ancestrais. Polly acompanhava com palmas, maravilhada. Tarnie sorria de orelha a orelha para ela enquanto os homens dançavam juntos, girando, abaixando e levantando conforme ditavam os passos, até que um crescendo aceleradíssimo levou a música ao clímax, arrancando aplausos e gritos do bar inteiro.

Polly correu para Tarnie, sob o olhar atento de Huckle. Tarnie estava corado, mas não parava de sorrir.

– Foi incrível! – exclamou ela.

– Aff – rebateu ele, tímido. – Quem me ensinou foi o meu avô. É só... só uma tradição local.

– É sexy pra caramba – gritou Kerensa atrás de Polly. – Pena que você não sabe ser sensual desse jeito, Reuben.

– Eu sou muito sexy – retorquiu o homem.

Nesse instante, Andy anunciou que o bar estava para fechar e que, se alguém ainda queria uma última rodada, aquela era a hora.



– Mas que bostinha insuportável esse cara – comentou Kerensa, quando um Bentley com motorista estacionou no fim da ruazinha de paralelepípedos.

Felicia entrou no carro logo depois de Reuben, que mal trocara uma palavra com a beldade a noite inteira.

– Puxa, sinto muito que não tenha se divertido – falou Polly, ainda animadíssima com a dança dos rapazes.

De braço dado, as duas foram comer batatas fritas antes de ir para casa. Polly nunca vira Kerensa comer batata frita. Nem tinha certeza se a amiga sabia como comê-las.

- Meu DEUS, que cheiro divino – comentou Kerensa, inspirando fundo.
- Não precisa só cheirar, sabe? Se quiser, pode até comer.

Temperadas com sal e vinagre, as batatas fritas estavam deliciosas; junto com a Fanta, faziam uma combinação perfeita com o ar ainda morno daquele fim de noite. As duas comeram sentadas no cais, balançando as pernas. Os rapazes seguiram cada um o seu caminho, acenando e gritando uns para os outros na despedida. Jayden ia voltar de barco para o continente. Polly perguntou se ele deveria pilotar depois de beber, mas Jayden observou, na maior cara de pau, que os homens de Mount Polbearne já faziam isso há oitocentos anos e que não era naquela noite que eles iriam parar, e então saltou e bateu os calcanhares. Assim, só restou a Polly dar risada e acenar, desejando-o boa noite.

- Eu me diverti muito – contou Kerensa.

Polly observou a amiga com atenção. Seria possível? Kerensa estava mesmo... comendo uma batata frita?

- Que foi?

– Achei que tivesse odiado aquele cara. Ouvi vocês discutindo aos berros sobre George W. Bush.

– Sim, eu o odiei mesmo. Mas, na verdade, até que gostei de discutir com ele, entende o que quero dizer?

- Não. Eu não gosto de discutir com ninguém, nunca.

– Ah! Bem, quando conhece alguém babaca como ele, não precisa se segurar, pode soltar os cachorros.

- Hum. Você devia trabalhar na padaria no meu lugar.

Kerensa olhou para a amiga por um instante.

- Mas e você, sua arrasadora de corações?

Polly corou e se concentrou nas batatas.

- Não sei do que está falando.

– Estou falando daqueles dois caras divinos, é claro. Como conseguiu essa proeza?

– Não consegui proeza nenhuma – respondeu Polly. – Não tem muita mulher aqui na cidade, deve ser isso. De qualquer forma, nenhum dos dois está interessado em mim. Bem, o Huckle com certeza não está.

- Para quem não tem interesse, ele estava prestando muita atenção em você.

– Discordo. Ele tem um “passado trágico” – comentou Polly, fazendo aspas no ar. – Na menor menção a sua vida pessoal, Huckle se fecha como uma armadilha. Na verdade, eu até o acho bonitinho, mas não sou burra, e ele claramente não está a fim.

– Mas e o outro?

– Tarnie? Você só pode estar brincando. Ele tem barba.

– Ele tem BARBA? Essa é a razão mais IDIOTA para não sair com alguém que eu já ouvi na vida. Ele tem BARBA? Brad Pitt tem BARBA. Johnny Depp tem BARBA. George Clooney tem BARBA. Ben Affleck tem BARBA. Quer que eu continue? Não pense que não vou citar Mark Ruffalo.

Polly parecia desconfortável.

– Ele tem sido muito legal comigo.

– É claro – falou Kerensa, fazendo um gesto obsceno. – Ele está doido para te levar para a cama.

– Mas só porque não tem muitas mulheres por aqui – insistiu Polly. Lançou um olhar de esguelha para Kerensa. – Acha mesmo o Tarnie gato?

– Vejamos. Alto, magro, musculoso, olhos azuis penetrantes, queixo forte... Polly, você ficou cega?

Ela encarou as batatas outra vez.

– Não, tenho certeza de que é só porque eu sou nova aqui.

– E daí? – falou Kerensa. – O motivo pelo qual o cara está a fim de você não interessa, não é mesmo?

– Ninguém nunca fica a fim de mim.

– Isso é porque em geral os caras me veem antes – afirmou Kerensa, com ares de sabedoria.

Fez-se uma pausa, e então ambas caíram na gargalhada.

– Cala a boca, sua biscate – brincou Polly.

– Mas falando sério agora – continuou Kerensa. – Você vive aí chorando miséria, pobre de mim, minha vida é um desastre. Mas olha você aí, morando em um lugar... – Um pouco embriagada, Kerensa abriu os braços para aludir ao horizonte. – ... um lugar muito lindo, com um apartamentinho pitoresco...

– Que é um lixo – completou Polly.

– Não é, não – contestou Kerensa. – Você conseguiu pegar o apartamento e transformá-lo em um lar. Tem um emprego e vários amigos novos... mesmo que um deles seja um babaca... enfim, tem uma vida totalmente nova. Tipo, falando sério... – As duas brindaram com as latas de Fanta – ... isso é muito incrível, Polly.

– Quando fala desse jeito, parece que a coisa é melhor do que realmente é.

– A coisa é o que é – devolveu Kerensa. – Chris está morando com a mãe, ficando irritado todo dia e tentando pegar garçonetes.

Polly olhou ao redor. Embora não houvesse nenhuma outra pessoa à vista e o

quiosque de peixe e fritas já tivesse fechado, o mar nunca se calava; eram capazes de ouvir o rumorejo das ondas suaves quebrando no cais e o som dos mastros roçando uns nos outros.

– Bem... Bem. Eu acho... acho que estamos bem...

– Cadê a minha amiga sorridente? – Quando Polly mordeu o lábio, a amiga acrescentou: – Ah, qual é? Cadê aquele sorriso? Aquele que você me mostrava o tempo inteiro.

Polly sorriu para ela.

– Para com isso!

– RÁ! – Kerensa riu. – Eu sabia que ia voltar para nós. – Então, cutucou a testa de Polly com o indicador. – Agora só te falta um PIQUEZINHO de Botox para acabar com essas rugas de preocupação...



Capítulo catorze

Polly dormiu até tarde na manhã seguinte, algo que nunca fazia. Quando acordou, Kerensa já tinha voltado para a cidade, a fim de fazer compras e retornar à vida atarefada de sempre. Antes da visita de Kerensa, Polly presumira que iria sentir inveja da amiga e ficara com medo de se ver agarrada no braço dela, implorando que a levasse junto de volta para Plymouth.

Em vez disso, percebeu, enquanto seguia para a cozinha a fim de ligar a cafeteira, que estava felicíssima por não ter que voltar para aquele mundo de rádios barulhentos e transporte público e engarrafamentos e fast-foods e shoppings entupidos de gente. Era como se Kerensa tivesse lhe concedido a dádiva de enxergar Mount Polbearne por um prisma que transformava a cidade em um local agradável, um lugar onde as pessoas gostariam de estar.

Checou o celular. Havia uma mensagem de Reuben. “Estou apaixonado pela sua amiga. Por favor, peça para ela me ligar imediatamente. Vou mandar o jatinho.”

Polly riu alto e, por um instante, ficou triste por Kerensa não estar ali para que pudesse ver a cara da amiga quando desse o recado. Pegou o café e foi até a janela bem a tempo de ver Tarnie se aproximando. Ele acenou ao vê-la.

- Tem planos para hoje? – gritou o pescador.
- Vou passar o dia esfregando um salão feio e imundo na esperança de conseguir abrir uma padaria – respondeu ela, e fez uma careta.
- Não vai, não. É domingo e está fazendo um dia lindo. Então venha pescar comigo.
- Você quer me levar para o trabalho?
- Não. Hoje é só diversão.

- Você passa a semana pescando, e aí, para relaxar, sai para pescar?
- Precisamos mesmo ter essa conversa berrando da janela alta?

Polly sorriu.

- Tudo bem. Precisa que eu prepare um piquenique?
- Não. Bem, mas sabe, se tiver alguma coisa sobrando por aí...

Polly pensou no pão *bloomer* integral que deixara crescendo na noite anterior, quase por hábito.

- Tenho que ir aprontar o barco – falou Tarnie.
- Ótimo! Desço em quarenta minutos.

Quando terminou de tomar banho e se vestir, o pão estava pronto, morno e cada vez mais com um cheiro divino. Pegou um pote de mel, uma faca, um pedaço de queijo local que comprara de um sujeito na estrada, umas maçãs, uma garrafa grande de água e, de última hora, os *macaroons* e o vinho branco chique que Kerensa trouxera de presente “porque você não encontra essas coisas na roça, né?” – inclusive, a amiga estava certíssima.

Estava um dia perfeito, ensolarado e quente, com uma brisa fresca que brincava com as nuvens minúsculas no céu. A água estava com um tom azul convidativo. Polly passou alguns minutos em dúvida e, por fim, um pouco nervosa, mas ousada, enfiou a roupa de banho na mochila e desceu. Na metade do caminho, ela se deteve, com a sensação de estar esquecendo alguma coisa. Então percebeu que o que estava faltando era, é claro, Neil.

Polly imaginava que encontraria Tarnie no barco pesqueiro, mas, no fim das contas, não era a esse barco que ele se referia. Tarnie estava parado diante de um barquinho a remo com um pequeno motor na popa.

- Bem-vinda ao meu iate – disse ele, sorrindo.
- Ora, eu achei muito bonito – comentou Polly, aceitando a mão que ele oferecia para ajudá-la a subir a bordo.
- Trouxe um chapéu?
- Ah, não. Nem pensei nisso.
- A luz fica bem intensa no mar – explicou Tarnie, jogando para ela um chapéu cheio de bolsinhos na lateral.

Polly o jogou por cima dos cabelos ruivos com tons dourados.

- Ficou bem em mim?

Tarnie sorriu.

- Parece que você tem uns 5 anos.
- Entendo isso como um “não” – respondeu, tirando-o da cabeça. – Para que servem os bolsos? Minhocas?

– Você tem uma verdadeira obsessão em portar animais – observou Tarnie. – Não, não é para minhoca. É para iscas e anzóis, mas pode deixar isso comigo.

– Está querendo insinuar que eu não sei pescar?

– Você sabe pescar?

– Não, mas você não deveria sair presumindo coisas. – Polly pôs o colete salva-vidas e Tarnie riu. – Que foi? As pessoas legais não usam colete?

– Desculpe. A culpa é minha. Achei que você sabia nadar.

– É claro que eu sei nadar!

– Então acho que não precisa vestir isso... a não ser que queira, é claro. Vou ser bem cuidadoso, prometo.

Ele pôs a mão na cana do leme e Polly tirou o colete volumoso, sentando-se no banquinho de madeira que havia na proa. Tarnie falara a verdade: o barco só chacoalhou uma vez, ao ligar o motor, mas foi singrando as ondas de cristas brancas de forma muito suave. Era bem cedo, de modo que não havia mais ninguém na água, só alguns pescadores meio desanimados parados no píer esperando alguma coisa morder a isca. O sol forte aquecia a pele, e Polly ficou surpresa ao perceber como estava gostando da sensação de estar naquele barquinho que cortava as águas. O motor era muito barulhento, então não havia como conversar; os dois ficaram apenas admirando Mount Polbearne ficando para trás, com a névoa matinal deixando as construções amontoadas e as ruas de pedra cada vez mais difusas. Era estranho, mas percebeu que quase pensava naquele lugar como se fosse o seu lar.

Diante deles estava o mar aberto, uma expansão infinita muito empolgante.

– É tão lindo aqui – afirmou Polly, se acomodando e deleitando-se com o vento e os raios de sol em seu rosto.

Quando ficou com calor, pôs a mão na água e deixou que ela cortasse as ondas. A sensação era deliciosa.

Depois de uns quarenta minutos, viu algo surgir no horizonte. Conforme se aproximavam, reparou que era uma ilha minúscula, um afloramento mínimo de terra no meio do nada.

– Que lugar é esse?

– Acho que nem tem nome – falou Tarnie. – Ilha do Pássaro, talvez.

Chegando mais perto, Polly avistou um píer instável de madeira.

– Tem alguém morando aqui?

– Não, não dá para morar nesse lugar. Mas, no passado, um homem vinha ficar temporadas aqui de vez em quando. Acho que era um ermitão. O filho do meio de um ricoço que nunca encontrou um rumo na vida. Ele vinha de barca

para cá com seus suprimentos, ficava uns meses e depois voltava a fim de passar o inverno no continente.

– O que diabo ele ficava fazendo aqui? – indagou Polly.

– Acho que só ficava olhando para o mar – respondeu Tarnie, amarrando o barco e ajudando Polly a sair. – Não sei, de verdade. Talvez naqueles tempos, quando não tinha televisão, as pessoas ficassem satisfeitas com menos.

Além do ancoradouro havia uma praia pequena de areia amarela, onde, de fato, viam-se as ruínas de uma casa de pedra abandonada.

– Uau! – exclamou Polly.

– Né? – falou Tarnie, olhando o grafite nas paredes. – No verão, os adolescentes roubam o barco dos pais e vêm para cá para fazer coisas. Melhor admirar a casa de uma distância segura.

Também havia restos de várias fogueiras.

– Podemos acender uma fogueira? – quis saber Polly.

– Totalmente ilegal – respondeu Tarnie. – Mas se quiser, pode.

Deram uma caminhada pela ilha. Freixos vergados sinalizavam o lado por onde o vento entrava forte vindo do mar; coelhos passavam perto deles em rastros ligeiros. Era um lugar solitário – o continente não passava de uma linha tênue no horizonte –, mas também muito bonito.

– Como o homem fazia com a água? – perguntou Polly, de repente.

– Ah, ele tinha um coletor de água da chuva. E chuva aqui é o que não falta.

– Não mesmo.

– E a frota aparecia aqui de vez em quando... nós mesmos passamos por aqui todos os dias, e tem os marinheiros de Looe, é claro.

Polly aquiesceu.

– Certo – continuou Tarnie. – Pronta para pescar?



Por mais que Polly estivesse com medo de arrancar o olho de alguém, Tarnie ensinou a ela a maneira correta de lançar o anzol, e os dois ficaram sentados no píer esperando para fisgar alguma coisa. Tarnie explicou que, como a vegetação continha muito alimento, aquela área tinha bastante peixe, e que eles haviam dado sorte por serem os primeiros a chegar ali naquele dia.

– Se chegar mais alguém, faz aquela sua cara amarrada – pediu Tarnie.

– Faz VOCÊ a sua cara amarrada – rebateu Polly.

Ele sorriu, e os olhos azuis estavam muito intensos.

– Na verdade, quando as pessoas percebem que já tem alguém aqui, elas tendem a seguir em frente. A ilha é meio pequena para acomodar mais pessoas. Por isso, acho que está no papo para nós.

– Nossa própria ilha particular – comentou Polly, num tom sonhador.

Tarnie sorriu outra vez.

Polly foi primeiro. Sentiu o puxão repentino na linha, intrigada; então, levantou-se de salto e quase caiu na água.

– Uhul! Peguei um! Peguei um!

– Isso aí! Agora vai, gira o molinete! Puxa o peixe!

– Minha nossa! – Polly estava empolgadíssima para ver a figura grande e prateada que começava a se delinear na água, chacoalhando freneticamente. – Ah, meu Deus, ah não, estou matando um peixe.

Tarnie só olhou para ela.

– Polly, acho que está um pouco tarde para pensar nisso.

– Eu sei, eu sei... – Ela estremeceu e parecia prestes a largar o caniço.

– Quer que eu puxe?

Polly aquiesceu várias vezes, um pouco irritada consigo mesma por ser tão boba. Tarnie se postou atrás dela e, com calma, tirou o caniço das mãos de Polly. Ela deu um passo para o lado e ele começou a puxar.

O sol brilhava na água e nas escamas prateadas do peixe que se debatia e se contorcia na ponta do anzol. Era um arenque, dos grandes.

– Desculpe, Sr. Peixe – murmurou Polly.

– É uma péssima hora para bancar a vegetariana comigo – comentou Tarnie, pegando o peixe com mãos experientes. – Então, talvez você prefira olhar para o outro lado agora.

Tirou uma grande faca prateada da bolsa e começou a estripar o peixe com agilidade e graciosidade. Polly espiava por entre os dedos. Tarnie sorriu para ela.

– Você é meio fresca – observou ele.

– Eu sei. Eu sei que é ridículo. Eu costumo comprar peixe já cortadinho em postas, embalado no supermercado.

– Bom, então nunca comeu peixe de verdade – sentenciou Tarnie. – Agora vá buscar uns gravetos.

– Sêrio?

– Sêrio.

Vagar pelo pequeno bosque era uma delícia, protegida do sol pela copa esmeraldina das árvores. Adentrou a mata tanto quanto pôde, pegando galhos e

gravetos no chão. Os pássaros chilreavam lá em cima, mas esse era o único som que se ouvia. Era de uma beleza profunda e tranquila. Polly quase conseguia entender por que tantas pessoas na Cornualha ainda acreditavam em fadas: era um lugar tão mágico. Respirou fundo o ar fresco e salgado do mar e sorriu, sentindo algo que chegava muito perto de ser felicidade.

Quando retornou, Tarnie já tinha pescado vários peixes. Polly entregou os gravetos e ele começou a preparar uma fogueira.

– Mas é ilegal – disse ela.

– Sim, se você for um adolescente bêbado capaz de incendiar a ilha inteira – respondeu Tarnie. – Vamos nos esforçar para não fazer isso, está bem?

Logo a fogueira crepitava alegremente. Tarnie envolveu os peixes em papel alumínio, com manteiga, limão e salsinha, e pôs os embrulhos em cima de pedras perto da chama.

Polly buscou a garrafa de vinho que Tarnie, prevenido, pusera no mar para resfriar, depois abriu o pão fresco, ainda quentinho por dentro. Comeram pão com manteiga e peixe, que trazia um delicioso sabor defumado. Ficaram com as mãos todas engorduradas, porque Polly se esquecera de levar guardanapos, e ambos acabavam se queimando de vez em quando. No fim, tiveram que atirar os ossos de volta na água. Polly não estava se sentindo muito feminina com aquilo tudo.

Contudo, foi a melhor refeição que já comera na vida.

O vinho fresco e o sol quente estavam deixando Polly sonolenta. Virou-se para o lado e pegou uma maçã no cesto de piquenique. Ao mordê-la, notou que Tarnie a encarava. Algo na atmosfera mudara.

– Quer uma maçã? – perguntou Polly.

Ele piscou, atônito.

– Hã, não, obrigado. – Tarnie desviou o olhar, depois voltou a olhar para ela. – Hã.

Na mesma hora, Polly percebeu que Kerensa tinha razão. Afinal, pensou, olhando ao redor: aquele lugar, aquele almoço, aquele dia. Não era só amizade, senão ele provavelmente teria convidado os amigos. Era algo mais.

Ficaram sentados em silêncio por um momento, então Tarnie se levantou e caminhou na direção do mar.

– Estou com calor – anunciou.

Sem mais aviso, tirou a camisa – ele era magro, mais magro do que Polly esperara, e seu corpo musculoso era enxuto e forte, com algumas cicatrizes finas na lateral – e, ainda de bermuda, Tarnie se lançou nas ondas.

Polly ficou um tempão observando o homem. Ele era um ótimo nadador, e passou tanto tempo submerso que ela estava começando a se preocupar, até que Tarnie enfim emergiu. A cabeça dele surgiu nas ondas, e o pescador acenou para ela.

– Está boa? – gritou Polly.

– Refrescante – gritou ele de volta.

– Isso sempre quer dizer que está um gelo.

– Medrosa!

– Eu não estou com medo! – reclamou Polly. Por outro lado, estava mesmo com calor e um pouco grudenta. – Não convém nadar depois das refeições. Ou isso era mito?

– Medrosa.

Quando deu por si, já estava se abaixando atrás de um arbusto e vestindo o maiô retrô com estampa de cerejinhas que comprara na internet, nos bons tempos em que comprar coisas bonitas era apenas uma possibilidade de diversão viável. Polly desejou ter um espelho. Não, pensando bem, era melhor não ter. Ela só ia ficar preocupada procurando defeitos – e é claro que estaria pálida, já que não expusera a pele durante todo o inverno. Também por este motivo, decidiu que a melhor coisa a fazer era sair correndo e se atirar no mar, antes de ter a oportunidade de mudar de ideia.

Não estava refrescante. Nem fria. Estava completa e absolutamente congelante.

– Aaaahhh! – gritou Polly, sentindo o corpo inteiro se retesar enquanto se debatia na água em agonia. – O que é isso?

Tarnie começou a rir. Era curioso vê-lo tão relaxado; estava boiando de costas alegremente.

– Logo você se acostuma. Um pouquinho de água gelada não faz mal a ninguém.

– Claro que faz! O tempo todo! – respondeu Polly, aos berros, ainda tentando se recuperar do choque.

Afundou o rosto outra vez. A água era claríssima ali, quase como no Mediterrâneo. Sentiu um peixe morder a perna dela e conseguiu reprimir um grito.

Depois de um tempo, enfim começou a se acostumar à água. Emergiu ao lado de Tarnie. Virou-se de costas, mexendo as mãos só o suficiente para boiar tranquilamente, deleitando-se com os raios de sol que a aqueciam.

– Ora, está mesmo uma delícia – admitiu Polly, sorrindo.

Tarnie voltou-se para ela. Seus olhos estavam com um tom de azul profundo, e ele sorriu com os dentes muito brancos. E foi a coisa mais natural do mundo flutuar para cada vez mais perto dele, fechar os olhos a fim de se proteger do sol e da claridade; foi a coisa mais fácil do mundo deixar que Tarnie a puxasse para perto e a beijasse.



Toda a graça estava nos contrastes: o calor do sol e o frio da água; a aspereza da barba dele e a suavidade da pele dela; o frescor de se estar ao ar livre e a calidez de estar com alguém depois de tanto tempo – uma pessoa nova, empolgante, diferente.

De volta ao barco, Polly estava se sentindo plena: riso fácil, relaxada, parecia até outra pessoa. Estava na proa, virada para Tarnie. De quando em vez, os dois trocavam um olhar, um sorriso. Quando não estava olhando para ele, Polly deixava a mão para fora do barco e tocava a água, só aproveitando a sensação agradável de estar centrada no agora, em seu próprio ser, sem ter que se preocupar com o futuro nem sonhar com o passado, sem se distrair com tarefas mundanas: estava presente, existindo e sentindo. O sol começava a descer no horizonte e as poucas nuvens assumiam tons rosados. Ela percebeu que estava feliz. Estava mesmo feliz.

Quando atracaram no cais de Polbearne, os rapazes já estavam carregando a chalupa. Pela quantidade de acenos e risadinhas alegres que receberam, Polly entendeu que ambos seriam alvo de certo falatório. Tarnie também estava cor-de-rosa, e não era só por causa do sol.

– Ai, ai – disse ele, sorrindo para ela à guisa de desculpas.

– Imagino que você não possa subir comigo, né? – sugeriu ela, ousada.

– Preciso trabalhar – respondeu Tarnie, acariciando delicadamente o rosto de Polly com a mão áspera e calejada; ela se aninhou na mão dele. – Mas em breve – acrescentou, fitando-a com os intensos olhos azuis.

– Em breve – sussurrou ela.

– OI, GENTE – falou Jayden, ajudando Polly a sair do barco. – TIVERAM UM BOM DIA, FOI?

– Tá bom, Jay, já chega – resmungou Tarnie.

Os dois pararam frente a frente, trocando olhares.

– Hã, hoje foi maravilhoso, muito obrigada – afirmou Polly.

Tarnie mirou o chão.

– Hã, o prazer foi todo meu – disse ele, encabulado.

E então, na frente de todos os rapazes, Tarnie deu um beijo suave no rosto dela. Corando, Polly levou a cesta de piquenique de volta para casa.



– Você fez o quê? – perguntou Kerensa. – Numa ILHA? Ah meu DEUS, que inveja!

– Por que não escolhe um dos milhares de caras que vivem te chamando pra sair e pronto?

– Porque o meu padrão de qualidade é alto. Ah, droga, não foi isso que eu quis dizer.

– Ah, mas foi, sim. – Polly estava sentada com os pés para o alto no banquinho da janela, bebendo cerveja enquanto assistia ao pôr do sol, sentindo-se ridiculamente contente. – Mas tudo bem, hoje eu não estou nem aí.

– Porque os hormônios do sexo estão te enlouquecendo.

– Não estou louca. Estou ótima.

– Esse é o segredo deles – rebateu Kerensa. – É isso que eles fazem.

Polly revirou os olhos.

– Ora, não era você que vivia me dizendo para deixar a fila andar?

– Isso é verdade.

Polly se lembrou de outra coisa.

– Ah, a propósito, aquele carinha americano está apaixonado por você.

– RÁ. Bom, pode dizer a ele que eu o acho repulsivo.

– Você sabe que ele é muito rico, né?

– Ora, por que não disse antes? Vou me prostituir para um cara que eu não suporto só por causa do dinheiro – ironizou Kerensa. – Obrigada pelo ótimo conselho.

Polly bebeu outro gole da cerveja.

– Bem, foi um dia delicioso. Maravilhoso.

– É? Que bom – falou a amiga. – Escuta, será que você poderia ligar para o Chris um dia desses?

– Por quê? – indagou Polly, arrancada com brutalidade de seu devaneio.

– Por nada. É só que... ele está muito deprimido. Acho que o Chris pensa que você está indo muito bem e que ele está muito mal. Chris anda um pouco

amargurado.

– E o que *eu* poderia fazer para ajudar?

– Não sei. Talvez consiga convencê-lo a encarar a vida e seguir em frente.

Polly suspirou.

– Ok. Está bem. Vou ligar para ele.

– Quando se trata de seguir a vida, as mulheres sempre são melhores que os homens – disse Kerensa. – Sabia? Os homens são terríveis. É por isso que eles vivem casando com a pessoa errada.

– Hum. Ou talvez seja melhor você falar para ele me ligar.

– Quando ele ligar, vê se tenta não parecer tão feliz e tão bem comida.

– Eu não... – Polly sorriu. – Bom, talvez eu esteja um tantinho de nada.

– Ótimo! Já estava mais do que na hora.



Capítulo quinze

Polly ainda estava sorrindo na manhã seguinte, e o sorriso só aumentou quando explicou a nova ideia à Sra. Manse – ela em uma padaria, Gillian na outra, mas com Polly cuidando de todo o trabalho pesado – e obteve resultados bem favoráveis.

– Vamos manter assim enquanto você estiver por aqui – resmungou, o que, vindo da Sra. Manse, contava como encorajamento.

– Bom, se esse esquema funcionar, eu posso acabar ficando – observou Polly.

Em resposta, a Sra. Manse lançou-lhe um olhar atravessado e estufou o peito de forma ameaçadora. Mas Polly percebeu que Gillian estava mais feliz com a ideia de ter a própria loja de volta sem ter que lidar com Polly, embora ainda houvesse certa resistência à ideia de que outra pessoa fizesse todos os pães – ou talvez Gillian estivesse tendo dificuldade de aceitar que esse trabalho estava além de suas limitações.

Por isso, certo dia, sem reclamar, Polly dedicou dezesseis horas de trabalho à tarefa de ajudar a Sra. Manse a arrumar a padaria de volta ao jeito como a mulher gostava e levou a farinha para a outra padaria.

Estava bem destruída, é claro, mas agora que tinha parado de chover o tempo inteiro, daria para trabalhar nela. Se Polly conseguisse abrir as portas da loja e fazer um dinheiro, daria para ajeitar tudo para o inverno. Ficou um pouco chocada ao se pegar fazendo planos de médio prazo em Polbearne, mas não conseguiu evitar. A animação borbulhava dentro dela. Polly teria a própria padaria! Bem, não exatamente, mas... Precisava ligar para Huckle e agradecer a ele pela ótima ideia. E talvez Tarnie pudesse vir mais tarde e... Ruborizou só de pensar e se repreendeu, ordenando a si mesma que voltasse ao trabalho.

Ao plugar uma tomada grande e ligar a eletricidade, lembrou-se de como estava nervosa na primeira vez em que descera ali, o dia em que encontrara o pobre Neil. Acendeu o forno a lenha pela primeira vez, alimentando-o com a madeira de primeira que Reuben comprara, e o calor gerado era inacreditável. Poderia usar o forno tradicional para fazer os pães mais comuns e haveria tempo de sobra para se aventurar com as batedeiras e amassadeiras industriais, mas, por ora, era melhor começar com pouco. Combinaram que o salário seria por comissão e que a Sra. Manse venderia os pães de Polly, mas também iria continuar fazendo as empanadas e os sanduíches de sempre; depois de um tempo, veriam se o arranjo estava funcionando. Era tudo muito informal. Sentia que a Sra. Manse teria concordado com quase qualquer coisa, desde que conseguisse se livrar de Polly. A fim de evitar a mágoa, agarrou-se à ideia de que nada daquilo era pessoal – afinal, Gillian não gostava de ninguém mesmo.

Pôs as seis primeiras *focaccias* no forno a lenha e, logo de cara, queimou os dedos com a longa pá de servir. Também queimou o pão. Precisou de três tentativas com massa fresca para conseguir fazer um pão decente – o forno assou muito mais rápido do que esperava –, com a quantidade certa de azeite e o equilíbrio perfeito entre o sal e o alecrim.

Porém, quando enfim conseguiu, a diferença na qualidade do pão era inacreditável. Estava mais delicioso do que qualquer outra coisa que já fizera: crocante por fora, macio por dentro. O cheiro era divino: o aroma acolhedor de pão quentinho entremeado por um leve toque de crosta torrada. Polly teve que se controlar para não comer tudo.

Depois resolveu tentar fazer uma *pissaladière* com cebolas cozidas em fogo baixíssimo. Ficou ainda melhor; as cebolas caramelizaram no calor do forno a lenha, adquirindo um leve sabor defumado e doce que contrastava com o gosto pungente das anchovas e azeitonas que pusera por cima. Em seguida fez um pão recheado de queijo que ficou crocante e, ao mesmo tempo, macio e derretido.

Polly olhou de soslaio para o forno, pensando que o objeto estava transformando-a em uma padeira muito melhor do que poderia ser sem ele. Mandou outra mensagem para Reuben, agradecendo mais uma vez e convidando-o a aparecer quando quisesse. E então, hesitante, foi até a porta, pegou a antiquíssima placa pendurada e mudou-a de “Fechado” para “Aberto”.



As pessoas não conseguiram segurar a curiosidade e vieram ver o que estava acontecendo – era isso ou o cheiro do pão assando literalmente arrastou-as pelo nariz. Em quinze minutos, Polly havia atraído o que, em Mount Polbearne, era uma verdadeira multidão. Pôs no balcão alguns pratos com amostras dos pães com palitinhos espetados para que os clientes pudessem experimentá-los.

– É uma PROVA. – Polly teve que repreender Jayden, que estava com a boca tão cheia que nem conseguia falar. – É para provar um e ver se gosta.

– E eu gostei, oras – falou Jayden, de boca cheia. – Gostei muito. É por isso que estou comendo mais.

– Para comer mais, você tem que comprar.

– Ah! Bem que eu achei que era bom demais pra ser verdade.

– Isso é uma loja.

– Ah, sim. Então eu vou querer isso aqui – pediu, e apontou para os *breadsticks* de queijo que Polly inventara. – Quanto é?

– Ah, boa pergunta... Eu devia ter pensado melhor. Hum, uma libra?

Jayden contou três moedas com muito cuidado.

– Vou querer três.

– Tem certeza? Eles são bem grandes.

O garoto só olhou para ela.

– Certa vez, quando fui a Exeter, comi quatro Big Macs – informou ele. – Eu passei mal, mas consegui.

– Que vitória!

– Foi o melhor dia da minha vida – falou Jayden. E então fez uma cara de quem estava tramando alguma coisa. – Então, hã, tem falado com o Tarnie?

Polly olhou para ele de cara feia.

– Não me faça te banir da loja!

– Uau, você já está virando a Sra. Manse.

Polly abriu um dos sacos de papel que pegara na outra padaria e embrulhou a encomenda de Jayden.

– Prontinho, pode ir.

– Vou dizer a ele que você mandou um oi – falou o pescador, atrevido.

– Pois diga que eu mandei ele dar um chute na sua bunda – respondeu Polly, reparando, tarde demais, que gritou bem perto de uma mulher elegante que acabara de entrar na loja. – Ah, perdão.

– Tudo bem, não tem problema – disse a mulher.

A julgar pelo sotaque e pelas roupas, ela não era dali.

– Você é nova por aqui? – perguntou Polly, entusiasmando-se por dentro só

de pensar em não ser mais a última recém-chegada em Polbearne.

– Ora, bem... – A mulher olhou ao redor. – Estamos procurando uma casa de praia, sabe? Em um local onde a gente possa fugir da correria toda? Estamos à procura de um lugar bem calmo, mas o problema é que os lugares bem calmos nunca têm nada interessante por perto, nenhum restaurante e por aí vai.

Ela até que era bonita, pensou. Muito magra, com luzes no cabelo e um batom fúcsia.

– Bem, sim – comentou Polly. – É por *isso* que esses lugares são tranquilos. Sem restaurantes e sem nada para fazer por perto.

– Então, o nosso problema é esse. Queremos um lugar calmo, mas com acesso a comidas tradicionais maravilhosas e produtos naturais orgânicos, coisas do tipo.

– Isso é mesmo um problema – respondeu Polly, pensando que era bem capaz que a mulher ficasse mais feliz em um resort. – Já chegou a pensar em Rock?

A mulher estremeceu.

– Argh, que horror. É um lugar cheio de veranistas lotando os restaurantes ao ar livre.

– Mas não é justamente isso o que você quer fazer?

Para sua surpresa, a mulher sorriu.

– Ai, eu sei. Mas é que nós queremos ser os primeiros! E isso não é nada fácil!

– Bom, quanto a isso não posso fazer nada. Mas eu posso te fornecer o pão.

Indicou os pães dentro das cestas novas que comprara na loja de 1,99, mas que pareciam rústicas de uma maneira agradável. A mulher estudou os pães por um momento. E então seu rosto se iluminou.

– Isso é... tomate seco?

Polly pegou o pão de tomate.

– Com certeza.

A mulher arregalou ainda mais os olhos.

– E aquilo ali é um... forno a lenha?

– Pode crer.

Polly ofereceu um pedacinho de pão para a mulher experimentar. Ela mordeu e praticamente gritou.

– Henry! Hen! – chamou, aos berros, o homem no Range Rover que ocupava metade da rua do lado de fora. – Acho que encontramos! Conseguimos! Aposto que os Hambleton-Smythes NUNCA ouviram falar desse lugar! Ele será a nossa pérola escondida!

Um homem corpulento de camisa polo cor-de-rosa com a gola levantada saiu do carro. Era muito mais velho que a esposa.

– Graças a Deus! – exclamou ele. E explicou a Polly: – Ela precisa ter algo de que se gabar, senão a vida não anda. Mas o lugar me parece bem bonito.

– Vou voltar com o meu decorador para escolher uma casa – afirmou a mulher.

– Não sei se tem alguma casa à venda – comentou Polly.

Na noite de sábado, no bar, encontrara com Lance, o corretor, e ele contara que os negócios não iam muito bem.

O casal começou a rir.

– Ah, eles sempre vendem para mim no final – disse o homem.

– Vendem mesmo, querido – concordou a mulher.

– Todo mundo tem um preço. Bem, vou querer um de cada de tudo o que tiver na loja. Mas nada para você, meu docinho. Não queremos que fique cheinha, né?

– Não, Hen – falou a mulher, com um sorriso açucarado. – Eu sou o seu docinho bem magrinho.



Polly ficou observando o casal se afastar, o homem atacando com avidez o saco grande de papel com os pães. Sentiu-se um pouco culpada por talvez estar ajudando a trazer para Polbearne algo que não tinha nada a ver com o lugar – tinha quase certeza de que, se o casal tivesse ido à padaria da Sra. Manse, o homenzarrão não teria nem saído do carro. Por outro lado, naquela manhã, todos os moradores da região tinham aparecido, desde Muriel do mercadinho até Patrick, o veterinário, que fizera a gentileza de perguntar sobre Neil e comprara um pão de forma branco; incluindo uma procissão constante de pescadores – em parte para comer, é claro, mas em parte para dar uma boa olhada na mulher que fisgara Tarnie. Estava com uma sensação um tanto incômoda; de certa forma, arrependia-se de ter voltado no barco junto com ele, bem às vistas de todo mundo, embora não houvesse muito o que fazer a respeito. Perguntava-se quando Tarnie ia ligar para ela.

Ele *ia* ligar, certo? É claro que ia. Não estava falando de um encontro horrórico marcado no meio de uma boate barulhenta depois de uma conversa aos gritos, muito menos de um jantar constrangedor em um restaurante

mediano durante o qual as duas partes tentavam de tudo para encontrar algo em comum. Fora um envolvimento orgânico, não? Algo que surgira de forma natural durante o tempo que passaram juntos? Com certeza. Só podia. E Polly não precisaria se preocupar se ele iria ligar ou não, porque é claro que logo o veria – ele trabalhava logo ali, a poucos metros da janela dela – e quando se encontrassem, seria fofo e fácil e nem um pouco constrangedor, mesmo com os pescadores animados dando risadinhas ao fundo.

Lembrou-se, um tanto envergonhada, do dia anterior. Polly se excedera um pouco, é claro. Sob circunstâncias normais, não teria... mas o dia estava lindo, e fazia tanto tempo que não se divertia... Resolveu não ficar se culpando.

Por outro lado, também fora um pouco estranho, sua primeira vez depois de muito tempo. A sensação do corpo de Tarnie era tão diferente do de Chris, que, durante os anos em que ficaram juntos, havia ficado mais redondo e macio; muito fast-food, muitas noites encurvado diante do computador ou da prancheta, muita cerveja no fim de semana. O corpo de Tarnie era anguloso, firme. Não era melhor nem pior, era diferente e ponto. Mas tudo isso era mais do que esperado depois de passar tanto tempo fora do mercado. Ninguém “clicava” de imediato com outra pessoa; é claro que era preciso um pouco de prática para que se acostumassem um ao outro.

Coçou a nuca e se pôs a fazer mais uma leva de palitinhos de queijo, que estavam fazendo muito sucesso. O pão de mel estava no cantinho, sem ganhar muita atenção – talvez ainda fosse um pouco ambicioso para a clientela, mas tudo bem, Polly era paciente. E, de fato, lá pelas duas da tarde, tinha vendido absolutamente tudo. Ainda vieram outras pessoas depois, e foram embora desapontadas.

Olhou o relógio e contou os ganhos do dia. A Sra. Manse com certeza ficaria satisfeita – isto é, se é que a mulher era capaz de sentir satisfação. E com o verão – e os turistas – se aproximando, Polly começou a pensar que talvez fosse possível encerrar o trabalho às duas da tarde todos os dias. Tentou conter a empolgação. Se conseguisse fazer aquilo todos os dias – o que, é claro, não era nada certo e dependia muito da chefe de gênio difícil –, Polly teria um emprego, um emprego de verdade.

E um emprego tão diferente... Fazer pão, vender pão. Pensou nos tempos em que trabalhava com Chris: a bajulação infinita para angariar novos clientes, todos aqueles jantares e *happy hours* exaustivos, as reuniões sem fim para debater os futuros trabalhos, tentando conseguir aprovação, tentando fazer planos, tentando lidar com as mudanças constantes e um milhão de maneiras diferentes

de se fazer as coisas.

Agora, por sua vez, vendia brioche para as pessoas que queriam brioche. Baguete aos que queriam baguete. E aos que não queria nada, Polly não vendia nada. Havia algo muito essencial, muito verdadeiro naquela transação, algo que nunca vivenciara antes. Se não fizesse pão, não ganharia dinheiro. Se fizesse pão, e se ele fosse bom, as pessoas voltariam – chegando até mesmo ao ponto de comprar uma casa ali perto da padaria.

De repente, ali, na pequena padaria à beira-mar, começou a sentir que nada era impossível. No fundo do coração.

Virou a placa na porta, fechando a loja, e começou a limpar tudo. Teria que ficar mais eficiente e organizada enquanto trabalhava. Ou talvez pudesse contratar um ajudante de meio período para cuidar da limpeza. Isso também era capaz de funcionar. Estava tentando controlar a empolgação quando o celular tocou.

O aparelho antigo fora comprado no cartão da empresa, e entregá-lo ao Sr. Bassi fora um dos momentos mais humilhantes de sua vida. Polly comprara um celular novo, bem mais barato, mas mal se incomodara em usá-lo ou em dar o número para as pessoas. Fez uma promessa de que daria o número quando estivesse pronta para ver os amigos de novo. Com certeza.

Era um número desconhecido. “Deve ser o Tarnie”, pensou. Abriu um sorriso, mais nervosa do que estava antes. O que será que os dois iam fazer? Será que ele a chamaria para sair? A ideia de vê-lo sentado, todo comportado, em um restaurante ou um cinema era meio ridícula. Na verdade, Polly quase nunca o vira em um ambiente interno. Tarnie não combinava com ambientes fechados; o lugar dele era ao ar livre, com a brisa marítima soprando seus cabelos.

– Alô? – Atendeu o telefone com um tom ousado, passando muito mais confiança do que sentia. – Tudo bem com VOCÊ?

– Não muito – respondeu uma voz pesarosa.

– Chris?

– É claro, quem você achava que era? – rebateu ele, na defensiva.

– Ah, sim, é claro. Oi! Como vai?

De repente, a felicidade pela qual tanto trabalhara foi se esvaindo, e ela cruzou as pernas, nervosa. Depois de tudo que haviam passado, depois de todo o esforço dela... Lembrou-se do que Kerensa dissera, sobre como todos estavam preocupados com Chris.

– Ei, você está bem? – Polly tentou outra vez.

– Bem, pela sua voz parece que você está – respondeu ele, amargurado.

Polly correu os olhos pela pequena padaria. As janelas ainda estavam quebradas. Mas o lugar tinha bastante personalidade.

– Hã, bem, eu estou fazendo um esforço – respondeu ela, depressa. – O que você tem feito?

– O que acha que eu tenho feito? Estou morando com a minha mãe, tentando botar a minha vida no lugar.

– Como ela está? – quis saber Polly.

A mãe de Chris sempre gostara dela, mas quando as coisas começaram a ir de mal a pior, a sogra deixara de ser tão simpática quanto antes. Mesmo pelo telefone, era capaz de sentir a tromba que Chris estava fazendo.

– Ela diz que está ficando de saco cheio de mim. Exatamente o que você falou.

– Chris – Polly esforçou-se ao máximo para não se irritar –, eu não fiquei de saco cheio de você. As coisas é que não deram mais certo entre nós, lembra?

Houve um longo silêncio.

– É, claro que eu lembro.

Chris estava ressentido. Polly mordeu o lábio, sem dizer nada.

– Então, assim, eu estava pensando em ir aí te ver, sabe? – prosseguiu ele, ainda na defensiva, como se esperasse que ela fosse dizer não.

Polly pensou no apartamentinho e em tudo o que estava acontecendo, inclusive a própria expectativa para que Tarnie entrasse em contato. O timing não era ideal. Mas é óbvio que ela tinha que vê-lo, é claro que sim.

Como ela demorou a responder, Chris insistiu:

– E aí? O que foi, já virou a página?

Polly sabia que a grosseria era resultado das inseguranças de Chris.

– Hã, não, claro que não, você sabe... Mas sim, venha. Com certeza.

– Kerensa falou que você se mudou pra roça, pra uma ilha maluca.

– Ela disse isso?

– Eu bem que gostaria de um pouco de sossego e tranquilidade. Minha mãe está me deixando doido.

Polly ficou frustrada. Não conseguia evitar. Sentia que estava enfim começando a superar a situação; sendo muito sincera, mal pensara em Chris durante todo aquele tempo, deixando a dor e a decepção enterradas bem fundo na alma enquanto seguia em frente. Mas isso não era justo com Chris.

– Sim, é claro. Venha quando quiser.



Capítulo dezesseis

Todos ficaram surpresos, sobretudo Polly, com o estrondoso sucesso da Pequena Padaria à Beira-mar – assim chamada para diferenciá-la da padaria da Sra. Manse, embora a outra fosse só um tiquinho maior.

Todo dia fazia testes com sabores diferentes e logo aprendeu o que funcionava bem para seus clientes. Chouriço espanhol era sempre um sucesso, mesmo que ela tivesse que mandar trazer do continente e que todos ali desconhecessem a iguaria; outro sucesso eram os bolinhos de milho. Qualquer coisa que tivesse cara de pizza esgotava antes mesmo das dez da manhã.

Olhando os turistas que já começavam a vir aos montes pela pontezinha, Polly pensou que em breve precisaria contratar um assistente, mas o cansaço de passar tantas horas de pé era compensado pela felicidade que sentia quando, às duas da tarde, já estava com o estoque zerado e podia fechar a loja. Algumas vezes, tentando evitar que todo mundo da cidadezinha ficasse sabendo da vida deles, ela subia para ficar com Tarnie, que também tinha as tardes livres, e os dois passavam um tempo juntos, aproveitando os raios de sol e a brisa que entravam pelas janelas. Mas Polly ia se dando conta de que não pareciam ser um casal de verdade; não saíam juntos para jantar – afinal, onde poderiam ir? Às vezes iam com os amigos no pub, mas, sem muita vontade de lidar com a gozação de todos, sempre se sentavam separados.

Ainda assim, Polly estava satisfeita. Seu próprio corpo começava a despertar conforme os dias ficavam cada vez mais quentes, até que um lindo verão se instaurou de vez, trazendo a cidadezinha de volta à vida. Acordava todas as manhãs junto com os primeiros raios cor-de-rosa do sol, cheia de disposição para sovar pão, experimentar receitas novas, apreciar aromas, fazer café,

cumprimentar os novos amigos e ficar por dentro das fofocas do vilarejo. Todos logo criaram o hábito de passar na padaria, ainda mais depois que ela comprou copos de papel e começou a vender o café que fazia na excelente cafeteira do estabelecimento. Patrick aparecia para reclamar dos gatos sarnentos; Muriel já chegava anunciando que seus pés estavam acabando com ela; Andy, o dono do pub, vinha um pouco antes da hora do almoço a fim de comprar pãezinhos para o churrasco e Huckle aparecia para repor o estoque de mel.

Os turistas apareciam em ondas, surpresos por encontrar um lugar tão encantador, e Polly ficava feliz só de ouvir o sininho da porta. Quando levava a receita do dia para a outra loja, a Sra. Manse a recebia com grunhidos, mas Polly logo aprendeu que, se também levasse uma xícara de chá para a mulher, ela não parecia se opor que Polly compartilhasse alguma fofoca com ela, estalando a língua de vez em quando. Nem em um milhão de anos Polly chamaria aquilo de amizade, mas com certeza estavam no caminho certo.

E toda noite caía na cama ao pôr do sol, exausta de tanto trabalho, ficando mais bronzeada e mais forte a cada dia, sentindo a vida antiga recuar, feito as ondas da pequena praia de areia logo atrás do velho farol, para onde ela e Muriel fugiam de vez em quando em busca de um merecido descanso e um bate-papo.

E agora Chris estava vindo para Polbearne, trazendo consigo a velha vida de Polly.

Apreensiva, olhou para o sofá – seu amado sofá – e o abriu, transformando-o em uma cama.

Ele ligara mais cedo para avisar que estava a caminho, e ela nem precisava mais consultar a tabela de marés para saber que, quando Chris chegasse, a ponte estaria debaixo d'água. Avisara a ele, mas Chris respondera que, bem, já era tarde demais, já estava a caminho, então Polly suspirara e dissera que tudo bem, ela daria um jeito.

Tarnie não se encontrava no cais, mas Jayden estava desembolando redes de pesca com a maior cara de tédio, e ficou exultante quando Polly ofereceu uns pãezinhos para que ele a levasse do outro lado para buscar Chris.

A tarde estava linda, e os reflexos cor-de-rosa começavam a surgir no distante horizonte quando os dois zarparam. A água cobrira a ponte de tal maneira que todas as pedras desapareceram e Polbearne voltou a ser, de fato, uma ilha. Ouvindo os gorjeios das gaivotas, Polly olhou para o continente que parecia tão longínquo e foi se sentar na proa do barco – já se sentia tão habituada a estar a bordo que embarcava e desembarcava com desenvoltura, como se estivesse em um carro. Sorriu quando Jayden forçou o pequeno motor.

– Você é tipo um piloto de Fórmula 1 dos barquinhos – comentou, e ele ficou feliz com o elogio.

– Essa é a segunda corrida que faço hoje – contou Jayden. – Vou voltar a fazer *taxi boat*.

No verão, as equipes de pescadores costumavam usar o barco de apoio para levar de volta ao continente os visitantes que não resistiam à tentação de passar mais tempo em Polbearne e acabavam ilhados. Cobravam o máximo que podiam, mas o único requerimento era que o dinheiro da tarifa fosse gasto no bar, comprando bebidas para toda a equipe.

Quando ficara sabendo disso, Polly afirmara: “Então basicamente vocês são piratas!”, e todos os rapazes sorriram e concordaram.

– Está movimentado hoje? – perguntou Polly a Jayden.

Ainda não havia muitos turistas, e os locais sabiam a tabela das marés de cor.

– Sim – respondeu ele. – Mais cedo eu levei Tarnie para ver a sua...

Polly não estava prestando muita atenção. Na verdade, era bem possível que, se Jayden não tivesse se interrompido de forma tão óbvia e ruborizado como um demônio, ele conseguisse ter se safado.

Jayden poderia ter dito “sua mãe” ou “sua horta”, ou literalmente qualquer outra coisa que viesse à cabeça, mas às vezes a mente de Jayden se transformava em uma imensidão nebulosa, de modo que, em vez de dizer qualquer coisa, ele só ficou ali, vermelho como um pimentão, coçando a nuca e boquiaberto como um peixe.

A princípio, Polly não reparou. Então repassou a conversa e se retesou, engolindo em seco.

– Sua o que, Jayden? – quis saber ela, tentando manter a voz calma e despreocupada, mas, por dentro, estava com o coração na boca.

– Hã... nada não – disse Jayden, torcendo para que Polly o deixasse em paz.

– Não, Jayden, não me venha com essa de “nada não” – retorquiu ela, contida.

Olhava nos olhos dele, mas Jayden não conseguia fazer o mesmo.

Um longo silêncio se seguiu. Polly é que não iria quebrá-lo.

– Hum – falou Jayden, por fim, quando já estavam chegando perto do continente.

Polly até já conseguia avistar o pequeno Polo branco da mãe de Chris no estacionamento.

– Sim?

– Tarnie foi ver... a esposa. – Ele murmurou a palavra “esposa” o mais rápido

que pôde, com o olhar fixo no fundo do barco.

– A es... – Polly tinha que ter certeza absoluta. – Jayden, você falou “esposa”? Jayden aquiesceu, culpado.

– Tarnie é casado?

– É, sim.

– E você sabia disso?

Ele fitava o chão, embaraçado.

– Sabia.

Polly sentiu o sangue correr todo para a cabeça e notou que as mãos tremiam. Bem, isso explicava por que o relacionamento nunca fora além de um drinque aqui e ali de vez em quando. E, então, se deu conta de outra coisa.

– E... devo presumir que a cidade inteira sabe disso?

Jayden deu de ombros.

Polly xingou bem alto, e atirou na água uma pedrinha que estava no fundo do barco.

– Ah, pelo amor de Deus! Por que não me contou?

– Não era da minha conta.

A mente de Polly estava a todo vapor. Ela nunca tinha perguntado... bem, nunca nem lhe ocorrera a necessidade de perguntar, e Tarnie não usava aliança – o que, a bem da verdade, poderia acabar sendo perigoso no trabalho dele.

Quando ela era mais nova e ia aos bares de Plymouth com Kerensa, as duas ficavam sempre atentas aos tipos mais oportunistas e afoitos: os oficiais da Marinha de folga na cidade que só queriam se divertir, os homens de negócios que estavam ali a trabalho. Contudo, fazia muito tempo que não precisava se preocupar com aquelas coisas, já que ela e Chris tinham passado tantos anos juntos. Durante esse tempo, Kerensa era a pessoa que tinha que fazer todo o trabalho, e Polly já emanava a energia de “Sou comprometida”, que sempre funcionara bem... E aí ela foi e cometeu o erro mais grotesco e amador de todos. Sentia-se a pessoa mais estúpida do mundo.

– Ah, mas que bosta! DROGA! Não acredito que ninguém me contou. Por que a Sra. Manse não me contou? – Polly respondeu a própria pergunta: – Porque ela não gosta de mim. Por que Huckle não me contou?

– Aquele americano esquisitão? Como é que ele ia saber?

– Como ela é? – quis saber Polly. – Ah, meu Deus, não me diga que eles têm filhos.

Jayden fez que não com a cabeça.

– Ela não gosta que Tarnie trabalhe na pesca. Deixa ele vir trabalhar durante a

temporada, mas eles moram em Looe. Ele vem e vai.

– DIACHO! Tarnie sem dúvida pensou que eu era uma mulher fácil.

Jayden estava arrasado.

– Eu não acho isso. Eu te acho muito legal.

– Obrigada, Jayden.

Estavam chegando ao píer, e Polly ainda não tinha descoberto metade do que precisava saber.

– Então Tarnie faz isso todo verão? – exigiu saber. – Vai e acha uma otária nova para pegar? Eu sou apenas a modelo deste ano? Ah, meu Deus, aquela ilha. Ele deve levar mulheres lá o tempo todo.

Era difícil conciliar Tarnie com a imagem de um sedutor contumaz. Mas também, nunca se sabe, talvez a habilidade especial dele fosse justamente esta. Passar a imagem de inseguro e arredo, enquanto sabia muito bem o que estava fazendo.

Jayden balançou a cabeça com veemência.

– Não. Tarnie morre de medo da Selina. Juro por Deus que nunca vi ele fazer isso antes. – Quando Polly o olhou de cara feia, Jayden insistiu: – É verdade.

Conforme o barco se aproximava, Chris saiu do carro, os cabelos tremulando com a brisa do mar.

– É o seu namorado? – perguntou Jayden.

– Não. Céus, vocês todos só pensam nisso.

Quando encostaram no píer, Polly se lançou para fora do barco, furiosa, mas sabia que, por ora, precisava deixar o assunto para trás, tirá-lo da cabeça. Pensou na mesma hora que, se vinha se sentindo um pouquinho tentada a se achar superior a Chris quando o encontrasse, ela acabara de ser colocada em seu devido lugar.



Capítulo dezessete

Polly observou de longe o ex, tentando ignorar o turbilhão que girava dentro dela. Chris estava diferente. Foram só três meses separados, mas parecia mais. Não estava tão pálido e sem viço quanto nos dias finais da empresa. O cabelo dele estava sem corte, mas até que Chris ficava bem com os fios mais longos. Tinha recuperado todo o peso que havia perdido, e talvez ainda ganhado um pouquinho mais. As bolsas sob os olhos pareciam ter sumido de vez. Usava uma velha camisa xadrez e uma calça jeans um pouquinho justa demais.

– Olá – disse ele, hesitante.

Chris, por sua vez, ficou abismado com a mudança em Polly. Ela parecia distraída; porém mais esguia. Estava com o leve bronzeado de quem passa muito tempo ao ar livre, que lhe caíra muito bem; os cabelos ruivos com tons dourados estavam presos em um rabo de cavalo despreocupado, como se não ligasse para a opinião das pessoas que a viam. Mechas soltas emolduravam seu rosto, causando um efeito bonito. Polly também usava uma calça jeans velha e uma camiseta vermelha meio suja com uma espécie de pó; ele presumiu que era farinha. Ela parecia mais jovem; menos abatida. De repente, Chris sentiu uma pontada de remorso; sentia-se muito culpado.

– Oi – falou ela.

Os dois se entreolharam de forma desconfortável, sem saber qual seria a forma correta de se cumprimentar depois de tanto tempo afastados.

– Ah, pelo amor de Deus! – exclamou Polly, por fim, e abriu os braços.

Chris a abraçou, hesitante. Na mesma hora, Polly reconheceu o cheiro tão familiar dele; para Chris, Polly estava com um cheiro diferente: traços de pão fresquinho e de água do mar.

– Uau! Você está muito bonita – comentou ele.

Foi só então que Polly notou que não tinha feito nenhum esforço para se preparar para vê-lo. Tempos atrás, teria dado uma importância desmedida à necessidade de se arrumar para encontrá-lo: teria ficado um longo tempo decidindo o que vestir e passado quilos de maquiagem. Daquela vez, só tinha passado um batonzinho. Sabia muito bem o porquê – em parte porque não havia nem pensado nisso, e em parte, é claro, porque achava que estava saindo com outra pessoa – e se sentiu idiota na mesma hora. Fez um esforço para banir Tarnie de volta para as profundezas da própria mente. Não podia pensar nele naquele momento.

– Hã, obrigada. Você também.

Uma pausa desconfortável pairou entre os dois, e então Jayden pigarreou, lembrando-a de que, quando a maré descesse de novo, ele teria que fazer uma rota muito chata para voltar a Polbearne, de modo que Polly voltou apressada para o barco. Chris a seguiu com a mochila, mas não embarcou com a mesma graça.

– Estou vendo que você já tem pernas de marinheiro – comentou ele.

Polly apenas sorriu, mas por dentro desejou estar morta.

Sabendo muito bem que já tinha causado problemas suficientes, Jayden passou a viagem inteira mudo, e Polly pensou que ele bem que poderia ser Caronte transportando-a pelo rio Estige. Quando viraram o cabo e a baía surgiu diante deles, Polly olhou para Chris e foi premiada pela expressão de admiração em seu rosto, observando a cidadezinha banhada pelos primeiros raios crepusculares que pintavam de dourado a pedra e a ardósia. As janelas cintilavam, os paralelepípedos brilhavam, os mastros dos barcos toavam.

– Uau! É aqui? É muito lindo.

Polly sorriu, orgulhosa.

– Eu sei.

– Só que você está no meio do nada.

Atrás dela, Polly sentiu a irritação de Jayden.

– Depende do seu referencial – rebateu a mulher. – Muita gente prefere assim.

– Como é no inverno?

Polly se lembrou do começo da primavera, as tempestades violentas e a solidão abrasadora.

– Aconchegante – apressou-se a dizer.

Chris não ficou convencido. Pegou o telefone e fez cara de surpresa ao ver

que não tinha sinal.

Jayden os deixou no píer sem dizer nada, apenas lançou um olhar com um pedido de desculpas para Polly, que ela, inclusive, não correspondeu. Uma coisa de cada vez. Não sabia o que faria da próxima vez que visse Tarnie, mas não seria nada bonito.

– Pensei de a gente ir tomar uma cerveja – sugeriu ela, lamentando-se por só haver um único pub na cidade inteira.

Porém, Tarnie estava no continente e já fazia semanas que não tinha notícias de Huckle.

– Perfeito. Tem peixe com fritas? Eu adoraria comer uma porção bem tradicional de *fish and chips*.

– Com certeza!

Polly estava contente porque, pelo menos até o momento, parecia que Chris não tinha vindo lá de longe só para criticá-la.

Subiram para deixar a mochila de Chris no apartamento acima da padaria. Desde que começara a renovar o térreo, a casa de Polly estava mais aconchegante e agradável; os fornos aqueciam o ambiente, e a antiga sensação de umidade havia desaparecido. Além disso, numa tarde de quarta-feira pedira a Tarnie que a levasse ao depósito para buscar as fotos, os livros e os tapetes dela, todas as coisas que Chris nunca quisera pôr em seu paraíso minimalista. Assim, havia um tapete vermelho-vivo no chão e fileiras de livros arrumados em prateleiras de madeira e tijolos aparentes, além de umas paisagens abstratas que Chris sempre dissera que pareciam ter sido pintadas por uma criança e que Polly adorava pelo mesmíssimo motivo. Havia várias almofadas espalhadas no sofá cinza impecável, gerando um efeito sobrecarregado, mas, ao mesmo tempo, convidativo e aconchegante.

– Caramba – falou Chris, franzindo o cenho. – É uma mudança e tanta em relação ao apê de Plymouth. – Quando Polly lhe lançou um olhar enviesado, acrescentou: – Quer dizer, é uma graça.

– Chá? – ofereceu ela, pegando as louças desparelhadas e os pãezinhos que tinha assado na hora do almoço.

Chris aceitou e Polly pôs a mesa que ficava perto do janelão, para que pudessem ver o sol que se punha e parecia estar fazendo um espetáculo em tons de rosa e roxo só para eles.



– E aí? – disse Polly, gentilmente, depois de tomar o chá.

Chris mirou a própria caneca, depois seu olhar vagou pela janela.

– Você está cuidando da padaria no andar de baixo? – perguntou ele, incrédulo.

– Sim. Sei que não parece muita coisa, e não sou a proprietária, mas sabe...

– Como consegue fazer pão para tanta gente?

Polly deu de ombros.

– É prática. Sabe... todos aqueles fins de semana...

Ela nem precisou terminar a frase. Todos os fins de semana em que Chris ficava no trabalho, ou insistia que não podiam sair porque ele estava estressado demais, ou se recuperando de uma ressaca danada depois de tentar afogar as mágoas na bebida, uma técnica que nunca funcionava.

– Só tive que aumentar a escala – concluiu.

Chris balançou a cabeça. Pelo olhar no rosto do ex, notou que ele estava morrendo de inveja.

– Hã, sabe, não é tão legal assim – comentou Polly. – Quer dizer, faz um frio do caramba aqui, e eu preciso acordar antes das galinhas, e as pessoas aqui da cidade sabem ser BEM más quando querem, e...

Tinha noção de que estava tagarelando, mas não sabia o que mais poderia fazer.

– Ah, bem, eu até que estou bastante bem – Chris apressou-se em dizer. – Estou trabalhando com uns sites... quer dizer, no geral, eu só ganho na exposição, mas isso vai ajudar a dar visibilidade à minha marca, sabe?

Polly sabia muito bem. Empresas que bancavam as espertas para ganhar trabalho de graça, afirmando que era em troca de publicidade – quem não sonharia em não ter que pagar o encanador? Ou o padeiro, inclusive.

– Que bom – disse ela. – E como está a sua mãe?

Chris franziu o cenho.

– Hum... está bem. Ela acha que eu deveria ir morar sozinho de novo. Mas só tem lugar bosta para alugar. Quer dizer, você deu muita sorte.

Polly soltou um pouquinho de fogo pelas ventas.

– O mercado está difícil demais. – Chris torceu o nariz, choramingando como uma criança mimada.

– Eu sei. – Com todo o cuidado que conseguiu reunir, Polly perguntou: – Já pensou em trabalhar em outra área?

– E fazer o que, bolo? – desdenhou Chris. – Não, veja bem, para mim é diferente. Eu sou um profissional.

Polly achou melhor os dois saírem logo, antes que ela desse com a chaleira da cabeça do ex.

No bar, diante de uma porção de peixe com fritas e uma garrafa de vinho branco – por sorte não havia nenhum conhecido no pub, só Patrick, o veterinário –, ela enfim pigarreou.

– Então... – começou, e, desconfortável, encheu os copos. – Hã. O apartamento.

– Sim. Certo. – Chris ruborizou um pouco e pigarreou, como se estivesse prestes a fazer um comunicado. – Estive pensando sobre isso. Agora que você tem um emprego, pensei que poderia assumir uma nova hipoteca. Então eu volto para o apartamento e procuro um trabalho. E aí, quando eu conseguir dar a volta por cima, você pode voltar a Plymouth e arranjar um emprego decente, não tem erro, e então poderemos retomar as coisas de onde deixamos e salvar o apartamento.

Polly tomou um longo gole de vinho. Lá estava Chris, por fim dizendo as palavras que ela tanto quisera ouvir ao longo de seis meses – não, mais do que isso. Ao longo dos dois últimos anos. Polly começou a piscar muito rápido.

– Mas eu tenho um emprego aqui.

Esqueceu-se do quanto convencera a si própria – e das tantas vezes que teimara com Kerensa – de que Mount Polbearne era só uma solução temporária enquanto não conseguia se reerguer; que aquilo era apenas uma separação provisória até que ela e Chris conseguissem reatar o relacionamento.

Além disso, o salário dela nunca conseguiria cobrir o aluguel e uma hipoteca.

– É, mas sabe... – Chris gesticulou, abarcando o ambiente. – Essa é uma cidadezinha onde Judas perdeu as botas... Você não é essa pessoa, Pol. Nós não somos pessoas para este lugar, sabe?

Polly pensou na fantasia que haviam criado juntos: dois jovens profissionais, morando em um apartamento chique, mandando bem nos negócios, indo a reuniões com gente importante e a bares da moda. Aquela garota da fantasia... mal conseguia se lembrar dela agora.

Respirou fundo e virou-se para o mar. O imenso feixe do farol varria a área à volta, iluminando as ruas de paralelepípedo, a borda do cais, as gaivotas brigando como se fossem adolescentes embriagados de sidra, as placas brancas de rua. Dava para ver só o contorno da fachada combalida de sua pequena padaria, sobrevoada pelas aves marinhas.

Polly se acalmou e olhou para Chris, que parecia ansioso. Notou que ele estava apreensivo com a resposta dela. E foi naquele exato segundo que Polly

percebeu, a despeito de suas crenças e incertezas anteriores, qual era a decisão que deveria tomar. Ela sempre afirmara que a mudança para Polbearne seria temporária. Contudo, mesmo com os altos e baixos, a nova fase passara a significar muito para Polly, muito mesmo.

– Eu acho... – disse ela, engolindo em seco. – Acho que talvez eu seja, sim, essa pessoa.

Um longo silêncio se seguiu. Os dois encaravam os copos.

– Como assim? – perguntou Chris, por fim.

Polly sentiu um nó dolorido na garganta e precisou segurar o choro repentino que brotava em seus olhos.

– Quer dizer, eu acho... acho que não quero voltar à vida de antes.

Chris franziu o cenho.

– Você não quer mais gerir um negócio. Tudo bem, a gente também não pode fazer isso agora, não pelos próximos dois anos. Mas ainda podemos salvar o apartamento se você cobrir a...

– Não.

Polly se deu conta de que quase nunca negara algo a Chris. Na verdade, quando estavam juntos, quase todo o tempo de Polly era gasto tentando deixá-lo feliz. “Não é à toa que caí na lábria do primeiro cara que me apareceu”, refletiu, com tristeza. Ficava enjoada só de pensar nisso, então reprimiu aqueles pensamentos.

– Você não está falando sério.

O feixe do farol passou por cima deles mais uma vez. No cais, as luzes dos barcos pesqueiros se acenderam, e Polly sentiu uma pontada por dentro enquanto os homens partiam para mais uma noite de trabalho duro. Muriel e o marido estavam dando um passeio noturno. Havia um jovem casal de turistas sentado nas pedras do cais; um rapaz e uma moça, abraçados, ele plantando beijos nos longos cabelos dela. No céu noturno ainda claro, as estrelas começavam a surgir.

Polly deu de ombros.

– Eu acho... acho... quer dizer, pelo menos por ora, mas...

– Você trabalha com gestão!

– Mas na Pequena Padaria à Beira-mar... Estou fazendo algo que eu amo. E eu amo este lugar. Não consigo explicar. Parece mágica.

Chris adotou uma expressão amarga.

– Você está se enterrando neste lugar para fugir da verdade.

– Talvez. Talvez eu esteja mesmo. Mas a verdade da qual estou fugindo é que

o nosso negócio não deu certo. – Polly usou sua voz mais suave para as palavras que se seguiram: – E o nosso relacionamento não deu certo, Chris. Nós fizemos tudo o que pudemos, mas não funcionou.

Ele ergueu o rosto para ela. Havia tristeza em seu olhar, e as bolsas sob os olhos voltaram a pesar.

– Bem, ora, você sabe, é essa maldita recessão, e os desgraçados dos Tories... Nós vamos nos reerguer.

– Não – sentenciou Polly, pegando a mão dele. – Eu não te fazia bem. Eu vivia irritando e chateando você, e você não gostava nada disso. Você precisa de alguém que te inspire, não de uma pessoa que fique te pajeando.

De repente, Chris parecia prestes a chorar.

– Só quero que tudo volte a ser como era antes.

De repente, Polly se lembrou da época em que se conheceram. Ele era tão lindo, tão jovem e inteligente, com o portfólio cheio de arte e design, de letreiros maravilhosos, de ideias interessantes. Os dois formavam um belo par: eram dinâmicos e estavam determinados a conquistar o mundo. Eram tão confiantes. Mas nunca poderiam voltar a ser as pessoas que haviam sido naquela época.

– Eu sei – disse Polly, sentindo-se desiludida e muito, muito cansada. – Eu sei.



Chris deitou no sofá, e Polly, na cama, mas nenhum dos dois conseguiu dormir. Ambos ficaram acordados, olhando para o mar, no caso de Chris, e para o teto, no de Polly – e ela tentava lidar com o turbilhão de pensamentos. Será que estava cometendo um erro terrível ao se recusar a voltar para a cidade? Será que aquela era a sua última chance de ter a vida “normal” que todos esperavam dela: ficar noiva de Chris, achar um empreguinho decente em um escritório em algum lugar, talvez ter um filho um dia? Estava envelhecendo; se não aproveitasse aquela chance única, será que acabaria se tornando a Sra. Manse? Teve que resistir aos impulsos de se levantar e ir abraçar Chris, dizendo que sim, eles conseguiriam ficar juntos, que ficariam bem, que era só recomeçar e seriam felizes. Porque, no fundo, sabia muito bem que os dois nunca seriam felizes juntos.

Às quatro da manhã, Chris desistiu de dormir e, da forma mais silenciosa possível, abriu a porta do apartamento e foi procurar alguma coisa para fazer.

Polly ouviu o movimento dele e estava prestes a se levantar e seguiu-o quando percebeu que, enfim, estava começando a adormecer. Presa no corpo pesado do sono, não iria a lugar algum.



Polly dormiu até as onze da manhã de domingo e acordou num sobressalto. Nem lembrava a última vez em que dormira tanto; sentia-se renovada, aquecida, quase nova em folha. Foi ver se Chris tinha voltado, mas não havia o menor sinal de sua presença. Era como se nunca tivesse estado ali. Ele era sempre tão organizado. Não havia nenhum bilhete, nem nada.

De repente, a ansiedade voltou a crescer dentro dela só de pensar na noite anterior, e precisou se reafirmar: sim, agira certo. Fizera a escolha certa. Foi ligar a tão amada cafeteira e se sentiu mais leve na mesma hora. Parecia que havia se livrado de um peso invisível que vinha carregando ao longo de todos aqueles meses: a preocupação do que fazer em relação a Chris. Sim, fora doloroso – e sim, o futuro dela era incerto, um livro aberto onde qualquer coisa podia acontecer. Mas a única certeza que tinha era a de que fizera a escolha certa. Voltar à sua velha vida teria resultado em um segundo fracasso, e Polly não sabia se conseguiria superá-lo mais uma vez.

Olhou para fora e se assustou ao notar que uma multidão de pessoas olhava para ela. Polly exclamou, surpresa, e saltou para longe da janela, verificando se o roupão não estava meio aberto. O que aquele povo todo estava fazendo ali?

Com pressa, lavou o rosto, se vestiu e correu escada abaixo, com uma preocupação repentina. Será que alguém tinha invadido a loja? Ou algum adolescente local tinha pichado a parede? Por que todo mundo estava olhando para a padaria?

Quando chegou lá fora, de jeans, camiseta listrada e pés descalços (o dia prometia; já estava fazendo calor), estacou ao ver a fachada da padaria e cobriu a boca com a mão.

Embora Chris tivesse partido – e ela se sentiu mal, na mesma hora, por achar que o ex poderia ir embora sem mais nem menos –, ele deixara um presente para Polly. Inquieto e insone, descera ao raiar do dia para explorar a padaria – Polly não trancava mais a porta que ligava a loja ao apartamento – e encontrara, nos fundos, umas latas antigas de tinta branca e cinza. Com seu tino artístico e gosto impecável, pintara a fachada descascada da padaria em um tom suave e pálido de

cinza – a mesmíssima cor do sofá de Polly – e, com sua linda e fluida caligrafia, escrevera na vitrine:

Pequena Padaria à Beira-mar

Proprietária: Srta. Polly Waterford

Desde 2014



Capítulo dezoito

O verão havia se instalado de vez, focando o calor intenso sobre a cidade. Todos os dias, inúmeras famílias atravessavam a ponte com baldes e pás e redinhas, crianças dando gritinhos toda vez que uma onda passava por cima das pedras, pessoas se apressando para atravessar ao primeiro sinal da maré-cheia, os inevitáveis retardatários que iam embora tarde demais e precisavam correr ou contratar o *taxi boat* dos pescadores.

A notícia tinha se espalhado. Henry e Samantha, o casal espertalhão, haviam comprado um imóvel na parte alta do vilarejo, uma imensa casa vitoriana com um grande jardim, uma estufa gigantesca e ramos de malva-rosa trepando pelos muros. Estavam sempre trazendo visitantes sob o pretexto de apresentá-los a “um dos melhores pães de toda a Cornualha”, mas, na verdade, o que queriam mesmo era se gabar de terem sido os primeiros a descobrir aquele lugar. Faziam uma encenação tremenda, agindo como se conhecessem Polly muito melhor do que a conheciam de verdade, usando o nome dela o tempo inteiro e sugerindo que experimentasse novos sabores – o que Polly acabava fazendo com certa frequência.

Se as filas continuassem aumentando daquela forma, teria que contratar um assistente; os pães esgotavam mais cedo a cada dia. Para alívio de Polly, a Sra. Manse acabou se mostrando uma verdadeira rata de contabilidade – o que desobrigava Polly de lidar com a parte financeira e burocrática do negócio – e uma chefe que preferia deixar as rédeas bem soltas. No fundo, Polly desconfiava que a Pequena Padaria à Beira-mar estava fazendo muito mais dinheiro do que o outro estabelecimento. Pelo menos reparou que a Sra. Manse havia investido em uma geladeira de bebidas nova e em um freezer de sorvete, reduzindo muito a

oferta de pão e sanduíches. As empanadas, é claro, ainda reinavam.

Polly estava conseguindo evitar Tarnie por completo, o que, em um vilarejo com menos de mil habitantes, era uma verdadeira proeza. Às vezes, quando soprava no ângulo certo, o vento trazia a voz grave dele bem cedinho pela manhã, ao que ela sempre resmungava, pois estava na hora de ir trabalhar nos fornos. Polly trabalhava e trabalhava e trabalhava; os braços ficaram torneados de tanto sovar pão e carregar coisas, e caía na cama todas as noites tão cansada que adormecia de imediato, o que era muito útil.

Embora Tarnie nunca viesse à loja, os outros pescadores a frequentavam. Eram bons de conversa, e ela reparou que os homens sempre compravam um tanto de comida a mais. Polly achava que Tarnie estava sendo bem canalha, já que devia um pedido gigantesco de desculpas a ela, mas não ia ficar pensando nisso. Assim, entregou-se de corpo e alma à arte de fazer pão. Continuava cultivando a massa azeda para fazer *sourdough* que Ted Kernes lhe dera de presente – um fungo fermentoso que habitava a geladeira e se multiplicava como se fosse uma coisa viva (precisava se lembrar de que era mesmo uma coisa viva) – e começou a usá-lo para fazer pão de campanha, uma massa francesa mais escura e pungente. No início, a novidade não agradou muito, pois as pessoas queriam o bom e velho pão de forma branco, mas ela confiou no sabor incrivelmente viciante da iguaria francesa e insistiu nas amostras grátis. Dito e feito, o pão de campanha logo virou um dos produtos mais vendidos. Para apaziguar os clientes mais tradicionais, também resolveu experimentar um brioche jamaicano que, de tão doce, era quase um bolo. No chá da tarde, com um pouco de geleia por cima, era o único adversário capaz de destronar os *scones* tradicionais da Cornualha.

Em uma tarde de sábado, estava dando um jeito na casa quando ouviu um ronco familiar se aproximando pela rua de paralelepípedo.

Fazia tempo que não tinha notícia de Huckle – talvez fosse a temporada mais movimentada para os apiários ou algo do tipo –, mas já estava vendendo os últimos potes das quatro caixas que o americano havia deixado na padaria e tinha que pagar a ele. Ela sorriu e desceu para ir ao encontro do homem.

Quando a viu, Huckle fez cara de preocupado na mesma hora.

– Que foi? – perguntou Polly.

– Nossa, meu bem, o que aconteceu com você?

Polly pensou em tantas respostas, mas achou que o mais seguro era dizer:

– Ah, umas coisas...

Percebeu que já não vinha usando maquiagem havia tempos e nem se lembrava quando lavara o cabelo pela última vez. “Tudo bem se entregar ao

trabalho, mas só até certo ponto”, pensou, e talvez ela já tivesse passado do ponto.

– Cadê a moça bonita que estava aqui? – perguntou ele, com um meio sorriso.

– Acho que o mais importante é gostar das pessoas como elas são – rebateu Polly, meio irritada.

– Eu sei – afirmou Huckle, com tom de tristeza. – Eu não sirvo para esses tempos modernos em que vivemos.

– Desse jeito fica parecendo que, lá de onde você vem, todo mundo parece a Dolly Parton.

– Tenho certeza de que existe um meio-termo saudável entre os dois conceitos. Mas você iria gostar da Dolly.

– Sim, mas ela não aprovaria o meu guarda-roupa.

– Não mesmo. Vou até desviar os olhos, com todo o respeito.

– HUCKLE! – exclamou Polly, meio exasperada, mas meio lisonjeada por ele estar prestando atenção na aparência dela, algo que ninguém fazia. – Enfim, espere um minuto que eu tenho um dinheiro para você.

– Doces palavras que eu não ouço há um tempão. E eu também tenho algo para você. Mas, pra isso, nós vamos ter que ir para a minha casa, e, como hoje é noite de maré-cheia, você vai ter que passar a noite no quarto de hóspedes.

– O que é? – quis saber Polly, intrigada. – Não gosto muito de não poder voltar para casa quando quero.

– Ah, qual é, eu estou ansioso para esse momento! E o que mais você tem para fazer hoje, hein?

– Não é essa a questão. – Polly ficou pensativa, e enfim respondeu: – Espero que essa surpresa seja boa.

– É ótima. Você vai ver – prometeu Huckle. – Cancele todos os seus glamorosos planos e venha comigo. Mas não esquece o dinheiro!



Huckle tinha uns afazeres na cidade, o que deu a Polly tempo de sobra para tomar um banho rápido e lavar o cabelo. Contudo, secou-o meio de qualquer jeito, sabendo que o esforço não adiantaria muito se o cabelo ia ficar desarrumado de qualquer maneira no side-car. Abriu o guarda-roupa embutido e pensou no resto das coisas que ainda estavam no depósito; era melhor levar tudo para casa ou se livrar logo do que não queria mais. Porém, sob vários

aspectos, era bom viver com tão pouco. Ela tinha se acostumado a viver bem com uma única bolsa e sem a chapinha de cabelo, e não sentia a menor falta disso tudo.

Correu a mão pelas peças menos usadas do armário (para trabalhar, recorria sempre a jeans e camisetas) e ficou surpresa ao constatar que houvera um tempo em que tantas daquelas coisas pareciam essenciais. Olhou as blusas elegantes de noite, os terninhos de trabalho escuros e as camisas brancas de botão impecáveis – outra coisa de que não sentia falta era gastar tanto tempo passando roupa. As peças pareciam desconfortáveis, com botões demais e tecidos duros. Mal se lembrava da Polly que se vestia daquela forma, que tinha aquela imagem. Mas Kerensa provavelmente lembrava bem. As duas sempre faziam as unhas juntas, às vezes até uma limpeza de pele. Ela riu alto só de pensar na ideia de ir à manicure agora. Olhou os dedos: pareciam menores com as unhas curtíssimas, mais fáceis de limpar quando se passava o dia inteiro literalmente com a mão na massa.

Uma nota de seu perfume preferido permeava o ar – Chanel nº 5 –, e Polly foi tomada pela lembrança estranha e repentina de estar limpando o guarda-roupa da falecida avó. Na ocasião, fora impossível acreditar que a avó tinha morrido, pois tudo ainda recendia ao perfume preferido dela. Era uma bobagem, é claro. Polly não havia morrido. Mas tinha a sensação de estar olhando o guarda-roupa de uma pessoa que não existia mais.

Balançou a cabeça para espantar os pensamentos malucos e foi pentear o cabelo. Os fios haviam crescido bastante e já passavam dos ombros. Ela tinha o costume de só fazer um rabo de cavalo, mas ele ia cacheando enquanto secava solto e Polly deixou assim. Houvera um tempo em que usaria a chapinha de forma inclemente nos cachos, mas até que não se sentia mais tão incomodada com eles.

No fim da fileira de roupas esquecidas havia um velho vestido de verão que Polly mal usara e que havia ficado esquecido durante os longos meses de inverno. Era de algodão macio com uma estampa floridinha retrô, com saia evasê e um gracioso decote canoa. Não tinha muito a ver com ela; Polly o comprara por impulso, pensando que, quando ela e Chris não estivessem trabalhando tanto, quem sabe não poderiam fazer um passeio ou ir a um festival de música. É claro que os dois nunca haviam parado de trabalhar.

Polly pôs o vestido e ficou surpresa ao ver que estava larguinho – parecia que havia um lado bom no esforço de carregar tanta farinha de um lado para outro – e fez a única coisa que podia para se olhar de corpo inteiro no espelho:

encarapitou-se precariamente na borda da banheira. Estava precisando de uma pedicure, mas tirando isso... Passou uma camada rápida de hidratante, deixando visíveis as sardas no nariz (quando se maquiava, costumava passar uma bela argamassa por cima), passou um rímel para abrir o olhar e finalizou com um batom coral. Olhou os cabelos ruivos em tons dourados, queimados de sol nas pontas, e prendeu-os atrás das orelhas, dando um sorriso hesitante para o espelho.



– Moça, com licença, estou procurando a senhorita Polly Waterford. Você a viu por aí?

– Pode parar com isso, Huckle – disse Polly, batendo no braço dele com a caixa de brioques jamaicanos que separara para levar.

– Não pode ser, ela está sempre coberta de borralhos, não se parece em nada com você, Cinderela.

Polly ruborizou e desviou o rosto, olhando ao redor antes de entrar no sidecar. E lá estavam alguns pescadores, já se reunindo para partir para a pescaria da noite. Nossa, como ela ficaria falada na cidade... Bem, fazer o quê? Reprimiu a vontade de dar a língua para todos eles.

– Então tá, Cinderela – falou Huckle, depois que Polly pôs o capacete e os óculos. – Pau na máquina!



Fazia uma noite lindíssima. Nos campos, os insetos zuniam e dançavam diante do feixe do farol que, a cada curva da moto, os iluminava por uma fração de segundo. As estrelas começavam a surgir no imenso céu violeta. O crepúsculo intensificava o perfume das cercas-vivas e papoulas e rosas trepadeiras, além do aroma reconfortante do solo recém-arado que aguardava as novas sementes. Polly respirou fundo. A fragrância era inebriante. Olhou para Huckle, concentrado na estrada, e para suas poderosas coxas que controlavam a moto. Ele a pegou no flagra e sorriu, ao que ela respondeu indicando que deveria voltar a se concentrar na estrada e não nela, depois sorriu sozinha e voltou a admirar o

canto dos pássaros, o perfume da natureza e a vastidão do céu.



Viraram em uma estradinha de terra. Parecia que Huckle nem tivera dúvidas de que ela toparia vir com ele, pois o belo jardimzinho do chalé estava salpicado de velas em copos de vidro. Havia luzinhas nas árvores.

– Luzinhas? – indagou Polly.

– Nem me fale. Já estavam aqui quando eu cheguei. Acho que vou continuar usando até o momento em que tivermos um grande incêndio elétrico.

Mas Polly não conseguiu manter o sarcasmo na voz por muito tempo. O pequeno chalé estava lindíssimo. A noite ainda estava quente, mas Huckle, precavido, acendeu o pequeno braseiro com um isqueiro e o fogo pegou num instante.

Polly lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Isso tudo é muito... sedutor.

– Nossa, é mesmo – concordou Huckle, levando-a a sério. – Desculpe, de verdade. Acabei de me dar conta. Não foi minha intenção, mas é que o Reuben está fora... quer que eu te leve de volta para casa?

– Não foi isso o que eu disse – respondeu Polly. – Mas é sério que eu sou a sua segunda opção, depois de Reuben?

– Não. Só estava tentando deixar o lugar mais arrumadinho para ele, senão ele reclama. Peço desculpa.

Polly sorriu. Apesar de ainda não estar frio, chegou mais perto do fogo; assim era mais aconchegante.

– Então tá. Vamos, me mostre essa coisa maravilhosa que queria me mostrar. Mas já aviso logo que, se for uma moto com dois side-cars, eu não vou ficar impressionada.

– Pôôô... – disse Huckle, entrando em casa.

Quando voltou, trazia dois canecos e uma grande jarra com rolha.

– Já estou interessada.

Huckle pôs a jarra na mesa entre os dois e tirou a rolha. Polly se inclinou para cheirar a garrafa, mas logo recuou.

– NOSSA! – exclamou.

– Né?

– Isso é... o que é isso?

– Hidromel – respondeu Huckle, orgulhoso. – Eu mesmo fiz, lá nos fundos. Os clientes não estão consumindo o meu mel com a velocidade que deveriam. Minhas abelhas estão ficando zzzangadas. Agora pode me parabenizar pelo trocadilho magistral.

– Não gosto de abelhas zzzangadas – afirmou Polly, com os olhos fixos dentro do próprio caneco enquanto Huckle punha uma quantidade generosa de bebida para ambos. – Mas está certo isso? É para beber em caneco de cerveja? Isso não está mais para vinho?

Huckle lançou um olhar incrédulo para ela.

– Você nunca viu nenhum filme de viking, não? Tem que beber em *pints* e fazer RÁÁÁ!

– RÁÁÁ! – exclamaram os dois, brindando.

Polly deu uma bela golada. Sim, era bem forte, mas também era delicioso: quente, doce, com gosto forte de mel, mas também com outros sabores mais pungentes.

– Uau! – Olhou para Huckle, surpresa. – Olha, isso é bom demais.

– Obrigado – respondeu ele, radiante. – Precisei de muitos... cilindros de plástico.

– Por que não vende isso também?

– Estou gostando do rumo dessa conversa.

Brindaram outra vez, e então Polly se lembrou de entregar a ele o dinheiro das vendas, de modo que Huckle gostou ainda mais daquele papo, e os dois se puseram a conversar despreocupadamente em meio à noite que caía.

Depois, foram procurar um queijo da região para comer com o pão que Polly trouxera, junto com um pote imenso de morangos que Huckle colheira em uma fazenda vizinha em troca de uns potes de mel. (“Eu fui lá mais interessado nos morangos do que no dinheiro”, explicou ele.) No instante em que se levantou, Polly percebeu que estava meio alta. Aquela bebida era letal.

– Eu acho – falou, com certa dificuldade – que alguém roubou as minhas pernas.

– Isso acontece sempre que eu faço hidromel – afirmou Huckle, também com a fala arrastada. – Preciso começar a fazer uma bebida que não roube as pernas do corpo. Ou que pelo menos deixe *alguma* perna no lugar.

– Se é assim, quero as pernas da Elle Macpherson – comentou Polly, achando-se engraçadíssima. – Ah! – exclamou, de repente. – Olha ali!

Primeiro achou que eram apenas centelhas do braseiro, que provava sua utilidade em meio à noite cada vez mais fria, mas quando as faíscas foram

ganhando formato diante dos olhos dela, Polly notou que estava diante de minúsculos insetinhos luminosos.

– Pirilampos – observou Huckle, olhando então para ela. – Vaga-lumes. – Não sabia que vocês também tinham esse bicho até me mudar para cá. Tem muito de onde eu venho.

– Eu também não sabia! – exclamou Polly, fascinada e um pouco trôpega. – Eles são tão lindos! – Ficou admirando os insetos traçarem padrões intrincados no ar, deixando para trás uma mera sugestão de suas trajetórias bioluminescentes. – Ah, uau! Seria lindo guardar um deles num potinho, pena que seria maldade demais.

– Bem, então é melhor só curtir os vaga-lumes assim, ao ar livre – disse Huckle, gesticulando com os braços de forma expansiva. – Viva o agora. Não tire foto, não tente capturar o momento e congelá-lo para sempre. Só fique admirando os vaga-lumes junto comigo.

– E que tal – sugeriu Polly, soluçando – mais uma dose do seu hidromel delicioso?



Mais tarde, as chamas foram se reduzindo, os vaga-lumes foram embora e Polly e Huckle foram se aquietando. Polly estava aninhada em um cobertor que ele trouxera para ela, recendendo a fumaça de lenha, e ia ficando cada vez mais confortável e sonolenta.

– Por que veio para cá? – perguntou Polly, com a voz preguiçosa. – Quer dizer, você sabe tudo sobre mim... bom, eu presumo que saiba tudo sobre mim, não?

– Hã, sei, sim – respondeu Huckle, quase como um pedido de desculpas. – A fofoca corre. Desculpa. Aquele cara é um safado. Cachorro. Sem-vergonha.

– Sabe, eu não fazia a menor ideia...

– Imagino. Sacana...

– Eu nunca, jamais faria uma coisa dessa, sabe? Como uma pessoa pode ser capaz de fazer isso com alguém? Trair desse jeito e depois voltar para dormir na mesma cama?

– Você gostava mesmo dele? – indagou Huckle, com delicadeza.

Polly suspirou e virou a cabeça para trás até enxergar apenas as estrelas.

– Bom, eu não estava apaixonada por Tarnie nem nada. Mas é que fazia tanto

tempo, sabe? E a vida tem sido tão difícil. Aí eu pensei, ora, até que eu posso me divertir um pouco. Eu sou mesmo uma idiota. Passei a maior parte da vida adulta com o meu ex, por bem ou por mal, e... eu não conheço as regras. Não mesmo. Elas podem ter mudado completamente, eu não faço ideia. Eu sou tipo um caipira que chega na cidade pela primeira vez e perde todo o dinheiro para um sujeito fazendo o jogo do copo na esquina.

Huckle deu uma risada.

– Ah, sim! Você é a primeira e única pessoa no mundo que já cometeu esse erro.

Polly deu uma risada triste.

– É, mas o meu caso foi na frente de uma cidade inteira que eu tinha acabado de conhecer.

– Cidade essa que, inclusive, está totalmente do seu lado, se é que isso ajuda de alguma coisa. Jayden está possesso. Acho que ele está a fim de você. Talvez tenha uma queda por mulheres mais velhas.

– Ei! – exclamou Polly, olhando para ele. – A última frase foi totalmente desnecessária, tá?

– Sei. E Tarnie está em um estado deplorável.

– Acho bom! Ah, céus, que comentário horrível de se fazer. Mas é que... foi muito constrangedor. MUITO constrangedor. Estou me sentindo como... uma juvenzinha bem trouxa.

– Não acho que seja assim.

– Ah, não? – indagou Polly, esperançosa.

– Não. Acho que você está mais para uma mulher feita bem trouxa.

Polly atirou uma almofada nele, mas Huckle a pegou no ar, dando risada.

– Então está bem – disse ela. – Agora você conhece todos os meus segredos mais escusos.

– Todos eles?

Polly lançou um olhar enviesado para Huckle.

– Sua vez. Não é comum um homem atirar tudo para o alto e se mudar para outro país sem motivo. Então me conta.

– Senão você vai fazer o quê? Vai machucar um vaga-lume?

– Não, eu... eu vou ficar muito brava com você.

– Estou tremendo de medo.

– E vou dizer para todo mundo que você mija no seu hidromel.

– Você não faria uma coisa dessas.

– Vai pagar para ver?

Huckle estreitou os olhos e ficou encarando-a de um jeito curioso. Então olhou para a fogueira e deu um longo suspiro, esticando as pernas compridas.

– Ah, que se dane. Talvez seja melhor mesmo contar tudo a alguém.

Polly abriu um sorriso encorajador para ele.

– Se serve de consolo, estou muito bêbada. Não vou lembrar de nada amanhã de manhã.

Huckle deu uma risada.

– É, bem, isso ajuda. Mas em todo o caso, você não pode dizer uma única palavra para ninguém.

Com bastante esforço, Polly se inclinou na direção dele e estendeu o dedo mindinho.

– Eu juro.

Huckle enganchou o mindinho no dela em um pacto solene.

Soltaram-se e ele voltou a encher os copos.

– Bem... Era uma vez... eu trabalhava com gestão executiva em Savannah, que fica na Geórgia, o estado onde cresci. E eu gostava muito. O ritmo era pesado, sem férias, jornadas de trabalho insanas, mas eu era jovem, adorava meu trabalho e era bom nele, então estava tudo certo, sabe?

Polly aquiesceu.

– Eu lembro... – disse ela, mas logo se calou para que Huckles continuasse.

– E eu conheci uma garota que trabalhava lá... uma mulher, melhor dizendo. Candice. Ela era... ela é linda, muito inteligente, sempre atenciosa.

Até o momento, Polly estava achando a história muito familiar. Bebeu o hidromel, pensativa.

– E, bem, eu me apaixonei por ela. Fui fisgado em cheio.

“Então esse é o tipo de mulher que ele gosta”, pensou Polly, com certo pesar.

– E Candice sentia o mesmo por mim, e nós fizemos vários planos de trabalhar muito e juntar um bom dinheiro para depois a gente se casar e desacelerar, essas coisas... na época eu já gostava de trabalhar com mel.

– Parece um ótimo plano – afirmou Polly.

– Foi o que eu pensei.

O silêncio se estendeu.

– Mas...?

– Ah. Sim. Mas. O estilo de vida que a gente vivia era mais difícil de se abandonar do que eu imaginava. Todo ano nós dizíamos “ano que vem, ano que vem”, e aí Candice era promovida de novo, e então eu era promovido de novo, e aí ela queria trocar de carro e comprar um Lexus bacana, depois uma cobertura

bacana, depois nós dois começamos a viajar muito a trabalho, e nunca conseguíamos nos ver, só nos bares e restaurantes caros...

– Parece bem familiar.

– E foi divertido, saca? Brincar de yuppie. Frequentar os lugares da moda, ter vários amigos.

Polly concordou. Era mesmo divertido.

– E depois?

Huckle deu de ombros. Parecia envergonhado.

– Bom, depois disso tudo, e depois de todos os planos que fizemos... Candice conheceu um cara que ganhava mais que eu. E, no fim das contas, desacelerar e ir morar no interior não era bem o que ela queria.

– Ah, não.

– Tudo bem. A culpa foi minha. Eu estava completamente louco por Candice. Devo ter sufocado ela. Eu tinha tanta certeza do rumo que nossas vidas seguiriam. Eu tinha planejado tudo.

Huckle deu um sorriso pesaroso. Polly pensou em como ela mesma também tinha planejado tudo com Chris.

– Então... como veio parar aqui? – quis saber Polly.

– Rá. Eu tive um ataque de raiva e joguei tudo pro alto... disse que eu iria me mudar pro interior por bem ou por mal. Comprei a primeira passagem que vi na minha frente.

– Você acabou vindo parar aqui por ENGANO?

Ele deu de ombros.

– Meu pai era inglês, eu tenho passaporte europeu. Sabia que Reuben estava em algum lugar por aqui. – Esfregou os olhos. – Mas sim. Tipo isso. Mais ou menos.

– Mas você gosta daqui?

Huckle deu de ombros outra vez.

– Em parte, sim. – A dor ficou evidente em seu rosto. – Mas eu me sinto um pouco sozinho. Céus, não acredito que falei isso em voz alta.

– Tudo bem – disse Polly, acariciando de leve a perna dele.

Ele olhou para a mão dela como se não fizesse ideia do que estava fazendo ali, de modo que Polly puxou o braço na mesma hora, mortificada.

– E sinto saudade da minha cobertura... Savannah é uma cidade ótima.

– Imagino. Mas nunca é tarde para engolir o orgulho e voltar, não?

Huckle sorriu, pesaroso.

– Acho que sim. Mas é que... é bem difícil, sabe?

– Sei, sim.

Polly passou um bom tempo olhando para ele. Quando Huckle se levantou, ela ficou se sentindo uma idiota.

– Agora não se esqueça de tomar um analgésico antes de ir dormir, porque esse troço pode fazer um estrago na cabeça. – A voz dele mudou, como se tivesse se desenredado de suas lembranças.

– Obrigada – agradeceu Polly, esquecendo-se do conselho na mesma hora.

– Enfim. Estar fazendo outra coisa... com certeza faz... faz com que eu me sinta melhor – concluiu Huckle. – Bem melhor.

– Que bom!

Polly parou de cutucar as brasas da fogueira agonizante e olhou para ele. O momento que surgira entre os dois – se é que surgira mesmo – já havia se dissipado. Mas pelo menos ela estava contente por saber a história de Huckle, feliz com o fim do mistério.

– Bem – começou Polly, tentando melhorar o clima –, não é tão ruim quanto eu imaginava. Houve um momento em que eu realmente achei que você tinha atirado em um homem em Reno só para vê-lo morrer.

Huckle deu um meio sorriso, mas foi só. Estava com o olhar perdido nas chamas, como se tivesse se esquecido da presença de Polly. Ela ficou imaginando como seria Candice – ela com certeza ia à manicure toda semana –, pensando nos planos de Huckle de constituir uma família e se mudar para o interior, lamentando-se pelo lindo sonho que azedara. Suspirou.

– Bem, acho que já vou dormir – disse ela.

Huckle fizera uma caminha muito agradável para Polly, com lençóis branquíssimos e uma pesada colcha bordada de patchwork. O chalezinho de sapê era aconchegante e cheiroso, e Polly foi tomada pelo sono com muita rapidez. Logo antes de se render por completo, deu uma última espiada pela janela. Huckle ainda estava no mesmíssimo lugar em que ela o deixara, encarando as chamas com pesar, o jarro vazio de hidromel largado aos seus pés.



Capítulo dezenove

Assim que acordou, Polly não sabia onde estava. Sentia o perfume intenso de madressilva entrando pela janelinha e um zunido permeava o ar. Havia também um segundo aroma maravilhoso, o de café passando, logo seguido pelo cheiro de bacon frito. Toda contente, sentou-se na cama e, quando os olhos recaíram no Ibuprofeno e no copo de água que haviam sido postos com tanto zelo na mesa de cabeceira na noite anterior, percebeu que tinha esquecido de tomar o remédio. Tomou-o com atraso mesmo assim. Por trás das cortinas, o sol brilhava com vontade.

Polly se espreguiçou e abriu a portinha arqueada de madeira. Huckle já estava de pé, usando uma jardineira folgada sem camiseta por baixo. A visão devia ter sido meio ridícula, mas, na verdade, causou um efeito bem fofo: ele tinha um pouco de cabelo no peito, não muito, e a penugem era suave e dourada. Polly se pegou com vontade de acariciar o peito dele e, na mesma hora, cruzou as mãos às costas.

– ‘Dia – disse Huckle, e abriu seu sorriso despreocupado.

– Olá.

Parecia ter se recuperado da noite anterior e tinha voltado a ser o cara tranqüilão de sempre.

– Como está? – perguntou Polly. – Tirando essa jardineira.

Ele a olhou durante um longo tempo e respondeu:

– Olha, até que eu estou ok. Estou bem. Fico feliz de ter dividido tudo com alguém.

– Talvez você tenha escapado por pouco de uma vida que não era pra você. Talvez vocês não combinassem tanto assim como casal.

Huckle assentiu.

– É. Isso. Com certeza. É o que tento dizer a mim mesmo... bem, nos dias bons. Isso aí. Como está?

– Morrendo. Ontem à noite eu esqueci de tomar o remédio e a água e tudo mais.

– Venha cá – disse Huckle, servindo para ela um copo grande de suco de maçã. – Beba isto.

– Achei que os ianques só bebiam suco de laranja.

– O suco de laranja de vocês é execrável. É cheio de coisa dentro. O de maçã, por outro lado, é passável.

Polly bebeu tudo, agradecida.

– Já estou melhor – afirmou ela.

Os raios de sol invadiam o chalé pela porta escancarada. Fazia um dia lindo e radiante.

– Café?

– Sim!

– Bacon?

– Sim!

– Panquecas?

– UAU. Nossa, eu amo você! – exclamou Polly. Era para ser uma piada, mas acabou saindo no tom errado. – Quer dizer, panquecas – apressou-se a acrescentar. – Você veste jardineira. É panqueca que eu amo.

– Na verdade, isso é um macacão.

Quando chegaram, as panquecas estavam perfeitas: douradinhas por fora, macias por dentro, acompanhadas de bacon crocante e uma camada grossa de xarope de bordo.

– Ok, esse é o melhor café da manhã que eu já comi na vida – declarou Polly, de boca cheia. – Sério, se começar a ficar sem dinheiro, abra uma pensão. Eu me mudo na hora.

Huckle sorriu.

– Acho que ainda não cheguei nesse ponto. Mas que bom que gostou.

Depois do café, tudo o que Polly mais queria era voltar para a cama, mas Huckle perguntou se ela gostaria de ver as abelhas e, com certa hesitação, Polly aceitou. Huckle a ajudou a vestir o traje extra de apicultor e depois a levou para ver as colmeias.

Era fascinante. Huckle ia ligando o fumigador para acalmar as abelhas enquanto passava e pegou alguns favos, mas não muitos, para não estressá-las

demaís. Apontou uma abelha-rainha bem gorda, tão excepcional e inconfundível que Polly ficou olhando boquiaberta para o inseto, sentindo, ao mesmo tempo, medo e fascinação.

Ele mostrou a Polly como tirar o mel dos favos, deixando-o cair nos jarros em verdadeiros rios dourados. Cercada de flores, zumbidos e aromas açucarados, Polly estava se divertindo demais.



Contudo, logo antes do almoço, sabia que precisava voltar.

Deu um beijinho no rosto de Huckle, e ele a puxou para um abraço.

– Obrigado. Eu estava precisando de uma amiga. Pode guardar segredo?

– É claro! E você, pode guardar segredo do fato de que eu acidentalmente dormi com um cara casado apesar de todas as pessoas em um raio de cento e cinquenta quilômetros já saberem?

Selaram o pacto com um aperto de mão.

Mesmo com as revelações de Huckle, aquela ainda fora a noite mais agradável que Polly tivera em um bom tempo, e havia certa leveza em seus passos quando foi embora. Huckle se oferecera para levá-la de moto, mas recusou a oferta; caminhar seria bom para espairecer, e estava um dia lindo.

Ela enfim fizera um amigo, um amigo de verdade, ao contrário de certo pescador mau-caráter que só queria atraí-la para sua ilha da sacanagem. Ao pensar nisso, um sorrisinho atravessou seus lábios. Bem pequenininho. De fato, como Huckle havia exemplificado, não era o fim do mundo, era? Deixar que alguém a iludisse. Polly podia botar na conta da tentativa e do erro. Pelo menos saíra da seca. E se todos no vilarejo a julgavam uma grande vagabunda, bem, era só porque eles nunca tinham visto o que acontecia nas noitadas de sábado em Plymouth.

Ela cometera um erro tolo, mas também não valia a pena ficar se martirizando para sempre. A vida continuava.

Enquanto caminhava – decidira seguir pelo litoral em vez da estrada que ia pelo interior, o que significava que precisaria atravessar uma charneca em campo aberto –, percebeu que o vento estava ficando mais forte. A princípio, era só uma brisa insistente, mas conforme ela seguia, o ventinho ia se transformando cada vez mais em ventania. Do nada, surgiram imensas nuvens negras e cinzentas, pesadas e portentosas, cobrindo o céu pouco a pouco até dominá-lo por inteiro.

Polly estava caminhando o mais rápido que podia quando a chuva começou a cair, depois passou a correr, até que enfim parou e aceitou o inevitável: ficaria ensopada e não havia nada que pudesse fazer. Levantou os braços e deixou a chuva lavar seu corpo inteiro. Os pingos eram mornos, mas a sensação era refrescante, quase como estar embaixo de um chuveiro. Curada por completo da ressaca, começou a se sentir absurdamente livre, e mais viva do que nunca.

– Aaaaaah! – berrou, sozinha no topo da colina, para a natureza ouvir.

Em parte, Polly sabia que estava agindo de uma forma meio louca. Mas em parte sentiu vontade de dar voz à loucura. Era mesmo meio louco, mas ali em cima não havia ninguém para vê-la, e era tão bom extravasar todas as frustrações dos últimos meses – céus, dos últimos anos.

– GRAAAAAUR! – rugiu para o céu. – AAAAARGH!

Sob as gotas pesadas de chuva, Polly girava e girava.

– Está se sentindo melhor? – perguntou uma voz calma.

Era Huckle, bem atrás dela, com um imenso guarda-chuva preto.

– CREDO! – exclamou Polly, morrendo de susto. – De onde DIABO você saiu?

– Hã, desculpa. Eu vi a chuva vindo e achei que talvez você precisasse da sombrinha. Só não sabia que ia chegar aqui e encontrar um remake de *Morro dos ventos uivantes*.

Polly ficou mortificada.

– Sai daqui! Você está agindo como um *stalker* assustador.

– Ah, para com isso. Eu achei fofo.

– Cala essa boca! – repreendeu Polly, com o rosto ardendo em brasa.

– Bom, vai querer o guarda-chuva ou não?

Ela estava empapada dos pés à cabeça; tinha água entrando nos olhos, descendo pelas bochechas e correndo pelo rosto. Huckle passou o guarda-chuva para Polly, primeiro devagar, depois com mais determinação. É claro que, nesse meio-tempo, ficou completamente encharcado de chuva, quase tanto quanto ela. O imenso chapéu preto ficou suspenso entre os dois da forma mais inútil; Polly se recusava a aceitá-lo, Huckle se recusava a parar de oferecê-lo. De repente, uma forte lufada de vento arrancou o objeto das mãos dele, erguendo-o bem alto. Dançando e girando no ar, acabou indo parar no meio da charneca.

Huckle e Polly se entreolharam, sem dizer nada, e então dispararam atrás do guarda-chuva. O cabelo ensopado de Polly batia no rosto dela com força e seus sapatos chapinhavam na lama enquanto ela corria, sentindo-se tão entregue ao jugo dos elementos quanto o próprio guarda-chuva, no coração da tempestade.

Huckle estava muito na dianteira, impelido por suas passadas longas, e corria de braços abertos para receber de frente a água e o vento, a cabeça virada para cima, gargalhando da situação insana em que se metera. Os dois saltavam e se atiravam para tentar pegar o chapéu, mas o guarda-chuva sempre conseguia se desvencilhar, até que, enfim, acabou ficando preso em uma árvore e eles o encurralaram. Huckle levantou Polly sem a menor dificuldade. Polly pegou o guarda-chuva e o sacodiu no ar, triunfante. Com delicadeza, Huckle a pôs de volta no chão, junto com o butim do dia. Ela se virou para ele e observou os pingos de chuva rolando pelas longas pestanas do rapaz, que eram surpreendentemente escuras para um homem de cabelos tão claros; seus olhos azuis sorriam, os encharcados cabelos leoninos estavam jogados para trás. Parada nos braços de Huckle por um segundo, de repente pensou como seria a coisa mais fácil do mundo virar o rosto para ele e...

Não. Não, não poderia fazer isso. Tinha acabado de passar pela mesmíssima coisa. Todos aqueles gritos na chuva tinham ou não tinham sido um gesto de libertação?

– Na verdade... – começou ela, batendo queixo e percebendo, de repente, como havia esfriado. – Na verdade, acho que vou aceitar o chapéu.

Huckle se curvou, fazendo uma mesura educada.

– Madame, posso acompanhá-la até a sua casa?

– Não. Você vai perder o horário da maré – afirmou Polly, e, em seguida, deu meia-volta e marchou alegremente de volta para Polbearne.

Huckle ficou parado ali, olhando para ela até que sumisse de vista. Então, tirou os cabelos selvagens dos olhos e caminhou para o outro lado, de volta para o chalé.



Capítulo vinte

Polly nunca tomara um banho tão bom. Acendeu o forno a fim de deixar o apartamento bem quentinho e aquecer a água; nesse meio-tempo, preparou a massa para o dia seguinte, tomando a maior caneca de chá que tinha em casa. Usou toda a água quente do aquecedor para encher a banheira até a borda, e o apartamento inteiro ficou aquecido e cheiroso quando utilizou os últimos sais de banho chiques que ganhara de aniversário no ano anterior. Lembrou-se, então, da comemoração: ela e os amigos foram a um novo restaurante da moda que cobrava uma fortuna por cubinhos de vegetais, e Polly ficara muito nervosa na hora de pagar a conta, com medo de o cartão de crédito ser recusado, embora Kerensa tivesse insistido para que os amigos dividissem a parte dela.

Embora ainda estivesse de tarde, parecia que já era uma noite de inverno. Não havia turistas no cais. Polly não conseguia acreditar na velocidade com que o tempo mudara, trazendo uma tempestade raivosa vinda do mar. Os trovões ribombavam de modo agourento e os raios iluminavam o céu escuro, coincidindo, às vezes, com o feixe de luz do farol, que havia sido ligado mais cedo. Ela ficou um bom tempo no banho, lendo um livro, até se sentir aquecida de dentro para fora, depois vestiu o pijama mais velho e macio de algodão e as meias de lã e postou-se diante da janela a fim de observar a tempestade lá fora.

De repente, para seu horror, viu o Land Rover de Tarnie estacionando e os rapazes saindo do carro. Pareciam infelizes, derrotados, com os ombros murchos. “Eles não podem estar cogitando sair com esse tempo”, pensou. “Não mesmo.”

Sem pensar, calçou as botas velhas às pressas e correu escada abaixo, enfrentando a ventania que só piorava.

– Não! – gritou, para se fazer ouvir acima do rugido da tempestade. – Vocês não podem sair com esse tempo!

Tarnie olhou para Polly, e ela lembrou que ainda estava furiosa com ele. Os olhos azuis de Tarnie estavam cheios de pesar.

– Ah, oi, Polly – murmurou ele, fitando o chão.

– Idem – respondeu ela.

– Hã, escuta. Me desculpe.

– Sua atitude foi muito cruel – disse ela, esquecendo-se de repente do tempo, mas ainda gritando. Polly o estivera evitando tão bem, mas ali estava ela, bem diante de Tarnie. – Muito cruel, tá? Você se aproveitou de mim.

– Eu sei – admitiu ele, ruborizando e balançando a cabeça. – Eu não devia ter feito isso. Sinto muito mesmo.

– Minha vida já tinha sido arruinada e você só piorou tudo. Por quê?

Então, Tarnie a encarou, os olhos de um azul profundo e límpido contra o cinzento mar revolto.

– Porque eu te achei tão encantadora – respondeu, de forma gentil.

A raiva de Polly perdeu todo o ímpeto.

– Bem... Isso não justifica EM NADA.

– Eu sei. Desculpe. Eu agi muito mal. Eu e a patroa estávamos passando por uma fase muito difícil e eu estava... estava me sentindo muito sozinho.

Lá vinha aquela palavra mais uma vez.

– Bom, você não devia ter descontado isso tudo em mim!

– Não mesmo.

Tarnie coçou a nuca. Os outros pescadores observavam os dois. Era difícil guardar segredo em uma cidade tão pequena.

– Podemos continuar sendo amigos? – arriscou ele, por fim. – Por favor? É como eu deveria ter agido desde o início.

Polly não disse nada por um instante, e depois respondeu:

– Hum, pode ser.

Meio sem jeito, Tarnie estendeu a mão e Polly a apertou.

– Beija, beija, beija! – cantarolou Jayden, mas Kendall logo correu para tapar a boca do amigo.

– Enfim... Hoje eu não tenho nenhuma comida para vocês – falou Polly.

– Tudo bem, não tem problema – disse Tarnie.

Outro trovão chacoalhou o céu purpúreo.

– Vocês são incríveis – comentou Polly, impressionada.

– Eu odeio esse trabalho – afirmou Jayden.

– Vocês têm mesmo que sair assim? – indagou Polly, olhando para o céu, horrorizada. – O tempo está horrível.

– Já vi pior – disse Tarnie. – Desgraça...

Polly olhou para ele.

– Foi muita trapaça mandar o Jayden comprar pão para você.

– Eu sei. Mas me dá um desconto. Já tenho que viver sem você, acho que não conseguiria suportar viver sem os seus sanduíches também.

– Vai se comportar daqui para a frente?

Tarnie aquiesceu furiosamente. Então, pegou um livro no bolso de trás: o exemplar dela de *Alice nos país das maravilhas*.

– Obrigado. Eu gostei muito.

– Que bom. – Polly guardou o livro dentro do casaco e grandes gotas de chuva começaram a cair. – Ainda não consigo acreditar que vão sair com esse tempo.

– É só clima – rebateu Archie, carregando o barco. – Só vento e chuva.

– Bem, então se cuidem.

– É um barquinho valente. Ele vai conseguir deixar essa tempestade para trás – afirmou Tarnie.

– Você disse o mesmo sobre a sua mulher! – provocou Kendall, e os rapazes deram risadinhas.

Tarnie os ignorou, xingando alto. Polly se despediu e se afastou. Ficou observando enquanto eles vestiam as jaquetas, ajeitavam as redes e verificavam o guincho. De repente, fazia muito sentido que usassem aqueles imensos casacos em tom amarelo muito vivo. Na minúscula cozinha do barco, alguém já estava preparando um chá.

– Boa sorte – sussurrou ela.

Em seguida, deu meia-volta e foi para casa, onde a água da banheira ainda estava à sua espera – deixara a banheira cheia a fim de lavar algumas roupas – e, felizmente, ainda quente.



Naquela noite, Polly não foi capaz de se concentrar em nada, pois não conseguia parar de pensar na minúscula frota singrando o mar revolto, os barcos tão pequenos enfrentando aquele céu furioso. Talvez fosse mais fácil pescar quando a água estava tão turbulenta; talvez os peixes também não conseguissem dormir.

Tentou ligar para Kerensa ou para a mãe, em busca de conforto e um bom papo, mas estava totalmente sem sinal – a tempestade devia estar atrapalhando a recepção – e acabou desistindo.

Achou que, no dia seguinte, seria acordada cedíssimo pelos barcos voltando e pelo barulho dos carros chegando para montar o mercado de peixe, como todas as manhãs – Polly quase nunca acionava o despertador. Contudo, naquela noite, seu sono fora perturbado pelos trovões e pelo rugido das ondas. Em determinado momento, acordara completamente embolada nos cobertores, sem conseguir respirar, certa de que estava se afogando no mar; chegara a sentir o oceano puxando-a para baixo, o barco afundando em cima dela, o mundo inteiro se desintegrando em tons escuros de azul e preto, o pânico e a agonia. Acordou com os olhos arregalados, encharcada de suor e com o coração na boca. A tempestade raivosa não dava nenhum sinal de trégua e, de repente, teve um sobressalto quando algo atingiu as janelas. Entendeu, horrorizada, que fora uma onda, arremetendo com força impressionante por cima do cais, atravessando a rua e chegando ao primeiro andar do prédio, como se uma entidade gigantesca tivesse atirado um balde de água com toda a força contra a casa dela. O barulho foi colossal.

Quando Polly enfim se acalmou, conseguiu voltar a um sono mais sossegado, envolta no cheiro pungente das abelhas e em um zum-zum tranquilo. Ao acordar, entendeu que o zumbido era do celular, vibrando com as mensagens acumuladas no período de sinal intermitente. As grandes nuvens cinza já estavam se dissipando, e a tempestade começava a arrefecer. Levantou-se de salto, apavorada, percebendo que tinha perdido a hora.

Pegou o celular. Eram sete e meia da manhã. Droga, droga, DROGA. Os primeiros pães do dia deviam ter entrado no forno duas horas antes, e precisava abrir a loja em meia hora. Não havia tempo nem de fazer café; Polly tinha que correr. Enfiou uma calça jeans qualquer e uma camiseta e voou para o andar de baixo, ligando os fornos na temperatura máxima, reaquecendo o forno a lenha (ela o deixava queimando no mínimo de um dia para outro, senão levaria tempo demais para aquecer pela manhã) e pôs os pães para assar sem o cuidado e a atenção de sempre. Não havia muito jeito.

Com as broas no forno, pensou em preparar os pãezinhos quando olhou pela vitrine da frente e notou que havia muita gente lá fora. Primeiro, achou que estavam à espera da abertura da loja, mas todos se encontravam de costas para a padaria e com os olhos fixos no mar. Ninguém falava, ninguém nem se mexia, exceto para murmurar algo no celular ou encarar os aparelhos como se

estivessem aguardando algum tipo de resposta.

– TODOS A BORDO! – Polly ouviu alguém gritar.

Virou a placa para “Aberto” e fez o sininho soar ao destrancar e abrir a porta. Saiu e olhou para o céu ainda cinzento e muito nublado. Não era de se admirar que ela tivesse perdido a hora; o céu estava todo encoberto e o sol não saía.

– O que houve? – indagou ela a Patrick, que estava acompanhado dos três cachorros, no meio do passeio matinal.

Mas quando acompanhou o olhar dele, a ficha caiu. Não havia nada no cais. Nenhum barco, só os botes dos turistas de fim de semana.

– A frota! – exclamou, chocada, e estendeu a mão para se estabilizar.

Patrick assentiu em silêncio.

– Ah, meu Deus, onde está a frota? – perguntou Polly.

– Estamos esperando notícias, Pol – respondeu um homem que era freguês regular da padaria. – Disseram que tem um ou dois lá em Looe, conseguiram atracar durante a noite.

Ele olhou para o céu, ainda cinzento. O vento fustigava as árvores e a chuva continuava a cair.

– Imagino que já dê para voltarem nessas condições. – Polly estava com o coração na mão. – Santo Deus... mas Tarnie disse que eles conseguiriam contornar a tempestade. Ele falou.

Patrick a tranquilizou, tocando o braço dela com ternura.

– Eles devem ter conseguido. Tenho certeza de que ele está em terra firme, comendo um bom café da manhã em algum lugar.

– É melhor ligar para ele – sugeriu Polly, mas Pat balançou a cabeça, dizendo:

– As antenas não estão funcionando. A coisa foi braba noite passada. Ninguém está conseguindo fazer ligações.

Polly cobriu a boca com as mãos. Olhou para a ponta do cais, a parte mais próxima da ponte.

– TODOS A BORDO! – A voz de um homem a distância veio carregada pelo vento.

Havia vários indivíduos no cais, vestindo as jaquetas amarelas e correndo para o galpão branco da RNLI, a organização nacional de salvamento costeiro. Eles trouxeram um bote laranja-vivo e o largaram na água gélida, saltando para dentro logo em seguida.

– Por que eles não saíram antes? – perguntou Polly, irritada. – Por que estão indo só agora?

Patrick se virou para ela, muito sério.

– Eles já saíram três vezes. Essa é a quarta busca do dia. Quando acaba o combustível ou não podem avançar, eles voltam ao cais.

– Ah, Deus! Ah, meu Deus, sinto muito. E eles ainda não os encontraram?

– Ainda não – informou Patrick, soturno.

De repente, um dos garotos do vilarejo veio correndo, gritando:

– Naufrágio! Teve um naufrágio em Darkpoint Bay! E é dos grandes!

Patrick se retesou.

– Ah, não. Isso vai deixar todo mundo ainda mais agitado.

– É um dos barcos pesqueiros? – indagou Polly, apavorada.

– Não, é um baita navio cargueiro! Cheio de coisa!

Vários dos jovens dentro do bote salva-vidas aparentavam exaustão, mas, ao ouvir a notícia, ficaram bem mais despertos.

– Vai dar polícia – advertiu Patrick. – Se saquear alguma coisa, já sabe onde vai parar.

Seguindo os demais, Polly passou pela ponte e subiu até o topo do promontório. A princípio, não conseguiu mensurar a escala do que estava testemunhando. Era como se um arranha-céu tivesse caído de lado na areia. Metade em terra, metade submerso, o navio era a maior coisa que já vira. Devia ter mais de duzentos metros de comprimento e, caído ali daquela forma, era uma visão muito anormal: um cargueiro gigantesco carregado de contêineres e caixas que flutuavam entre as ondas.

– Puta merda – chiou Patrick. – Pelo amor de Deus, tomara que não tenha óleo.

– Mas e a tripulação? – indagou Polly, ansiosa.

Estreitou os olhos a fim de ver melhor e conseguiu distinguir seis ou sete figuras minúsculas sentadas na proa, acenando freneticamente.

– Vamos chamar o médico – afirmou Patrick. – Mas, nesse meio-tempo...

Polly olhou para ele.

– Posso ajudar? Acho que não consigo ficar só parada aqui.

– É claro. Ah, Jesus. Se tiver óleo...

Polly tentava assimilar aquilo tudo enquanto descia a encosta junto com os outros moradores da região. Muriel, do mercadinho, também estava lá, e disse:

– Ah, céus, coitados... – Olhou ao redor e comentou: – Teve um tempo em que faziam isso de propósito, sabe?

– Como assim? – perguntou Polly.

– Bandidos, né? Usavam um holofote para atrair os navios. Então matavam os marujos e roubavam a carga. Costumava ser um modo de ganhar a vida por

aqui.

– Tá brincando! Não é à toa que todos parecem tão nervosos.

Quando chegaram à praia, os habitantes viram que o maior problema seria tirar os homens do navio. Quanto mais se aproximavam, mais colossal parecia a estrutura. De fato, em pouco tempo ouviu-se a chegada de um helicóptero, vindo da base de resgate ar/mar mais próxima. O bote flutuava junto à parte inferior do navio; dali, a lateral da embarcação deveria parecer um rochedo altíssimo.

– Será que ele vai pousar? – indagou Patrick, olhando para o céu.

Contudo, quando o helicóptero se aproximou, todos viram que havia uma corda pendurada e um homem na ponta.

– Nossa! – exclamou Polly.

Os homens no alto do navio naufragado acenavam com determinação. Dava para ver que havia um homem deitado, obviamente ferido.

– Sabe – começou Patrick –, acho que, para todo mundo aqui, seria ótimo ter um chá e algo para comer. Você acha que daria para...

– Abrir a loja? – concluiu Polly, antes mesmo que ele terminasse. – Eu provavelmente deveria fazer isso, né? Haverá muita gente por aqui.

– Ainda mais se houver óleo.

– Ah, meu Deus.

Os tripulantes estavam ajudando o homem do helicóptero a amarrar o companheiro ferido. As pessoas filmavam com o celular. Polly queria ficar e assistir, mas Patrick tinha razão: todos precisariam de muito chá, os repórteres chegariam a qualquer momento e ela já tinha pão no forno. Então se virou e foi embora.



Mesmo perdendo toda a comoção, a parte boa de voltar para a loja era que ficou tão ocupada que nem teve tempo de pensar em Tarnie e nos rapazes que estavam lá fora em algum lugar. Mas onde? O mar estava mais calmo, eles já seriam capazes de voltar ao cais se tentassem. Será que estavam à deriva? E por que ainda não tinham sido encontrados? Todos estavam procurando por eles, ela ouviu no rádio. O locutor também anunciara que aquela fora uma tempestade sem precedentes, muito pior do que a meteorologia previa. Havia pedidos para que os serviços meteorológicos se justificassem e diziam que as seguradoras estariam em maus lençóis.

Polly encontrou uma velha urna térmica nos fundos da loja e Muriel trouxe quatro caixas de bules comemorativos empoeirados de Mount Polbearne que estavam encalhados no mercadinho, leite e uma porção de copos de plástico. As duas desceram a mesa do apartamento e a puseram na frente da padaria, oferecendo chá e pão de graça a quem precisasse. Os rapazes da equipe de salvamento voltaram, desolados e tremendo de frio; helicópteros sobrevoavam a região, mas a rota de pesca era muito extensa. As equipes de TV estavam brotando aos montes, apesar de a ponte mal estar transitável. Alguns pegavam a rota mais longa, de barco, outros forçavam os SUVs a passar pela ponte meio submersa, por mais perigoso que fosse. A tempestade atingira todas as cercanias, mas Polbearne e seus homens haviam sofrido o pior; o epicentro do desastre era ali.

Por fim, às onze da manhã, ouviram-se boas notícias. O *Free Bird*, um dos pesqueiros da frota, deixara o sinal de emergência ligado, e a equipe de resgate já tinha por onde começar. O barco estava a mais de trinta quilômetros de distância da área pesqueira habitual; os equipamentos eletrônicos haviam estragado, o mastro se partira, e todas as redes foram levadas. Nenhum dos tripulantes sabia do *Trochilus* e dos dois outros barcos.

O *Free Bird* foi rebocado de volta à terra e uma multidão aguardava no cais. Esposas chorosas traziam no braço as crianças, que não entendiam muito bem o que estava acontecendo, mas aproveitavam o excesso de abraços e pãezinhos. Polly tinha posto mais broas no forno, além de uma grande quantidade de pãezinhos – teria que acertar as contas com a Sra. Manse depois, mas não sabia o que mais poderia fazer –, e parou para olhar o celular pela milésima vez a fim de checar se havia sinal. Céus. Podia ser verão, mas a água estaria tão gelada nos confins do oceano que um homem seria capaz de morrer de hipotermia. Sobressaltada, lembrou-se do sonho que tivera na noite anterior: estar sendo sugada para as profundezas do oceano, a luz ficando cada vez mais difusa e a visão escurecendo. Suas mãos tremiam; não podia ser uma premonição, podia? Polly não acreditava naquelas coisas.

Parecia que o dia nunca iria terminar. Às duas, a equipe de resgate encontrou a cápsula de sobrevivência – uma espécie de tenda flutuante – do *Lark*, com os cinco homens a bordo. Já estavam perto de Devon. O barco em si havia afundado sem deixar nenhum vestígio; a tripulação conseguira sair no último minuto. Foram levados de volta a Polbearne pela polícia de Devonshire, todos quietos, pálidos e trêmulos quando, enfim, se reencontraram com as famílias. O mesmo aconteceu com o *Wiverton*, cujo botão de pânico emperrara e o sinal de

emergência não havia funcionado. Um piloto de helicóptero com olhos de lince avistou a cápsula amarelo-neon flutuando na água e conseguiu levar os homens de volta à segurança.

– EI!

Polly ergueu o rosto, com os olhos embaçados. Tinha passado o dia inteiro fazendo comida e esperando notícias. Piscou algumas vezes. Ali estava a última pessoa que esperava ver.

– O que está fazendo aqui?

Kerensa fez cara de inocente e disse:

– Você está brincando, né? Esse lugar está cheio de pilotos de helicóptero gostosos. – Chegou mais perto de Polly e perguntou: – Você está bem?

Polly deu de ombros.

– Um dos barcos ainda não voltou.

– É o barco daquele barbudinho gato?

Polly engoliu em seco e aquiesceu. Várias pessoas do vilarejo vinham cumprimentá-la e agradecer pela contribuição que estava fazendo.

– Chegue para lá – afirmou Kerensa, e começou a passar manteiga em pãezinhos. – Não acredito que não está cobrando nada por isso. Isso lá é jeito de se administrar um negócio? Na verdade, você deveria estar cobrando o triplo desses abutres.

Polly lançou um olhar de reprovação para a amiga.

– Está bem, está bem, foi só um comentário – acrescentou Kerensa.

Uma figura vultosa veio se aproximando devagar, trazendo uma grande bandeja. Polly franziu os olhos, ofuscada pelos raios de sol refletidos na água.

– Quem é aquela? – quis saber Kerensa. – Ah, é a velha chata?

– Ssh! – repreendeu Polly, pois a Sra. Manse estava chegando perto.

Ela olhou para o que Polly estava fazendo e fungou. Polly mordeu o lábio, com medo de levar uma bronca. Afinal, não era dona da loja; Polly não tinha nenhuma autoridade para tomar esse tipo de decisão. A Sra. Manse olhou a banquinha improvisada, cercada de gente, e pigarreou com irritação. Então largou a bandeja na mesa com um baque. Ali estava toda a sua produção do dia de canudos folhados de creme e outros doces.

– Quero essa caixa de volta amanhã bem cedo – foi tudo o que a mulher disse antes de dar as costas e voltar de onde viera, marchando estrada acima.

– Ora, ora – admirou-se Kerensa, enquanto Polly distribuía os doces para a tripulação faminta e as crianças que passavam por ali.



A noite já estava caindo quando o bote da RNLI voltou pela sexta vez de mãos abanando, e Polly começou a temer pelo pior mais uma vez. Durante o dia, a tripulação dos outros barcos fora encontrada sem nenhum incidente mais grave do que umas costelas machucadas, uns pulsos quebrados, uns cortes e ralados aqui e ali, e as esperanças dela haviam crescido até que passara a sentir que, a qualquer minuto, um carro de polícia traria Tarnie e os rapazes de volta, cheios de histórias sobre as aventuras do dia.

Mas estava ficando tarde. Vários dos pescadores resgatados haviam conseguido escapular de casa e estavam reunidos no pub, e o resto dos moradores e a mídia os cercava para ouvir as histórias – que iam ficando cada vez mais empolgantes e heroicas conforme a noite avançava e os copos iam se esvaziando.

Cada saquinho de chá e cada pãozinho havia acabado e Polly, enfim, fechou a loja e arrumou tudo.

– Venha – pediu Kerensa. – Vamos dar uma caminhada. Quero ver o navio que naufragou.

– O cargueiro?

– Arrã.

– Você quer ver um barco caído de lado?

– Agora que usou esses termos... quero, sim.

Polly não queria ir ao pub, não queria ouvir todas aquelas histórias de pessoas que escaparam da morte por um triz, muito menos aturar as que lhe perguntariam se havia notícias, presumindo que *ela* teria informações, pois sabiam, é claro, sobre ela e Tarnie... Não, não queria *mesmo*.

– Está bem – disse Polly.

O céu estava assumindo uma suave matiz dourada. O mar se aquietava. Era quase impossível acreditar na força da tempestade que maltratara Polbearne meras horas antes. Quando morava em Plymouth, Polly nunca dera muita atenção ao clima. Era sempre uma questão de tempo úmido ou seco, e ponto final. Mas ali morava colada à linha tênue que separava terra e mar. O mar determinava todas as coisas: se as pessoas atravessariam a ponte ou não, se os homens podiam trabalhar ou não, até mesmo se ela poderia sair de casa. Era parte essencial da vida de todos. Enquanto ela e Kerensa caminhavam em silêncio pelas dunas, Polly entendeu, por fim, o significado de se ter o mar correndo nas veias.

O outro lado do promontório também estava apinhado de gente; fazia meses que Polly não via uma multidão daquelas. A polícia estava montando um cordão de isolamento. Polly estava se perguntando a necessidade disso quando Kerensa comentou que deveria ser para evitar o saque da carga.

– Mas se todas as mercadorias já foram dadas como perdidas, por que as pessoas não podem pegar? – quis saber Polly.

– Porque elas iriam brigar entre si e porque, da próxima vez que um barco aparecesse no horizonte, iam tentar naufragá-lo? – sugeriu a amiga, sempre pragmática.

– Não iam, não – teimou Polly, embora na praia houvesse uns adolescentes que pareciam se sentir tentados, quase ao ponto de desafiar a polícia.

A boa notícia era que parecia não haver nenhum vazamento de óleo.

– O que é aquilo? – indagou Polly, apontando para um ponto em que havia umas coisas boiando na água, diminutas em relação aos contornos sinistros do imenso navio.

– Não sei. Vamos dar uma olhada.

Desceram para a praia, onde um policial pediu que as duas se afastassem. Estavam prestes a obedecer quando ouviram um ruído alto e repentino. Uma lancha ridiculamente chamativa, de bico comprido, vinha se aproximando. Era de madeira clara e parecia ter saído direto de 1950, mas corria como uma bala. Havia assentos luxuosos de couro na parte de trás e a proa era mais baixa. Fez uma curva bem diante deles em um arco espalhafatoso, espirrando água para todo lado.

– Opa, seu policial! – A voz alta era meio desagradável e muito familiar. – Viemos buscar essas cocotas.

– *Cocotas?* – disse Polly.

Kerensa já corria à frente para ver quem era. No belo barco vinham Reuben, no leme, e Huckle.

Os policiais fizeram um gesto para que elas fossem até o barco.

– Mas não subam nos destroços! – gritou o oficial.

Em todo caso, barcos-patrolha e botes brancos da polícia circulavam o naufrágio, protegendo-o de saqueadores.

– Eu *compro* esse navio! – exclamou Reuben, irritado.

Ele girou a lancha e seguiu de ré em direção à praia para que as garotas pudessem embarcar no raso. Huckle estendeu a mão e as ajudou a subir.

– Legal – comentou Kerensa, olhando o interior revestido em tons de avelã e balançando a cabeça em tom de aprovação.

– É o meu Riva – explicou Reuben. – Custou oitocentos mil dólares... é só mais um entre os meus barquinhos.

– Na verdade, achei um horror – rebateu Kerensa, desviando o olhar com desdém.

– Oi. – Huckle cumprimentou Polly, de forma gentil, preocupado com a aparência dela; não havia nada no olhar de Polly, nenhum sorriso, nenhuma energia. – Como você está?

– Vocês estavam procurando os rapazes? – perguntou ela, apressada.

– Não – respondeu Reuben. – Achamos que seria um ótimo dia para fazer uma porra de um passeio no mar.

– Ignore o Reuben – disse Huckle, pondo a mão no braço dela. – É claro que estávamos.

Polly balançou a cabeça.

– Tentei ligar para você... Onde eles estão? Por que ninguém consegue encontrá-los?

– Porque devem estar no fundo do oceano, sendo devorados, tipo, por tubarões? – sugeriu Reuben, engatando a marcha da lancha.

– Cala a boca, amiguinho grosseiro – pediu Kerensa.

Reuben olhou para ela por um instante.

– Acho você muito atraente – declarou ele, bem alto, sem nenhum constrangimento aparente. – Que tipo de presente caro você gosta?

Kerensa o ignorou e foi se sentar o mais longe possível. Eles avançavam bem devagar. Primeiro Polly não conseguia entender o que os atrasava. Então viu que estavam passando por algo no caminho. Era muito peculiar, mas a água estava absolutamente cheia de...

– Isso aí são... – começou ela, desperta do torpor de repente.

Huckle olhou para Polly com um meio sorriso.

– Pois é. Todo o resto deve ter afundado, mas...

Espalhados em um raio de quilômetros sob o céu crepuscular havia milhares e milhares de patinhos amarelos de borracha. Alguns tinham bigodes, outros, chapéus cor-de-rosa, outros tinham roupinha de jogador de golfe, ou demônio, ou mesmo de policial, mas todos eram patinhos amarelos.

– Eles deviam estar em um dos contêineres. E se libertaram – comentou Huckle.

– Os patos FUGIRAM?

– Tipo isso.

– Olha só pra eles! – exclamou Kerensa. – Nadando para a liberdade!

– A Toyota não deve estar achando tanta graça – observou Huckle. – Li na internet que eles tinham um carregamento enorme de carros nesse navio. Acho que não terão o mesmo destino dos patinhos.

Todos olharam para o fundo do mar, pensando morbidamente no que poderia haver abaixo do barco.

– Vou abrir uma escola de mergulho aqui – declarou Reuben, de repente. – Vai ser a melhor escola de mergulho do mundo. As pessoas vão poder mergulhar e fingir que dirigem os carros submersos.

– Mas que ideia de merda – opinou Kerensa.

– Cala a boca, Reuben – falou Huckle.

Polly não disse nada.

Continuaram passando pelo campo de patinhos de borracha boiando na água e, quando contornaram o promontório, Polly exclamou, surpresa.

Parecia uma regata. Havia barcos para todo lado, até onde a vista alcançava. Minúsculas canoas, grandes veleiros, imensos iates, chamativos botes cor de laranja, pequenos barcos pretos de apoio. Todos patrulhando a água em busca de qualquer sinal, qualquer pista, qualquer traço dos pescadores desaparecidos.

– Ah, meu Deus! – exclamou Polly.

O Riva se juntou a eles, passando pela ilhazinha – Polly não conseguiu nem olhar para lá – e seguindo em frente para o canal, onde teriam que tomar cuidado com as barcas maiores. Acenavam para os barcos pelos quais passavam, mas nunca tiravam os olhos da água, procurando qualquer coisa – um colete salva-vidas, um pedaço de pano, um radiotransmissor, um pedaço de mastro – que pudesse fornecer alguma ideia do paradeiro do barco perdido.

Ao se lembrar daquela noite, Polly sempre teria a impressão de que a busca tinha durado dias, embora apenas algumas horas houvessem se passado. Deixava a mão correr na água – ainda estava morna, apesar do sol que já se punha – e os olhos varriam o horizonte desesperadamente, como se a intensidade de seu olhar fosse fazer com que algo surgisse à sua frente. Reuben avançava até outra área, parava, então os quatro olhavam os arredores e depois seguiam em frente...

Polly não conseguia acreditar que Tarnie – tão durão e, ao mesmo tempo, tão vulnerável – poderia estar morto. Ele era o melhor capitão da frota; todos diziam isso. Tarnie era tão forte. Não deixaria que nada acontecesse. E Jayden, que era tão jovem e falante e que odiava pescar; e o pequeno Kendall. Mas todos haviam crescido para viver do mar, tinham água salgada correndo nas veias. Eles precisavam voltar, pensava, com intensidade, *tinham* que voltar.

Esfregou os olhos e voltou a perscrutar o horizonte, ofuscada pelo sol e

franzindo os olhos com tanta força que mal conseguia enxergar.

– Querida. Olha as rugas – falou Kerensa.

Ela massageou as costas da amiga. Dava para ver como Polly estava abalada: preocupada com os rapazes que tinham virado seus amigos e horrorizada com o desastre. Polly olhou para ela, sem entender.

– Melhor não franzir os olhos assim – explicou Kerensa. Então, chamou os rapazes mais à frente. – Eu e Polly vamos olhar para o lado que não fica de frente para o sol. Vocês, rapazes, olham contra o sol. Homens ficam bem com umas ruguinhas nos olhos.

– Eu fico bem de qualquer jeito – afirmou Reuben, que usava um par de óculos escuros Oakley caríssimo e muito chamativo.

– Quem disse isso, suas namoradas? – perguntou Kerensa.

– Sim. E elas são modelos, então elas sabem bem.

– Ah, sim – retrucou Kerensa. – Elas sabem bem, nas festas, cheias de cocaína nas ideias, usando sacos plásticos nos pés e cisnes na cabeça.

Reuben fez bico.

– Você obviamente não é convidada para essas festas.

Kerensa lançou um olhar exasperado para a amiga, mas Polly estava com a cabeça muito longe e não prestava atenção em nada do que se dizia ali. Huckle olhava para Polly com preocupação. Queria passar o braço pelos ombros dela: parecia que Polly estava com frio, e o mar voltava a ficar mais revoltado. O sol se punha e o frio começava a se espalhar. Mas ele não queria mandar a mensagem errada, não queria assustá-la. Em vez disso, tocou o cabelo dela com muita delicadeza.

– Ei – chamou Huckle.

Polly ergueu o rosto para ele, os olhos marejados.

– Temos que encontrá-los – afirmou ela.

– Estamos fazendo tudo o que podemos – observou Huckle.

Reuben trouxera um cesto com champanhe gelado e sanduíches de lagosta fresca e salmão defumado, mas ninguém estava com muito apetite. Então, continuaram navegando até que ficou tão escuro que não se enxergava nada, uma profunda escuridão marítima envolvendo-os. O mar estava ficando agitado outra vez e, de um helicóptero lá no alto, um homem com megafone mandou que eles fossem para casa, dizendo que a RNLI continuaria a busca.

– Não podemos deixar que os pescadores passem mais uma noite aqui fora – falou Polly, batendo queixo.

– Não temos escolha – atestou Huckle. – Senão a RNLI vai acabar tendo que

procurar a gente também. – Tirou o casaco e pôs nos ombros de Polly, que nem percebeu. Ele olhou para Kerensa e disse: – Estou preocupado com ela.

– Vou levá-la para casa – garantiu Kerensa, abraçando a amiga.

Huckle preferiria levá-la para casa por conta própria; não queria que Kerensa a enchesse de vinho e fizesse com que Polly se sentisse ainda pior, mas não disse nada. Haviam estacionado um dos carros de Reuben no continente, e voltariam com a lancha no dia seguinte.

Quando desembarcaram, o cais ainda tinha muito movimento, e todos estavam ansiosos: polícia, imprensa e pessoas aportando, todos perguntando uns aos outros se havia alguma notícia. Kerensa levou Polly para o apartamento e preparou um banho quente e uma torrada com queijo, na qual Polly nem chegou a tocar. E então Kerensa, exausta, quis pôr a amiga na cama, pois já passava das dez, mas Polly recusou. Deixou Kerensa ficar com a cama e foi se sentar diante da janela, olhando as notícias e atualizando o *feed* do Twitter sem parar no pequeno celular. Lá embaixo, a multidão enfim começava a se dispersar, e as luzes no cais foram se apagando. Estava muito cansada, mas sempre que fechava os olhos só via o rosto cinzelado e sério de Tarnie, os olhos azuis intensos, os alegres rapazes da tripulação; ouvia a voz dele dizendo que só encontrava paz no mar, sob as estrelas.

– Por favor – sussurrou. – Por favor.



Polly devia ter adormecido na cadeira, pois, quando abriu os olhos, as estrelas não estavam mais no mesmo lugar e tudo à volta estava em um silêncio profundo. Levantou-se e olhou pela janela. Lá estava a figura familiar de sempre, parada na beira do cais.

Como se estivesse sonhando, Polly caminhou para a porta de casa, pegando a colcha do sofá no caminho, sem conseguir se controlar.

Do lado de fora, o luar deixava o mundo muito mais claro do que parecera do lado de dentro, e não havia nenhuma dificuldade de se enxergar. As ondas estavam fortes outra vez, batendo na parede do cais, mas nada que se comparasse à noite anterior. Contudo, estava frio; ela cobriu a cabeça e os ombros com a colcha xadrez e tentou não pensar em como estaria frio no mar.

Aproximou-se da figura. Como sempre, a Sra. Manse estava imóvel como uma estátua. Polly engoliu em seco, mas não falou nada, apenas parou ao lado

dela.

Depois de cinco minutos perscrutando o horizonte, esperando a passagem do feixe de luz do farol, Polly começou a bater queixo.

– É a vida – disse a voz ao lado dela. A Sra. Manse não soou irritada e desagradável, como de costume. Parecia resignada, triste, séria. – É a vida. Nós ficamos aqui e esperamos. Nós, mulheres. Isso é o que fazemos.

Polly olhou para ela.

– Ajuda em alguma coisa?

A Sra. Manse deu de ombros.

– Não traz ninguém de volta.

– Mas acha que poderia? – perguntou Polly.

A Sra. Manse ficou um bom tempo em silêncio. O feixe do farol passou por elas outra vez. Por fim, respondeu:

– Não sei o que mais eu poderia fazer.

Polly mordeu o lábio, sem dizer nada.

– Sempre pensei – prosseguiu a Sra. Manse, baixinho – que se eu deixar de vir, vai ser nessa noite que ele vai voltar para casa... com o último vestígio de força, só o suficiente para conseguir pisar no cais... e que se eu não estiver aqui para ajudar, ele não vai resistir.

Polly entendia muito bem.

De repente, a Sra. Manse se virou para ela, estoica e firme contra o vento.

– Por favor – pediu, com urgência na voz. – Por favor, vá para casa. Não seja como eu.

– Mas preciso esperar por eles.

A Sra. Manse balançou a cabeça.

– Não desse jeito – declarou, com desespero na voz. – Por favor. Assim não. Não faça isso consigo mesma.

Polly se enrolou no cobertor com mais força.

– Não tem mais nada que eu possa fazer.

– Mas ficar aqui esperando, desejando, não resolve nada – explicou a Sra. Manse, aborrecida. – Será que não percebe? Não resolve nada. – Olhou Polly bem nos olhos e implorou: – Por favor. Por favor, vá para casa.

Polly olhou o horizonte uma última vez. Sentia os pensamentos confusos, como se o cérebro estivesse cheio de algodão.

– Por favor – repetiu a Sra. Manse. – Não faça isso. Não seja como eu.

Polly olhou para a velha senhora que, tremendo, queria desesperadamente escapar da própria vida e não conseguia. Foi como se Polly despertasse de súbito.

O que estava fazendo? Isso não iria ajudar Tarnie nem ninguém.

– A senhora... a senhora não quer vir comigo? – sugeriu Polly. – Vamos tomar um chá.

– Eu não posso. Mas você pode. Por favor. Vá. Vá enquanto ainda pode.

– Não posso deixá-la aqui desse jeito.

– Você precisa me deixar aqui. Tudo bem. Sei o que estou fazendo. – A Sra. Manse ainda teve coragem de tentar um meio sorriso, com os olhos fixos no horizonte.

Sem nem pensar, Polly deu um abraço apertado nela e depois um beijo na bochecha enrugada de Gillian Manse.



Capítulo vinte e um

De volta ao apartamento, Polly sentou-se de novo na cadeira, cobrindo-se com o cobertor. Céus, onde eles poderiam estar? Em parte, achava que não era possível que sobrevivessem a mais uma noite em alto-mar, mais uma noite daquelas. Tentou imaginar cada um deles morto, todas as energias e preocupações dos pescadores transformadas em nada. A ideia de apagar a existência deles era estranha, chocante. Fazia menos de quatro meses que Polly morava ali, mas os pescadores já faziam parte de sua vida.

Lá pelas cinco da manhã, devia ter adormecido outra vez, pois foi acordada por um barulho forte e pela luz que vinha da janela.

Uma batida. Depois outra. Polly se sobressaltou. O que diabo estava acontecendo? A primeira coisa em que pensou foi que o grande cargueiro estava sendo destruído pelas ondas, despedaçado pela maré. Mas o barulho estava muito mais perto. Então pensou que podiam ser os pescadores, voltando, enfim, batendo famintos à porta. Ou, disse uma voz mais lúgubre dentro dela, talvez estivessem mortos e afogados, vindo assombrar a janela dela...

Abriu os olhos na mesma hora, tomada por um jorro de adrenalina, pânico e medo.

Demorou alguns segundos para a vista se habituar à luz da aurora que banhava o recinto. Houve uma batida mais uma vez. Olhou para a janela e arquejou, espantada.

Do lado de fora, um pequeno pássaro preto com um grande bico alaranjado batia na janela, tentando desesperadamente chamar a atenção dela.

Polly correu para abrir a janela. Não podia ser. Era impossível. Contudo, lá estava o lacre na perna dele: todo ensebado da jornada claramente longa e

coberto com sabe-se lá o quê, o lacre plástico com as palavras “Mel do Huckle”.

– NEIL! – gritou, abrindo a janela com pressa, e o pequeno papagaio-do-mar foi direto para os braços dela. – NEIL!

O pássaro bateu as asas alegremente e piou alto. Polly o cobriu de beijos. Ele estava meio oleoso e com um cheiro de peixe e era a melhor coisa do mundo. As lágrimas de Polly caíam na cabeça penosa dele. O bicho até aturou a onda de afeto por um tempo, esfregando o rosto no dedo dela, mas seus olhos corriam de um lado para outro.

– Está com fome? – perguntou Polly. – Mas é claro que está. Você veio de MUITO longe. Venha.

A torrada que não comera ainda estava no topo do lixo, então ela a pescou dentro da lixeira e a pôs em um prato. Neil piou alegremente e comeu com voracidade. Depois de comer bastante e beber água de um pires, ele voou pela sala de estar como se estivesse fazendo o reconhecimento de seu território, todo feliz, voltando de vez em quando para ciscar mais migalhas.

– Estou tão feliz em te ver. – Polly não conseguia parar de sorrir de felicidade quando Neil se empoleirou no ombro dela, como um papagaio de pirata. – Você está tão magrinho! – Polly fez cócegas na barriga dele. – Está comendo pouco carboidrato simples. Muita alga e muito peixe. É melhor para o seu cérebro, mas você voltou mesmo assim, não foi?

Kerensa surgiu à porta, bocejando.

– Está falando com um pássaro? – perguntou ela. – Ou eu estou sonhando?

– Não é qualquer pássaro. Olha só! É o *meu* pássaro! Neil atravessou o condado inteiro e voltou para mim! Ele veio voando esse caminho todo! Neil, você é demais.

Polly o encheu de beijos. Kerensa estremeceu de leve.

– Então tá... – disse a amiga, e então recuou um pouco e olhou em volta. – Alguma notícia?

Polly pegou o celular.

– Nenhuma mensagem. O sinal já voltou. Mas não tem nenhuma... – Toda a alegria de reencontrar Neil evaporou de repente. Os ombros dela murcharam. – Ai, meu DEUS, Kerensa. Ah, céus.

– Vou ferver água – Kerensa apressou-se a dizer. – Servir uma boa xícara de chá. E algo para comer.

Polly se largou na cadeira de novo, e Neil ficou saltitando em cima dela, soltando piadinhas preocupados. Contudo, no instante em que Kerensa ia ligar a chaleira, as duas ouviram um barulho. Um barulho estranho que vinha lá de fora.

– O que é isso?

Parecia o sino da velha igreja em ruínas. Era a única peça que ainda existia no campanário. Não soava convidativo como as toadas dos domingos, quando as pessoas vinham de todos os lugares para rezar naquele espaço antiquíssimo que, segundo alguns, precedia até mesmo o Cristianismo. Não eram sinos de casamento, nem sinos alegres de Páscoa. O sino dobrava em um tom grave e repetitivo, blom-blom-blom. Parecia pesaroso e triste.

– O que é *isso*? – repetiu Kerensa, deixando o chá de lado.

As duas se vestiram correndo – Polly nunca vira Kerensa com cabelos ainda desgrenhados pelo sono – e correram escada abaixo. Polly levava Neil nos braços.

Parecia que o vilarejo inteiro também se encontrava reunido no cais, esfregando os olhos sonolentos. Alguns estavam de pijama, outros se enfiavam em casacos que não combinavam com nada. Mal passava das seis da manhã.

A princípio não havia nada ali para se ver. Então, devagarzinho, uma minúscula forma escura despontou no horizonte. Foi ganhando velocidade e então seus contornos ficaram mais distinguíveis.

– Cacete! – exclamou Polly.

Um murmúrio foi tomando a multidão.

O barco subia e descia nas ondas, que começavam a refletir os raios do sol nascente.

– Parece até que eles estão... se mostrando – observou Kerensa. – Hum.

E de fato, quando chegou mais perto, todos viram que era o Riva.

– Mas os dois tinham parado a busca ontem à noite – disse Polly.

Alguém que obviamente presenciara tudo na noite anterior explicou:

– Eles deixaram vocês e depois saíram de novo.

– No escuro?

Como se estivesse respondendo àquela ponderação, o Riva se virou e elas viram um imenso holofote preso à proa.

A lancha chegava cada vez mais perto, aspergindo espuma no ar. Por fim, ainda ao som do dobrar solene do sino, o barco freou diante do cais chamando atenção. Reuben acenou do leme enquanto Polly e todos os outros contavam desesperadamente o número de pessoas na parte de trás.

Sem contar a cabeça loira de Huckle, havia quatro passageiros.

Quatro.

Mas, duas noites antes, o barco pesqueiro zarpara de Polbearne com cinco pessoas a bordo.



Capítulo vinte e dois

Todos no cais avançaram imediatamente, em silêncio. O vilarejo inteiro estava lá. Havia também duas ambulâncias a postos. Aparentando cansaço e também satisfação, Huckle foi o primeiro a sair da lancha e ajudou os outros homens a desembarcar.

Primeiro foi Archie, o contramestre de fala mansa. O rosto dele estava abatido e exausto. Os olhos corriam pelo cais como se não conseguisse reconhecer onde estava. Os paramédicos correram na direção dele com cobertores prateados. Archie atravessou o píer mancando e todos começaram a aplaudir. Alguém entregou a ele uma caneca de chá e outra pessoa lhe deu um copo de uísque.

Em seguida veio Kendall, parecendo ainda mais jovem com o grande chapéu amarelo na cabeça. A mãe dele veio gritando pela rua de paralelepípedos, de chinelos, e seus quatro irmãos – que também estavam a bordo dos outros navios pesqueiros que haviam sido resgatados – vibraram e comemoraram. Polly não conseguia ver por cima das cabeças das pessoas e, mesmo com Neil bicando uns e outros, não conseguia passar pela multidão para ver o que estava acontecendo. O coração dela batia forte no peito e sua respiração estava arquejante, enquanto tentava enxergar a todo custo.

O próximo foi John, e todos suspiraram quando seus dois filhos pequenos correram na direção dele, gritando “Papai! Papai!” Os joelhos de John fraquejaram quando se ajoelhou para permitir que os filhos se lançassem em seus braços. Polly olhou por cima das cabeças à sua volta e viu a Sra. Manse, mais afastada. O rosto dela estava impassível como sempre.

Por fim, acomodado na maca que os dois paramédicos tinham levado até o

pier, veio Jayden. Tinha o rosto muito pálido e encovado e, mesmo embaixo dos cobertores, via-se que a perna dele fazia um ângulo estranho. Estava apenas semiconsciente.

E então o barco estava vazio.

Sem pensar, Polly atravessou correndo a multidão e foi até o pier para ver com os próprios olhos – e foi pega de repente pelos fortes braços de urso de Huckle, que a abraçou com firmeza.

– O que foi? – indagou, tentando se libertar, mas Huckle era tão grande e forte que não havia muito o que fazer.

Ele se aproximou do rosto dela e sussurrou ao pé de seu ouvido:

– Calma, calma.

Ainda tentando se soltar, Polly virou o rosto e, de repente, compreendeu. Porque, de pé na lancha vazia, havia uma ruiva mignon desfazendo-se em lágrimas com o corpo dobrado em dois, a epítome do sofrimento, e Polly soube na mesma hora quem ela era.



– Ah, meu Deus! – exclamou Polly. – Ah, meu Deus!

– Ainda não acabamos – informou Huckle, com ferocidade, apesar da exaustão evidente em cada vinco de seu rosto.

De fato, o bote salva-vidas já estava ligando o motor outra vez. Com os olhos marejados, Polly virou-se para onde estavam os pescadores sobreviventes, no meio de uma multidão formada por familiares, amigos e repórteres. Depois da felicidade inicial por estar em casa, seus rostos estavam pesarosos. Polly não conseguia mais ficar onde estava e falou com Huckle. Juntos, eles foram se juntar aos pescadores.

Kendall estava falando. Seu rosto jovem parecia dez anos mais velho. Alguém estava segurando a... Polly não conseguia pensar nela como a viúva de Tarnie; mal conseguia pensar em nada. Parecia que suas entranhas tinham virado água gelada; era a pior e mais assustadora notícia que podia imaginar.

De tanta tristeza, Kendall não estava falando coisa com coisa, mesmo que as câmeras estivessem focadas nele.

– Tarnie não iria... não podia... Ele não ia deixar o Jayden, não mesmo... E foi tudo... – E então desatou a chorar.

Polly só entenderia o ocorrido ao ler nos jornais, mais tarde, quando ela e

Kerensa já estavam de volta ao apartamento, observando pela janela o cais vazio, os jornalistas errantes e os turistas confusos.

Quando o *Trochilus* chegara ao centro da tempestade – era muito pior do que os relatórios haviam previsto; na verdade, fora a pior tempestade que Polbearne vira em trinta anos, resultado catastrófico da convergência em alta velocidade de zonas de alta e baixa pressão –, o mastro estava quebrado e os homens perceberam que não havia esperança. Polly ficou imaginando os amigos sendo atirados de um lado para outro ao sabor de ondas do tamanho de prédios de três andares, erguendo-os e atirando-os para baixo outra vez. Era insuportável só de pensar.

Deixaram para baixar a cápsula salva-vidas no último instante – Polly se lembrava da explicação de Tarnie de que era melhor ficar no barco enquanto fosse possível –, mas, nesse instante, o mastro se partira e caíra em cima da perna de Jayden, esmagando-a de forma terrível. Os pescadores fizeram de tudo para manter o salva-vidas e o navio juntos, mas Tarnie não quis sair do lado de Jayden até, enfim, libertá-lo. Com grande esforço, conseguira pôr Jayden no bote salva-vidas – Polly podia até imaginar de forma muito vívida, porque sabia que Tarnie nunca deixaria Jayden para trás, pois estaria fazendo por ele o que não tivera a chance de fazer pelo amigo Jim Manse – mas, então, o pescador já havia afundado quase por inteiro. Os homens tentaram desesperadamente agarrar os braços de Tarnie, jogaram cordas e coletes para ele, mas o barco afundara e a sucção o puxara para baixo. O bote também fora sugado junto com o barco, mas a cápsula salva-vidas tinha sido projetada justamente para conseguir voltar à superfície. Quando, por fim, emergiram, já não restava nada nas águas tumultuosas além de um ou outro destroço flutuante. A tempestade e as correntes os levaram cada vez mais para longe, e eles só puderam sentar e esperar, em silêncio, tentando manter Jayden consciente, assimilando a terrível perda do capitão, do ganha-pão, de tudo o que tinham no mundo.



O último barco salva-vidas voltou depois de mais um turno de vinte e quatro horas. A equipe era necessária em outro lugar e a decisão teve que ser tomada.

Esquentando água na chaleira pela enésima vez, olhando pela janela, sovando pão sem o menor ânimo, Polly não conseguia nem imaginar o sofrimento de Selina ao receber a má notícia.



E as pessoas vieram. Todo mundo precisava falar sobre o que acontecera, de novo e de novo e de novo. A pior coisa era que, sem corpo, não podia haver funeral, não haveria nada para enterrar. Mas as pessoas ainda precisavam conversar sobre o incidente, precisavam cumprir o luto, e vinham fazer isso na loja de Polly.

Todos tinham uma história para contar, uma versão própria dos acontecimentos. Um tivera um sonho premonitório, outro fora visitado por um fantasma. Ninguém sabia muito bem o que estava acontecendo com Jayden, o menino que odiava pescar. Ele estava em um hospital em Plymouth e iria se recuperar por completo; os presentes e cartões que recebia de todo o país eram tantos que o hospital vinha avisando às pessoas que os itens poderiam acabar sendo compartilhados com outros pacientes.

Era óbvio que alguma coisa precisava ser feita, mas como uma forasteira – pior, como alguém que tinha certa conexão com o falecido e que tentava desesperadamente mantê-la em segredo –, Polly sentia que não cabia a ela fazer nada.

– Mas a gente deveria fazer alguma coisa – sugeriu.

Não havia vigário na ilha, mas uma mulher oferecera para fazer uma missa em sua paróquia, em Looe. Kerensa dissera que a celebração deveria ser feita na igreja antiga da colina em Mount Polbearne, mesmo que o templo já tivesse sido desconsagrado havia muito tempo.

Selina voltara para a casa da mãe, no continente, e embora nem imaginasse o tamanho do sofrimento dela, a comunidade se compadecia – da viúva e dos homens que haviam sobrevivido e que se sentiam culpados e traumatizados por terem escapado com vida por um triz.

Duas semanas depois do acidente, na manhã de segunda-feira, o telefone tocou. Polly estava enterrada na farinha até os cotovelos, então quem atendeu foi Kerensa – que havia voltado a Polbearne mais uma vez para ficar com a amiga.

– Oi, Pol – cumprimentou Reuben, com voz de sono. – E aí?

– Não é a Polly. É a Kerensa.

Ouviu-se uma agitação do outro lado da linha. Quando voltou a falar, ele parecia muito mais desperto. Sua voz estava uma oitava mais baixa.

– Oi, sumida – disse, da forma mais máscula que conseguiu.

Kerensa revirou os olhos.

– O que conta de novo? – prosseguiu Reuben.

– Bem, estamos pensando em fazer uma cerimônia em homenagem a Tarnie e ao barco naufragado. Deve ser aqui mesmo, no muquifo onde a Polly mora. Pode vir, se quiser.

– Ei! – ralhou Polly, irritada.

Neil dava pulinhos na pia, divertindo-se sozinho. No meio de todo o turbilhão, Polly arranjara um tempo para ligar para o santuário.

– Hã, olá. Acho que estou com um dos seus pássaros... – dissera.

Quem atendeu foi a mesma garota neozelandesa de antes.

– Ah, é mesmo? Nem percebemos. Aqui temos um milhão...

– Um milhão e meio, eu sei. Mas este está com um lacre diferente, de mel.

– Ah, eu me lembro de você! Você era a moça que amava seu papagaio-do-mar, não era?

– Acho que todo papagaio-do-mar merece ser amado – respondeu Polly.

– Certo. Mas você não morava na costa sul?

– E moro mesmo – falou Polly, orgulhosa. – Ele veio voando esse caminho todo!

Ficou esperando que a garota se impressionasse e afirmasse que Neil era o papagaio-do-mar mais incrível de que já tivera notícia.

– Bem, se quiser, pode trazê-lo de volta – a garota limitou-se a dizer.

Polly olhou para Neil. O pássaro a observava com os olhos pretos de contas. Piou baixinho.

– Quer saber? – respondeu. – Acho que estamos bem assim.



Kerensa e Reuben ainda estavam conversando. Reuben parecia possesso porque as duas não haviam pensado nele para ser o anfitrião do evento.

– Eu tenho uma pista de dança! Tenho iluminação! Tenho o contato de mil DJs e uma adega de champanhe muito bem abastecida! – dizia ele.

Mesmo do outro lado da sala, Polly conseguia ouvir.

– Não é uma festa – rebateu Kerensa. – É uma cerimônia fúnebre, cabeçaço.

– Acho que todo mundo que morre devia se despedir com uma festança dessas – retrucou Reuben. – É o que eu quero quando morrer.

– Ele até tem certa razão – afirmou Polly.

– Enfim, o que vocês iam fazer, servir umas torradas? – continuou Reuben.

– Eu gosto de torrada – contou Kerensa.

– Está bem. Quando eu mandar o meu jatinho buscar o *sushiman*, arrumo também um chef de torrada.

Kerensa e Polly se entreolharam. Polly assentiu.

– A gente tem que fazer. A cidade precisa.

– Então tudo bem, pode fazer – falou Kerensa, como se estivesse fazendo um enorme favor a Reuben, então encerrou a ligação.

– Sabe, você deveria ser um pouco mais simpática com ele – opinou Polly. – Reuben passou a noite inteira na lancha para encontrar os pescadores. Na verdade, foi bastante heroico.

– Bem, para começar, ele estava querendo aparecer, como sempre.

– Você é muito má!

– Além do mais, foi o Huckle que o obrigou a fazer isso.

– Você está presumindo coisas.

– Não estou, não. Reuben me contou. Bem, eu joguei verde e ele não negou.

– Não estou acreditando que você o trata dessa maneira e ainda assim conseguiu convencê-lo a dar essa festa.

Kerensa revirou os olhos.

– Não é à toa que *eu* não arruinei o meu negócio.

– Golpe baixo.

Kerensa fez uma careta.

– Venha – chamou Polly. – Ainda temos muito a fazer.



Capítulo vinte e três

Kerensa cumpriu sua palavra e arranjou uma vigária para fazer a missa em honra à memória de Tarnie na velha igreja. Seria em um sábado, seguida de uma festança de despedida na casa de Reuben. Polly torcia para que o tempo colaborasse. Todas as pessoas do vilarejo foram convidadas.

A imprensa já tinha ido embora, graças a Deus, mas acabaram deixando um legado inesperado. Quando as pessoas viram as notícias sobre a “tragédia de Mount Polbearne”, parecia que não tinham prestado tanta atenção à questão da pesca, focando mais nas belas imagens da colina que dava para o pitoresco castelo em ruínas, das simpáticas ruas de paralelepípedo, da encantadora padaria artesanal, das águas reluzentes. Logo no dia seguinte, os turistas vieram em massa – movidos não pela curiosidade mórbida, mas pelo desejo genuíno de fazer um passeio interessante. Kerensa voltou para Plymouth e Polly sentia falta da ajuda da amiga; estava muito sobrecarregada de trabalho. Os pães saíam do forno e eram arrematados na velocidade da luz. Estava tão ocupada que às vezes chegava mesmo a se esquecer de tudo o que acontecera. E aí olhava pela janela, esperando ver os mastros dos navios, ouvir o vozerio e as brincadeiras dos pescadores, encontrar aquela figura tão familiar de penetrantes olhos azuis. Mas não encontrava nada, e era como ser atingida por um tiro de canhão mais uma vez.

Na quarta-feira, Polly estava fechando as persianas da loja quando viu uma figura magra e encurvada se aproximando do cais. Os turistas se encontravam todos na praia; fazia um dia belíssimo e a cidade estava tomada por uma moleza pós-almoço. Não havia mais ninguém por ali. Polly fez uma caneca de chá e foi lá para fora, sentando-se na beirada do cais ao lado da mulher.

– Olá – cumprimentou Polly. – Trouxe um chá para você, mas posso deixá-la sozinha, se quiser.

Selina ergueu o rosto, confusa.

– Olá. Desculpe, eu não...

– Sou Polly Waterford. Eu era amiga de Tarnie... bem, sou amiga de todos os pescadores. Trabalho ali atrás.

– Ah, sim, a padaria. – Selina abriu um sorriso triste. – Ele falava o tempo todo da padaria. Amava o seu pão.

– Hã, eu não queria me intrometer...

– Não, tudo bem. É que eu tinha que sair um pouco da casa da minha mãe. Todo mundo fica me olhando com pena e perguntando o tempo todo se estou bem com aquela vozinha suave para mostrar o quanto se importam, sabe? Estou de SACO cheio dessa merda.

Polly aquiesceu.

– E então *eu* tenho que dizer que estou bem para fazer com que *eles* se sintam melhor. Sério. Não aguento mais – acrescentou Selina, e torceu a aliança na mão esquerda.

– Como você poderia estar bem? – perguntou Polly, verdadeiramente perplexa. – Que pergunta imbecil. Como se você fosse um monstro sem coração.

– ISSO! – disse Selina.

E então ficou quieta outra vez. As duas ficaram olhando o mar.

– Mas eu *sou* um monstro sem coração. Porque eu estou MUITO furiosa com Tarnie. Eu avisei! Falei para ele não ir para o mar. Implorei que largasse essa droga de pescaria. Todo mundo sabe como é perigoso, e paga mal para cacete. E Tarnie nunca estava em casa... quer dizer, como alguém consegue morar aqui, nessa ilha isolada, pelo amor de Deus! Falando sério, nós quase terminamos umas mil vezes, brigávamos e brigávamos e brigávamos por causa desse maldito trabalho, e aí o que acontece?

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Selina prosseguiu:

– Aí Tarnie vai e comprova que eu estava certa, aquele desgraçado. DESGRAÇADO. Eu estou TÃO irritada com ele. – Ela enxugou o rosto furiosamente. – Ah, meu Deus, lá vêm as lágrimas de novo. Desculpe. Desculpe por descarregar tudo em cima de você assim. *Você* acha que eu sou um monstro?

– Acho que tudo o que você disse faz muito sentido.

Sentia-se a pior pessoa do mundo. Gostava daquela mulher. Maldito Tarnie!

– Sinto falta dele – confessou Selina. – Céus, sinto saudade até de brigar com ele. – Ela fungou. – E queria muito que todo mundo parasse de falar de Tarnie

como se ele fosse um santo.

– Entendo.

– Ele podia ser um babaca de marca maior, mas era o MEU babaca. – Quando Polly passou o braço pelos ombros de Selina como forma de consolo, a viúva perguntou, meio soluçando, meio rindo: – Será que iam me deixar escrever isso na lápide dele?

– Bem, pela quantidade de dinheiro que as pessoas arrecadaram para ele, imagino que você possa mandar escrever o que quiser.

As duas riram e choraram ao mesmo tempo, e então Polly exclamou:

– Ah, que se dane, perai!

Foi até o apartamento buscar uma garrafa de vinho, e as duas mulheres ficaram bebendo juntas em copos de plástico, sentadas na beira do cais, e Polly deixou Selina contar histórias e reclamar de Tarnie a tarde inteira, até que as pessoas começaram a ressurgir outra vez e Selina logo foi reconhecida, de modo que fez uma careta, disse que estava se sentindo a pior celebridade do mundo, tipo a superviúva, e anunciou que iria embora. E então as duas se abraçaram e Selina se foi.



Aquela foi a semana mais movimentada que Polly já tivera na padaria. Mount Polbearne estava famosa, e todos queriam conhecer a cidade. Henry e Samantha, os recém-chegados que estavam no meio de uma reforma de grandes proporções, fervilhavam de empolgação.

– Ah, em Chelsea só se fala da gente! – exclamou Samantha. – Acho que os preços dos imóveis não vão tardar a subir! E todo esse DRAMA!

Polly estremeceu e olhou pela vitrine. O Range Rover estava parado na frente da padaria, bloqueando mais uma vez a rua de paralelepípedos. Ficou se perguntando se logo precisariam de um guarda de trânsito.

– Você não quer abrir um açougue artesanal, não? – perguntou Henry, que estava com calças de veludo cor-de-rosa que combinavam com as bochechas coradas. – Aposto que seria ótimo.

– O quê? Nossa, não mesmo – sentenciou Polly.

Pela janela, viu um dos pescadores passar carregando vários patinhos de borracha.

– Vejo que alguém não tem muito espírito empreendedor – observou Henry,

resignado. – Hum. Fico me perguntando se *ele* não abriria um açougue.

Polly olhou para os dois.

– Então, seus amigos todos também estão vindo para cá? – perguntou, educadamente.

– Pode crer! Binky e Max e Biff e Jules e Mills e Pinky e Froufrou já estão em contato com os corretores, né? – perguntou Henry a Samantha.

– Ah, que bom! – falou Polly, pondo no saco de papel o pão sem glúten, uma encomenda exclusiva para o casal e pela qual cobrava o suficiente para pagar a conta de combustível do mês inteiro. – Que bom!



No sábado, raiou um dia glorioso e perfeito. Havia algumas poucas nuvens brancas e fofas no céu, mas, tirando isso, o azul-cerúleo parecia tecnicolor. A manhã lembrava o dia em que Tarnie levara Polly para passear no barquinho, e ela levou o triplo do tempo para se arrumar porque, sempre que pensava nisso, começava a chorar, borrava a maquiagem toda e tinha que começar tudo de novo. Polly se repreendeu. Não podia fazer aquele papelão. Não mesmo. Tarnie era amigo dela, só isso, uma pessoa que conhecia fazia poucos meses. Ela não merecia clamar para si um pedaço do luto – o luto verdadeiro, a tristeza imensa, infinita, capaz de durar a vida inteira. Tudo isso pertencia à família dele, aos amigos mais próximos, a Selina. Polly não tinha o direito de se meter. Precisava guardar tudo para si. Tinha que ser forte e não passar vergonha.

Por sorte, Kerensa chegou bem cedo, aproveitando a maré. Estava fabulosa, mas sua roupa era completamente descabida: um vestido de renda preto um pouco curto demais, maquiagem exagerada e um *voilette* com véu.

– Minha nossa! – exclamou Polly, esfregando embaixo dos olhos pela milésima vez. – Você está parecendo a viúva negra.

– Que bom – disse Kerensa, ligando a cafeteira. – E aí? Achou que eu exagerei?

– Você só encontrou com ele uma vez – comentou Polly.

– Eu sei. Mas achei que, se alguém na igreja estiver procurando algum sinal de uma possível escapada dele, vão passar direto por você e presumir que eu era essa pessoa.

– Essa ideia é brilhante!

– Eu sei.

– Obrigada – agradeceu Polly, debulhando-se em lágrimas de novo.
– Tudo bem – falou Kerensa, consolando-a com palmadinhas no ombro. – Em todo o caso, nem que tentasse você ficaria tão atraente quanto eu.

Mas Polly sabia o que a amiga queria dizer de verdade e se entregou ao choro nos braços dela até não ter mais nenhuma lágrima para verter.

– Melhor? – indagou Kerensa.

Polly aquiesceu.

– Então vá tomar um banho – ordenou Kerensa.

– Já tomei três. Só restou água fria.

– Melhor ainda. Vai fechar os poros que é uma beleza.

Polly obedeceu. Com um olhar severo, Kerensa passou rímel à prova d'água na amiga e separou para ela um vestido preto sem mangas, composto de uma saia de seda e uma parte de cima tipo camiseta.

– Certo. Você vai ficar sentada no fundo da igreja bem quietinha, tentando não chamar atenção. Chegou a conhecer alguém da família dele?

Polly balançou a cabeça.

– Só Selina.

– Ótimo. Então ninguém vai te reconhecer. Vai dar tudo certo, ouviu bem?



Huckle e Reuben encontraram com elas na igreja. De terno e gravata escuros, estavam mais soturnos do que o normal. Reuben não perdeu a oportunidade de informar que sua gravata e seus sapatos eram de couro de tubarão, “a pele mais cara que o dinheiro pode comprar”, ao que Kerensa respondeu chamando-o de terrorista biológico.

A igreja, que já fora o foco principal daquela comunidade muito tempo atrás, ficava no ponto mais alto do vilarejo, no topo de uma colina pavimentada. Datando da Idade Média, de uma época em que a cidade ainda era conectada ao continente em tempo integral, a igreja caíra em desuso quando as marés começaram a cobrir a ponte e fora desconsagrada no fim do século XIX. Assim, naquele sábado, o lugar era mais ruína do que igreja, com as antigas paredes de pedra e o velho piso de ladrilhos. Não havia telhado, só ninhos de pássaros nas estruturas de pedra despedaçadas. Era um ótimo lugar para um piquenique ao ar livre, até mesmo entre as lápides antiquíssimas, e a vista era magnífica: três quartos da paisagem eram ocupados pelo mar salpicado de barcos e o céu imenso

se desfraldava acima de todos.

Havia alguns bancos, trazidos da minúscula câmara municipal do vilarejo, de modo que os mais velhos tivessem onde se sentar, mas a igreja estava tão apinhada que a maior parte das pessoas se encontrava de pé perto das paredes, sentadas no chão ou nos afloramentos de pedra onde as lajes haviam sido roubadas ou se partido. A igreja estava tomada por um burburinho de vozes sussurradas, apinhada de homens aparentando desconforto em seus melhores ternos e com os rostos vermelhos de calor. Lá na frente havia duas pessoas sentadas de cabeça baixa que Polly reconheceu na mesma hora como sendo os pais de Tarnie. Ela sabia que, depois que o pai se aposentara, a mãe insistira que os dois se mudassem para o continente, a fim de ter uma vida mais animada. Ela também não gostava nada que Tarnie fosse pescador; tivera ambições maiores para o único filho homem. A mulher tinha os mesmos olhos azuis de Tarnie, mas, naquele momento, estavam tão marejados e sem foco que parecia ser cega.

O homem não ergueu a cabeça, mas Polly reconhecia Tarnie nos ombros caídos, na constituição física longilínea, na sombra do maxilar. Respirou fundo. Era insuportável imaginar no que aquele velho pescador deveria estar pensando. Ao lado deles havia uma mulher com várias crianças pequenas a tiracolo. Parecia incomodada e exausta. Só podia ser irmã de Tarnie.

Ao lado deles estava Selina, com um belo vestido preto que evidenciava as clavículas finas. Polly deu um sorriso sentido, e Selina respondeu com um olhar de dor tão evidente que Polly ficou com o coração apertado. A viúva estava recebendo o apoio da mãe e de vários outros parentes, e parecia fraca demais até mesmo para se levantar.

A Sra. Manse se encontrava sentada em uma das cadeiras, com as costas eretas e uma expressão de desconforto, ignorando todo mundo à sua volta. De preto, lembrava a rainha Vitória. Polly tentou acenar para ela, mas, como resposta, recebeu apenas um olhar de desaprovação.

A cidade inteira estava lá, até mesmo, para surpresa de Polly, os recém-chegados Samantha e Henry, que pareciam constrangidos e deslocados. Ela também deu um pequeno aceno para os dois. E assim todos ficaram ali, ansiosos, esperando que algo acontecesse.

Por fim surgiu a vigária que tinha a congregação no continente, entrando na igreja pelas paredes em ruínas como todo mundo fizera. Foi até o altar e pigarreou. Todos se calaram no mesmo instante, prestando atenção.

– Bom dia – disse ela. – E obrigada por estarem aqui neste dia tão lindo. Sei que as circunstâncias são um tanto incomuns, mas sinto que, se não podemos

enterrar o nosso irmão Cornelius William Tarnforth, ao menos podemos celebrar sua memória.

Ao ouvir o nome, a mãe de Tarnie abafou um ganido de dor.

– Nem toda morte é uma tragédia – prosseguiu a vigária. – Mas esta foi.

Ela falou sobre como Tarnie era uma figura conhecida e querida na comunidade, como ele era amado pela família e como faria falta para todos; então várias pessoas se levantaram para dizer algumas palavras e contar histórias que Polly ainda não ouvira: falaram sobre o hábito do colega de levar peixe para as pessoas que não tinham muito dinheiro, sobre os dias de folga nos quais trabalhava como voluntário junto com o RNLI, e uma história ridícula envolvendo uma vaca que Archie contou aos prantos e que não fazia muito sentido.

A vigária leu uma passagem da Bíblia:

– Certo dia Jesus estava perto do lago de Genesaré, e uma multidão o comprimia de todos os lados para ouvir a palavra de Deus. Viu à beira do lago dois barcos, deixados ali pelos pescadores, que estavam lavando as suas redes. Entrou num dos barcos, o que pertencia a Simão, e pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia. Então sentou-se, e do barco ensinava o povo. Tendo acabado de falar, disse a Simão: “Vá para onde as águas são mais fundas”, e a todos: “Lancem as redes para a pesca.” Simão respondeu: “Mestre, esforçamo-nos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, porque és tu quem está dizendo isto, vou lançar as redes.” Quando o fizeram, pegaram tal quantidade de peixe que as redes começaram a rasgar. Então fizeram sinais a seus companheiros no outro barco, para que viessem ajudá-los; e eles vieram e encheram ambos os barcos, a ponto de quase começarem a afundar. Quando Simão Pedro viu isso, prostrou-se aos pés de Jesus e disse: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!” Pois ele e todos os seus companheiros estavam perplexos com a pesca que haviam feito, como também Tiago e João, os filhos de Zebedeu, sócios de Simão. Então Jesus disse a Simão: “Não tenha medo; de agora em diante você será pescador de homens.” Eles então arrastaram seus barcos para a praia, deixaram tudo e o seguiram.

Então, ao sinal da vigária, os homens que Polly sabia que eram pescadores foram para a frente da congregação e começaram a cantar:

*Pai Eterno, Senhor dos mares e do céu,
Com vosso braço protegei-nos da onda cruel.
Com vossa vontade, dobra os oceanos*

Aos limites que estabeleceis, rogamos.

As vozes foram ficando mais altas e o coro foi engrossado pela maioria dos presentes.

*Escutai agora a prece que vimos cantar:
Guardai aos que se lançam aos perigos do mar*

Polly olhou para o pai de Tarnie, que tentava, em vão, pronunciar as palavras. E isso fez com que ela não conseguisse mais se segurar. Tentando ser o mais silenciosa possível, enterrou o rosto no forro do paletó de Huckle e chorou de soluçar. O forro nunca mais seria o mesmo.

*Ó Cristo, que submeteis o oceano à vossa voz.
Ao vosso comando, o temporal se faz ameno.
Ó Cristo, que caminhais sobre o revolto mar atroz
E no seio da tormenta repousais, sereno.
Escutai agora a prece que vimos cantar:
Guardai aos que se lançam aos perigos do mar*



Reuben – ou melhor, a cerimonialista caríssima que mandara vir de Londres (ele não estava poupando gastos) – tinha vários ônibus a postos para levar as pessoas à igreja e em seguida à solenidade fúnebre.

O dia estava lindo e, enquanto todos embarcavam, os homens já afrouxavam as gravatas e tiravam os paletós. Não havia uma única nuvem no céu, só uma imensidão azul a se perder de vista e o sol forte que queimava os ombros cada vez mais bronzeados dos turistas, praiheiros e aventureiros. A maior parte das mercadorias do cargueiro tinha afundado ou fora removida do navio, e por sorte o óleo não vazara, graças à presença de espírito de um dos jovens engenheiros a bordo que fechara os compartimentos quando o navio começara a afundar. Polly ficara impressionada ao descobrir que aquele colosso era tripulado por menos de doze homens. Archie explicara que, enquanto estavam no bote salva-vidas, seu maior medo fora que um daqueles cargueiros imensos passasse por eles sem

detectá-los; um novato no radar podia acabar cochilando, ou simplesmente achar que o grupo era apenas um peixe muito grande, nada com que se preocupar.

O ônibus deles estava em silêncio e ninguém sabia muito bem o que esperar. Polly se encontrava ao lado de Kerensa, na frente de Patrick e a esposa.

Após saírem da igreja, de volta ao apartamento, Kerensa perguntara:

– Não vai levar o pássaro?

– Hum...

Na verdade, Polly até queria a presença reconfortante de Neil. Além disso, Tarnie gostava muito dele. Havia chegado a um meio-termo: não para a liturgia, sim para a solenidade fúnebre. Kerensa havia trocado de roupa, pondo um alegre vestido de verão, mas Polly não quis; sentia que seria desrespeitoso.

– Não – declarou Kerensa. – Desrespeitoso seria não ir e não se divertir a valer. Tarnie teria gostado que a gente aproveitasse a festa.

– Acho que ele gostaria era de estar vivo para aproveitar a festa.

– Sim, de se divertir na fantástica festa organizada por um idiota – falou Kerensa, passando mais batom e se olhando no espelho.

Polly a abraçou.

– Obrigada por todo o seu apoio – afirmou ela.

– Que apoio? Eu disse que você era uma idiota por vir morar aqui. Achei que não ia durar nem dez dias e ia voltar chorando, com o seu sofá cinza. Inclusive...

– Inclusive o quê? – quis saber Polly.

Kerensa mexeu no celular e mostrou a tela para a amiga.

– O que é isso? – indagou Polly, olhando para a foto de uma casa muito bonita.

– É uma casa. Fica no... – Precisou pigarrear para conseguir suportar dizer a palavra. – Fica no *subúrbio*.

– E o que tem?

– Eu estava pensando em comprar essa casa, sua tapada. Para quando você voltasse. Assim você ia poder parar de ser teimosa e vir morar comigo de uma vez por todas. Sinto sua falta, sua maluca.

Polly abraçou a amiga outra vez.

– Eu te amo!

– Eu sei – respondeu Kerensa, retribuindo o abraço. – Mas mesmo com tudo o que aconteceu, ainda acho que você seria mais feliz aqui.

Polly começou a ficar emotiva de novo.

– Ah, meu Deus.

– Mas é verdade, não é? – perguntou Kerensa. – Sinto que, pela primeira vez

em muitos anos, você está vivendo de verdade.

Ficaram abraçadas diante do espelho e, por um instante, era como se tivessem voltado a ser adolescentes, contrabandeando bebida para dentro do quartinho de Polly.

– Vamos nessa – falou Kerensa. – Não deixe que eu me estrague demais, não quero ficar bêbada e acabar me atracando com aquele anão americano esquisito.

– E não deixe que *eu* me estrague demais e acabe dizendo alguma coisa terrível para Selina – pediu Polly.

Kerensa lançou um olhar sugestivo para a amiga.

– Mas tudo bem ficar bêbada e se atracar com americanos loiros, altos e bonitos?

Polly revirou os olhos.

– Acho que nem completamente estragado ele sequer pensaria em mim.

Kerensa sorriu.

– Enfim. Vai levar o bicho ou não vai?

Neil piou para elas.

– Claro que vou. Ele já está até de gravatinha-borboleta – respondeu Polly.

Dessa vez, quem revirou os olhos foi Kerensa.



Os ônibus – três, ao todo – contornaram as dunas douradas e seguiram em direção ao poente. Dava para ouvir que havia cantoria em pelo menos um deles, o que indicava que vários dos homens haviam saído da igreja e seguido direto para o bar. Patrick estava fascinado com a história de Neil, embora concordasse com Kerensa e achasse que o papagaio não deveria estar de gravata-borboleta.

– É elegante – explicou Polly. – Vou deixar nele até cumprimentarmos o anfitrião da festa, depois eu tiro para Neil poder ir brincar.

Patrick sorriu.

– Excelente. Acho que todos vamos precisar de um pouco de animação.

Nessa noite, a curva secreta para a praia de Reuben não estava tão secreta assim: iluminada por lamparinas, a estradinha era como um farol no escuro. Havia dois homens com rádios comunicadores parados na entrada, portando lanternas fortíssimas e expressões carrancudas. Deram uma palavrinha com o motorista do ônibus e depois o deixaram passar.

O longo caminho até a praia estava iluminado com tochas em ambos os

lados, conferindo uma luminosidade alegre e empolgante à noite. Mesmo a distância, Polly já conseguia ouvir a música. Olhou para Kerensa, apreensiva, e a amiga já havia vestido a expressão de “não estou nem um pouco impressionada”.

– Vamos lá – falou Polly. – Vai ser uma noite especial. Acho que você estava certa; temos que fazer isso pelo Tarnie. Você nem precisa ir falar com Reuben.

– Verdade. Cara, ele deve ter gastado uma NOTA PRETA nessa festa.

Um homem com bastões luminosos indicou aos ônibus onde parar e todos desembarcaram, nervosos, sozinhos ou em pares.

– Aqui, por aqui! – gritava uma mulher autoritária com um colete de alta visibilidade, indicando um caminho iluminado com tochas pelas dunas.

Seguiram – aos tropeços, para algumas das mulheres de salto. Polly tirou as sandálias. A areia ainda estava quentinha, deliciosa sob os pés descalços.

Ao subirem a última duna, foi possível avistar a praia e todos pararam para admirar.

– Minha nossa! – exclamou Kerensa.

De alguma maneira, toda a praia estava iluminada, com holofotes de luz branca. A pequena lanchonete ganhara como anexo um imenso bar coberto. Uma fileira de garçons estava a postos com grandes bandejas de bebida e a praia já estava cheia de pessoas glamorosas e atraentes – amigos de Reuben, é claro –, todas trajando roupas muito elegantes, conversando e dançando. Havia uma grande mesa de som para um DJ, mas, naquele momento, tinha uma banda tocando um reggae sensual. Um cheiro incrível de churrasco se espalhava pelo ar e, no geral, a atmosfera era impressionante.

– Cacete – disse um dos moradores de Polbearne, um pouco intimidado pelo ambiente muito diferente do mundo a que todos estavam acostumados, que consistia, basicamente, do pub e do mar.

– Olha, isso é o que eu chamo de despedida – falou outra pessoa, mas, ainda assim, ninguém se mexeu.

Por fim, os garçons se adiantaram e começaram a servir champanhe para todos. O próprio Reuben pegou duas taças e levou-as para Polly e Kerensa. Na mesma hora, as duas beldades com quem ele estava conversando fizeram bico.

– Olá. Bem-vindas ao brilhante evento fúnebre para o Tarnie. Sim, é muito generoso da minha parte – comentou Reuben, entregando as taças a elas.

– Você sempre costuma comprar a atenção dos outros dessa maneira? – quis saber Kerensa.

– Não seja rude – repreendeu Polly, dando um beijo no rosto e um abraço em Reuben. – Você foi um herói, um herói de verdade, e esta será a melhor

despedida de todos os tempos. A família dele vai se lembrar disso para sempre.

– Eu sei – respondeu Reuben.

Ainda havia alguns surfistas no mar, pois a maré estava alta, mas os que terminavam iam se juntando à festa, tirando os trajes e tomando uma cerveja. O cheiro de churrasco vinha de uma vala onde se assavam porcos inteiros, besuntados de molho e temperos. Do outro lado crepitava uma imensa fogueira, despejando as centelhas para o céu, para que ninguém sentisse frio mais tarde. O bar coberto estava cheio de fotos de Tarnie. Polly se deteve diante de uma delas, uma foto casual na qual ele consertava uma rede. Tinha sido tirada do mesmíssimo ângulo pelo qual ela o via em seu apartamento; era como se Polly estivesse, naquele mesmo momento, olhando pela janela.

Toda a praia estava iluminada, mas a visão mais impressionante era mesmo o céu: o estonteante crepúsculo em tons de rosa e roxo parecia ter sido feito sob encomenda para a ocasião. Polly não ficaria surpresa se Reuben tivesse sido responsável por isso.

Os garçons circulavam com bandejas de sushi e aperitivos, mas assim que a banda fez um intervalo e o DJ começou a tocar “Get Lucky”, Polly e Kerensa perceberam o que queriam fazer.

Dançar era uma válvula de escape para as duas, uma forma de lidar com todos os sentimentos reprimidos. Dançaram enquanto o sol se punha, vendo os rapazes se divertindo na água; vendo Muriel, do mercadinho, beber rápido demais, embalada pela empolgação de enfim estar em uma festa, e acabar largada em uma cadeira com uma xícara de chá bem-vinda nas mãos; vendo Archie e a esposa em um cantinho, um pouco envergonhados, mas bem juntinhos; vendo os filhos de John correndo de um lado para outro, gritando e gargalhando, perseguindo uns aos outros com pistolas de água que pareciam ter surgido do nada.

Elas conversaram e gargalharam e fizeram um milhão de novos amigos, e dançaram com rapazes, ou uma com a outra, ou sozinhas. Polly sentiu um peso deixando seus ombros e, depois de tanta tristeza, suas bochechas doíam de tanto rir. Estava descalça e seu vestido preto parecia flutuar à sua volta. Parecia que todos ali – os que tinham tapeado a morte, os que tinham evitado a calamidade na pequena comunidade – estavam determinados a celebrar a vida e a felicidade e a bela paisagem que os cercava, o que fez com que Polly dançasse com vontade redobrada.

Huckle bebia a cerveja devagar, observando-a. A festa estava cheia de mulheres jovens e bonitas – o séquito de socialites, interesseiras, modelos

profissionais e semiprofissionais que sempre cercava Reuben –, mas ele não estava interessado em nenhuma delas, embora, pelos olhares, pelas conversinhas fiadas e pelas danças insinuantes dirigidas a ele, ficasse muito claro que várias daquelas moças gostariam de conhecê-lo melhor. Huckle tinha um 1,90 metro, era loiro e tinha olhos azuis; conseguir mulheres nunca fora um problema para ele. Conseguir que não partissem o seu coração, por outro lado...

Huckle se lembrou de Polly, correndo pelo píer no dia em que Tarnie não voltara para casa, e tomou, devagar, mais um gole da cerveja.



Polly não sabia que horas eram, mas já era tarde o suficiente para que as estrelas tivessem mudado de posição. Contudo, a festa não dava nenhum sinal de cansaço; muito pelo contrário, só ficava mais agitada. O bar servia cada vez mais rápido, a comida continuava circulando e cada vez mais pessoas engrossavam a pista de dança, incluindo uma *boy band* famosa que fora tocar em St. Ives e resolvera dar uma passadinha na festa antes de voltar a Londres.

De repente, o DJ desligou a música e Reuben pegou o microfone. Todos gritaram e aplaudiram, e algumas garotas se digladiaram para ficar bem na frente da multidão, certificando-se de que ele percebia o apoio delas.

– É, isso aí, a maior festa de todos os tempos, né? – perguntou Reuben, num tom blasé.

– Sério mesmo, ele é tipo o Kanye West sem o lado humilde – bufou Kerensa, que viera para o lado de Polly.

De tanto dançar, a pele da amiga estava brilhosa e a maquiagem escorrera um pouco, mas isso só a deixava mais adorável, na opinião de Polly, com uma aparência mais jovem e menos intimidadora.

– Mas estamos aqui para honrar o nosso irmão, Tarnie, e todos os nossos irmãos que conseguiram voltar para casa.

– Valeu, Reuben! – gritou uma das garotas.

Reuben deu um sorriso pretensioso. Kerensa estalou a língua.

– Fala sério!

– Mas olha, ele fez mesmo uma coisa incrível – comentou Polly.

– Seria mais incrível se as pessoas parassem de beijar os pés dele por causa disso.

– Então...

De repente, o pescador de um dos outros barcos se levantou.

– Ah, céus! – exclamou Kerensa, e Polly percebeu, de repente, que a amiga estava mais bêbada do que ela imaginara. – Ele vai cantar “My Way” ou algo do gênero...

O pescador foi até o microfone, olhando a multidão com evidente nervosismo. Todos aplaudiram. O resto dos pescadores logo foi se juntar a ele. Jayden estava na cadeira de rodas e parecia muito magro e ansioso, mas feliz por estar ali.

– Hã... – começou o homem. – Eu só queria agradecer. Ao Reuben. Mas também a cada um dos barcos que saiu pra procurar a gente.

Os aplausos aumentaram.

– Aos incansáveis socorristas.

Um grupo de paramédicos bêbados gritou alegremente.

– A todo mundo que não... – A voz do homem falhou, e ele ergueu o copo. – Aos que não desistiram de nós.

– Aos que não desistiram – ecoaram os convidados.

Jayden foi trazido à frente, tossindo de nervoso. Tirando as ondas que quebravam ao longe, não se ouvia nenhum ruído.

– E para dar adeus ao nosso amigo e irmão, quero dizer algumas palavras – afirmou ele, abrindo uma folha de papel – de Robert Burns, um poeta.

Jayden estendeu a mão em direção ao mar e declamou:

*Jaz aqui um bom e honesto senhor,
Perfeito à imagem de seu Criador.
Amigo do homem, amigo da verdade,
Amigo da velhice, guia da mocidade;
Poucos corações são dotados de tamanha virtude.
Poucas mentes sábias guardam tanta fortitude.
Se há o paraíso, ele encontrou a salvação.
Se não há, sua vida plena decerto não foi em vão.*

Em seguida, um dos pescadores tocou um acorde no violão e os outros se juntaram a ele. Polly não reconhecia a música, mas parecia ser a única, porque toda a festa cantou:

Quem me dera ser um pescador

*No balanço do mar
Longe da terra firme
Das amarguras do continente
E lançar a minha doce linha
Com amor e devoção
Sem teto algum acima
Além do céu estrelado
O luar lá no alto
E você em meus braços
Uhul!*

Kerensa pegou a mão da amiga, e os pescadores, com vozes fortes e graves, cantaram mais alguns versos, e toda a festa ecoou as últimas palavras. No instante em que terminaram, uma luz intensa rasgou o horizonte.

– Olha! – exclamou Polly, impressionada por já ser tão tarde e pela festa ter durado tanto. – Está raiando o dia.

Conforme as últimas notas do violão foram morrendo, uma pessoa da organização da festa chamou os pescadores para descerem do palco e seguirem para a beira da praia, onde havia dezesseis lanternas chinesas – uma para cada homem que retornara – e uma décima sétima, bem maior. Dois homens ajudaram Jayden a se levantar da cadeira de rodas. As lanternas laranja foram acesas e os pescadores as soltaram no ar, entregando-as ao alvorecer do dia, iluminando as últimas estrelas que ainda restavam no céu.

– Agradecemos ao mar – falou Reuben, com simplicidade, para variar. – Por trazer nossas almas para casa. E pedimos que cuide bem de nosso irmão.

Todos ficaram olhando as lanternas flutuarem cada vez mais alto acima das ondas. Por um segundo, o silêncio reverente os envolveu, até que a multidão explodiu em aplausos e gritos.

– E agora: TODO MUNDO PRA FESTA! – gritou Reuben. – Divirtam-se, é uma ordem!

No mesmo instante, o DJ puxou um animado hit de verão que falava em dar bom-dia e ficar vendo o sol nascer, e todos começaram a dançar e se abraçar e comentar como tudo era maravilhoso, ainda mais quando o DJ começou a tocar “Praise You”.

Para o povo de Londres, os jovens pescadores eram celebridades. Polly passou por Jayden em sua cadeira de rodas. Ela ainda não tivera chance de falar com ele; sabia que uma enfermeira muito rígida estava tomando conta do garoto

– na verdade, Jayden nem deveria estar fora do hospital, mas Reuben havia pedido encarecidamente que abrissem uma exceção. Ele estava ao lado de uma moça estonteante de cabelos pretos e grandes olhos castanhos que aquiescia, impressionada, enquanto Jayden descrevia seu sufoco e sua bravura diante da morte certa. Toda hora, a garota tocava o braço dele e o acariciava, compadecida. O olhar dele cruzou com o de Polly e Jayden deu uma grande piscadela. Polly sorriu.

Na lanchonete, uma equipe de chefs servia café, sanduíches de bacon e taças de Buck's Fizz. Polly se serviu e sentou-se ao lado de Huckle, que observava os pescadores cercados dos amigos e da família, todos radiantes.

– Ei – disse ele, feliz em vê-la; muito feliz. – Está gostando da festa?

– Demais. Que noite fantástica – respondeu Polly, dando-se conta de que estava faminta; na semana anterior, não tivera muito tempo para comer. – Todos estão se divertindo tanto.

Huckle abriu seu habitual sorriso preguiçoso.

– E você, está se divertindo? – quis saber Polly.

– Ah, mas é claro. Eu sempre me divirto.

Contudo, Huckle não parecia nada feliz. Polly olhou para ele. Os primeiros raios de sol começavam a se espalhar pela praia, e um deles alcançou os cabelos de Huckle, tingindo-os de dourado. Ela pensou em tudo o que já aprendera sobre ele. E como tinha certeza de que Huckle é que havia convencido Reuben a passar a noite procurando pelos pescadores. Reuben, é claro, não fizera nenhuma menção ao fato.

– É mesmo? – indagou ela.

– Bem – disse ele, com o olhar perdido na água –, digamos que não existe nenhum lugar mais lindo para se estar do que este.

De repente, Polly deixou a taça de Buck's Fizz na mesa e se voltou para ele. Os intensos olhos azuis perscrutaram os dela, tão impenetráveis como sempre.

“Que se dane”, pensou Polly, de repente. “Não tenho mais nada a perder.” Já arriscara tudo quando se mudara para lá, quando recomeçara a vida do nada, quando resolvera fazer pão. Cada um dos riscos assumidos havia compensado muito mais do que se tivesse continuado em Plymouth, vivendo uma vidinha estável em um apartamentinho, com um empreguinho e um financiamentozinho. Todos os saltos rumo ao desconhecido... bem. Por um instante, seus pensamentos se voltaram para Tarnie. Bem, *quase* todos os saltos...

Balançou a cabeça. Sua mente estava complicando tudo.

– Eu...

Notou, de repente, que as mãos tremiam. Ora, não era de se surpreender, afinal, tinha passado a noite inteira acordada. Muito álcool, pouca comida.

Na areia, os paramédicos e as garotas estavam arrancando as roupas, correndo e mergulhando na praia. Cinco segundos depois, parecia que a festa inteira se juntava a eles. Havia uma multidão nadando e brincando na água. A exuberância da coisa toda a fez sorrir. Aquele lugarzinho sob as palmeiras parecia muito mais quieto e reservado, mesmo que clareasse cada vez mais.

– Eu teria... – Ela hesitou, abrindo um meio sorriso.

– Não precisa falar tão rápido, não estou com pressa – ironizou Huckle.

Mas Polly notou um tremor repentino nos lábios dele... ou será que estava imaginando coisas? Ela tomou coragem.

– Eu teria... eu teria tentado de tudo para fazer você feliz.

A frase saiu apressada, quase em um sussurro, mas, ao erguer o rosto para ele, notou que Huckle havia compreendido. Bem devagar, ele respirou fundo. De repente, aquilo que começara como um impulso agora dependia de uma resposta que seria muito importante para ela.

– Polly...

O tom suave e adocicado com que disse o nome dela fez com que Polly sentisse que estava prestes a se desapontar. Achou que Huckle iria pedir desculpas e explicar – como já fizera – que não estava procurando um relacionamento, que Candice o maltratara demais, que eles já haviam falado sobre isso.

Sentiu o toque da mão grande e áspera dele, erguendo o queixo dela para que Polly olhasse dentro dos olhos de Huckle. A música e os sons dos banhistas animados estavam ficando para trás. Ela não conseguia pensar em nada que não fossem aqueles penetrantes olhos azuis, aquele belo rosto. Parecia que Huckle estava buscando alguma coisa; ele a olhava como ninguém nunca a olhara antes: com fome, com curiosidade e com algo mais. Como se tivesse, enfim, encontrado o que procurava.

Só por um segundo – um delicioso segundo –, o mundo inteiro congelou, e Polly percebeu que ele estava prestes a beijá-la. Durante esse longo instante, ela soube que o beijo seria tudo o que sempre sonhara, tudo o que sempre desejara; soube que, depois disso, a despeito do que fosse acontecer, talvez nunca mais fosse querer beijar outra pessoa.

A força e a intensidade dele a pegaram de surpresa; Polly se deu conta de que estava esperando um beijo suave, hesitante, tranquilo como aquele jeito que Huckle sempre tinha, mas, em vez disso, ele a beijou com força, com fome, como

se fosse um homem que se afogava, e ela, sua única chance de salvação.



Capítulo vinte e quatro

Polly não sabia quanto tempo o beijo durara. Não sabia onde estava nem o que estava fazendo – só sabia que seu corpo inteiro se sobressaltara como se tivesse levado um choque quando os lábios deles se encontraram; que, no mesmo instante, sem nem pensar, ela reagia a ele e todo o seu ser estava concentrado nas bocas unidas e no toque das mãos, na necessidade repentina e desesperada de se colar ao corpo dele, de estar perto de Huckle, de sentir a pele dele na sua, de enterrar o rosto no peito de Huckle e se embriagar com o cheiro doce e inebriante dele. Sentia-se faminta, entregue, completamente alheia a todas as outras pessoas que estavam ali.

Então ouviu alguém gritar o nome dela.

– Uau, isso aí, Polly!

Era um dos pescadores, o que tocara violão; ela não sabia o nome dele. Estava bêbado e gritando e, de repente, Polly se deu conta do que estava fazendo, onde e em que circunstâncias. Era errado. Ela recuou, horrorizada.

– O que foi? – indagou Huckle, meio embriagado de desejo.

O cabelo dele cobria a testa, desganhado, e seus olhos brilhavam. Polly fitou o rosto dele. Huckle estava belíssimo. Mas, ainda assim...

– Eu... eu não posso – explicou ela. – Não posso... não.

Huckle arregalou os olhos, atônito.

– Entendo.

Ele já devia ter esperado... Polly ainda gostava de Tarnie.

Ela quis explicar que as circunstâncias é que eram erradas – não apenas erradas, mas publicamente erradas, na frente de todo mundo ali. Mas o rosto dele já tinha se fechado em uma expressão pétrea.

– Tipo... a questão é que aqui não.

– Não. Claro que não, madame. – Huckle olhou o relógio. – Está ficando tarde. Ou já está muito cedo. Um ou outro. É melhor eu ir embora...

Polly aquiesceu, infeliz. Não queria que ele fosse embora, mas não parecia apropriado... nem um pouco.

– Eu também.

Pela praia, as pessoas estavam espalhadas ao redor da fogueira, conversando, dormindo ou se pegando.

– Hã... posso... posso ver você mais tarde? – acrescentou Polly

– É uma cidade pequena... – comentou Huckle, os olhos vidrados no mar fulgurante.

– Sinto muito – falou Polly.

Huckle deu de ombros. Ela o encarou, em uma busca desesperada pelo sorriso gentil ou pela gargalhada sincera, mas é claro que nada disso aconteceu. Ele havia virado uma estátua. Polly o olhou uma última vez, depois se virou e seguiu em direção à praia.

– Merda – falou Huckle, sozinho, enquanto ela se afastava. – Merda, merda, merda.



Capítulo vinte e cinco

Polly seguiu aos tropeços pela praia, com um imenso nó na garganta. Não conseguia discernir rostos; tudo havia se transformado em um borrão. Outra pessoa gritou o nome dela, mas Polly não conseguiu ou não quis ver quem era. Voltou à pista de dança para procurar os sapatos e a bolsa, e não via Kerensa em lugar nenhum. Não estava na areia, nem em nenhuma das belas cabaninhas de madeira branca espalhadas pela areia nas quais pequenos grupos de pessoas podiam conversar em paz.

No fim, encontrou-a atrás da lanchonete – basicamente onde ficavam todas as lixeiras. Viu o vestido fúcsia antes de entender o que estava acontecendo.

– Kerensa! Vem, vamos embora.

Então olhou mais de perto e percebeu que a amiga estava em um tremendo de um amasso, como se fosse uma adolescente. Devia ser com um dos caras que pareciam instrutores de surf. Então Polly piscou e percebeu que...

– Ah, pelo amor de Deus! – exclamou, sentindo que o drama da própria vida nunca conseguiria superar os da vida da amiga.

Kerensa levantou a cabeça para respirar. Estava ruborizada e com o decote do vestido completamente aberto. Seu rosto parecia quente e ficou claro que ela estava muito excitada.

– Ah, olá – falou Reuben.

– O que estão fazendo? Vocês se odeiam!

– Eu beijo muito bem – respondeu Reuben. – E sou muito bom em outras coisas também.

Consternada, Polly olhou para a amiga.

– Hã, pior que é mesmo – concordou Kerensa. Seu batom estava todo

borrado. Ela estava a cara da luxúria.

Polly revirou os olhos.

– É sério isso? – Quando os dois olharam para ela, acrescentou: – Hã... – Coçou a nuca, desconfortável. – Eu tô indo embora.

– Tudo bem – afirmou Kerensa, sem nem se mexer.

– Eu ia embora... com você.

A amiga franziu o cenho. Reuben pôs a mão na coxa dela de forma possessiva.

– Eu não vou para casa ainda. Vou ficar aqui e transar com o Reuben.

– Ah, meu Deus, vocês se merecem mesmo – resmungou Polly, fazendo de tudo para não chorar.

– O Huckle não pode te levar para casa?

Na mesma hora, sentiu o nó na garganta.

– Não importa – foi o que conseguiu dizer. – Vou pegar o ônibus.

– Ótimo – disse Reuben. Depois, virando-se para Kerensa, acrescentou: – Vamos para o meu quarto gigantesco. Espera só até você ver o tamanho do meu...

– TÁ BOM, até mais – falou Polly.

– ... colchão.



Polly cambaleou de volta ao lugar onde deixara Neil comendo restinhos de sanduíche. Ele estava em cima de uma pedra, com uma expressão muito culpada.

– Neil! – exclamou, assustada, olhando a sujeira ao lado dele. – Você passou mal?

Neil piou e saltou nos braços dela.

– Santo Deus, não consigo nem cuidar direito do meu maldito pássaro. Você não pode se empanturrar até passar mal, meu amor.

Neil respondeu com um piadinho.

Com a ave nos braços, seguiu os passos cansados das pessoas que voltavam para onde os ônibus estavam. Achou dois bancos livres no fundo, certificou-se de que Neil estava confortável dentro da mochila, bateu a areia das sandálias e, quase imediatamente, antes mesmo de ter tempo para pensar, caiu no sono.



O dia seguinte foi um domingo miserável. Polly dormiu até as onze da manhã, então acordou e se lembrou de Huckle. Onde ela estava com a cabeça? Por que não pudera esperar até estar em um lugar onde, por exemplo, os pais de Tarnie não estivessem? E será que ele não era capaz de compreender? Polly se lembrou do olhar severo no rosto dele; pensou como, no início, Huckle era tão reservado e distante, pensou no tempo que levaria para que se abrisse e revelasse o garoto amável que era por dentro. Suspirou. Era melhor ligar para ele. Não, era melhor ligar para Kerensa e perguntar o que fazer.

Sem nenhuma surpresa, a amiga não atendeu. Polly tentou não ficar com inveja; é claro que não tinha o menor interesse em Reuben, mas era um pouco difícil lidar com a ideia de que Kerensa estava passando o dia inteiro em uma cama luxuosa e fazendo algo que a própria Polly queria estar fazendo.

Fez menção de ligar para Huckle, mas hesitou, franzindo o cenho. Não queria que ele achasse que ela estava se atirando em cima dele. Em vez disso, se atirou no trabalho, bebendo muito suco de laranja e adiantando os fermentos de *sourdough* para a semana seguinte. A cidadezinha estava apinhada de gente. Alguns turistas vieram bater à porta dela, mas Polly apenas balançou a cabeça, inflexível. Pensou que precisava mesmo de ajuda na loja; se não se cuidasse, poderia acabar virando a Sra. Manse. Xingou-se por sentir tanta pena de si mesma e se concentrou em criar um belo pão trançado para deixar exposto perto da porta; já fazia séculos que queria fazer isso e naquele dia estava com tempo e a energia para tal, embora pensasse, irritada, que ninguém se importava com o que ela estava fazendo. Passou o dia inteiro entregue de corpo e alma aos pães. À noite, exausta, foi dormir cedo, irritada com os sons alegres dos turistas que invadiam a janela.

Foi acordada às dez da noite pelo celular vibrando. Era uma mensagem de Huckle. Ela se levantou de salto, completamente desperta e animada. Será que ele tinha percebido o erro que cometera? Com a mão um pouco trêmula, pegou o celular.

Respirou fundo e leu a mensagem com atenção.

Desculpe o incômodo, mas pode mostrar o caminho da minha casa ao apicultor?

“Bem, fazer o quê?”, pensou. Um pouco formal, mas pelo menos estavam se falando. As coisas só iriam melhorar dali em diante, não? Voltou a pensar nos

lábios macios de Huckle, na pele áspera, no gosto adocicado de seu beijo.

Por quê? Vai viajar?

Quando a resposta chegou, Polly sentiu vontade de atirar o celular longe.

Vou passar uns dias em Savannah.

Incrédula, ficou encarando a tela, meio rindo, meio chorando. Não tinha como ser uma viagem planejada, certo? Huckle teria mencionado alguma coisa. E combinado tudo com calma com o maldito apicultor.

Não, devia ser algo de última hora. Era a mesmíssima coisa que ele fizera da última vez em que tivera problemas na vida amorosa, lembrou, furiosa. Sem mais nem menos, Huckle saíra do país. Que absurdo. Ela não conseguia acreditar. Encarou o celular, tremendo de raiva, e então ergueu as mãos, exasperada. “Aff, pelo amor de Deus!”, pensou.



Huckle fora mais afetado pelo resgate do que deixara transparecer. Tinha atravessado o mundo em busca de segurança e ficara muito abalado ao deparar com a precariedade da vida naquele pedacinho de rocha.

Para piorar, ainda tinha tudo o que acontecera entre ele e Polly. Levava tanto tempo para se abrir depois do fim do relacionamento com Candice, tanto tempo para superar e se sentir curado. E no segundo em que isso aconteceu e que conheceu alguém que julgava que seria gentil e boa, alguém que traria segurança, no fim das contas ela também estava apaixonada por outra pessoa.

Concluiu que era mais seguro voltar para casa. Seu experimento havia falhado. Não queria mais ficar esperando por ali, vendo os mesmos rostos dia após dia. Precisava ir embora. Sem nem pensar, pegara uma muda de roupas e saltara no primeiro trem para Londres.



Pode dizer a ele para passar aqui na padaria, respondeu Polly, depois de um tempo.

Huckle encarou o celular. Bem, era isso aí. A prova de que o que quer que tivesse rolado entre os dois não era nada, não era verdadeiro. Parecia que ela nem

se lembrava... Ou talvez não se importasse. Incrédulo, olhou o saguão do aeroporto à sua volta, cheio de executivos com cara de sono. Será que aquela era mesmo a sina dele? Gostar de mulheres que gostavam mais de outros caras? Talvez caras como aquele homem gorducho na frente dele, com o relógio de dez mil dólares e o copo de vodca na mão, mesmo que ainda estivessem no meio da tarde. Ou o outro executivo gritando ao telefone.

Valeu. Você é uma boa amiga, respondeu ele, com certa amargura.

Polly passou um tempão olhando a mensagem de Huckle. Parecia ter sido pensada com muito cuidado para não deixar nenhuma margem para mal-entendidos; ela não passava de uma amiga para ele, alguém que poderia ser útil no caso de alguma dificuldade logística. Era uma rejeição sutil, clemente. Sentou-se na cama e chorou lágrimas muito amargas. Neil as bebeu, só para mostrar que se importava.



Na manhã seguinte, como sempre, ela abriu a padaria. As pessoas estavam ocupadas, ansiosas para ter algo já pronto para comer. A cidade estava a todo vapor, uma combinação entre a alta temporada e a fama repentina da cidade, e o clima agradável indicava que seria um ano proveitoso para o turismo. Polly pensou que seria bom pôr umas mesinhas e cadeiras de metal do outro lado da rua, na calçada do cais, para que as pessoas tivessem onde sentar para tomar café e comer um pãozinho. Fazia muito sentido. Ela ficou se perguntando se era permitido. E como faria.

Como uma resposta caída do céu, duas figuras apareceram à porta. Eram a Sra. Manse e Jayden, ainda mancando, mas aparentando grande melhora.

– Este garoto precisa de um emprego – declarou Gillian, curta e grossa.

– Não quero mais pescar – explicou ele, sorrindo. – Sabia que as garotas ADORAM perguntar como vai a minha perna? – Seu rosto rosado estava alegre.

– É mesmo? – perguntou Polly. Só de ver Jayden se recuperando, era difícil não sorrir. – Falando nisso, como está a sua perna?

– Quer ver?

– Está nojento?

– Lógico que não – respondeu a Sra. Manse. – Eu nunca botaria um garoto com uma ferida aberta para trabalhar aqui.

– Que alívio – falou Polly.

Jayden mostrou a perna a ela. Faltava um bom naco da panturrilha e, sob as bandagens, a pele enxertada estava um tanto esbranquiçada.

– Que nojo!

– Isso é porque você não viu como estava antes – gabou-se Jayden. – Parecia até que eu tinha sido vítima de um açougueiro maluco. Dava para ver o osso e tudo. Fiz um auxiliar médico desmaiar.

– Hã, meus parabéns. Desculpe, o que exatamente a senhora espera de mim? – indagou Polly, confusa, à Sra. Manse.

– Parece que está precisando de uma ajuda por aqui – respondeu a Sra. Manse.

Polly piscou, atônita, mas logo compreendeu.

– Ah, sim. – Lançou um olhar severo para Jayden. – Sabe dar duro no trabalho, rapaz?

– Já passei tempo até demais nos barcos pesqueiros.

Polly pensou que ele estava coberto de razão. Jayden prosseguiu:

– Consigo limpar duzentos peixes por hora. Acho que consigo dar conta de te ajudar com os pãezinhos.

Jayden tinha um olhar desafiador no rosto, mas parecia um pouco nervoso. Polly se compadecia dele.

– Quer mesmo esse trabalho, Jayden?

De repente, a expressão no rosto dele deixou entrever o menino que fora um dia. Polly teve a impressão de que os olhos de Jayden ficaram marejados.

– Não tem mais nada por aqui. Eu não quero me mudar. Por favor, por favor, não me faça voltar para o mar nunca mais. Não serei capaz de suportar.

A última frase foi dita em um tom apático, enquanto Jayden fitava o chão, e Polly só podia imaginar como fora penoso para ele admitir aquilo.

Ela olhou para a Sra. Manse, que aquiesceu uma única vez.

– Está bem – falou Polly. – Sim. Preciso mesmo de ajuda. Preciso aumentar a minha produção. E você pode varrer. Sabe varrer?

– Passei anos varrendo tripas de peixe no convés do barco.

– Consegue acordar bem cedo?

– No meu trabalho anterior, eu nunca nem ia dormir.

Polly sorriu e disse:

– Desde que não devore toda a produção do dia, acho que isso tem tudo para dar certo. – Estendeu a mão. – Mas nada de gracinha, ouviu? Bem, você até pode fazer um pouquinho de graça com os clientes, mas a senhora Manse é a sua chefe e eu sou a sua segunda chefe. Combinado?

Jayden olhou para Polly, maravilhado, e então apertou a mão dela com força.

– Combinado! Muito combinado! Você não vai se arrepender! – O semblante dele se transformou por completo. – Posso começar agora mesmo? Me dá alguma coisa para varrer.

– Pode deixar, vou arrumar algo para você varrer – respondeu Polly, sorrindo para ele. – E vou ensiná-lo a sovar a massa. E é claro, senhora Manse, assim que Jayden estiver curado, pode me falar quando tiver alguma coisa que ele possa fazer pela senhora, como carregar alguma coisa...

– Não precisa – cortou a Sra. Manse.

A verdade era que a outra padaria estava passando pouquíssimas horas por dia aberta, e Polly já vira alguns clientes confusos olhando para os balcões vazios através da vitrine. A Pequena Padaria à Beira-mar estava rendendo o suficiente para que Gillian trabalhasse menos, e Polly não conseguia deixar de pensar que isso só podia ser uma coisa boa. As novas condições não ajudavam muito na hora de pedir um aumento à Sra. Manse, mas se sentia tão aliviada que as coisas estavam dando certo que não tinha nem do que reclamar. Além do mais, as outras lojas de Mount Polbearne só vendiam peixe com fritas, baldinhos e pazinhas. Polly não tinha muita coisa com que gastar dinheiro.

– Ora, então vamos entrar.

Fez o tour da loja com Jayden. Tinha encomendado a Chris uns aventais com a mesma caligrafia que ele criara, e expunha no balcão alguns cartões de visita do ex, com uma foto do letreiro da padaria para ilustrar seu trabalho de *lettering*. Vários turistas já tinham se interessado pelos cartões. Em vez de focar em design digital, pintar coisas de verdade podia ser um caminho interessante para Chris. Bem, ela estava na torcida.

Polly mostrou a cozinha a Jayden.

– Uau. – Ele se admirou ao ver Polly atiçando o grande forno a lenha, verificando o crescimento de uma leva de pães com um aroma incrível, cheirando o fermento do *sourdough* e acrescentando um pouco de leite na nova leva que preparava. – Isso dá um trabalhão.

Polly lhe lançou um olhar enviesado.

– Está pensando o quê? Que eu apenas vou para os fundos da loja com um molinete e pesco uns pães?

Jayden pareceu desconfortável.

– Isso foi tipo uma piada? Tipo aquelas coisinhas engraçadas que gosta de dizer? Você precisa me avisar quando for piada, para eu poder rir.

– Você não tem que rir. Como está a sua perna? Em quanto tempo acha que

vai poder voltar a levantar coisas pesadas?

– Eu já posso fazer isso agora. Só estou mesmo deixando a bandagem para impressionar as garotas.

– Ah, maravilha! Então tá. Toda manhã... – De repente, Polly se deu conta de como era maravilhoso poder delegar algumas tarefas. – Toda manhã, preciso que você pegue as sacas de farinha lá fora e traga para dentro. Depois, quero que tire o pó de todas as superfícies e varra o chão. E também precisa limpar os fornos... mas é só espanar as migalhas. Pode deixar a pátina. Pátina é essa cobertura meio gordurosa. É boa para o pão.

– Sério?

Polly só olhou para ele.

– Gosta ou não gosta do meu pão?

– Gosto muito.

– Ótimo. Então vou ensiná-lo a sovar. Ah, meu Deus, isso significa que vou poder descansar! E depois *você* pode descansar! Jayden, isso vai ser fantástico!

Jayden deu um sorriso e perguntou:

– E vou poder ficar aqui dentro o dia inteiro?

– O dia inteiro – prometeu Polly.

– E só tenho que chegar no trabalho às cinco e meia?

– Isso aí.

Jayden ficou radiante.



A primeira manhã não foi fácil. Primeiro, Jayden não sabia onde ficavam as coisas, não conhecia os nomes dos diferentes tipos de pão, não conseguia encontrar os sacos de papel e não sabia operar a caixa registradora. Além do mais, todos os clientes que entravam – o que, naqueles dias, se resumia a praticamente a cidade inteira – passavam vinte minutos perguntando como Jayden estava, pedindo detalhes do acidente, querendo saber do trabalho novo, das perspectivas dele para o futuro e de como estavam os nervos da mãe. No fim das contas, Polly fez com que ele se sentasse em um cantinho para conversar e cuidou do serviço sozinha. Haveria outras formas de aproveitar o trabalho de Jayden.

De fato, na primeira oportunidade, pediu que ele limpasse o chão. E foi nesse instante que notou um rapaz meio estranho se demorando diante da porta da

padaria.

– Posso ajudar? – perguntou ela.

O homem, que tinha o pescoço coberto de espinhas e cabelos escuros e oleosos, estava de terno e gravata e respondeu com uma tosse delicada.

– Hã. Eu... eu sou o cara das abelhas...

Polly levou um segundo para entender do que o homem estava falando. E então se lembrou.

– Ah, sim. O Hu... – De repente, irritou-se ao perceber que se sentia mal só de dizer o nome dele. – Hã, me avisaram que você vinha. Só preciso ir lavar as mãos... Aliás, Jayden, vá também lavar as mãos. Quero que lave as mãos a cada quinze minutos.

– Entendido – respondeu Jayden, que cantarolava baixinho enquanto passava esfregão no piso da cozinha. Naquele ritmo, logo a Pequena Padaria à Beira-mar estaria tinindo.

– Nós fechamos às duas – disse ela ao homem. – Pode esperar?

O rapaz aquiesceu, desconfortável, e engoliu em seco. Então foi se sentar na beirada do porto, com o olhar perdido no mar. Jayden e Polly o viam pela vitrine da loja. Havia algo de peculiar nele.

– Aquele homem não tem cara de apicultor – declarou Jayden.

– E como é cara de apicultor? – quis saber Polly, um pouco aborrecida por estar pensando na mesmíssima coisa.

– Sei lá. Mas não é aquela. Posso comer um sanduíche?

– Pode, sim. Todo dia, você pode comer um sanduíche e levar um pão para a sua mãe, mas nada mais, está bem? Você ainda está em fase de crescimento e, se eu bobear, vai devorar todo o meu lucro.

Jayden aquiesceu e comeu um croissant de queijo.

– Nunca vou enjoar disso – comentou ele, satisfeito.

Polly sorriu.

– Se quiser, posso te ensinar a fazer croissant.

Jayden arregalou os olhos.

– Não acredito!

– Mas convém comer também muitas frutas e vegetais – completou ela.



À 1h45, Polly não conseguia mais suportar. Deixou Jayden na padaria para

vender os pães que haviam sobrado e depois limpar tudo. Ele poderia tomar conta do caixa até a Sra. Manse aparecer para fechá-lo. Achava que Jayden nunca seria capaz de roubar alguma coisa, mas mesmo se ele sequer cogitasse a ideia, Polly só precisou dizer as palavras “Sra. Manse” para deixá-lo apavorado.

Então, foi se encontrar com o sujeito.

– Sou Polly Waterford – cumprimentou, estendendo a mão.

– Hã, Dave. Dave Marsden.

O sotaque dele era carregado e as mãos estavam um pouco suadas. Dave parecia muito nervoso.

– Prazer, Dave Marsden. Ok, é uma senhora caminhada até a casa do Hu... bom, até o chalé, mas não há outro jeito de chegar lá, a não ser que tenha algum outro meio de transporte.

Dave deu de ombros.

– Não. Vim de ônibus.

– Está bem. Então vamos logo.

Entregou uma garrafa de água a ele – trouxera duas, supondo, corretamente, que Dave não teria – e os dois atravessaram a ponte, pegando as estradinhas rurais que levariam à entrada da casa de Huckle. De terno, Dave começou a suar na mesmíssima hora. Estava mesmo muito calor.

– Então... – começou Polly, depois de terem caminhado em silêncio durante meia hora. – Como começou a trabalhar com abelhas?

Mais silêncio. Polly olhou Dave de soslaio. Ele estava vermelho que nem um pimentão, até a pontinha das orelhas.

– Hã... – disse Dave.

– O quê?

Os dois já estavam na estradinha coberta de árvores que levava ao pequeno chalé.

–Hã. Eu, na verdade... – Ele tossiu. – Na verdade, ainda não passei muito tempo...

Polly lhe lançou um olhar incrédulo.

– Você foi contratado para cuidar de abelhas. Sabe disso, não sabe?

De repente, parecia que Dave estava à beira das lágrimas.

– Sim – murmurou ele, olhando para os sapatos, que estavam cobertos de lama e folhas caídas.

– Mas assim... – falou Polly, já quase avistando o chalé. – Você *sabe* cuidar de abelhas, né?

–Eu... hã, eu pesquisei algumas coisas na internet...

– Você o quê?!

Dave engoliu em seco. Estava suando por todos os poros.

– Sinto muito. – Ele parecia um garotinho de 5 anos. – Sinto muito. Mas é que eu preciso muito, muito desse trabalho. A agência temporária nunca tinha nenhum trabalho, e então quando eles perguntaram se alguém tinha experiência como apicultor, eu... Eu nem sei o que passou na minha cabeça. Mas é que... – Dave esfregou os olhos. – Minha namorada está grávida – sussurrou. – Eu só...

Polly balançou a cabeça.

– Deus do céu! E se estivessem precisando de alguém no criadouro de tigres?

Dave olhou para Polly, surpreso por ela não estar irritada com ele.

– Você vai contar tudo para a agência? Porque, se fizer isso, eles nunca mais vão me passar trabalho nenhum.

– Você sabe ALGUMA COISA sobre abelhas? – quis saber Polly.

Ela abriu o portão.

– Já disse... pesquisei um pouco na internet. Mas agora já esqueci tudo.

– É mesmo?

Polly pensou na noite que passara ali com Huckle. Estavam tão confortáveis na presença um do outro. Tão felizes. Ele havia mostrado a ela naquele dia, talvez. Possivelmente tudo o que ela precisava saber.



O jardim estava um pouco mais selvagem do que da última vez em que estivera ali. Depois das chuvas intensas e da abundância de sol, tudo estava radiante e em flor de maneira quase excessiva. Grandes fúcias e rosas cresciam ao redor dos troncos, e cada centímetro de grama estava coberto de margaridas e ulmárias, de modo que parecia menos um gramado e mais uma campina. Havia até algumas buganvílias, focos de cor intensa com as flores cor-de-rosa e tons de roxo vivo. As macieiras e cerejeiras estavam carregadas de frutos, e algumas folhas secas já se acumulavam nas raízes. Polly não conseguiu resistir e experimentou uma cereja, mas ainda estava pequena e amarga. “Perfeitas para geleia”, pensou. “Geleia amarga em um bom pãozinho doce.”

Mais abaixo, no leito do riacho, as abelhas zumbiam, animadas. Várias entravam e saíam das flores, fazendo todo o ar vibrar com seu zumbido.

Dave não estava mais vermelho. Seu rosto ficara lívido.

– Jesus Cristo! – exclamou ele. – Tem uns bichos grandes aqui, hein?

Polly se virou para encarar o rapaz.

– Você só pode estar brincando. Só falta me dizer que tem medo de abelha.

– Mas isso é abelha mesmo? – indagou Dave, recuando devagar. – Tá mais parecido com vespa. E não tem gente que morre de picada de abelha?

Polly o encarou, contrafeita.

– Nós ainda vamos vestir os trajes especiais – falou ela, com firmeza. – Venha, as roupas estão lá no barracão.

Como já esperava, o barracão estava aberto. Um ladrão teria que ser muito peculiar e muito dedicado para percorrer aquele caminho todo para chegar à casa de Huckle.

Dave olhou para os trajes e coçou a nuca outra vez.

– O que foi agora? – quis saber Polly, perdendo a paciência.

– Nada, não. É só que eu sou meio claustrofóbico. Tipo, tenho até uma declaração do meu médico. Acho que... Quer dizer, acho que não consigo vestir essa roupa aí.

– Peraí, quando pesquisou apicultura, você pesquisou de verdade ou só buscou “World of Warcraft: Mundo das Abelhas”?

Dave estava absolutamente mortificado.

– Eu não devia ter falado para a agência que podia fazer isso – confessou ele.

– Concordo plenamente!

Polly olhou o relógio. Em Savannah, ainda estaria bem cedo. E não queria ter que falar com Huckle de jeito nenhum, não depois do... bem. Se ele tivesse algo a dizer, sem dúvida teria ligado para ela. Mas isso não aconteceu.

Estar ali no chalé provocava uma tremenda aflição em Polly. Deixou a mente vagar, admitindo para si mesma que nutria pensamentos que não deveria ter; teria amado se, naquele dia, os dois tivessem apenas saído da praia de Reuben e fugido para o chalé, onde, envoltos no aroma inebriante das flores e protegidos pela mais completa privacidade, teriam a liberdade para apenas ficar fazendo amor até...

– Hã, então... – disse Dave. As espinhas no pescoço estavam ainda piores, de tanto que ficava coçando a nuca. – Quer dizer, vai ligar pra agência?

Polly suspirou.

– Para quando é o bebê? – perguntou ela.

– Setembro – respondeu Dave, e seu semblante se animou um pouco. – É uma menina. Nossa primeira filha. Queremos chamá-la de Setembrina. Minha mãe acha bobo, mas a gente gosta. Porque ela vai nascer em setembro, entende?

Polly revirou os olhos.

– Sim. Eu entendo muito bem. – Suspirou outra vez. – Está bem, eu NÃO vou ligar para a agência. Mas você vai ligar para lá e dizer para eles te pagarem só por hoje, tá? E que a gente não vai mais precisar dos seus serviços. E vê se arranja alguma coisa na área de construção. Estão recrutando lá na cidade, tem um monte de reforma acontecendo.

Era verdade. As vendas de casas estavam decolando em toda a área e os andaimes brotavam como cogumelos, respondendo à demanda por conversão de telhados e cozinhas ao ar livre ou com abertura para o exterior.

– Hã, então... É que eu tenho medo de...

– Altura?

Dave assentiu. Polly sorriu e disse:

– Está bem, está bem. Acha que consegue encontrar o caminho de volta para a cidade?

Dave fez uma cara de dúvida.

– É só seguir as placas na estrada – explicou Polly, paciente. – E boa sorte com o bebê, está bem?

– Obrigado – respondeu Dave, com sinceridade. – De verdade. Muito obrigado mesmo.

– Tá, agora pode ir – afirmou Polly com severidade na voz.

Observou o rapaz se afastar, olhando para trás com curiosidade, enxugando a testa na manga do terno e depois tirando a gravata. Ela balançou a cabeça, então vestiu o traje da maneira como Huckle ensinara. Doía ter que se lembrar daquele dia, os dois rindo juntos, ele tentando fazer cócegas nela por cima da roupa. Será que já não havia alguma atração entre eles desde aquele momento? Ou Polly teria imaginado tudo? Claramente sim. Suspirou. Doía, e era uma dor física.

Desceu até onde ficavam as colmeias, feliz por não ter trazido Neil; ele não teria ficado nada feliz. Então, tentou se lembrar de tudo o que Huckle mostrara. Fumigou as colmeias para acalmar as abelhas, depois limpou a poeira, acrescentou xarope de açúcar para o caso de estarem com fome e retirou os lindos favos espessos que já estavam prontos. Não demorou muito e, além do mais, o ambiente do jardim era calmo e agradável, com o rumorejo do riacho e dentes-de-leão flutuando de vez em quando pelo ar. E mesmo que soubesse que estava agindo de forma patética e humilhante, que fosse a antítese da vida nova que estava se esforçando tanto para construir, o gesto fazia com que se sentisse mais próxima de Huckle. Embora não importasse mais, embora ele tivesse partido – e talvez não fosse voltar nunca mais –, uma pequena parte dela ainda podia fingir. Huckle poderia estar dentro de casa naquele exato momento,

tirando uma soneca. A moto também estava lá...

Polly abriu os olhos, irritada consigo mesma. Aqueles pensamentos idiotas não levariam a nada. Mas pelo menos ela estava contribuindo para a sobrevivência das abelhas.



Capítulo vinte e seis

As semanas se passaram sem notícias de Huckle, mas Polly apenas seguiu em frente.

Ficou impressionada com a recuperação de Jayden. Ele estava melhor do que aparentava, feliz e aliviado por não trabalhar mais em barcos, e a perna já mal o incomodava mais. Carregava farinha com facilidade, cuidava da limpeza toda, batia papo com os clientes locais e era cortês com os turistas de fora. (Jayden não era lá muito viajado.)

No embalo, Polly se aprimorou na arte dos pães, o que significava que a padaria não esvaziava antes das três, e tudo bem, porque agora conseguia fazer pausas para descansar. E tinha acontecido mais uma coisa: tinham aberto um restaurante – um restaurante de verdade, com guardanapos de linho branco e copos de vidro, não só garrafas de Fanta – em um dos prediozinhos antigos da orla. Compravam peixes frescos dos pescadores – que tinham adquirido novos barcos com o dinheiro do seguro e agora retomavam o ofício – e pão com a Polly!

Ela estava empolgada. Samantha visitou a padaria um dia e lhe apresentou o filho de um amigo de Londres, o jovem mais talentoso da gastronomia, que colocaria Mount Polbearne no mapa – Polly se poupou de fazer comentários. Samantha fez o chef provar as especialidades da casa e, para a felicidade de Polly, ele achou tudo maravilhoso e fechou uma encomenda de fornecimento diário, além dos pães que ela já assava. Samantha foi muito gentil e negociou uma comissão para Polly, muito maior do que ela esperava, mas quando viu os preços no cardápio – o restaurante se chamava Mount's – não se sentiu nem um pouco culpada. Com a vida pacata que tinha adotado por ali e seu trabalho duro, até

que estava começando a juntar um dinheirinho. A Sra. Manse concordou em dividir o lucro, que, sem dúvidas, estava em ascensão, em ambas as padarias. Polly passou a economizar e criar uma poupança. Não era muita coisa, mas era um bom começo.

Enfim, conseguiu marcar um almoço com Kerensa, que andava misteriosamente fora de alcance, contatável algumas vezes apenas por telefone. Parecia estar presa em uma prisão sexual ou algo assim. Quando se falavam, soava sempre sem fôlego e seminua. As duas foram dar uma olhada no Mount's, examinando o local com curiosidade. Antes, era um quiosque falido de baldinhos e pás, e ninguém se dava ao trabalho de remover os itens de decoração ou pegar a correspondência. Agora estava completamente transformado. Tinha piso de ladrilho e paredes claras modernas, mesas brancas com pequenos limões decorativos e uma fachada de vidro com uma vista incrível do cais. Havia um terraço do lado de fora também, onde os clientes podiam sentar, mas Polly e Kerensa pegaram uma mesa lá dentro, visto que o terraço já tinha sido colonizado por um grupo de pessoas barulhentas que conversavam sobre a cidade de Chelsea.

Kerensa estava maravilhosa, era preciso admitir. Estava com a pele bronzeada e havia ganhado um pouco de peso, o bastante para deixá-la só um pouco rechonchuda, não mais saradona. Os olhos dela tinham uma expressão avoada, sonolenta, e a pele estava impecável. Polly entendeu logo de cara. A amiga estava feliz.

– Quem diria, hein? Você sumiu da face da Terra por causa de um namorado! Assume logo que tá namorando o Reuben!

– Tá louca? Não! Ele é o meu... hum, brinquedinho sexual?

– Eca! Que nojo!

O celular de Kerensa apitou. Tinha chegado uma nova mensagem de texto. Ela deu uma olhadinha, abriu um sorriso metido, desses de dar raiva, e o colocou de volta na mesa, com a tela virada para baixo.

Polly revirou os olhos.

– Aposto que é uma declaração!

Kerensa bebeu um gole da água com gás e mudou de assunto.

– Uau! Esse lugar tá evoluindo, hein?

O garçom era um lindo rapaz de 20 e poucos anos. Polly não fazia ideia de como tinha ido parar lá. Ele anotou os pedidos com prontidão, e Kerensa insistiu em uma taça de Sauvignon Blanc. Polly descartou a possibilidade de voltar para o trabalho mais tarde.

– Mas então... – começou Polly, pisando em ovos. – E o seu trabalho?
Kerensa baixou o rosto e encarou o prato.

– Sabe...

– DESEMBUCHA!

– Sabe o que é? O Rubi ligou para o escritório e ameaçou comprar a empresa e demitir todo mundo se não me deixassem tirar uns dias de folga – confessou a amiga, que pelo menos teve a elegância de ficar constrangida.

– Quem te viu e quem te vê, hein? O que aconteceu com aquele papo de “a casa onde moro fui eu quem comprei”?

– Não deixei de ter comprado a casa – protestou a amiga. – Reuben me ameaçou. Era isso, ou ele me contrataria como consultora. Logo retomo a rotina. Assim que tirar esse chato do sistema.

Fez-se uma longa pausa. O telefone apitou de novo. Kerensa sorriu e enviou uma mensagem de texto de volta.

– Você tem razão. É só um casinho sem compromisso mesmo... – ironizou Polly.

– Não, não, espera. Parei.

Polly revirou os olhos.

– Acho que você tá apaixonada.

– Ele é um pateta – comentou Kerensa, afetuosa. – Sabe, tem algo de muito sexy em alguém que diz que vai ser fantástico e no fim das contas é mesmo.

– Que bom! Sempre fui com a cara dele.

– Alguma notícia do Huckle?

Polly tomou um golão do delicioso vinho gelado que tinha acabado de surgir na mesa. Kerensa tinha decretado que pagaria pelo almoço, sem discussão. Pediram ostras e iscas de petinga, o que era bem mais chique que as refeições habituais de Polly, mas para a surpresa dela, até que estava curtindo.

– Porque foi esquisito, não foi, Huckle sair correndo daquele jeito? Quando ele volta?

Polly não havia contado sobre o beijo na festa para ninguém. Estava com muita vergonha, depois da história toda com Tarnie.

– Não sei.

Ela ia até o chalé a cada dois dias para coletar o mel e dar uma geral em tudo. Também não tinha contado para Huckle que não era o assistente que cuidava do apiário. Ele se sentiria culpado e contrataria outra pessoa. Em todo caso, naqueles dias gloriosos de verão, era bem agradável sair de casa: o zunido letárgico das abelhas, os aromas densos no ar e as flores lindíssimas por todo

lado. Além do mais, o mel vendia bem na padaria.

Kerensa apoiou o copo dela na mesa.

– Aconteceu alguma coisa entre vocês?

Polly respondeu com um meneio tímido.

– OPA! Maravilha! Eu sabia! Huckle é um partidão!

– É, mas ele voltou para os Estados Unidos – disse Polly, tentando parecer forte.

– Ah, isso é coisa passageira. Provavelmente foi botar ordem na casa para voar de volta para cá e ficar com você de vez.

Polly balançou a cabeça, melancólica.

– Não... não deu certo. É só que... foi tão estranho ficar com ele na solenidade do Tarnie. Fiquei um pouco assustada... Daí Huckle se afastou, se fechou de novo. Acho... Acho que botei ele pra correr e agora já era!

– Não seja ridícula – rebateu Kerensa, irritada. – Liga pra ele e diz que você cometeu um terrível engano e que ele tem que parar de ser arrogante e voltar.

Polly balançou a cabeça.

– Huckle não telefonou, não mandou e-mail, nada. Ele deixou o país. Já peguei o recado.

– O recado é que vocês dois são uns tontos.

Polly mordeu o lábio.

– Para com isso! Huckle já me disse que não estava pronto para se envolver. Tinha acabado de sair de um relacionamento bem sério. E, de qualquer forma, quando um cara gosta de você, ele corre atrás. Que nem o Reuben.

– Por acaso você está vivendo na década de 1950? Que bobagem! Liga pra ele.

– Foi só um beijo.

– Às vezes, é pior assim. Não, não foi isso que quis dizer. Ai, Pol, você não tem muita sorte no amor mesmo.

As duas ficaram em silêncio.

– Sou mesmo uma idiota – afirmou Polly. – Achei de verdade que Huckle estava...

– Tenho certeza de que ele gosta de você. Huckle vive atrás de você. Não conversa com mais ninguém, só fica sentado na cadeira, fazendo o Owen Wilson. Quando você aparece, é como se os olhos dele se abrissem. De repente, ele está presente.

– Sério? Ah, não importa. Já não importa mais. Huckle dificilmente vai voltar.

Kerensa ficou em silêncio. Polly se perguntou se a amiga arriscaria mais uma

mentira reconfortante, mas ela se conteve.

– Talvez ele não volte mesmo. Mas você vai ficar bem, não vai?

– Claro que vou! – respondeu Polly, estoica, tomando um golão do vinho. – Eu tenho o Neil.

– Exato!

As duas mudaram de assunto e seguiram jogando conversa fora. Decidiram abraçar de vez o programa, pediram uma garrafa inteira do delicioso vinho branco e, no fim das contas, passaram o resto da tarde rindo.



Capítulo vinte e sete

Huckle sentiu um misto de alívio e estranheza por mal comentarem o retorno dele. Era como se apenas tivesse saído de férias. O que não era mentira, concluiu.

A mãe dele estava contente, claro, mas se sentia tão acostumada com a vida dele na “cidade grande” – que era como ela se referia a Savannah –, fazendo coisas que ela não entendia muito bem, que a viagem para outro país não pareceu muito diferente para a mãe. Os amigos ficaram felizes em vê-lo. Fizeram várias piadinhas sobre cerveja quente e críquete, e o testaram para saber se não tinha ficado com um sotaque esquisito. Huckle conversou com uma firma de consultores que já conhecia, que o contratou imediatamente, e começou a frequentar diversos escritórios ao redor da cidade. As horas passavam devagar, mas o trabalho não era difícil. Era muito bom botar o cérebro para funcionar de novo, pelo menos por ora, e a grana era ótima. Como uma forma silenciosa de mostrar que não se importava, alugou um apartamento igual ao antigo, onde tinha morado antes, o mais distante possível das casas pitorescas da parte velha da cidade, que lembravam muito a Inglaterra: um caixote de vidro, no alto de um arranha-céu recém-erguido. Huckle não tinha quase nada lá, não era nada aconchegante, não tinha tapetes nem edredons nem telhados de sapê. Mas era bacana.

Precisava deixar Mount Polbearne para trás agora, lembrar-se de lá como um sonho. Savannah tinha um porto cheio de barcos imponentes: cruzeiros de férias e cassinos navais que ainda cruzavam a foz vagarosa e lodosa do grande rio Savannah e o pantanal para além dele. Mas havia barquinhos modestos também, e Huckle passou por eles certa noite, quando a temperatura tinha caído um pouco e deu para sair sem se sentir em um forno. A zona portuária de Savannah

era bonita, com quiosques e bares enfileirados, o cheiro de churros e espetinhos no ar e as ruas fervilhando de turistas alegres e rechonchudos vestindo camisetas iguais. Mas Huckle ia até lá para escutar os mastros ao vento. Às vezes, fechava os olhos.

No fundo, sabia que precisava dar um jeito no pequeno apiário quando acabasse o contrato de aluguel, tinha que dar uma passada na Inglaterra para empacotar as coisas que ainda estavam por lá.

Seria melhor não ver ninguém quando fosse, concluiu. Talvez apenas Reuben, rapidinho, embora não confiasse no amigo nem por um milissegundo para ficar de boca fechada e não comentar com Polly. Mas não podia... Tinha prometido a si mesmo que não iludiria Polly, convencido de que tinha sido uma amizade passageira de verão e nada mais, em um momento que ambos precisavam. Só isso.

Mas, claro, Huckle percebeu que se fossem amigos mesmo, de verdade, estariam conversando agora. Todos os dias. E ele bem que gostaria de falar com ela, contar mais da vida, de como estava, de como era Savannah. Adoraria mostrar a cidade a Polly.

Mas ela estava apaixonada por um homem morto. Huckle já tinha se machucado antes, não aconteceria de novo. Além do mais, Polly andava muito ocupada com o sucesso da padaria; não teria o menor interesse nele. Melhor deixar para lá, ficar no lugar ao qual pertencia. E, de qualquer forma, Huckle tinha até se esquecido do quanto gostava de Savannah: a facilidade para conseguir qualquer coisa, o leque de supermercados, o apartamento bacana dele, o burburinho dos bares. Não era de todo mau, disse a si mesmo.

Mesmo assim, ainda caminhava até o cais quase toda noite, só para ouvir os mastros.



Desde sempre, estava fadado a acontecer, mais cedo ou mais tarde. Savannah não era uma cidade tão grande assim. Numa linda tarde rosada de domingo, quando Huckle estava considerando ir ao cinema e depois passar no mercado, esbarrou com Alison, a irmã mais velha e magrela de Candice.

– Huckle! – chamou ela, claramente fingindo estar surpresa. – Não sabia que estava de volta na cidade... Quer dizer, ouvi qualquer coisa.

– Sei. Oi.

– E então, como foi a Inglaterra? Muita chuva? Cerveja quente? Jogou críquete?

– Ah, sim – respondeu Huckle, visivelmente desconfortável.

– Bom, adorei ver você! Preciso ir!

– É... A Candice está bem? – indagou Huckle, sem jeito.

– Ah, ela está ótima!

Huckle esperou pela pontada no coração, mas, para a surpresa dele, não sentiu nada. Em vez disso, ficou um pouco interessado, contente até.

– Legal – falou, com um sorriso no rosto. – Diga a eles que mandei um oi.

– Farei isso, pode deixar – afirmou Alison, e depois saiu andando em direção ao sol.



Conhecendo bem Candice, sabia que ela logo apareceria. E não deu outra. Huckle mal tinha chegado em casa quando recebeu a notificação de um novo e-mail, um convite para tomar um café. Candice não brincava em serviço.

Os dois evitaram os antigos redutos do namoro e se encontraram no dia seguinte, do lado do escritório onde ele estava trabalhando. Ela estava bonita, como sempre: sarada, bem loira, com os saltos batucando na calçada. Mentalmente, Huckle a comparou com Polly, com as longas madeixas ruivas flutuando sobre os ombros, as sardas suaves no nariz, e piscou para tirar a imagem da cabeça.

– Oi! – cumprimentou Huckle. – Você está ótima.

– Estou fazendo uma nova dieta. Você está bem também.

– Também estou de dieta. Como pão o tempo inteiro.

– Isso é puro veneno – rebateu Candice.

– Vai um *latte* com leite de soja?

Ela sorriu.

– Sempre.

Os dois se sentaram ao lado da janela.

– E então, como foi a Inglaterra? Chove o tempo todo lá? Você jogou críquete?

– Não, não. Chove um pouquinho. Às vezes. Mas é diferente daqui, das monções. Você sente uns pinguinhos, aí começa a ventar pra caramba e de repente passa. Mas agora o tempo está incrível. Não é quente e pegajoso como

aqui, fica em torno dos 20 graus.

O termômetro ao lado da caixa d'água de Savannah acusava 35 graus naquela manhã.

– Então você fica de camiseta e às vezes coloca um casaquinho quando o sol baixa. E a cidade é repleta de casinhas de pedra, que parecem empilhadas. Algumas calçadas têm degraus, porque são muito íngremes para subir a pé. Tem só uma rua ou outra, e todas desembocam no cais, e de manhã, se acordar cedo, vê os barcos pesqueiros chegando com a pesca da madrugada, e é possível comprar as peças ali na hora, e limpam pra você, e é o peixe mais fresco que você pode imaginar. E do outro lado da rua, fica uma padariazinha caótica...

Huckle parou um instante, então prosseguiu. Candice ficou olhando para ele, curiosa.

– É uma padaria, a padaria mais incrível que já visitei. Toda manhã, logo de cara, dá pra sentir os aromas maravilhosos das fornadas de pães, e quando ela abre as portas, dá pra comprar pão fresquinho, direto do forno, e comer de pedaço em pedaço sentado na mureta do cais, e em meia hora aparece quase todo mundo da vila para bater um papo e comprar pão, e é assim que Polbearne acorda de manhã.

Pela expressão, dava para ver que Huckle estava completamente imerso nas lembranças.

– Às vezes, se você se comportar, a moça que cuida da padaria serve uma xícara de um bom café também. Mas não pode importunar, ela vive ocupada – acrescentou ele.

Candice arqueou as sobrancelhas.

– Parece que você conhece essa moça da padaria muito bem. – A ex-namorada nunca cozinhava, ela recebia as refeições de uma empresa de nutrição. – Soa como uma boa amiga – comentou, olhando para ele.

Candice torcia para Huckle encontrar outra pessoa. Facilitaria a vida dela, sem precisar se sentir culpada.

Huckle soltou um suspiro.

– Ah, eu não queria complicar as coisas – murmurou.

Contou para a ex do desastre com o barco pesqueiro.

– Nossa! – exclamou Candice. – Que horror! E ela tinha um caso sério com esse Tarnie?

– Não sei – admitiu Huckle.

– Porque, pelo que está falando, parece que você gosta muito dela. – Quando Huckle deu de ombros, ela acrescentou: – E ela talvez goste de você também.

Inclusive, ousou dizer que vocês foram dois palermas.

– Puxa, obrigado pela parte que me toca – rebateu Huckle, enquanto sorvia o café. – Como vai...

Candice ficou um pouco corada e sorriu.

– Ah, sabe... agora que ouvi toda a história da moça da padaria, fico bem mais tranquila em contar que eu e o Ron vamos nos casar.

– Parabéns!

De novo, para a surpresa dele, percebeu que estava sendo sincero. Os dois combinavam. Ron fazia três competições de triatlo por ano.

– Obrigada. – Candice o fitou. – Achei tão precipitado da sua parte fugir para lá. Bom, foi o que eu pensei na época. Mas agora... Não tenho certeza se o lugar não combina com você. Você está ótimo, Huckle.

Ele sorriu.

– Ah, qualquer lugar combina comigo.

Candice arqueou a sobrancelha.

– Hum – murmurou ela, enquanto se apurava para ir embora. – Vê se aparece. Isto é, se resolver ficar pelas bandas.

Candice deu um estalinho na bochecha dele.

– Pode deixar.

Huckle ficou olhando ela se afastar, com o batuque do salto na calçada.



Capítulo vinte e oito

Estavam todos reunidos no restaurante chique de Polbearne, convocados por Samantha e Henry, que apesar de recém-chegados, conseguiram, de alguma forma, assumir as rédeas da cidade. Tinham arranjado bastante trabalho para os construtores locais e convencido os amigos grã-finos a comprar os chalés em ruínas da vila, agradando a todos. A reunião dizia respeito a “O Maior Perigo dos Nossos Tempos”, segundo os cartazes que tinham colocado por toda parte, e quase todo mundo apareceu obedientemente, em parte por interesse, em parte porque não tinham muito mais o que fazer agora que o movimento de verão estava arrefecendo, e em parte porque suspeitavam, com razão, de que o casal talvez fosse oferecer vinho de graça.

Patrick, o veterinário, estava lá; Muriel também, é claro; a Sra. Manse, sozinha, imperiosa; Archie e Kendall, dos barcos, e Jayden. Polly estava sentada à mesa com Neil, que esboçava um bocejo.

– O que está acontecendo? – perguntou ela para Patrick.

Polly sabia que a atmosfera antiga e intocada da vila era o que o atraía em Polbearne. Patrick sentia que tinham algo especial ali, um elo intacto com o passado – entre os residentes mais velhos, vários ainda falavam um pouco de corno, que tinham aprendido com os próprios avós. A ideia de mudança o apavorava.

Nesse instante, Samantha se levantou e deu uma batidinha em uma taça.

– Bom, imagino que já tenham ouvido a novidade – disse, embora soubesse que não era o caso, porque ela própria só tinha recebido a notícia de um urbanista do continente, que Samantha fez de tudo para cativar, para que a deixasse construir um jardim no terraço.

As pessoas balançaram a cabeça, confusas, e Samantha explicou.

A movimentação de verão não tinha diminuído nem por um segundo, mas não era isso que estava mudando as coisas; era o acidente. A polícia havia fechado a praia, e navios especiais tinham aparecido e retirado todo o diesel do cargueiro – cerca de quarenta mil galões –, mas ainda havia muitas mercadorias no fundo do mar, e a embarcação precisava ser levada para um ferro-velho. Todo dia apareciam patos de borracha na praia. Carregados pelas marés, eram encontrados até em Exmouth e Land's End.

Contudo, em Mount Polbearne, o problema era local. Caminhões e escavadoras e mergulhadores precisavam entrar na cidade para trabalhar, e precisavam voltar à noite, independente das marés. Os novos residentes queriam reformar suas casas, o que também significava caminhões e escavadoras. E queriam dirigir seus carros. Os visitantes de bate-volta não queriam arriscar ficar presos na cidade ou recorrer a uma balsa superfaturada para retornar ao continente. Já se falava nisso havia anos, mas a discussão vinha ganhando peso, sobretudo quando um carro quebrou na ponte, em um domingo de verão, bem quando a maré subia, e a família que estava lá dentro, incluindo crianças pequenas, precisou correr, com o coração na boca e a água batendo no joelho. Algo precisava ser feito, era o consenso geral, e o conselho local, animado com a reestruturação da área, fez um apelo para o fundo central de desenvolvimento para construírem uma ponte suspensa que conectasse a cidade ao continente.

O grupo ficou inquieto, então todos começaram a falar ao mesmo tempo.

Alguns acharam a ideia incrível. Abriria a cidade para mais pessoas. Significava que daria para ir até o supermercado sem se preocupar com a hora de voltar. Que não ficariam mais ilhados no inverno, quando as tempestades deixavam a ponte antiga intransitável por dias a fio. Significava que os pescadores conseguiriam levar os peixes para os mercados mais rápido, e que as pessoas poderiam morar em Mount Polbearne e trabalhar em outra cidade. Jayden ficou muito animado e comentou que queria conhecer uma balada em Plymouth e ostentar o novo cargo num ambiente fechado. Os pescadores resmungaram qualquer coisa sobre a perda iminente do dinheiro que ganhavam com o *taxi boat*, mas a maioria entendeu que não dava para conter o progresso. Era só uma questão de tempo. Patrick, claro, se opôs bravamente.

– Por que eles não vão morar nesses lugares, então? Nos lugares onde dá para pedir pizza? E aqui continua sendo o lugar onde não dá para pedir pizza.

De repente, Polly sentiu que adoraria uma pizza, mas achou que seria melhor não dizer nada. Poderia fazer umas pizzas na padaria. Talvez, pensou de repente,

ela mesma poderia fazer as entregas – já tinha o forno, só precisaria ajustar os horários. Seria complicado, mas não impossível, e dada a quantidade de homens esfomeados trabalhando na cidade, tinha chance de ser muito popular.

– Hum... – murmurou Polly, dividida.

– Nada de ponte suspensa! Jamais! – trovejou Henry do alto de seu look com calça de veludo cotelê cor-de-rosa. – Viria todo tipo de gente para cá.

Todos os polbearnenses, incluindo Polly, reviraram os olhos, e pegaram mais uma taça do vinho que Henry estava pagando.



Com isso, tinham muito o que pensar. Era o principal tópico de conversa de todos que entravam na padaria, além do fato de que um artista famoso sondava comprar o farol.

– O FAROL está à venda? – perguntou Polly, boquiaberta.

Ela ainda tinha noites de sono intermitente, mesmo depois de gastar um dinheirão com cortinas blecaute. Como seria possível viver lá dentro?

– Lá dentro não tem problema – explicou Muriel. – É o único lugar em Mount Polbearne onde *não* dá para ver a porcaria da luz.

– Hum – murmurou Polly. – Então o artista vai fechar a compra?

– Não. Não deixaram ele instalar um poste de bombeiros lá dentro nem um tobogã em espiral do lado de fora.

– Por que os urbanistas alegam que não podemos construir um tobogã, mas podemos ter uma ponte monstruosa? – indagou Patrick, apontando para a incongruência.

Ele tinha concedido duas entrevistas para jornais de distribuição nacional – que eram bastante a favor do tradicionalismo de Polbearne, independentemente da vontade local de ter acesso a um supermercado ou não – e estava orgulhoso.

– Bom ponto – afirmou Polly.

Ela caminhou até o farol depois de mais uma noite em claro. A construção se encontrava tão dilapidada quanto o resto de Mount Polbearne – ou metade de Mount Polbearne, ao menos, considerando o ritmo da gentrificação, que, conforme faziam questão de ressaltar para ela de vez em quando, Polly tinha ajudado a começar. Ninguém morava no farol havia muito tempo, desde que a luz passou a ser controlada de forma remota. As listras pretas e brancas estavam descascando, e o chalezinho de granito do lado era minúsculo, bem funcional.

Era um projeto totalmente impraticável. Mas não conseguia tirá-lo da cabeça.

Dia sim, dia não, fizesse chuva ou sol, Polly ia até o chalé de Huckle para dar uma olhada nas abelhas. Tinha virado sua caminhada cotidiana, um exercício próprio, um hábito e, acima de tudo, um tipo curioso de talismã. Ela arrumava as camas, removia as abelhas mortas, dava uma olhada na rainha, esterilizava e enchia as jarras de mel e levava os potes na mochila, embrulhados em jornal, com Neil sentado em cima. O mel ainda vendia bem na padaria, e Polly guardava o dinheiro para quando Huckle voltasse. Mas não tinha recebido uma notícia sequer; estava claro que ele não voltaria. Até onde ela sabia, a ex dele poderia muito bem tê-lo recebido no aeroporto, de braços abertos, pedindo desculpas por ter partido seu coração, implorando que voltasse para ela.



Certa tarde, depois de uma das caminhadas até o apiário, Polly retornou para o cais e, para a sua surpresa, deu de cara com Dave, o assistente faz-tudo.

Era fim de agosto. A manhã já não estava tão iluminada quando levantou para começar a assar os pães do dia, mas ainda estava quente, e a brisa suave de verão estava mais fresquinha.

– Oi! – cumprimentou Polly. – Como vai a sua namorada?

– Vai bem. – Ele parecia mais animado, embora ainda estivesse com as espinhas no pescoço. – A bebê nasceu prematura.

– Ah, não! Mas está tudo bem com ela? E como ficou o nome? Augusta?

– Não. A gente queria dar o nome de Setembrina, lembra?

– Lembro, sim. Imaginei que, por ela ter nascido em agosto... – A voz de Polly foi minguando. Dave ainda parecia totalmente perdido. – Bom... Que maravilha de notícia!

Ele sorriu de novo.

– Ela é incrível!

– Mas, então, o que o trouxe de volta a estas bandas? Não me diga que vai trabalhar na nova ponte. Você não vai dar conta.

Dave fez que não com a cabeça.

– Não. Ouvi dizer que um barco pesqueiro está com uma vaga aberta.

Era verdade. Apesar da alta taxa de desemprego na região, ainda era difícil persuadir os homens a recorrer à pesca, um trabalho perigoso, desconfortável e mal remunerado. A antiga vaga de Jayden no barco de Archie ainda não tinha

sido preenchida.

Polly o encarou com um olhar severo.

– Dave – disse ela, sem querer desperdiçar o tempo de Archie. – Tem certeza que você não tem medo de peixe?

Dave deu de ombros.

– Sei não. Só costumo comer isca de peixe. Mas tenho medo de tubarões.

– Só tem tubarão pequeno nesse mar.

– Mas os pequenos são os mais venenosos. Ah, não, espera, seriam as aranhas?

– Não sei, não.

Archie se aproximou de Dave.

– Vamos lá, rapaz! – chamou ele. E acrescentou, virando-se para Polly: – Você conhece esse cara?

– Hum, mais ou menos – respondeu, sem querer deixar Dave em maus lençóis.

– Acha que ele dá conta?

– Pega leve com ele. Dave acabou de virar pai.

Archie abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Ah, parabéns!

Polly sorriu, e pensou em como Archie tinha um coração mole.

– Você tem filhos? – quis saber Dave.

Archie sorriu.

– Três. Quer dizer, agora tem mais...

Polly se virou para ele.

– Não me diga!

– Acredita? E não somos só nós.

– Como assim?

– Bom, o Bob, da farmácia, está com mais um a caminho. E o Dave, do bar. E a Muriel.

Polly balançou a cabeça.

– A MURIEL? Quantas semanas?

– É... Isso mesmo!

Polly pensou a respeito.

– Sério? No dia da solenidade?

Archie deu de ombros.

– Vai ser a primeira explosão de bebês em Mount Polbearne em cerca de duzentos anos. Vamos precisar de uma escola.

– Não estou acreditando! Que incrível! E imagino que todos os meninos vão se chamar Tarnie.

– Não vão se chamar Cornelius – resmungou Archie. Ele voltou a atenção para Dave. – Você tem medo de trabalho duro?

– Não sei – respondeu Dave.

– Sabe manejar uma faca?

Dave parecia desconfiado.

– Muito bem – continuou Archie. – Isso vai me servir de prática para a paternidade. Vamos lá, maricas!

Dave o seguiu aterrorizado. Polly observou sorridente, enquanto ele oscilava e escorregava pelo cais, todo estabanado. Archie quase teve que carregá-lo a bordo. Polly balançou a cabeça. Bom. Logo veriam se daria certo.

A maré estava baixa, e Patrick se encontrava na ponte de pedra, tirando muitas fotos. Já de volta em casa, sentada à beira da janela, Polly pensou, enquanto abria uma cerveja, que a ideia era esquisita, a possibilidade de a vila mudar depois de séculos e séculos de tradição. E ela tinha chegado para testemunhar o fim. O pensamento a entristeceu.

O celular de Polly começou a tocar.

– Se está ligando para dizer que vai ter filho, parabéns – disse Polly. – Eu faço bolos para batizados.

– Não é bem isso – falou Kerensa, em um tom superanimado. – Mas é uma notícia quase tão boa quanto...



Capítulo vinte e nove

As duas marcaram um encontro emergencial para o dia seguinte. Reuben tinha oferecido o helicóptero para Kerensa ir até lá, mas ela recusou.

– Você é uma tonta mesmo – disse Polly. – Eu adoraria andar de helicóptero. Acho que deveríamos passar o resto das nossas vidas dando voltas e mais voltas no helicóptero de Reuben.

Elas se abraçaram no terraço do bar.

– Vamos nos casar! – anunciou Kerensa, aos berros.

Polly reparou que, nos últimos tempos, toda vez que a amiga falava alguma coisa, soava como se estivesse prestes a explodir. Reuben estava mesmo mexendo com ela.

– Vamos nos casar! AAAH! – continuou Kerensa.

Polly se dirigiu ao bar e pediu um champanhe. Dave hesitou, mas conseguiu pescar uma garrafa no fundo da geladeira.

– Desde quando minha amiga falida pede champanhe? – indagou Kerensa, torcendo o nariz.

– Arrá! – exclamou Polly, sorridente. – Você não é a única com novidades.



O correio tinha passado de manhã – o carteiro sempre deixava as encomendas dela na padaria. Jayden nunca tinha recebido uma carta na vida e ficava fascinado com tudo que chegava, embora a correspondência não passasse de notas fiscais de farinha e papelada bancária. Naquele dia, tinha chegado um

envelope grande de papelão, com um aviso impresso de um lado, pedindo cuidado para não amassar, endereçado a Polly, à mão. Ela reconheceu a letra bonita, espanou a farinha das mãos e abriu o envelope, encucada.

Com cautela, tirou o conteúdo e quase caiu para trás. Era uma pintura: uma linda reprodução da Pequena Padaria à Beira-mar, bem precisa, com mastros e velas ao fundo, pão na vitrine e uma pequena figura aquarelada lá dentro que parecia ser ela. Era deslumbrante.

– Uau, Chris!

– Aquele cara emburrado? – indagou Jayden, apertando os olhos para examinar a pintura. – Ficou MUITO bom – acrescentou, de coração. – Quem me dera saber pintar assim!

– Não ficou? – concordou Polly, cheia de orgulho. – Chris não pintava assim fazia muito tempo. Foi muito legal da parte dele.

Tinha um recado junto. Polly leu e levou às mãos a boca.

– Meu Deus! – berrou ela. – Meu Deus! Vendemos! Vendemos o apartamento! E deu tudo certo... Pagamos as nossas dívidas! Meu Deus, vamos ser liberados! OBAAA!

Polly aumentou o volume do rádio e tirou Jayden para dançar em volta do balcão, que saltitou com ela sem pestanejar. Neil grasnou e pulou para cima e para baixo para não perder a oportunidade de diversão.

– Não sei o que isso significa – comentou Jayden. – Mas parece coisa boa.

– É EXCELENTE! Meu Deus! Estou livre! Livre! Tenho dinheiro! Estou livre! Agora posso... – Polly recobrou a razão. – Nossa, eu poderia me mudar.

Jayden olhou para ela.

– Por que você se mudaria?

– Você mudou de tom – brincou Polly. – Claro que não vou sair de Polbearne. Quis dizer, sair do apartamento. Meu Deus! Eu poderia comprar o apartamento da Sra. Manse. Ou poderia colocar um telhado novo. Eu poderia... – Olhou o papel mais uma vez. – Ah, não sei se chegaria a tanto... Mas mesmo assim!

De qualquer forma, a notícia serviu de motivo para abrir o cofrinho modesto e comprar um champanhe. Polly resolveu ser altruísta e doou o quadro para o jovem rapaz gentil do restaurante, que o vendeu por uma fortuna quase imediatamente e logo encomendou novos quadros, que também foram vendidos rapidinho. Por fim, Polly guardou o décimo para ela, antes que não pudesse mais arcar com a arte.



– Então... – disse Polly, enquanto se ajeitava na mesa do terraço, sem conseguir conter o sorriso.

Kerensa a abraçou e comentou quão feliz estava com a notícia e como mal acreditava que estava falando com a mesma pessoa tristonha e miserável de seis meses atrás, ao que Polly revirou os olhos e retrucou que, sério, não tinha ficado *tão* mal assim, e Kerensa respondeu que tudo bem, Polly tinha razão, a amiga estava radiante, superfeliz, e as duas caíram na gargalhada.

– E aquela história do cara que você odiava? – perguntou Polly.

– Isso foi antes de fazer sexo com ele. Nossa!

– Tá bom, já entendi. Não precisa jogar isso na cara de alguém que nunca mais vai transar e se contentou em ser uma empreendedora de sucesso. Parabéns!

– Nem me fale! Vai ser incrível. Vamos fazer uma festa de arromba!

– Rá! Você está começando a soar como Reuben.

– Somos muito parecidos, em vários sentidos. Com a diferença de que ele é um pentelho, e eu não.

Polly sorriu.

– E você vai ser a minha madrinha – acrescentou Kerensa, balançando a taça de champanhe.

– Estou velha DEMAIS para isso.

– Não me venha com essa! Você vai ser a madrinha e ponto final. Preciso de um bilhão de madrinhas. Vamos nos casar nos Estados Unidos.

– Não me diga!

– Pois é. A família de Reuben tem uma propriedade enorme em Cape Cod, de frente para o mar, parece que é bem bacana.

Kerensa tentou dizer isso de um jeito que indicasse que não era grande coisa, mas as duas não se contiveram e rolaram de rir.

Atraída pelo estouro do champanhe feito um ímã, Samantha deu as caras no terraço do bar e se aproximou delas. Parou de repente, a alguns metros de distância, quando o sol iluminou o anel de noivado de Kerensa, com uma pedra absurda de grande que cegava todos no perímetro.

– MEU DEUS DO CÉU! – exclamou Samantha. – QUE BAITA NOVIDADE, HEIN!

– Nem me fale – concordou Polly. – Quer um pouco de espumante, ou por

acaso está grávida também?

Samantha se juntou a elas no mesmo instante e encheu Kerensa de perguntas sobre o tamanho da propriedade em Cape Cod, o número de convidados, as opções de bufê. Então, ficou em silêncio, colocou as mãos imaculadas no pequeno colo e suspirou. O anel de noivado dela era enorme, mas nada comparado ao de Kerensa, que, tecnicamente, poderia ser classificado como uma arma.

– Sabe, acho que nenhum dos nossos amigos esteve em um casamento assim. Polly e Kerensa trocaram olhares.

– Sinta-se convidada – disse Kerensa, gentil.

Samantha soltou um gritinho de empolgação.

– Mas sabe que o Reuben está insistindo em fazer uma festa com o tema Star Wars?



As garotas deixaram o bar mais tarde, alegrias, e caminharam até as docas, onde havia uma comoção. Polly foi ver o que estava acontecendo. Dave segurava um peixe gigantesco, com o rosto vermelho, tamanha a sua alegria.

– Não me diga que você pegou isso! – exclamou Polly.

Dave estava com um sorriso no rosto. O peixe era do tamanho do peitoral dele.

– O primeiro bacalhau grande que vejo pelas bandas há anos – comentou Archie. – Parece que as cotas de pesca estão mesmo funcionando.

– E foi o *Dave* que pescou? – indagou Polly, tentando disfarçar o tom de descrença.

– Está brincando, né? O cara é um pescador nato. Não tem medo de nada.

Dave não conseguia conter o sorriso. Jayden saiu da padaria para tirar uma foto.

– Adoro pescar – confessou Dave a ele. – Não sei como você conseguiu largar a profissão.

Jayden esfregou os dedos no avental branco. A barriga dele já dava os sinais da mudança de carreira, com a promessa de uma pança digna de nota para os anos seguintes. Sendo Jayden, claro, Polly sabia que ele não responderia com malícia.

– Muito legal – disse ele. – Você vai vender esse peixe para o quiosque do

Andy? – Jayden ajeitou todo mundo para que pudessem tirar uma foto em grupo. – A gente devia pendurar essa foto na janela dele. Para todo mundo que for lá saber que o bacalhau que compraram vêm desse peixe.

– Assim, ele pode aumentar o preço mais ainda – murmurou alguém.

Andy não perdia tempo, tirava proveito de qualquer negócio novo, sobretudo durante a maré alta. Mas as iscas de peixe e as batatas continuavam estalando, mais crocantes e salgadinhas que nunca. O peixe era carnudo, aveludado e vinha em porções generosas, de sobra, então ninguém se importava muito.

Kerensa e Polly deram um pulo no quiosque para pegar fritas e Fanta, hábito que se tornou usual, então sentaram na mureta, com as pernas balançando.

– Você não está de dieta para o casamento? – brincou Polly.

– Para com isso! Além do mais, só Deus sabe o que vou vestir.



Capítulo trinta

As coisas estavam mudando, pensou Polly, enquanto caminhava pela cidade, levando a caixa de dinheiro para a Sra. Manse. Precisou pedir licença para abrir caminho; nem mesmo os carros conseguiam passar pelas ruelas, estreitas demais para eles. As pessoas estranhavam Neil, empoleirado no ombro dela, o que fazia com que Polly se sentisse a louca dos gatos e era extremamente irritante. Embora a padaria estivesse indo bem, ela não se sentia segura com tanta gente nova na casa dela, e a ponte suspensa pioraria ainda mais a situação. A campanha antiponte seguia firme e forte, mas será que conseguiriam refrear o progresso?

Fazia tempo que não passava na velha padaria. Jayden costumava cuidar disso. Quando a Sra. Manse soltava os cachorros para cima dele, tudo parecia certo no mundo. Por isso, Polly ficou surpresa ao ver Gillian agachada atrás do balcão, enquanto um homem que nunca vira gesticulava para ela.

Sem pensar duas vezes, Polly entrou. O homem estava de calça vermelha e tinha um sotaque londrino ruidoso, abrasivo. O rosto dele era tão vermelho quanto a calça, e estava berrando tão alto, que voava cuspe. Nenhum dos dois notou a presença dela.

– Você não pode cobrar por essa merda! – gritava ele. – Não dá pra comer isso! Vou pegar o código do consumidor pra você ver! Se um supermercado fizesse isso, seria interditado na hora. Você está roubando pessoas de bem com essa porcaria de sanduíche! É um roubo! A maionese está estragada.

De repente, Polly se sentiu dividida entre a paixão por uma comida decente e honesta – uma verdadeira paixão sua – e a defesa daquilo que agora, mais do que nunca, parecia ser sua cidade natal, seu povo.

Ela tossiu alto. O homem se virou, ainda furioso. Era grandalhão.

– Com licença – disse Polly, e sentiu o sotaque sair mais corno, mais local que a pronúncia genérica do sul da Inglaterra, de costume. – É a nossa cidade, não é? Se não gosta dos nossos sanduíches, a porta da rua é a serventia da casa.

– Mas esse sanduíche está passado.

– É assim que a gente gosta – rebateu Polly, cruzando os braços com audácia.
– Sugiro que seria uma boa ideia você ir embora. Aliás, diga a seus conterrâneos para não darem as caras por aqui também, porque se forem todos brutamontes que intimidam velhinhas, melhor nem virem, não acha? Agora, tem certeza de que quer continuar destrutando uma senhora de 80 anos? Porque tenho o número do delegado Charlie aqui. – Ergueu o celular em tom ameaçador.

– Esse lugar não presta! – esbravejou o homem, com raiva. – Vão pro inferno!

– Se for para ficar longe de gentilha como você, então é pra lá que eu vou mesmo.

O homem bateu a porta caquética de madeira com tanta força que a padaria inteira estremeceu. Polly olhou para a Sra. Manse. Ela estava branca.

– O que está acontecendo com você? – indagou Polly, tentando fazer piada. – Normalmente você bota uns nove caras desse para correr antes mesmo do café da manhã.

A Sra. Manse se debruçou no balcão. O homem tinha jogado o sanduíche por cima dele, e havia manchas de molho velho de salada por toda parte. As mãos dela estavam tremendo. Polly tentou amenizar a situação.

– Não acha que estou virando local? Não me passo bem por polbearnense?

A Sra. Manse não disse nada, apenas fitou o balcão. Polly deixou a caixa de dinheiro em cima da bancada e se dirigiu a ela.

– Olha, senta um pouco. Aquele cara não passa de um beberrão. Não deixa isso te afetar. Ele é um idiota completo.

A Sra. Manse largou o próprio peso em um banquinho e balançou a cabeça.

– Eles estão por toda parte. Estão aqui agora. É a vida. E vão construir a ponte suspensa e será um verdadeiro desastre.

Polly inclinou a cabeça.

– Bom, estamos com muito mais turistas. Isso é bom, não é? Nunca ganhamos tanto dinheiro. Vamos nos dar bem, você vai ter uma aposentadoria confortável.

– Tenho quase 80 anos. Não quero mais fazer isso.

Polly examinou a loja, que estava toda empoeirada, negligenciada.

– Bom. Eu tenho... Não tenho lá muita coisa, mas tenho um dinheirinho

guardado, que talvez sirva para...

A Sra. Manse balançou a cabeça outra vez.

– Não quero o seu dinheiro. Continua me pagando o aluguel e guarda o resto. Tenho o bastante guardado. Quero morar com a minha irmã em Truro. Eles têm bingo lá.

– Ah, parece... Parece uma boa ideia – falou Polly, tentando soar encorajadora. – Mas tem certeza de que quer deixar Mount Polbearne? Você morou aqui a vida toda.

– E isso só me trouxe...

A voz da Sra. Manse foi baixando. De repente, Polly sentiu que Gillian deveria estar jogando bingo com a irmã há muito tempo. E o que a velha senhora disse em seguida a pegou de surpresa.

– Sabe, preciso te agradecer.

Polly a encarou.

– Como é que é?

A Sra. Manse assentiu.

– Antes de você chegar... Eu não podia sair daqui. Não podia ir embora, entende? A cidade teria morrido sem uma padaria. Sim, eu detestava o cargo. Foi ideia do meu marido, na verdade. Mas fiz isso por ele e pela cidade, porque é a minha cidade, e ninguém mais faria. – O semblante dela parecia distante. – E perdi o Alf e o Jimmy e, bom, isso foi... – Houve um longo silêncio. – Então você apareceu com suas ideias rebuscadas e um palavreado metido a besta e planos tolos para mudar as coisas... E, bom, funcionou. Em parte, pelo menos.

Polly sorriu.

– E agora não precisam mais de mim. Está vindo cada vez mais gente aqui, e não precisam de mim. As pessoas preferem frequentar um lugar que deixa aves oceânicas pisarem na farinha.

A última parte saiu como um resmungo. Polly deu um tapinha no ombro dela. A Sra. Manse ergueu o rosto e olhou pela janela.

– Eu sabia – continuou ela. – Já sabia, quando o jovem Tarnie não voltou para casa. Os outros pescadores retornaram, mas o meu garoto nunca voltou.

– Eu sei – disse Polly, em um tom respeitoso.

– Agora eu sei, sei bem, você sabe. Eu sei... – A fala dela estava truncada, parecia um pouco confusa. – Sei que ele não... Sei que eles não... – Ela agarrou a mão de Polly de repente, com uma força surpreendente. – Espero que eles estejam juntos, o Jim e o Cornelius. Onde quer que estejam.

Então, debulhou-se em lágrimas.

Polly agiu rápido e virou a placa do estabelecimento para “Fechado” – não era como a Pequena Padaria à Beira-mar, onde haveria uma fila enorme até o cais àquela altura; ninguém passava por ali. Trancou a porta e imediatamente se dirigiu aos fundos da loja e ligou a chaleira.

– Que tal um chá? – sugeriu. – Um chá quentinho e aconchegante.

– Eles nunca voltam – declarou a Sra. Manse.

E embora Polly soubesse que ela se referia ao marido, ao filho e a Tarnie, só conseguia pensar em uma pessoa longínqua, cujo cabelo reluzia ao sol... Enquanto esquentava a água, observou a Sra. Manse e refletiu. Será que não estava fazendo a mesma coisa? Deixando tudo arrumado para Huckle, assim como a Sra. Manse nunca se ausentava, com receio de não receber os homens quando voltassem para casa? No caso de isso acontecer. Não havia mais chance de Huckle voltar, não mesmo. Nenhuma chance. Gillian Manse tinha levado um bom tempo para encarar a verdade. Quando seria sua vez?

Polly fez a Sra. Manse beber o chá, então subiu com ela até o apartamento e, sem muita dificuldade – a senhora ainda estava resmungando –, convenceu-a a se deitar. Telefonou para Archie e pediu para ele encontrar a irmã da Sra. Manse, em Truro, então se sentou no apartamento abafado à espera da médica, que só poderia atendê-la quando a maré baixasse.

Enquanto aguardava, Polly notou que a foto, a velha foto que havia encontrado na gaveta, tinha sido resgatada e se encontrava exposta sobre o móvel da televisão. Estava até polida. Polly percebeu que Gillian estava falando a verdade; tinha aceitado o destino dos meninos dela e sabia que não voltariam para casa.



A médica chegou esbaforida.

– Quanto antes resolverem essa questão da ponte suspensa, melhor – reclamou. – Isso é ridículo! Medieval! Como conseguem viver assim?

Polly olhou para ela.

– A gente gosta – respondeu, na defensiva.

A médica examinou a Sra. Manse e declarou que ela estava bem, tirando a obesidade. Então fez uma pausa, fungou e declarou:

– Mas é o normal nos dias de hoje. Ainda mais com todo esse pão branco.

Polly não foi com a cara da jovem médica. A doutora prosseguiu:

– No fim das contas, ela só está um pouco confusa. Eu diria que é um mal-estar relacionado à idade, e recomendo que ela não fique de pé por muito tempo, não importa o que faça.

– Acho que ela quer jogar bingo – comentou Polly.

– Perfeito – respondeu a médica. – Ela ainda está trabalhando?

– A Sra. Manse cuida da padaria por conta própria.

A médica balançou a cabeça.

– Não, não pode. Ela não tem mais condições de fazer isso.

– Tudo bem – disse a Sra. Manse, sonolenta. – Essa moça vai cuidar de tudo para mim a partir de agora. Não vai, Polly?

Polly se deu conta de que era a primeira vez que a Sra. Manse a chamava pelo nome. Normalmente, ela só se referia a Polly como “você”, como em: “Você arruinou esta vila.”

Ela apertou a mão enrugada de Gillian.

– Claro que vou. Prometo.



Capítulo trinta e um

Passaram as estações, e novas lojas foram abertas em Polbearne: uma venda de peixes por encomenda, que pagava bem os pescadores e ficava do lado do restaurante de frutos do mar, e uma loja de roupas infantis e miudezas que surpreendia Polly por se manter funcionando.

Ambas as padarias estavam prosperando. Tinham contratado mais um funcionário e Jayden geria tudo com tranquilidade. Ele cuidava das fornadas rotineiras e do trabalho pesado, permitindo que Polly focasse na experimentação com novos sabores e técnicas, coisa que ela gostava bastante. Polly tinha ganhado uma menção honrosa em um jornal de domingo, o que a deixou bem contente. Saía em poucos encontros românticos, um com um amigo surfista de Reuben que só falava de surfe e não se interessava por mais nada, outro com um arquiteto que estava trabalhando em uma das reformas, mas com quem não teve química, por mais que dissesse a si mesma que a história com Huckle não passava de uma amizade que tinha dado errado e nada mais. De qualquer forma, tinha coisas demais na cabeça para ainda se preocupar com isso, como o Natal com a mãe, o irmão e os sobrinhos, Reuben e Kerensa e os pais de Kerensa. Foi um tanto constrangedor quando Reuben e Kerensa ficaram se pegando em cima da bandeja de biscoitos de Natal, mas a igreja antiga sediou uma missa e tanto. Todos estavam congelando, mas agradecendo por um ano que poderia ter sido bem pior, e foi tudo muito divertido.

Porém, à medida que a primavera e o casamento se aproximavam, Polly foi ficando ansiosa de novo. Tinha optado pela abordagem do “Oi. Tudo bem?”, mas se Huckle aparecesse com a ex, se aparecesse com qualquer pessoa, sabia que ficaria arrasada, sem a menor sombra de dúvida.

A maioria das pessoas não sabia sobre o episódio dela com Huckle, nem perguntavam nada. Kerensa se prestou a desconvidá-lo, mas Polly ressaltou que ele era o padrinho de Reuben. A amiga disse que não importava, que o noivo fazia tudo que ela pedia. Polly apenas sorriu e falou para ela não ser ridícula, fora só um beijinho séculos atrás. Quem ainda estaria incomodada com uma coisa dessas?

Quando chegou a primavera, um por um, nasceram os bebês: um Tarnie, um William, um com Tarnie de nome do meio, duas Cornélias e uma Marina. (Uma das Cornélias era de Samantha, que, no fim das contas, estava mesmo grávida – só que era tão magra que ninguém tinha percebido.) As pessoas começaram a debater, com frequência, a necessidade de uma escola em Polbearne, o que inevitavelmente levava ao tema da ponte suspensa. A vila ainda estava bem dividida. Seria uma montanha-russa emocional até a reunião trimestral de planejamento.

Reuben e Kerensa queriam que a cerimônia de casamento deixasse todos boquiabertos. De Mount Polbearne, só Polly ia, para cumprir o papel de dama de honra, o que a deixava bem nervosa. Samantha não podia por causa da filha. Archie tinha sido convidado, mas não estava disposto a deixar o bebê recém-nascido, a luz dos olhos dele. Jayden precisava cuidar da padaria.

Polly ensaiou para permanecer calma e contida. Dizia a si mesma que Huckle mal se lembraria dela: uma garota qualquer que tinha conhecido no período sabático. Perguntou-se se esse cenário seria possível mesmo quando ela aparecesse vestida de princesa Leia, com uma rosca de cabelo em cada orelha.

– Por que VOCÊ não faz esse penteado de roscas, então? – soltou ela, furiosa, em uma das inúmeras ocasiões em que brigou com Kerensa por causa disso.

– Porque eu serei a princesa *jovem*. O Reuben acha que os episódios do prólogo, que saíram depois, são muito subestimados.

– Isso é porque ele sempre está errado – resmungou Polly, tentando fazer as tranças de novo.

– Coloca uma peruca – aconselhou Kerensa.

– Sem chance! Vou parecer uma doida varrida.

– Com essas roscas vermelhas, já vai parecer uma doida varrida de qualquer jeito.

– Respeita minha ruivice! – retrucou Polly. – Não estou acreditando nessa ideia idiota do seu noivo. Sério, vai todo mundo a caráter ou só eu?

– Todo mundo vai. Todos os quinhentos convidados. Reuben está levando a coisa toda muito a sério.

- QUINHENTOS CONVIDADOS?
- Não se preocupa. Você não conhece ninguém.
- Ah, ótimo. Isso ajuda. E quem o Reuben vai ser, hein? O Luke?
- Não! O Darth Vader. Vai ser hilário.
- Você não pode estar falando sério.
- Juro! Vai ser incrível.
- Você vai se casar com o Darth Vader.
- Acho sexy.
- Ele tem asma. E é do mal.
- Bom, eu, particularmente, acho que vai ser um arraso.



Quinhentos amigos e familiares de Reuben e Kerensa tinham feito reservas nos hotéis próximos à mansão de veraneio, mas Polly só pensava em um deles. Não conseguiu pregar os olhos durante o longo voo, nem conseguiu comer. Quando chegou lá, atrasada para o ensaio, o que deixou Kerensa de cabelo em pé – “Você precisa caminhar na velocidade certa” –, desejou mais do que tudo que o hotel permitisse que ela usasse a cozinha para fazer pão e acalmar os nervos. Mas, em vez disso, ficou se revirando na cama, da enorme suíte de luxo, tentando não surtar com a cara de cansaço e jet lag do dia seguinte. Por fim, em torno das quatro da manhã, caiu no sono, para então acordar bem tarde no dia seguinte. Era uma manhã linda, tipicamente americana. O sol brilhava e o Atlântico parecia mais azul e mais extenso do que do outro lado. Polly pediu café na cama, encarou a fantasia branca pendurada em um cabide atrás da porta e soltou um resmungo.

Não conseguiu botar nada para dentro além de uma xícara de café. Ficou morrendo de medo de ver Huckle de novo, sobretudo quando Kerensa esmurrou a porta e a arrastou para uma sessão elaborada de cabelo e maquiagem. Quando viu o cabelo trançado naquele formato ridículo de fones de ouvido, ficou com vontade de chorar. Kerensa, por outro lado, estava bem bonita, com uma maquiagem clara, um vestido extraordinário tipo quimono, bem longo e elaborado, e um coque no topo da cabeça, com um aplique que claramente juntava o cabelo de mais quatro outras pessoas só por precaução.

- Uau! – exclamou Polly.
- Eu sei – disse Kerensa. – Incrível, né?

O casamento era ao ar livre, em um lindo gramado. A estrutura contava com um pavilhão que desembocava na beira da água e cadeiras dispostas com laços enormes nas espaldas. Os laços eram pretos, com uma padronagem de Millennium Falcon.

– Quem são todas essas pessoas? – indagou Polly, curiosa.

– Ah, todo mundo adora o Reuben – explicou Kerensa, complacente.

Polly a abraçou.

– Te amo.

– Cuidado com o quimono! – Kerensa abriu um sorrisinho. – Eu também te amo. Convidei todos os amigos riquinhos e gatos dele. Deve ter ALGUÉM nesse casamento que não precisaria se mudar para outro continente se beijasse você.

– Os caras vão se mudar *antes* mesmo de me beijarem, assim que virem esse penteado que mais parece um fone de ouvido... Meu Deus, são Ewoks ali? Devem estar morrendo de calor.

A famosa trilha de Star Wars, executada pela Orquestra Sinfônica de Boston, começou a tocar quando por fim passaram pela porta francesa que dava no jardim. O caminho estava forrado de pétalas de rosas brancas e pretas. Polly apertou a mão de Kerensa.

– Aaaahh! – fez Polly.

– Uhul! – exclamou Kerensa.

O pai de Kerensa, por quem Polly sempre nutriu muito carinho, tentava manter a dignidade vestido de Obi-Wan Kenobi. Pai e filha se abraçaram, então Kerensa, dura feito estátua em sua fantasia enorme, indicou à daminha – Cadence, irmã de Reuben, uma menina gordinha e legal, vestida de ama vermelha ou algo do tipo, com chifres – que era hora de jogar as pétalas vermelho-sangue diante da comitiva.

Polly entrou agarrada a um buquê de flores brancas, tão nervosa que pensou que fosse vomitar. A princípio, ficou olhando para o chão enquanto caminhava, mas quando começaram a bater palmas (algo comum em casamentos americanos, pelo visto), levantou o rosto.

E lá estava ele.

Reuben decerto estava em cima de uma caixa, ou de salto alto, ou algo assim, porque, se fosse ele mesmo por trás da máscara de Darth Vader, estava muito mais alto que o normal. E do lado dele, por incrível que parecesse, mais tranquilo e lindo que nunca, vestido de Han Solo, com um colete de couro todo moderno, estava Huckle.

Polly mordeu o lábio e continuou andando. Suspiros anunciavam a chegada

da noiva atrás dela. Isso era bom. Polly sentia que ninguém estava prestando muita atenção nela. Fora instruída a seguir até o altar e parar do lado esquerdo do rabino, ao lado da noiva. Huckle estava do outro lado, é claro. Mas ele se aproximou dela imediatamente e estendeu a mão. Polly engoliu em seco.

– Olá – sussurrou ele.

– Olá – respondeu ela.

Como se nunca tivesse se afastado, Huckle plantou um beijo suave na bochecha dela e a puxou para o lado dele, sem dar bola para os resmungos de Reuben.

– Gostei do seu cabelo.

– Nem vem! – disse ela, com o coração a toda.

– É sério!

– Olha esse colete! Impossível te levar a sério desse jeito.

Os dois fizeram cara de solenidade quando Kerensa, que parecia mesmo uma rainha, tomou seu lugar ao lado de Reuben, sibilando para Polly voltar para o lugar certo. Polly fingiu não ouvir. Reparou que Reuben estava usando botas com plataforma.

Por dentro, o corpo dela explodia de alegria, como se soltasse fogos de artifício. Não conseguiu esconder o sorriso no rosto e o brilho no olhar quando Huckle pegou a mão dela, com carinho. Todas as dificuldades, a separação, as longas noites de inverno, as noites solitárias, os dias compridos, o fato de que o reencontro era temporário; todas essas coisas se dissolviam só de estar perto dele.

– Cadê o Neil? – sussurrou ele.

– Sabia que não emitem passaportes para aves oceânicas? Uma tristeza.

– Se ficarmos parados aqui um tempo, ele provavelmente vai encontrar a gente.

Polly sorriu.

– Assim que todos se aquietarem – disse o rabino, bem direto, olhando feio para eles –, podemos começar.

– Minha rainha – recitou Reuben, em um tom grave e monótono, lendo um cartão. – Que a Força esteja conosco conquanto viajamos pela galáxia da vida. Prometo nunca ceder ao lado negro...

– Tarde demais para isso – sussurrou Huckle.

Polly deu um tapinha nele.

– ... e permanecer para sempre à luz do nosso amor. Prometo combater o império do mal e ofereço a você um lugar a meu lado, para dominarmos a galáxia juntos.

– Aceito – disse Kerensa, e pegou o cartão com os votos dela.

Polly mordeu o lábio com muita, muita força.

– Meu Jedi, meu amor. Aceito sua mão e sua promessa. Que a Força permaneça conosco. Seja sempre um Jedi, que sempre estarei com você.

– Aceito – repetiu Reuben, com a voz ríspida por causa da respiração pesada por trás do capacete.

Polly sentiu que estava um pouco histérica. Não ajudou o fato de que, após concluídos os votos e o rabino anunciar que Reuben podia beijar a noiva, ele não conseguiu tirar o capacete. A maioria das pessoas estava ovacionando o casal e não percebeu de imediato o esforço titânico para tirá-lo dali. Kerensa tentou ajudar, mas não conseguiu levantar os braços por causa do vestido enorme. O rabino precisou dar um passo a frente para tentar soltar as fivelas, ao passo que Reuben ficou praguejando, furioso, o tempo todo.

Polly sentiu a mão insistente de alguém puxar a dela.

– Vem comigo.

– Ainda não podemos ir embora.

– A gente volta antes de o Reuben conseguir tirar esse treco.

Huckle puxou Polly para um canto do caramanchão florido – a movimentação deles passou despercebida – e a conduziu até um pequeno declive na praia, onde ninguém podia vê-los. Lá embaixo, pegou as mãos dela.

– Sinto muito pela morte do seu namorado – começou, com cuidado.

Polly o fitou.

– Eu... Eu gostava do Tarnie. Mas ele não era... A morte dele foi terrível, mas a gente... Sabe, não estávamos juntos.

– Você agiu como se fosse errado.

– Ai, Huckle! Naquele momento! Não era o momento ideal. Na SOLENIDADE dele! Não que fosse errado SEMPRE, seu bobo!

Ela viu o sorriso vagaroso e preguiçoso de sempre se abrir no rosto dele e não se conteve, não conseguia mais se segurar. Jogou-se nos braços de Huckle e o beijou com vontade. Os dois rolaram pela duna, rumo à encosta.

– Achei que era o melhor a se fazer – disse ele, quando pararam para retomar o fôlego. – Mas, sendo sincero... sendo sincero comigo, mal pude acreditar na saudade que senti, no tanto que pensei em você. Todo dia, a cada minuto, cada segundo. Estava esperando por esse momento.

– Eu estava morrendo de medo desse momento – confessou Polly.

– Por quê?

– Temi que você tivesse voltado com a sua ex... Que estivesse com outra

pessoa.

Huckle fez que não com a cabeça.

– Cruzes, não.

– Depois de ir embora daquele jeito, sem falar nada...

– Pensei que você estivesse de luto pelo Tarnie e não quis incomodar.

Enquanto se beijavam, toda a comitiva do casamento – C-3PO, R2-D2, vários Ewoks, um Jabba the Hutt emburrado e um Jar Jar Binks que quase foi barrado na porta – apareceu no topo da duna, descendo para tirar fotos. Na hora, Polly se sentiu culpada por se comportar mal no casamento da melhor amiga, até que Kerensa, que estava bem no meio do grupo, fez jus à posição de rainha com vestes desconfortáveis, dirigiu-se a ela bem devagar e estendeu o buquê de rosas vermelho-sangue.

– Não vou jogar isso – disse Kerensa. – Nem se eu quisesse. Não consigo levantar os braços. Acho que são perfeitas para você.



O resto do casamento foi um festival de excessos: ostras e lagosta fresca do Maine, um novo coquetel, fileiras de garçons impecáveis e uma banda famosa dos anos 1980, muito cafona em todos os sentidos, embora as fantasias dos convidados fossem páreo duro. O noivo e a noiva apresentaram uma coreografia ensaiada inesquecível. Foram quatro horas de discursos, durante as quais seis pessoas caíram no sono, e um espetáculo de cabaré com um comediante famoso de *stand-up* e um cachorro dançarino.

Tudo isso passou batido para Polly e Huckle, que surrupiaram duas garrafas de champanhe Krug e ficaram à beira da água, grudados um no outro. Huckle lembrou que, por ser padrinho, tinha que fazer o discurso, mas quando retornou ao pavilhão e viu as pessoas se abanando e passando mal, simplesmente aproximou-se de mansinho, abraçou o amigo (era esquisito encostar naquela carapuça de plástico, que estava ficando cada vez mais grudenta, mas Reuben se recusava a removê-la) e sussurrou no ouvido dele:

– Quer a versão completa ou a resumida?

– ACABA LOGO COM ESSE INFERNO – implorou Reuben pelo bocal do capacete.

Huckle ergueu a taça e declarou:

– A meu amigo Reuben, o melhor, o lunático mais guerreiro que já conheci, e

à sua esposa, que claramente é muita areia para o caminhãozinho dele.

O salão inteiro veio abaixo, batendo palmas, ovacionando, mais por alívio do que por qualquer outro motivo.

– Olha, a juventude do Reuben não foi nada fácil – contou um idoso baixinho, vestido de Luke Skywalker, embora não parecesse muito feliz com isso.

O senhor se levantou com um calhamaço de anotações em mãos, que parecia mais uma lista telefônica. A plateia soltou um resmungo coletivo. Huckle ficou contente por não poder ver a cara de reprovação de Reuben quando pegou um pratinho cheio de bolo (havia nove bolos) e mais uma garrafa de espumante e escapuliu pelos fundos.

Ele ficou um instante parado, apenas observando. O sol estava se pondo atrás deles, e o céu tinha sido tomado por uma suave luz cor-de-rosa e amarela, que iluminava o cabelo de Polly. As roscas constrangedoras de cabelo dela já tinham se soltado em ondas suaves sobre os ombros. Polly estava perfeitamente estática, contemplando o mar com um olhar pensativo e longínquo, com o colete ridículo dele pendendo nos ombros do vestido branco. Não estava acostumado a ver Polly quietinha; ela sempre estava fazendo alguma coisa, até cinco coisas de uma só vez: rindo, comendo, assando pães, limpando, recebendo dinheiro... Em geral, Polly era uma bomba de energia. Vê-la assim, suave, sem se mexer... O coração dele simplesmente saltava no peito.

– Ei – sussurrou Huckle.

Ela virou o rosto e sorriu para ele, ao passo que as ondas rebentavam na encosta.



O local em que estavam hospedados era bem minimalista. Devia ser uma tendência, presumiu Polly. Tinha um assoalho de madeira, paredes de tábuas brancas sobrepostas e tons pastel por todo lado. Os dois chegaram lá horas antes do restante da comitiva, bem quando uma grande banda de música disco tinha acabado de chegar à mansão e forçava todo mundo a dançar.

– Não parecia muito divertido. Era mais um campeonato de resistência do que uma festa – observou Huckle, com delicadeza.

– Ah, você conhece o Reuben – comentou Polly. – Não existe desafio que ele não abrace.

Huckle sorriu.

– Verdade.

– Ah, trouxe uma lembrancinha para você.

Polly pegou uma jarra do mel dele.

– Nossa! – exclamou Huckle, olhando para o pote, maravilhado. Tinha deixado essa parte da vida tão de lado, que mal parecia ser coisa dele. Olhou de volta para Polly. – Caramba, tô com uma fome! – disse, sem rodeios.

Encorajada pelo champanhe, pela longa espera e pelo desejo de, enfim, curtir o momento – de se curtir –, Polly tirou a blusa da fantasia em um só movimento. Por baixo, não estava vestindo nada.

– Meu Deus! – Huckle suspirou. – Olha só para você.

A pele de Polly, em geral tão clarinha, adquirira um tom dourado. Sardas pipocavam à luz do sol e seu cabelo ruivo estava com luzes naturais.

– Você está tão linda – disse ele. Com os últimos raios de sol iluminando o cabelo dela pela janela do quarto, repetiu: – Tão linda.

Polly sabia que não estava linda, não tanto assim. Mas ali, naquele quarto, naquela luz, com aquele homem, se sentia linda. E isso bastava. Aproximou-se dele – enfim! Ela estava uma pilha de nervos – e, embora estivesse tremendo, também agia com paciência. Queria aproveitar o momento, cada segundo. Quando tirou a blusa de Huckle, o peitoral largo dele estava bronzeado, com pelos dourados. Polly queria se enterrar ali. Ele a pegou no colo como se ela não pesasse nada e, antes de beijá-la de novo, mergulhou o rosto no cabelo dela.

– Meu Deus! – murmurou Huckle. – Você não tem noção do quanto eu te desejo.

Polly ergueu o rosto, olhou para ele e sorriu.

– Então me mostra.

Huckle deu sua habitual risada vagarosa e preguiçosa. Então pegou o mel, mergulhou os dedos na jarra e, em movimentos demorados e lânguidos, esfregou-o nos pequenos peitos dela. Polly deu uma risadinha.

– Isso vai ficar tão grudento.

– Pode deixar que eu tiro tudo – prometeu Huckle.

A hora do riso tinha acabado, e de repente tudo ficou mais sério, mais intenso, enquanto se perdiam de corpo e alma um no outro, até que ficou impossível dizer onde um começava e o outro terminava.

– Isso são... fogos de artifício? – perguntou Huckle, por fim.

– Sim – respondeu Polly, com os olhos brilhando. Então, focou de volta no quarto. – Nossa, são fogos de artifício mesmo, né?

– Ou isso, ou estamos sob um ataque militar avançado – brincou ele.

Pela janela, dava para ver a maior queima de fogos que Polly já tinha testemunhado. O céu estava repleto de explosões furiosas e barulhos estrondosos. Um grande coração vermelho, radiante, tinha se formado sobre o mar. Polly e Huckle se olharam e caíram na gargalhada.

– Parece até que alguém está tentando nos dizer alguma coisa – comentou Huckle.

Os dois se vestiram rapidinho e correram de volta para a praia, longe das cestas de piquenique que estavam sendo servidas aos demais convidados, enquanto os fogos seguiam estourando, batendo a marca dos trinta minutos. Deitaram nas dunas, abraçados, e assistiram ao espetáculo.



Capítulo trinta e dois

Ninguém acordou a tempo do café da manhã no dia seguinte, mas Polly conseguiu apanhar Kerensa antes da amiga partir para o safari de lua de mel ao redor do mundo, na noite seguinte. O casal serviu um brunch farto, mas Polly estava animada demais para comer. Agarrou Kerensa à porta, na tentativa de se desculpar, mas a amiga se adiantou.

– Nossa! – exclamou ela. – Mil desculpas. Nem consegui dar atenção para os meus amigos. Passei o tempo todo cumprimentando uns velhos branqueiros e posando para fotos. Olha isso! Ai! Meu rosto está até doendo! Deve ser assim que os famosos se sentem. É um porre.

– Mas você se divertiu? – perguntou Polly.

Kerensa respondeu com um meneio empolgado.

– Amei cada segundo.

– Cadê o Reuben?

A amiga fez uma careta.

– Então... Ele só foi... Sabe o que é, o capacete estava quente demais... Foi só por precaução.

– O quê?

– Ele está um pouco desidratado. Tiveram que levá-lo para tomar soro.

– Reuben está no HOSPITAL?

– Você sabe como ele é festeiro – explicou Kerensa, na defensiva.

– Sei bem! – concordou Polly. – Nossa! Bom, eu vou dar uma olhadinha nele... em breve.

– E aonde você vai?

As duas se dirigiram ao salão do hotel, que servia todo tipo de comida que

Polly podia imaginar: *bagels*, salmão defumado, ovos, croissants, todos os tipos de frutas frescas, suco de laranja feito na hora, panquecas e *waffles*, champanhe por toda parte, claro, bolinhos de batata e linguiça.

– Por Deus – comentou Polly.

Os convidados de Plymouth estavam sentados em uma mesa do canto, e todos fizeram festa quando Kerensa entrou no salão. Repetiram a cena com Polly.

– A gente achava que você tinha ido embora!

– Achei que você não falava mais com a gente!

Polly percebeu que era a primeira vez que via muitos deles desde que tinha se mudado. Ficara tão constrangida, tão envergonhada, que não tinha deixado nenhum deles se aproximar. Agora, vendo como eram gentis e estavam interessados, felizes por revê-la, achou difícil de acreditar que tinha sido orgulhosa demais para pedir ajuda, na certeza de que ninguém entenderia o que estava passando. Eles se apertaram para abrir espaço para Polly e fizeram uma série de perguntas sobre o que ela andava fazendo desde que deixara Plymouth. Quando contou tudo, eles ficaram impressionados, e Kerensa sorriu.

Huckle tinha dormido até tarde – não dormia bem assim fazia meses – e, quando desceu, deu de cara com Polly rindo e fazendo piada com os amigos, que já tinham planos de visitá-la em Mount Polbearne no verão. Ele sorriu, nervoso, e ela retribuiu com um olhar tímido. Os eventos da noite anterior ainda estavam vivos na memória de Polly.

– Oi – cumprimentou ela, levantando-se. Um dos amigos de Polly soltou uma risadinha e ela logo os censurou. – Esse é o meu amigo Huckle – apresentou, com toda a dignidade que conseguiu reunir, mas o sorriso transbordando do rosto dela a denunciava.

– Você... – começou Rich, um dos amigos dela que trabalhava com marketing. Apontou para Polly. Ainda estava bêbado da noite anterior, impulsionado pela taça de Mimosa do café. – Você NUNCA vai voltar para Plymouth.



– Venha comigo – pediu Huckle, quando subiram de volta para o quarto. – Venha conhecer Savannah.

Polly engoliu em seco. Supôs que Jayden daria conta da padaria por uns dias,

mas ele não saberia assar pães como ela. A qualidade decairia do dia para a noite. Mas Huckle insistiu, e antes que Polly pudesse pensar duas vezes, tinha reservado um assento em um voo. Ligou para casa e ficou decidido.

Mas não tinha muito tempo.



– Uau! – exclamou Polly, examinando o apartamento minimalista com vidro de cima a baixo. Do lado de fora, as luzes de Savannah pareciam distantes lá embaixo. – Não acredito que você mora aqui.

– Agora que batizamos a cama, nunca mais vou sair daqui – disse Huckle, deitado de barriga para cima, com as mãos na cabeça, o retrato da plena satisfação.

Polly mediu o corpo dele. Tinha sonhado tanto com Huckle! Vê-lo esparramado ali, daquele jeito, era quase demais para ela.

– Hum – fez Polly.

Huckle sorriu.

– E então, o que quer fazer amanhã? Posso deixá-la no shopping.

– Por que, o que *você* vai fazer? – perguntou ela, surpresa.

Huckle mordeu o lábio.

– Bom, eu tenho que trabalhar. Então imaginei que talvez você curtisse, sabe... Fazer umas comprinhas.

– Que comprinhas? – indagou Polly, preocupada de repente. – Eu nunca faço compras.

Huckle deu de ombros. Tinha imaginado que, assim que a levasse até lá, ela ficaria com ele, contente por estar ali, e seria tudo perfeito.

– Tá bom, então NÃO FAÇA COMPRAS! É uma ordem. Faça uma caminhada pelas bandas. Conheça Savannah. É lindo aqui. – Huckle se levantou e a abraçou por trás, e os dois olharam pela janela juntos. – Não precisamos morar aqui para sempre, sabe. Recomendo a parte antiga da cidade. É onde ficam as casas mais lindas, em torno das praças com jardins. Poderíamos morar em uma delas.

Polly se virou, magoada.

– Mas eu tenho uma casa.

– Você aluga um apartamento com goteiras – ressaltou Huckle.

– Por ora. Mas estava pensando em... – Ela não tinha pensado muito a sério

nisso, mas de repente desembuchou: – Na verdade, estava pensando em comprar o farol.

Huckle chegou a dar risada.

– Você não pode estar falando sério!

– Talvez esteja.

– Aquele farol decrépito? Vai ser pior que o apartamento.

– Não com um pouco de cuidado e atenção.

– E toda aquela luz!

– Na verdade, não passa luz dentro do farol. É o único lugar seguro.

Huckle balançou a cabeça.

– Adoro as suas ideias malucas.

– Não é uma...

Os dois ficaram em silêncio, pressentindo a discórdia.

– Você vai mandar instalar um poste de bombeiros? – indagou Huckle, por fim.

– Talvez – respondeu Polly, tentando não soar defensiva. – Enfim.

– Enfim. – Huckle se sentou na cama e os dois se entreolharam. – Desculpa – falou ele, vagaroso. – É que eu pensei que... Pensei que você viria morar comigo. Aqui.

Polly piscou várias vezes.

– Mas eu vim para o casamento.

– Sim, eu sei, mas, sabe... Você veio me ver também, né?

– Não – respondeu Polly, contando uma meia mentira. – Digo, eu queria ver você, mas... não foi até ver você de fato que...

Huckle assentiu.

– Eu sei. Ainda bem! Digo, MARAVILHA! Olha só pra gente! Damos um belo casal, né?

Polly assentiu.

– E você está aqui... – A voz dele minguou.

Era preciso admitir, Huckle já tinha vislumbrado um futuro. Não seria legal para ela não precisar mais acordar às cinco todo dia, dar duro e ficar coberta de farinha a serviço da Sra. Manse, que ela detestava, morando naquele casebre? Não seria melhor para Polly ficar ali, em uma casa agradável com ele, descansando, tirando um tempo para ela? Presumiu que isso era exatamente o que Polly queria, o que gostaria... Huckle tinha bastante dinheiro, podia bancar tudo...

Tentou explicar para Polly, mas o que lhe parecia perfeitamente lógico e

racional não sou tão bem quando começou a botar para fora. O semblante dela estava cada vez mais sério.

– Mas é minha agora – explicou Polly. – A padaria. A Sra. Manse se aposentou e foi morar com a irmã. Ela deixou tudo nas minhas mãos. É minha responsabilidade.

– Mas você pode fazer pães aqui – disse Huckle, beijando-a suavemente no pescoço. – Que tal?

Polly se afastou dele.

– Quer dizer que você já pensou em tudo? – indagou ela, com o coração batendo a mil por hora.

Huckle deu de ombros e olhou para o teto, depois para Polly.

– Não tenho nada planejado. Mas quero tanto ficar com você.

Polly percebeu, horrorizada, que essas eram as palavras que mais queria ouvir. Estava desesperada para ouvi-las, fazia tempo. Queria ficar com Huckle, sonhava com ele, pensava nele o tempo todo. Queria compartilhar com ele a alegria que sentia com os pães, as anedotas engraçadas, os dias de mar revolto. Só de tê-lo por perto, sentir o cheiro dele, estar na companhia radiante dele, sentia-se mais viva, acesa. Polly se deu conta de que Huckle estava oferecendo o mundo a ela.

Ela o fitou. Sentiu as mãos suaves e fortes dele acariciando seus ombros.

– Mas não posso ir embora – concluiu Polly. – Não posso deixar Polbearne. Trabalhei tanto para construir algo meu.

– E você merece um descanso. Fica só um pouquinho.

Polly olhou no fundo dos intensos olhos azuis.

– E se *você* se mudar? – suplicou ela.

Huckle engoliu em seco.

– É que Polbearne... Foi... Foi só um tempo que tirei para mim. Não era a minha vida de verdade. O meu trabalho, meu emprego... Não posso ficar fazendo potes de mel pelo resto da vida.

– Algumas pessoas fazem – disse Polly, baixinho.

– Foi muito legal, mas, sério... Não posso morar em um lugar onde dependo da maré para poder ver você. – Ele riu. – É preciso admitir que a cidade é meio maluca, vai.

Polly deu um salto para trás, como se tivesse levado uma ferroadinha.

– É a minha casa agora – rebateu ela. – E, de qualquer forma, estão falando em construir uma ponte suspensa.

– Uma ponte suspensa! Essa sim é uma ideia BRILHANTE.

Mas, pela cara de Polly, ele logo se deu conta de que não era.



Polly tinha apenas mais um dia até a volta. Huckle a levou em um tour por Savannah, na esperança de Polly se apaixonar pela cidade, e ela foi educada, e até que gostou dos edifícios, eram bonitos, mas o calor era desesperador, e era insuportável ficar fora de casa por muito tempo. Não havia muito mais a dizer. Em vez disso, fizeram amor e choraram e dormiram e acordaram e choraram antes de começar tudo de novo.

– Deixa eu rasgar a sua passagem – implorou Huckle. – Deixa tudo para trás. Você já fez isso uma vez, pode fazer de novo.

– Não posso – respondeu Polly, arrasada. – Devo isso à senhora Manse e ao Jayden, e dei duro para chegar onde estou. É a primeira coisa que fiz por mim na vida. Tenho certeza de que você entende isso.

Ele assentiu de coração partido.

– Mas você pode fazer isso de novo. Não pode? Agora que já fez uma vez?

– Acho que não. Eu nem posso trabalhar nos Estados Unidos. Aqui não daria certo.

– Bom, não faz nada, então – suplicou Huckle. – Não faz nada. Só vem e mora na minha cama.

A ideia arrancou uma risada dela.

– Não sei por quanto tempo daria certo. Você não pode voltar para a Cornualha? Você é ótimo nisso de se mudar de país em país a cada cinco minutos.

Huckle parecia muito triste.

– É que a minha casa... Minha família, meu trabalho, tudo... Não sei se conseguiria fazer isso de novo. Sou um adulto. Preciso me comportar de acordo.

Polly assentiu. Ela entendia.

O que tiveram fora só um sonho, uma fantasia inútil. Não eram adolescentes. Eram adultos, com responsabilidades.

– Não acredito que fui seu romance de verão – disse Polly, sem se dar ao trabalho de enxugar as lágrimas que ainda caíam.

– Não foi... Não é. Vamos dar um jeito. Temos que dar!



Os dois se agarraram quando o táxi chegou para levá-la ao aeroporto.

– Talvez você não devesse ir – observou o taxista, tentando ajudar.

– Não vá – disse Huckle, perturbado. – Por favor. Por favor, não é o fim. Não pode ser o fim. De novo, não.

Polly se ateve a olhar para ele.

– Você não acha que isso só pioraria as coisas? – perguntou ela. – Se... Se a gente fingir? Se continuarmos nesse faz de conta?

Huckle balançou a cabeça, furioso.

– Nada pode ser pior que isso. Nada.

Os dois ficaram ali parados enquanto o taxista bufava e olhava no relógio, e os outros motoristas buzinavam enfurecidos, tendo que dar a volta.

– Não quero que você vá embora – disse Huckle.

– Eu não quero ir – afirmou Polly.

– Indo ou não indo – falou o taxista –, o taxímetro está rodando.

Huckle precisou de todas as forças para não seguir o táxi pela Oitava Avenida e pegá-la de volta. Torcia para que, a qualquer segundo, Polly saltasse do carro e voltasse correndo para ele. Mas ela não fez isso.

Atordoada, estupefata e exausta demais até para chorar, Polly permaneceu sentada no banco de couro áspero e rasgado do táxi verde e branco, olhando para o nada.



Capítulo trinta e três

Havia sempre o trabalho, claro. E Polly tinha bastante coisa para ocupar a mente. Já havia decidido usar o pouco dinheiro que sobrara do apartamento de Plymouth como entrada para... Bem, não, seria ridículo. Ela nunca conseguiria bancar aquilo. Os amigos de Samantha e Henry já tinham comentado que gostariam de morar em um farol, e Polly se sentia amargurada quando passava por lá com Neil e observava as janelinhas, as listras descascadas, porque seria vendido como brinquedinho de veraneio para alguém que queria ostentar, quando ela sabia – tinha certeza – que adoraria morar lá.

Polly se perguntou o que Huckle pensaria, então deu de ombros. Ele ligava todo dia, mandava e-mails. Naquela manhã, tinha enviado um poema, e ela se perguntou se não deveria parar de falar com Huckle, porque doía demais.

*Ofereço sete círculos, amor,
A seu descanso
Faço o círculo cinza do pão
E o círculo da cerveja
E tracejo um anel dourado de manteiga
E danço ao som de sua canção
E viro o rosto quando vai o sol e vem você de volta do lavrado.
Minha lamparina lança um círculo de luz,
Então você repousa, uma hora, no incansável círculo do meu cálido abraço.*

Polly encarou o poema por vinte minutos, então sovou a massa com tanta força que pensou que deslocaria os ombros.

Agora se encontrava sentada na mureta do cais, vendo o sol dourar no céu, acenando para os rapazes a caminho do trabalho. Dave estava bronzeado e parecia contente, enturmado com os demais. Jayden fazia sanduíches para eles todos os dias a um preço mais baixo, levava o lanche até os barcos e parava para conversar. Ela se perguntava se Jayden não sentia falta de pescar, mas ele riu tanto só de pensar na ideia, que Polly nunca ousou perguntar de novo. Dia após dia, Jayden parecia cada vez mais um padeiro nato.

Polly foi para casa e fuçou as fotos da lua de mel de Kerensa no Facebook, fez uma janta simples e leu o poema só mais umas oito ou nove vezes. Depois de comer, forçou-se a dar um pulo no bar para mais uma das reuniões intermináveis de Samantha, sobre como impedir a construção da nova ponte. As reuniões precisavam ser longas, explicou Samantha, porque não havia uma ponte suspensa ainda, então é claro que estavam surtindo efeito. Samantha levou a filha, Muriel também, e Polly pensou nas mudanças que testemunhara no último ano, conforme se preparavam para uma nova temporada de verão.

Samantha estava falando, mas Polly se encontrava no mundo da lua.

– O que acha? – quis saber a mulher.

– É... Legal – murmurou Polly, fingindo que sabia o que estava acontecendo.

– Então está decidido! – declarou Samantha. – Polly deu o voto de minerva!

– Com o que eu concordei? – perguntou Polly a Jayden, preocupada.

Ele a acompanhou até o bar, parecia zangado.

– Com a manifestação, a corrente humana. Samantha vai trazer a mídia aqui e todo mundo vai ter que ficar de pé, de mãos dadas, em cima da ponte de pedra para impedi-los de construir a nova ponte.

– Mas vamos nos afogar! É uma ideia ridícula. Isso só vai provar, de uma vez por todas, que precisamos mesmo de uma ponte suspensa!

– Eu sei – disse Jayden, pesaroso.

– E a água está um gelo! Ainda estamos na primavera.

– Pois é. E eu quero curtir uma baladinha.

– Então vai pra balada! – falou Polly, um pouco exasperada. – Reserva uma pousada ou algo do gênero.

Jayden franziu o cenho.

– Nossa! Bem que eu poderia! Agora que tenho todo esse dinheiro!

– Que dinheiro? – indagou Polly, apertando os olhos.

Jayden recebia um salário mínimo.

– O dinheiro que estou ganhando agora, ué.

– Não me diga que é mais do que o seu salário como pescador!

– MUITO mais! Nossa, uma pousada, imagina? Esses lugares servem café da manhã e tudo.

– Sim. Servem mesmo.



A corrente humana foi agendada para o fim de semana da Páscoa, o primeiro grande feriado do ano, três dias antes da votação do conselho local. A cidade se reuniria na ponte assim que a maré baixasse, e ficaria lá até subir de novo, erguendo faixas e entoando cânticos. A maré subiria de novo por volta das cinco da tarde, quando esperavam já ter passado a mensagem.

Kerensa e Reuben tinham voltado da primeira parte da lua de mel (de Porto Cervo, na Sardenha – Kerensa contou que todas as riquezas eram terríveis e Reuben ficou tentando comprar bolsas horrorosas para ela, então decidiram ficar transando no hotel) e se juntariam a eles por solidariedade (e pela chance de Reuben exibir a lancha, suspeitou Polly).

As manhãs estavam ficando cada vez mais iluminadas, e Polly levantou com a alvorada cor-de-rosa e assou fornadas adicionais de pães para o churrasco pós-corrente humana que tinham planejado fazer na prainha de cascalho. Havia entreouvido Lance, o corretor, reclamar no bar sobre não conseguir vender o farol a não ser que construíssem a maldita ponte suspensa. Polly ficou um pouco esperançosa em relação a isso.

A manhã estava agradabilíssima, pensou, assoviando alegremente conforme o aroma subia dos fornos. Estava ansiosa para ver os amigos. Tinha convencido o pessoal de Plymouth a dar as caras; Chris talvez se juntasse a eles. Aparentemente, a namorada nova dele era uma artista radical com piercings no nariz, que fazia arte com sangue. Polly gostava da descrição. Neil saltou na bancada e ela fez carinho nas penas dele e deu um beijinho no bico.

– Hoje vai ser um belo dia, Neil – disse, com carinho.

Olhou pela janela. Os raios de sol dourados começavam a refletir na água e iluminar a encosta, e se ouvia os pesqueiros embocando. Polbearne não mudara muito, e Polly queria que as coisas permanecessem assim. Perguntou-se, não pela primeira vez, se não estaria virando a Sra. Manse.



Capítulo trinta e quatro

Huckle sabia que tinha chegado a hora. Sabia havia muito tempo, na verdade. Ele não tinha recebido resposta pelo poema, apesar da esperança de que fosse surtir algum efeito – estava tão esperançoso que quase partira para o aeroporto. Mas não. Precisava resolver logo aquela parte da sua vida, seguir em frente. Tudo corria bem em Savannah. O trabalho estava mais atribulado que nunca, e Huckle podia sair toda noite, se quisesse, mas raramente queria. A situação precisava ser resolvida, ele já estava adiando fazia muito tempo. Fechou a porta do escritório e pressionou a tecla 9 para fazer uma chamada de longa distância.

Primeiro a casa. Ligou para a imobiliária, que ficou tão radiante ao saber que teria uma propriedade de primeira para alugar na região promissora de Polbearne, o novo lugar da moda, descrito em todos os suplementos de domingo, que nem cobrou dele a multa pela saída antes do fim do contrato. Ao que parecia, já tinham uma lista de interessados em um raio de um quilômetro e meio; moradores da região que procuravam um lugar mais tranquilo tinham se apaixonado pela cidadezinha peculiar e imaginaram que cuidar de abelhas seria o sossego ideal.

Huckle pediu que a assistente dele trouxesse uma xícara de café e, em seguida, telefonou para a agência de serviços temporários a fim de dispensar o assistente – os novos inquilinos se mudariam em uma semana, então uma última visita já daria conta do recado.

A mulher do outro lado da linha estava confusa.

- Desculpe, Sr. Skerry, mas o serviço de assistência foi cancelado.
- Ué, mas eu não cancelei nada.
- Está bem claro aqui. O Sr. Marsden voltou, dizendo que você não precisava

mais de um assistente. Sinto muito, mas ele já deixou a agência. Posso até conversar com ele, para tentar entender o ocorrido. Não enviamos ninguém faz meses já.

Huckle agradeceu e ficou mergulhado em pensamentos. Polly tinha trazido todo aquele mel para ele, e estava fresquinho. Não só fresquinho, como maravilhoso. Huckle tinha feito uma nota mental para parabenizar o assistente, mas, no meio da confusão com Polly, tinha esquecido completamente disso.

A ficha foi caindo devagar. Que idiota ele tinha sido! Onde estava com a cabeça?

De repente, visualizou-a como se estivesse bem na frente dele, caminhando pelo passeio entre as árvores – as árvores eram tão lindas, lembrou –, fizesse chuva ou sol, no verão ou no inverno, todo santo dia, indo até lá só para cuidar das abelhas de Huckle, além de tudo que Polly precisava fazer. Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. Todos esses meses, pensou que ela estava apaixonada pela memória de um fantasma. Todos esses meses, Polly atravessou a ponte molhada e lamacenta até a casa dele e cuidou das malditas abelhas.

Huckle olhou à volta e examinou o escritório. As novas atribuições já estavam perdendo a graça. Pensou nas avenidas congestionadas e nas noites úmidas e pegajosas, e sentiu a gravata apertar o pescoço. Os colegas estavam enviando mensagens no grupo para assistirem a um jogo de beisebol, a pilha de documentos crescia em cima da mesa, tinha prometido levar a mãe à missa no domingo, logo seria o casamento de Candice e Ron, que prometia ser mais extravagante ainda que o de Reuben. A vida de Huckle pesava em torno dele, prendendo-o, e ele só conseguia pensar nas malditas abelhas. Quer dizer, não só nas abelhas.

Sem perceber, tinha tirado a gravata.

– Céus – disse a si mesmo, passando as mãos pelo cabelo. – Lá vou eu! Susan!

A assistente estava segurando o café preto de Huckle, esperançosa. Estava perdidamente apaixonada por ele.

– Hã... Eu preciso...

Não conseguia pensar no que dizer. A última vez que saíra de fininho, tinha tirado um tempo para si, nos próprios termos. Dessa vez parecia não ter nada a ver com ele. As pernas de Huckle se mexiam por vontade própria. Ele mal podia acreditar que estava fazendo aquilo de novo. Mas estava.

– Sim, é que... Tenho algumas coisas para cuidar.

– Precisa de ajuda?

Huckle fez que não com a cabeça.

– Hum, não. É que... Ah. Não. Pode chamar um táxi para mim com destino ao aeroporto?



Huckle não ligou para ninguém, não abriu a boca, não parou para pensar. Mal dormiu no voo, mas desmaiou na longa viagem de trem de Londres a Looe. O segurança precisou dar uma chacoalhada nele, de leve, depois de notar o destino no bilhete. Hucke se sentiu extremamente grato.

O taxista matraqueou sem parar até Polbearne, ficou falando sobre o sucesso que o lugar estava fazendo, e como a cidade poderia ganhar uma ponte suspensa que mudaria tudo. A primavera batia à porta, e boa parte das estradinhas sinuosas já estava forrada de flores brancas e cor-de-rosa. Entre as colinas, o mar ainda brilhava. Hucke suspirou. Tinha se esquecido de como o lugar era lindo.

O motorista foi até onde dava. Hucke se virou, agradeceu e saltou do táxi com a mala de mão, de couro. Sentia-se tão exausto depois da longa jornada que estava quase mancando, com o grosso tapete de pétalas sob seus pés.

Parou um instante no portão do chalé e soltou a mala. Então tirou os sapatos e as meias para poder mergulhar os pés descalços no gramado frio e macio. Podia ouvir o gorgolejo reconfortante do riacho de novo, além do zunido grave e agradável das abelhas.

– Fala, pessoal – murmurou, tomado pelo cansaço e, por mais estranho que parecesse, por uma sensação extraordinária de alívio.

Notou, quase sem surpresa, que seu macacão de apicultor tinha sido lavado e pendurado. As colmeias zuniam, imaculadas. A cera havia sido raspada, e o mel fora perfeitamente embalado. Olhou para as árvores com as luzinhas e se lembrou da noite que tinham passado bebendo hidromel. Sorriu. Os sonhos de hidromel dele tinham virado pó, tudo por um emprego bem remunerado em um escritório com ar-condicionado. Não. Não, não e não.

Na velocidade da luz, tirou a jaqueta elegante de viagem, tomou uma ducha rápida, saltitando de empolgação e adrenalina, e vestiu uma calça jeans e uma camisa velha. Saiu correndo de casa, sem sequer trancá-la, engolindo um naco de pasta de dente para economizar tempo. Por sorte, a moto pegou no tranco na primeira tentativa, porque ele já estava sem condições de raciocinar. Não estava pensando, não estava planejando, não estava fazendo nada racional. E se sentia incrível.

Enfiou o pé no acelerador pelas estradas estreitinhas, quase bateu em um caminhão que carregava toneladas de seixo e freou com tudo no fim da fila que conduzia à ponte. A maré estava subindo. Um aviso severo alertava os transeuntes a não atravessar a ponte em uma janela de duas horas antes ou depois da maré alta. Huckle já estava na janela, mas não se importava. Mal notou que havia um monte de furgões e carros estacionados ali, alguns deles adesivados com insígnias de canais de televisão, e uma pequena multidão de pessoas amontadas. Só queria chegar à ponte antes que fechasse.

Então ele viu. Sobre a ponte. Uma corrente enorme de pessoas. Polbearne inteira de mãos dadas, do continente ao monte.

– O que está acontecendo? – perguntou para Muriel.

Ela estava na extremidade da ponte, com um bebezinho lindo preso às costas, em um *sling*.

– HUCKLE! – berrou Muriel. – Meu Deus, você voltou! A Polly está do outro lado!

– O que estão fazendo?

– Estamos protestando. Não queremos uma ponte suspensa!

– Abaixo a ponte! Abaixo a ponte! – entoava a multidão, filmada pelas equipes televisivas.

Huckle abriu um sorriso de orelha a orelha e pegou o braço de Muriel.

– Fazem bem! – afirmou ele. – ABAIXO A PONTE! ABAIXO A PONTE! – Mas podia ver que a água já estava ladeando a ponte de pedra. Olhou para o bebê com ares de preocupação. – Até quando vocês pretendem ficar aqui?

– Eu sei, eu sei. Só mais um pouco.

Assim que Muriel terminou de falar, um megafone ecoou:

– LIBEREM A PONTE ANTIGA! LIBEREM A PONTE! MOUNT POLBEARNE PARA SEMPRE! – falou uma voz, e Huckle logo percebeu que se tratava de Samantha.

Uma onda de pessoas vinha na direção dele. Huckle precisou abrir caminho.

– Não é mais permitido passar por aqui – informou Jayden, oficioso numa jaqueta reflexiva. – Por favor, senhor... Nossa, é VOCÊ.

– Isso aí – disse Huckle.

– Bom, precisamos liberar a ponte até as cinco. Vamos, é a lei.

– Eu só quero ver a Polly.

– Ela está do outro lado. Você pode vê-la de manhã.

A água já cobria a ponte de pedra e todo mundo saía apressado, com os pés ensopados.

– Vou atravessar rapidinho.
– Não vai dar tempo – alertou Jayden. – E eu estou aqui no continente, não tenho nem como tirar o barco.
– Eu me viro.
– A água está um gelo. Não vai dar tempo. Não seja idiota.
Huckle sorriu.
– Meus dias de idiotice acabaram – declarou. – Tirando hoje. – Então afastou os braços de Jayden e começou a abrir caminho contra a maré de pessoas, berrando: – Polly! Polly!
Mas não via sinal dela.



Polly foi uma das últimas pessoas a abandonar a corrente do lado de Mount Polbearne. Estava uma correria, e resolveu deixar as pessoas passarem primeiro, sobretudo as crianças. Os polbearnenses eram supersticiosos quanto a ficar na ponte enquanto a água subia, e com razão, ela sabia bem.

Polly estava de chinelo. Não se importou muito com a água gelada cobrindo os dedos dos pés. O pôr do sol seria espetacular. Observou o topo dos prediozinhos, que pareciam estar pegando fogo, e ficou ouvindo o burburinho das pessoas ao redor, contentes. O protesto tinha sido incrível, a ponte estava lotada. Patrick tinha dado mais uma entrevista para um jornal, então todos estavam felizes.

Polly demorou para escutar, mas algo chamou sua atenção, algo no vento, e embora a água já estivesse a uma altura desconfortável, ela parou, virou e fitou a figura distante. Alguém ainda estava lá. O coração dela parou. Então o reconheceu.

Todo mundo tinha ido embora, a ponte estava fechada. Mas ele estava ali. Estava ali, simples assim, e Polly começou a correr.

Huckle corria na direção dela também, na mesma velocidade, com a mesma expressão determinada, olhando para Polly. A água batia nas canelas, e o sol já tinha virado uma grande bola incandescente no céu tingido de cor-de-rosa quando se encontraram no meio da ponte. Sem pensar duas vezes, sem dar um pio, Huckle a levantou como se fosse um dente-de-leão, rodopiou com Polly em seus braços e a beijou com vontade, e ela o beijou de volta, ávida, como se não tivessem passado um tempo longe, como se fosse o mesmo beijo que se iniciara

na solenidade: com a mesma potência, a mesma força. Huckle se sentia como um homem morrendo de sede no deserto, de repente com um copo de água nas mãos. Polly não pensou em nada.

Foi só quando a água bateu na coxa que Huckle a largou, relutante.

– Acho que precisamos sair daqui – observou ele, colocando-a no chão com cuidado.

Polly riu dos respingos de água gelada.

Dos dois lados, as pessoas gritavam com eles, enquanto faziam a travessia de volta para Mount Polbearne, de mãos dadas, sem conter o riso. As ondas quebravam a uma velocidade impressionante. Eles já estavam com a água congelante na altura do peito quando foram içados por mãos amigas. Archie deu uma bronca neles, mas os dois se olharam e deram uma risadinha. Polly estava abismada com a presença de Huckle, em tê-lo diante dela de novo, com seu grande sorriso habitual de fazendeiro. Queria passar a mão no milharal que era o cabelo grosso dele.

– Posso fazer uma piada horrível sobre roupas molhadas e o desejo de arrancá-las? – perguntou ele.

– Você pode fazer o que quiser – respondeu Polly.



Ela o levou para o quarto que tanto amava, que tinha assombrado os sonhos dele, com vista para o mar, cujo tom de azul já escurecia. Todos os barcos já tinham partido. Ótimo. Polly prendeu Neil no banheiro e voltou, um pouco nervosa de novo.

– Você está com fome?

– Não sei – respondeu Huckle. – Acho que sim.

Ela pegou o pão fresquinho e um novo pote de mel.



Mais tarde, feliz e saciada, Polly se aninhou junto a Huckle debaixo das cobertas e, com o maravilhoso cheiro morno dele, acariciando os cachos dourados que cobriam o peito de Huckle – Polly achava a beleza dele extraordinária –, caiu em

um sono profundo.

Epílogo

– Sério?

– Sério!

O engraçado é que, no fim das contas, foi a imagem dos dois se abraçando, com o sol poente ao fundo e a água na cintura, que marcou o protesto.

PELO AMOR DE MOUNT POLBEARNE, dizia a lenda, depois de o conselho derrubar o projeto da ponte nova, por cinco votos a três, e ponto final. Lance bufou e se viu obrigado a baixar o preço do velho farol.

Estavam no topo da estrutura, em um quarto com janelas em todos os lados e que dava a sensação vertiginosa de ficar bem no meio do mar, ou mesmo voando sobre a água, feito um pássaro. Tinha um piso de madeira com tábuas soltas igual ao que Polly estava deixando para trás no apartamento – cujo plano era transformá-lo em um pequeno café –, e a tinta das paredes estava descascando. Neil voava feliz pelo recinto.

– Onde vamos arranjar móveis circulares? – indagou Huckle.

Mas Polly podia ver que ele estava tão encantado quanto ela. A propriedade estava danificada, bagunçada e meio largada – mas, até aí, observou Polly, eles também estavam e pareciam estar funcionando bem. E Huckle não seria capaz de negar nada a ela.

– Só faço questão do poste de bombeiros – afirmou ele.

– O que você quiser. Posso dançar nele, inclusive.

– Adorei a ideia! – Huckle sorriu para ela. – Não vai sentir falta da luz?

Polly olhou para ele, então contemplou o lindo mar dourado, dançante.

– Você é a minha luz – respondeu ela, baixinho.

Huckle a abraçou e mergulhou o rosto no cabelo dela.

Polly olhou por cima do ombro dele para a enorme janela que se estendia do piso ao teto, e viu a singela frota de pesqueiros partindo para o trabalho noturno. Como de costume, um bando de gaivotas seguia atrás deles, matraqueando sob

as nuvens cintilantes, douradas. Avistou um bicho – um peixe, talvez uma foca – pulando e respingando água na proa do *The Tarn*. De vez em quando faziam isso, como se estivessem brincando. Mas, desta vez, por algum motivo, era diferente. Parecia que o espírito de alguém estava cuidando do barco. Talvez fosse o espírito de Tarnie, ainda com eles, de alguma forma. Embora Polly soubesse que estava sendo boba, não conseguia descartar a ideia, ali do alto do farol, segura nos braços de seu amado.

– Que Deus os proteja – murmurou ela para os barcos e marujos, rememorando, mais uma vez, a canção de Tarnie:

*Quem me dera ser um pescador
No balanço do mar
Longe da terra firme
Das amarguras do continente
E lançar a minha doce linha
Com amor e devoção
Sem teto algum acima
Além do céu estrelado
O luar lá no alto
E você em meus braços
Uhul!*



Receitas

Roscas de Canela

*Estas roscas são nota mil, deliciosas, e vão deixar no chinelo aquelas que você compra na padaria *cof-cof* chique do bairro.*

Para a massa:

- 1 xícara de leite
- $\frac{1}{4}$ xícara de manteiga
- 1 tablete de fermento instantâneo
- $\frac{1}{4}$ xícara de açúcar
- 1 ovo batido
- $3\frac{1}{2}$ xícaras de farinha
- $\frac{1}{2}$ colher de chá de sal

Para o recheio:

- 1 xícara de açúcar mascavo
- 1 colher de chá de canela
- $\frac{1}{2}$ xícara de manteiga em temperatura ambiente

Para a cobertura:

- açúcar de confeiteiro
- água

Unte uma assadeira grande. Aqueça o leite, a manteiga e o açúcar em uma panela, então deixe esfriar. Misture o fermento, o ovo, 2 xícaras de farinha e o sal. Em seguida, incorpore o resto da farinha, aos poucos. Sove por 5 minutos e deixe descansar por 1 hora. Misture todos os ingredientes do recheio. Abra a massa

com um rolo e a encubra com a mistura do recheio. Em seguida (esta parte é muito divertida), enrole a massa e corte-a em fatias, como um rocambole. Deixe crescer por mais 1 hora (de lado), então asse durante 25 minutos a 180°C. Deixe esfriar (só um pouquinho; não precisa se segurar por muito tempo) e depois coloque a cobertura.

Pão Branco Facinho

Pão ideal para iniciantes. É perfeito para um domingo preguiçoso, quando estiver de bobeira. Garanto que você vai ficar radiante quando testar, se sentindo realizado. Se costuma pensar “Ai, essa história de pão não é para mim”, torço muito para que dê uma chance para esta receita. É muito fácil de fazer. Não tem como errar. E assim que provar, vai entender na hora por que as pessoas gostam tanto de fazer pão.

- 700g de farinha para pão
- 1 sachê de fermento biológico seco
- 400ml de água morna
- 1 colher de sopa de sal, nivelada
- 1 colher de sopa de açúcar, nivelada

Peneire a farinha e esquite-a um pouco no micro-ondas (costumo deixar a 600W, por 1 minuto). Acrescente o fermento, o sal e o açúcar, depois a água. Misture tudo. Sove a massa sobre uma superfície enfarinhada por uns minutinhos, até obter uma bola lisinha. Deixe descansar por 2 horas, enquanto lê o jornal ou caminha. Sove outra vez, por mais alguns minutos. Deixe descansar, por 1 hora, enquanto toma um banho relaxante. Pré-aqueça o forno a 230°C e unte uma assadeira de pão. Deixe 30 minutos no forno, ou até o pão fazer um barulho oco com uma batidinha na base. Deixe esfriar o tanto que conseguir e, por fim, devore o pão.

Trancinhas de Queijo

Mais uma receita fácil e imperdível, muito saborosa. Pré-aqueça o forno a 200°C. Unte uma assadeira com manteiga. Misture 120g de manteiga em temperatura ambiente com 450g de queijo (EU SEI, é bastante queijo).

É um petisco para compartilhar, servir em festas e coisas do gênero. Gosto de fazer com queijo cheddar maturado, mas qualquer queijo duro dá conta do recado. Nada muito mole ou azul).

- 250g de farinha
- 1 colher de chá de sal
- pimenta-calabresa a gosto
- pimenta-do-reino
- 1 colher de chá de fermento em pó

Faça cobrinhas com a massa, como fazia com a massinha de modelar na escola. O tamanho e as dimensões são a gosto. Só tenha em mente que, se os rolinhos forem grossos demais, vão ficar pesados e massudos. Asse por 15 minutos ou até ficar crocante.

Focaccia

Certa vez, eu e um amigo chef fizemos uma disputa de focaccias. Nem preciso dizer que ele acabou comigo, CLARO, porém o mais legal foi que tivemos a sorte de usar um forno a lenha, que deixou as duas receitas deliciosas. Enfim, vamos lá! Deixe o forno da sua casa bem quente, 220°C dão conta do recado (tome cuidado para não se queimar).

- 500g de farinha
- 1½ colher de chá de sal
- 325ml de água morna
- 1 sachê de fermento
- 2 colheres de sopa de azeite
- queijo ralado/alecrim/o que você gostar na cobertura

Misture a farinha e o sal. Dissolva o fermento na água morna. Adicione o líquido e o azeite à mistura de farinha e sal. Sove por 10 minutos. Deixe a massa descansar durante 1 hora, quentinha e encoberta. Abra a massa em um formato longilíneo, medindo entre 20cm e 30cm, e deixe descansar por mais 40 minutos. Depois que crescer, aperte a massa com os dedos para formar pequenas depressões. Asse por 20 minutos a 220°C. Tire do forno e acrescente o queijo, as ervas e mais algumas gotas de azeite. Para terminar é só deixar mais 5 minutos no forno.

Bolinhos de Milho

Esta é a receita favorita do meu marido, então costumo acordá-lo com bolinhos de milho no aniversário dele. Pensando bem, acho até que deveria fazê-los com mais frequência. São uma delícia, muito gostosos e bem fáceis.

Bata 1 ovo. Adicione 1 colher de sopa de água, 1 xícara de farinha, 1 lata pequena de milho (ou meia lata comum, ou dobre a quantidade dos demais ingredientes e use a lata inteira) e 1 colher de chá de fermento em pó. Tempere a gosto (no nosso caso, usamos bastante sal e pimenta-do-reino). Modele os bolinhos e frite em fogo médio, no óleo. Tire os bolinhos da frigideira e deixe escorrer o excesso de óleo em papel-toalha. Hummmm!

Bagels

Bagels podem ser um pouco mais complicados, porém são difíceis de achar onde moro e às vezes a vontade fala mais alto.

- 4 xícaras de farinha para pão
- 1 colher de sopa de açúcar
- 1½ colher de chá de sal
- 1 colher de sopa de óleo vegetal
- 1 tablete de fermento instantâneo
- 1¼ xícara de água morna

Misture os ingredientes até formar uma massa durinha. Sove por 10 minutos. Corte em oito pedaços e deixe descansar por cerca de 20 minutos. Pré-aqueça o forno a 195°C. Molde os anéis (você pode grudar as pontas com um pouco de leite se estiver muito difícil) e deixe descansar por mais 20 minutos. Ferva uma panela grande de água. COM CUIDADO, mergulhe os *bagels* na água, um de cada vez, durante 1 minuto. Costumo usar um garfo de churrasco nesta parte. Coloque a cobertura que quiser – por exemplo, cebola picada ou uva-passa (não juntos, claro). Asse cada lado por 10 minutos no forno.

Biscoito Escocês

Tão simples e tão maravilhoso. Use uma manteiga de boa qualidade. Você pode acrescentar gotas de chocolate, mas eu nem me dou ao trabalho. É ótimo para fazer com crianças, embora “colocar na geladeira” seja uma tortura para elas. Mas é necessário, senão os biscoitos esfarelam.

- 150g de manteiga
- 60g de açúcar de confeiteiro
- 200g de farinha

Unte uma assadeira e pré-aqueça o forno a 180°C. Misture bem o açúcar e a manteiga, depois acrescente a farinha até obter uma massa macia. Abra com uma grossura de até 1cm e corte como achar melhor: com um cortador de biscoitos, ou em fileiras, para ficar certinho. Polvilhe mais um pouco de açúcar e deixe na geladeira durante meia hora, pelo menos. Aliás, se você for como eu, imagino que pegue receitas e já comece a fazê-las sem ler o modo de preparo antes. Então chego à parte que diz “agora deixe 4 horas marinando” quando preciso do jantar pronto em 20 minutos. Por isso, faço questão de ressaltar para aqueles que também são assim: DEIXE ESFRIAR POR MEIA HORA! 😊 Depois asse por 20 minutos, ou até dourarem.

Agradecimentos

Agradeço, antes de tudo, a Ali Gunn, CLARO, e à equipe incrível da Little, Brown pelo rigor, sobretudo minha editora espetacular, Rebecca Saunders; a Manpreet Grewal, editor de alguma outra pessoa, de quem torro a paciência com certa frequência; a Emma Williams, mulher sensacional, e Jo Wickham, igualmente maravilhosa, e suas equipes; a David Shelley e Ursula Mackenzie, uma dupla formidável; Charlie King, Camilla Ferrier, Sarah McFadden, Patisserie Zambetti, Alice, a diretoria e meus queridos amigos e familiares, aqui, acolá e por toda parte.

Leitores perspicazes devem estar pensando, “ARRÁ! O nome daquela senhora rabugenta, Gillian Manse, é muito parecido com o nome da romancista Jill Mansell. Será uma rixa?” Atesto que nada poderia ser mais distante da verdade: Jill é adorável, em todos os sentidos, e arrematou uma oferta para ter o nome incluso no livro no leilão do ano passado da Comic Relief.

E por falar em organizações, este livro trata de muita coisa relacionada ao mar. Existem duas organizações incríveis que ajudam marujos que vivem em más condições: uma é a RNLI (*Royal National Lifeboat Institution*, a organização nacional de salvamento costeiro, no Reino Unido), como haveria de ser, de quem você talvez já tenha ouvido falar; e a outra é a Fisherman’s Mission (Missão dos Pescadores, também no Reino Unido), que faz um trabalho extraordinário ajudando os profissionais da pesca nesse ramo tão traiçoeiro. Parte do dinheiro arrecadado com as vendas deste livro é destinado a essas organizações.

Por fim, a música citada no livro, “Fisherman’s Blues”, é do grupo The Waterboys. Gosto muito dela e recomendo escutá-la durante a leitura. A obra completa da banda também vale muito a pena.

Como sempre, todas as receitas do livro foram testadas por mim – no caso do pão branco facinho, uma vez por semana.

E, por favor, trate de entrar em contato comigo no Facebook

(www.facebook.com/jennycolganbooks) ou no Twitter ([@jennycolgan](https://twitter.com/jennycolgan)).

Com amor e carinho,
Jenny

CONHEÇA OUTRO LIVRO DA AUTORA



A pequena livraria dos sonhos

Nina Redmond é uma bibliotecária que passa os dias unindo alegremente livros e pessoas – ela sempre sabe as histórias ideais para cada leitor. Mas, quando a biblioteca pública em que trabalha fecha as portas, Nina não tem ideia do que fazer.

Então um anúncio de classificados chama sua atenção: uma van que ela pode transformar em uma livraria volante, para dirigir pela Escócia e, com o poder da literatura, transformar vidas em cada lugar por onde passar.

Usando toda a sua coragem e suas economias, Nina larga tudo e vai começar

do zero em um vilarejo nas Terras Altas. Lá ela descobre um mundo de aventura, magia e romance, e o lugar aos poucos vai se tornando o seu lar.

Um local onde, talvez, ela possa escrever seu próprio final feliz.

Sobre a autora



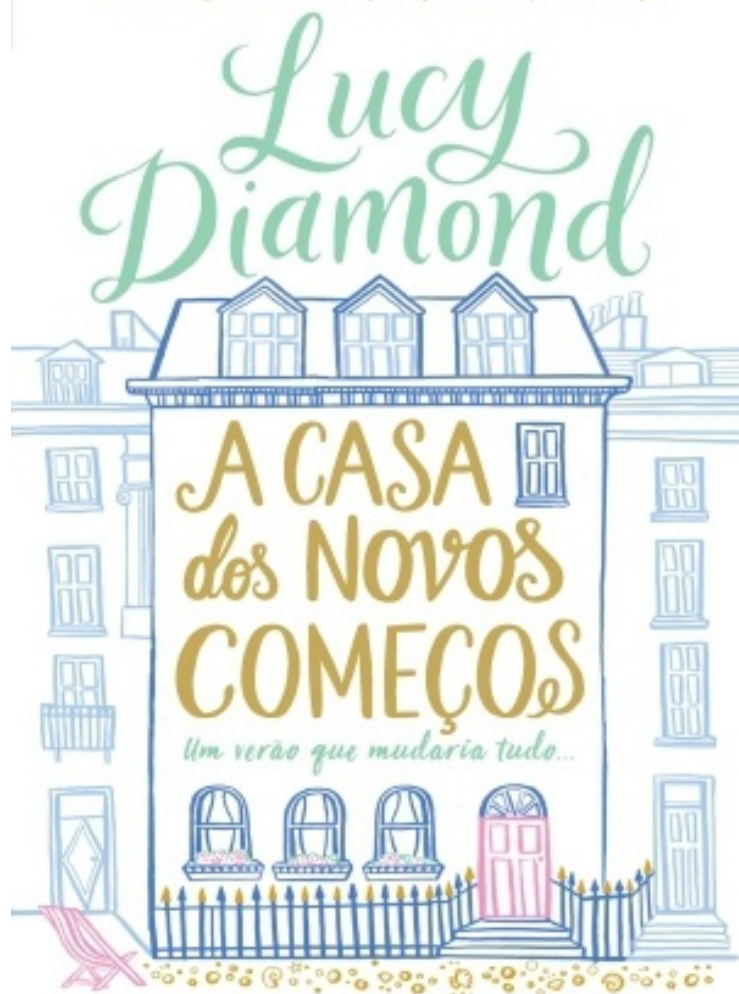
JENNY COLGAN nasceu em 1972, na Escócia, e é autora de comédias românticas, ficções científicas e histórias infantis. Seus mais de 25 livros foram publicados em dezenas de países e já venderam mais de 3 milhões de exemplares. Jenny adora bolo, Doctor Who e livros muito, muito longos — quanto mais longos, melhor. Mora em Edimburgo com o marido, os três filhos e o cachorro, Nevil.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



"Leve e inteligente, uma história para aquecer o coração." – *The People*



A casa dos novos começos

Diamond, Lucy
9788580419580
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma terrível descoberta leva Rosa a largar uma carreira de sucesso em Londres e, num impulso, recomeçar a vida como sous-chef em Brighton.

O trabalho é árduo e estressante, mas a distrai. Bem, pelo menos até ela conhecer a adolescente emburrada que mora no apartamento ao lado, que a faz questionar suas escolhas. Georgie se muda para o Sul com o namorado, Simon, atrás de uma incrível oportunidade... para a carreira dele. Mas ela está determinada a ser bem-sucedida como jornalista e faz de tudo para trabalhar para uma revista local. A princípio, a cidade parece recebê-la de braços abertos, mas não vai demorar muito até ela se meter em várias enrascadas. Após uma grande tragédia, Charlotte passa as noites isolada em seu apartamento. Porém, Margot, uma senhorinha estilosa que mora no último andar, tem outros planos para ela. Querendo ou não, Charlotte vai precisar encarar o mundo real... e todas as suas possibilidades. Quando as três se conhecem, a esperança renasce, a amizade floresce e um novo capítulo se inicia na vida dessas mulheres. "Leve e inteligente, uma história para aquecer o coração." – The People "O lançamento de um livro de Lucy Diamond é sempre um dos momentos mais felizes do meu ano." – Katie Fforde, autora de Amor nas entrelinhas

[Compre agora e leia](#)



A pequena livraria dos sonhos

Colgan, Jenny

9788580419542

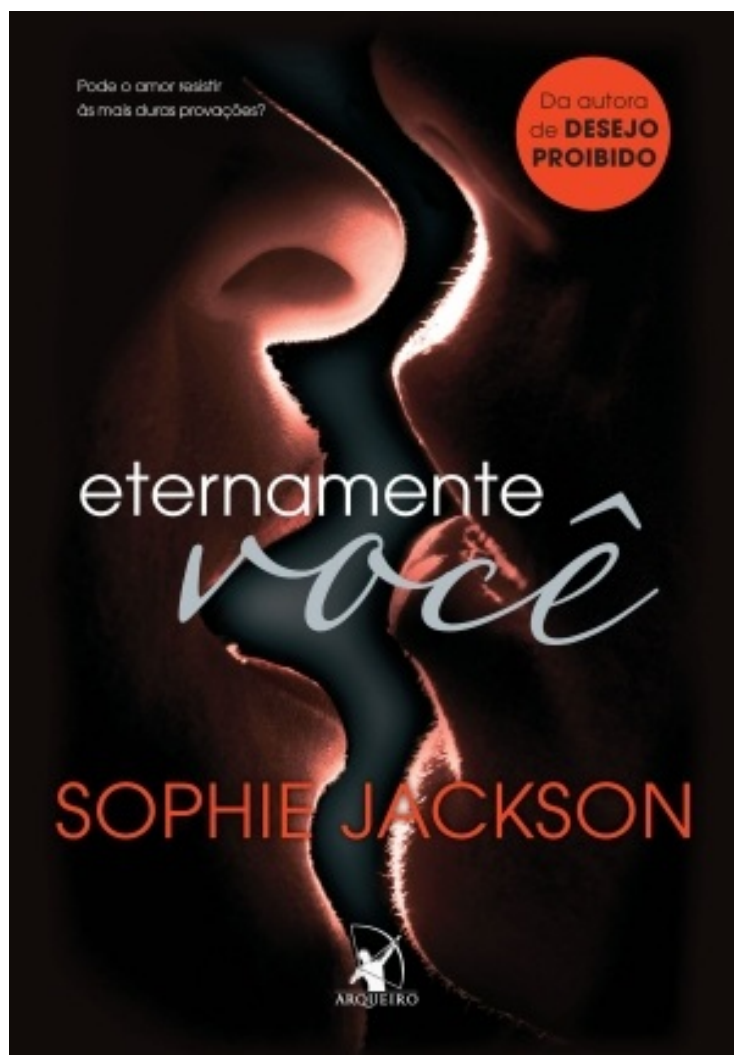
304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nina Redmond é uma bibliotecária que passa os dias unindo alegremente livros e pessoas – ela sempre sabe as histórias ideais para

cada leitor. Mas, quando a biblioteca pública em que trabalha fecha as portas, Nina não tem ideia do que fazer. Então um anúncio de classificados chama sua atenção: uma van que ela pode transformar em uma livraria volante, para dirigir pela Escócia e, com o poder da literatura, transformar vidas em cada lugar por onde passar. Usando toda a sua coragem e suas economias, Nina larga tudo e vai começar do zero em um vilarejo nas Terras Altas. Lá ela descobre um mundo de aventura, magia e romance, e o lugar aos poucos vai se tornando o seu lar. Um local onde, talvez, ela possa escrever seu próprio final feliz. "Deliciosamente doce e reconfortante." – Sophie Kinsella "Um presente doce e comovente." – Jojo Moyes, autora de Como eu era antes de você "O livro mais fofo e adorável. Lindo e inspirador." – Marian Keyes, autora de Melancia "Uma autora naturalmente divertida, que cria personagens que você vai continuar amando muito tempo depois de terminar de ler." – Lisa Jewell

[Compre agora e leia](#)



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

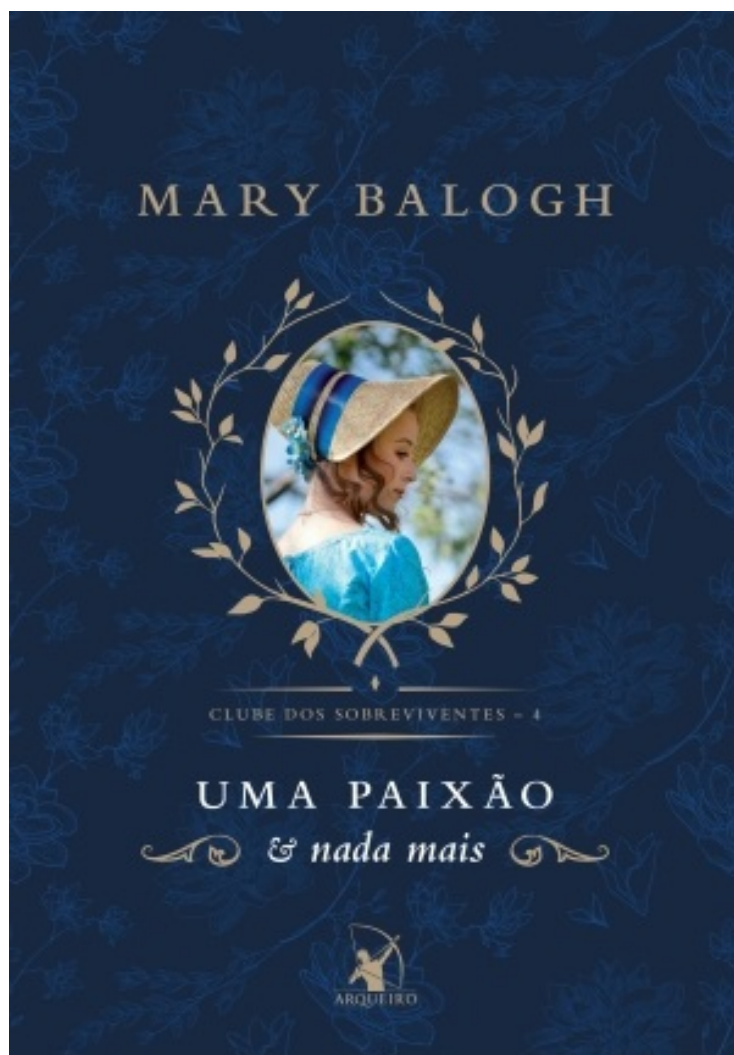
80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o

arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)



Uma paixão e nada mais

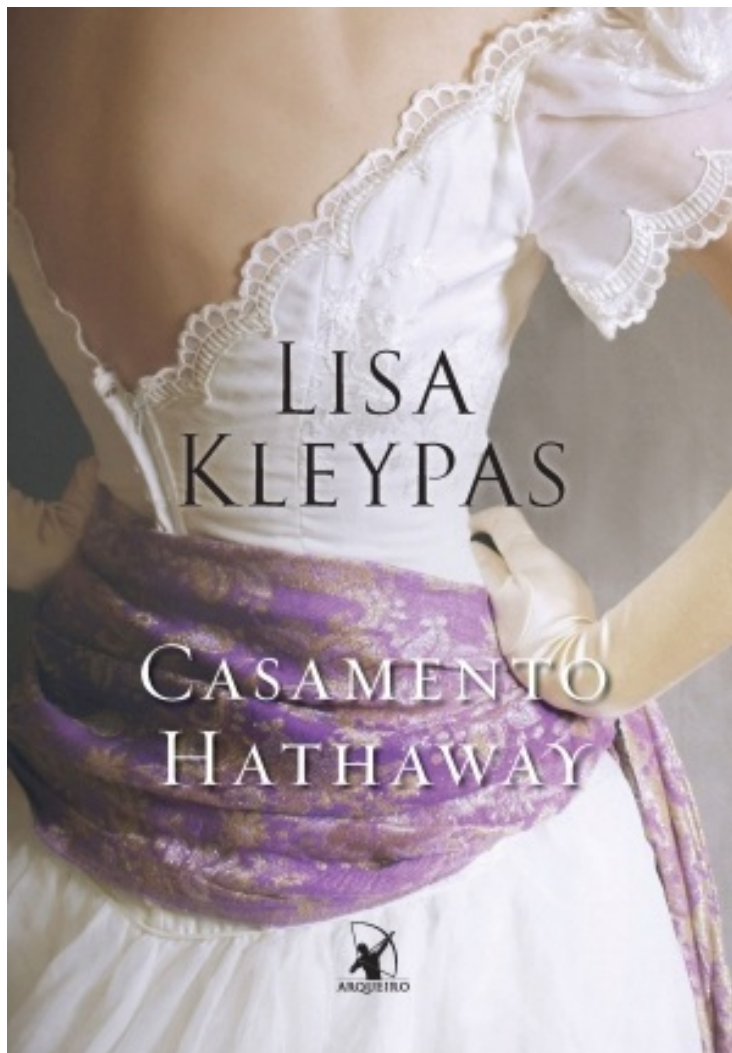
Balogh, Mary
9788530600112
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao voltar para casa depois das Guerras Napoleônicas, Flavian, o visconde de Ponsonby, ficou arrasado ao ser abandonado pela

noiva. Agora a mulher que partiu seu coração ressurgiu, e todos estão ansiosos para que eles reatem o noivado. Exceto o próprio Flavian, que, em pânico, corre para os braços de uma jovem sensível e encantadora. Apesar de ter sido casada por quase cinco anos, a viúva Agnes Keeping nunca se apaixonou nem quer se apaixonar. Aos 26 anos, ela prefere manter o controle de suas emoções e de sua vida. Porém, ao conhecer o carismático Flavian, fica tão arrebatada que acaba aceitando seu impetuoso pedido de casamento. Quando descobre que Flavian se casou apenas para se vingar da antiga paixão, Agnes decide fugir. Mas o novo marido não tem a menor intenção de deixá-la partir, ainda mais após descobrir que, para sua própria surpresa, está completamente apaixonado por ela."Mary Balogh é uma escritora maravilhosa, com uma voz narrativa que tece comentários sobre os personagens e os acontecimentos num tom irônico que lembra Jane Austen." – Milwaukee Journal Sentinel "Um livro sensual e tocante, que revisita o tema do casamento de conveniência e do poder de redenção do amor." – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)



Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

9788580418484

36 páginas

[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém

imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância. Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, imprevisto e convidados surpresa. Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)